



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS

MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE

NACIONAL - PROFSOCIO

ANA PAULA DE SOUZA ALMEIDA

ENSINO DA SOCIOLOGIA E A ARTE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO

Campina Grande – Paraíba

2021

ANA PAULA DE SOUZA ALMEIDA

**TÍTULO: ENSINO DA SOCIOLOGIA E A ARTE DO DIÁLOGO COMO
MÉTODO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO ministrado no Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Sociologia.

Orientador: **Professor Doutor Severino José de Lima**

Linha de Pesquisa: **Prática de ensino e conteúdos curriculares**

Campina Grande – Paraíba

2021

A447e

Almeida, Ana Paula de Souza.

Ensino da sociologia e a arte do diálogo como método / Ana Paula de Souza Almeida. – Campina Grande, 2021.

248 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

“Orientação: Prof. Dr. Severino José de Lima”.

Referências.

1. Sociologia – Estudo e Ensino. 2. Diálogo. 3. Sentido. 4. Ensino Médio Integrado. 5. Prática de Ensino. 6. Conteúdos Curriculares. I. Lima, Severino José de. II. Título.

CDU 316(07)(043)

ANA PAULA DE SOUZA ALMEIDA

**TÍTULO: ENSINO DA SOCIOLOGIA E A ARTE DO DIÁLOGO COMO
MÉTODO**

Aprovado em: 29/11/2021.

BANCA EXAMINADORA



Professor Doutor Severino José de Lima (PROFSOCIO – CH – UACS - UFCG)
(Orientador)



Professora Doutora Maria Assunção Lima de Paulo (PROFSOCIO – CH – UACS – UFCG)
(Examinador interno)



Professor Doutor Amurabi Pereira de Oliveira (SPO – CFH – UFSC)
(Examinador externo)

Campina Grande – Paraíba

2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
MESTRADO PROFISSIONAL EM SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitário, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

Como parte das exigências para a concessão do grau de mestre, às 15:00 horas do dia 29 de Novembro de 2021, realizou-se a sessão pública de defesa de TCC da aluna ANA PAULA DE SOUZA ALMEIDA. O trabalho tinha como título "ENSINO DA SOCIOLOGIA E A ARTE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO".

Compunham a banca examinadora os professores (as) doutores (as) Severino José de Lima (Orientador), Prof^o. Dr^a. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna) e Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira (Examinador Externo). O candidato expôs oralmente a defesa via **videoconferência**, em seguida os membros da banca procederam à arguição. A sessão foi finalizada com **APROVAÇÃO** por parte da banca examinadora.

Foi lavrada a presente ata, que é abaixo assinada pelos membros da referida banca e pelo aluno:

Prof. Dr. Severino José de Lima (Orientador)	Ana Paula de Souza Almeida (Orientando)
Prof ^a . Dra. Maria de Assunção Lima de Paulo (Examinadora Interna)	Prof. Dr. Amurabi Pereira de Oliveira (Examinador Externo)

Maria de Assunção Lima de Paulo

Coordenadora do PROFSOCIO/UFCG- CH-PRPG

Campina Grande, 29 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DE ASSUNCAO LIMA DE PAULO, COORDENADOR(A)**, em 01/12/2021, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Paula de Souza Almeida, Usuário Externo**, em 01/12/2021, às 21:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **AMURABI PEREIRA DE OLIVEIRA, Usuário Externo**, em 03/12/2021, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **1986987** e o código CRC **56E58764**.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Severino Lima (Xangai) agradeço pela paciência e pelo companheirismo. A você minha gratidão e meu respeito pelo carinho como conduziu seu fazer sociológico, possibilitando desde a graduação densos debates que instigavam a desmistificação de conceitos que eu trazia na bagagem. Me fez viajar por várias reflexões e teorias sociológicas, estimulando minha curiosidade e senso de pertencimento a vocação sociológica como educadora comprometida com uma Sociologia Crítica e Humana.

Aos meus pais por todo cuidado, com vocês aprendi o significado do verbo amar e educar. Não mediram esforço para oferecer a melhor educação e sempre me apoiaram em todos os meus projetos. Sem vocês não teria chegado até aqui.

Ao meu esposo e companheiro Júlio Zinga, gratidão por todo incentivo, paciência e cumplicidade. Ao seu lado encontrei o apoio que precisei para recomeçar.

A minha filha por pacientemente compreender algumas ausências e principalmente ser semente de esperança que me estimulou a sonhar e lutar por dias melhores.

Aos meus irmãos que sempre estiveram comigo estimulando cada passo da minha formação, a distância física nunca nos afastou e sempre estivemos juntos nesse caminho.

Aos meus sobrinhos e sobrinhas que sempre alegraram minha vida e me ensinam tanto sobre amor.

A Iacy Luana, Pablo Fonseca, gratidão pelo cuidado e afeto com Cecília, vocês foram essenciais para o prosseguimento do meu propósito.

A Salvador Lopes e Jucélia Almeida, sou grata a vocês pela acolhida em Curaça-BA que se tornou nossa casa num importante período do isolamento social e de escrita do meu trabalho.

Aos meus colegas de Mestrado, Cláudia, Luciana e Weyder, obrigada por todo companheirismo, vocês são especiais e mostraram que podemos construir laços de solidariedade e apoio para chegarmos juntos aonde desejarmos.

Aos membros da banca de mestrado, professores Maria Assunção Lima de Paulo e Amurabi Oliveira, que gentilmente se dispuseram a avaliar esta dissertação e principalmente contribuir nos mais distintos espaços de aprendizados que já compartilhamos.

A todos os docentes do PROFSOCIO agradeço pelo compromisso com a Sociologia e com uma educação em pró da humanização. Cada um de nossos diálogos aguçou a minha curiosidade epistemológica dando novos sentidos a minha prática.

Aos meus colegas do Instituto Federal da Paraíba, Laudiceia Santana, Gardênia Lustosa, Francicleide Gonçalves e João Ximenes, obrigada pelo apoio e pelo estímulo para o prosseguimento dos meus estudos. Vocês me apresentaram uma escola viva, dinâmica e repleta de propósito com uma educação de qualidade.

Aos meus alunos e ex-alunos por tanta generosidade e empatia. Com vocês encontrei novos estímulos e sentidos para seguir em frente minha pesquisa e principalmente reafirmar meu propósito de construirmos uma educação como prática de liberdade.

Aos meus amigos e amigas Luciane Coutinho, Helena Serrano, Marcus Amaral, Evilásio Silva e Eline Brito, Josefa Silva, que estiveram comigo nos momentos mais críticos e me ajudaram a não desistir. Gratidão por tanto apoio.

Aos meus colegas da Associação Paraibana de Cientistas Sociais da Paraíba gratidão por tantos aprendizados coletivos vocês me inspiram sempre a prosseguir lutando.

EPÍGRAFE

Você deve ficar indignado com o mundo repleto de agressividade por ser algo desconfortável ou completamente inadequado para a vida humana, e por isso iníquo, mas também deve acreditar que este mundo poderia ser transformado num outro, mais pacífico, hospitaleiro e amigável aos homens – e também acreditar que se você tentar, como deve tentar, pode se tornar parte da força capaz de e destinada a fazer esta transformação [...] primeiro você deve acreditar que o mundo à sua volta não é algo "dado" e definitivo, que é possível transformá-lo e que você mesmo pode ser alterado ao se dedicar à tarefa de mudá-lo. (BAUMAN, 2009, p. 71)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo dialogar sobre o porquê estudar a Sociologia no Ensino Médio Integrado (EMI) em meio a um cenário de intensas mudanças de uma sociedade líquida que tem reflexos diretos na educação. E ainda contribuir na análise do debate sobre a finalidade e o sentido da disciplina de Sociologia no IFPB, Campus de Campina Grande. O aporte teórico que fundamenta esta pesquisa está alicerçado em conceitos que estão relacionados a determinados autores, como Mills (1965), Bauman (2015), Freire (2019), Leite (2014), Oliveira (2015), Pellizzer (2016) Gomes (2017), que oferecem uma importante linha de raciocínio para compreender a educação, a Sociologia e o currículo num contexto ampliado, oferecendo pistas conceituais significativas para responder as hipóteses dessa investigação. Trata-se de uma pesquisa do tipo participante, dialógica e colaborativa, no sentido da construção de conhecimento através de um processo em que professora e educando/as se debruçaram para refletir sobre as experiências que ambos vivenciaram durante três anos na sala de aula de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande. A pesquisa foi planejada num contexto de normalidade, a investigação todavia efetivou-se de forma remota em virtude do período de pandemia do COVID-19 de forma alternativa através de Rodas de Diálogo, Cartas e Questionário do *Google Forms*. Essas ferramentas de aprendizagens foram adaptadas no sentido de garantir espaços colaborativos de construção de conhecimento, produzindo reflexões e sistematizações das experiências de ensinar e aprender Sociologia no “chão da sala de aula”. Os alunos envolveram-se no debate coletivo, construindo reflexões entre suas vidas e as aprendizagens sociológicas. Os espaços de trocas possibilitaram elevação da compreensão e explicação de fatos para além das relações cotidianas. Os espaços de debates e trocas possibilitaram elevação da compreensão e explicação de fatos para além das relações cotidianas, Dessa forma, as ferramentas de diálogo estimularam a busca de novo embasamento através de atividades de leitura e debates e, portanto, aguçaram os jovens a saber mais e a conhecer mais. Os diálogos em torno da finalidade e sentido da Sociologia foram importantes para registrar e sistematizar a experiência bem sucedida do diálogo como método de ensino e consequente aprofundamento das vivências que eram reconstituídas e complementadas por questões consensuais e destaques que eram geradores de outras perguntas e adendos que iam sendo elaborados de forma distintiva e interessada. A realização das rodas de diálogo e a produção de cartas indicou que os jovens têm muito a dizer sobre a Sociologia e sobre o Ensino

Médio, suas relações e percepções a partir das experiências vividas no chão da sala de aula e construídas a partir de relações horizontalizadas, não hierárquicas do ato de ensinar e aprender entre os partícipes do processo. A pesquisa confirmou plenamente a sua hipótese de trabalho: que sentido tem a Sociologia para os estudantes do IFPB? Essa hipótese de trabalho implica em dizer que a produção de sentido não se realiza fora da escola, ela deve ser buscada no dia a dia da sala de aula. Quem produz sentido são os alunos e a professora que vive a experiência de ensinar e aprender e, portanto, de troca de experiências e saberes.

Palavras chave: Sociologia, Diálogo, Sentido, Ensino Médio Integrado.

ABSTRACT

This dissertation aims to discuss why to study sociology in Integrated High School in the midst of a scenario of intense changes in a liquid society that has a direct impact on education. And also contribute to the analysis of the debate on the purpose and meaning of the discipline of sociology at the IFPB, Campina Grande Campus. The theoretical support underlying this research is based on concepts that are related to certain authors, such as Mills (1965), Bauman (2015), Freire (2019), Leite (2014), Oliveira (2015), Pellizzer (2016) Gomes (2017), which offer an important line of reasoning for understanding education, sociology and the curriculum in a broader context, offering significant conceptual clues to answer the hypotheses of this investigation. This is a participatory, dialogic and collaborative research, in the sense of building knowledge through a process in which the teacher and student leaned to reflect on the experiences they both had for three years in the sociology classroom of the IFPB – Campina Grande Campus. The research was planned in a context of normality, the investigation was carried out remotely due to the COVID-19 pandemic period, alternatively through Dialog Wheels, Letters and Google Forms Questionnaire. These learning tools were adapted in order to guarantee collaborative spaces for the construction of knowledge, producing reflections and systematization of the experiences of teaching and learning Sociology on the “classroom floor”. The Students got involved in the collective debate, building reflections between their lives and sociological learning. The exchange spaces made it possible to increase the understanding and explanation of facts beyond everyday relationships. The spaces for debates and exchanges made it possible to increase the understanding and explanation of facts beyond everyday relationships. In this way, the dialogue tools stimulated the search for a new basis through reading activities and debates and, therefore, encouraged young people to learn more and to know more. The dialogues around the purpose and meaning of Sociology were important to record and systematize the successful experience of dialogue as a teaching method and the consequent deepening of experiences that were reconstituted and complemented by consensual issues and highlights that generated other questions and addenda that were being elaborated in a distinctive and interested way. The dialogue rounds and the production of letters indicated that young people have a lot to say about Sociology and about High School, their relationships and perceptions based on experiences lived on the classroom floor and built from horizontalized relationships, non-hierarchical of the act of teaching and learning among the participants in the process. The research fully confirmed its working hypothesis: what meaning does sociology have for IFPB students? This working hypothesis implies that the production of meaning does not take place outside the school, it must be pursued in the everyday life of the classroom. The ones who produce meaning are the students and the teacher who live the experience of teaching and learning and, therefore, of exchanging experiences and knowledge.

Key words: Sociology, Dialogue, Meaning, Integrated High School.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BDBTD-IBICT	25
Quadro 2 – TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DA CAPES	28
Quadro 3 – Listas de Cursos Técnicos Integrados do Campus Campina Grande.	89
Quadro 4 – Matriz Curricular do Curso Técnico Integrado em Edificações, atualizada no ano 2020, campus Campina Grande.	90
Quadro 5 – Data e turmas participantes da rodas de diálogos	96
Quadro 6 – Nomes fictícios, cidades, local de moradia e gênero dos alunos participantes.	100
Quadro 7 – Data e turmas participantes da rodas de diálogos	106
Quadro 8 – Início e motivações para a pesquisa.....	107
Quadro 9 – Sociologia e estranhamento I.....	111
Quadro 10 – Sociologia e estranhamento II	116
Quadro 11 – Sociologia como prática da liberdade	119
Quadro 12 – Sociologia: Para além cidadã.....	122
Quadro 13 – Sociologia no Ensino Médio: Novos Sentidos	126

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Expansão dos Institutos Federais no Brasil e na Paraíba	88
Figura 2 - Porcentagem dos participantes segmentado por curso.....	102
Figura 3 - Porcentagem dos participantes por gênero.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEB – Câmara de Educação Básica

CNE – Conselho Nacional de Educação

EAFs – Escolas Agrotécnicas Federais

EMI – Ensino Médio Integrado

ENEN – Exame Nacional do Ensino Médio

EPT - Educação Profissional e Tecnológica

ETF – Escolas Técnicas Federais

FNP – Fundação Nilo Peçanha

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IF – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

IFPB – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

OCNEM – Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PPCT – Planos Políticos Pedagógicos dos Cursos Técnicos

PROFSOCIO – Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

MEC – Ministério da Educação

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO I.....	31
1.1 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: uma leitura de dissertações e teses defendidas entre 2000-2014. Recife, 2017.....	31
1.2 “SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?” As práticas escolares de Ensino de Sociologia, no Ensino Médio da Instituição Olavo Bilac de Santa Maria – RS, 2015.....	34
1.3 “Faz Sentido?”, Práticas Docente no Ensino Médio da Sociologia. Um estudo na rede pública de São Paulo, 2014	41
1.4 Tempos de Diálogo: O olhar dos jovens sobre as experiências no Ensino Médio do IFRS, 2016	52
CAPÍTULO II.....	72
2.1 Contribuições de Wright Mills.....	72
2.2 Contribuições de Zygmunt Bauman	79
2.3 Diálogo e Contextualização: Caminhos para a Imaginação Sociológica..	82
2.4 Bauman, sociedade líquida e educação.....	84
CAPÍTULO III.....	87
3.1 Universo da pesquisa	87
3.2 Caminhos da Pesquisa.....	91
3.2.1 Pesquisa bibliográfica sobre o tema	91
3.2.2 Pesquisa documental.....	91
3.2.3 Pesquisa de Campo.....	91
3.3 Wright Mills, Zygmunt Bauman e Paulo Freire: fundamentos para a nossa pesquisa.....	96
3.4 Apresentação e Análise dos Dados	99

3.5 Perfil dos participantes da pesquisa	99
3.9 A Sociologia e o Diálogo com Método: Das Vivências da Sala Presencial ao <i>Google Meet</i>	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	138
APÊNDICE	148
APENDICE A – CONVITE AOS ALUNOS PARA PARTICIPAR DA PESQUISA (WHATSAPP)	148
APENDICE B – PRIMEIRA CARTA ENVIADA AOS ALUNOS PARTICIPANTES.....	150
APENDICE C – SEGUNDA CARTA ENVIADA AOS ALUNOS PARTICIPANTES.....	152
APENDICE D – RODA DE DIÁLOGO A (ETAPA 1).....	154
APENDICE E – RODA DE DIÁLOGO B (ETAPA 1)	168
APENDICE F – RODA DE DIÁLOGO C (ETAPA 1).....	185
APENDICE G – RODA DE DIÁLOGO D (ETAPA 2).....	198
APENDICE E – QUESTIONÁRIO AOS PARTICIPANTES	221
ANEXO.....	223
ANEXO A – CARTAS DOS ALUNOS.....	223

INTRODUÇÃO

Durante quatro décadas a Sociologia esteve excluída do currículo oficial. Apesar da LDB de 1996 (Lei 9.394/96) por meio do artigo 36, destacar o domínio dos conhecimentos de Sociologia necessários à formação do educando, somente com a aprovação da Lei nº 11.684 de junho de 2008, o ensino de Sociologia entrou novamente em vigor nas três séries do Ensino Médio como componente curricular obrigatório da Educação Básica. A presença instável e frágil da Sociologia, no decorrer do século XX, implicou, entre outras questões: em sua pouca legitimidade e sua frequente suspeição nessa etapa formativa educacional (SARANDY, 2010; MORAES, 2003).

A Sociologia ganhou um novo fôlego a partir do ano 2000, fortaleceu-se como disciplina do Ensino Médio, e, reaproximou os conhecimentos das Ciências Sociais do público não acadêmico, agregando vivências e experiências em âmbito local, regional e nacional (HANDAFAS, 2011). De acordo Oliveira (2013), a aprovação da lei nº 11.684/08, resultou em um número crescente de pesquisas desenvolvidas em nível de pós-graduação, fomentando o incremento da produção acadêmica nesse campo da Sociologia na Educação Básica. As Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (OCNEM) também apontaram o crescimento do número de pesquisas e grupos de trabalho em universidades públicas e a produção de consensos produzidos a respeito de conteúdo, metodologias e recursos nessa etapa de ensino (BRASIL, 2006). Todavia esta disciplina não é mais obrigatória por força de novo ordenamento jurídico.

A aprovação da Lei 13.415/2017 que trata do Novo Ensino Médio trouxe em sua peça a desobrigação da Sociologia, a partir dos novos percursos apresentados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), flexibilizando a presença da disciplina e deixando a cargo das unidades administrativas federais e dos Estados a decisão pela sua permanência. Os novos itinerários fetichizam a necessidade de modernização e adequação das atividades curriculares. Segundo Silva (2017), a BNCC apresenta-se como retrocesso ao remontar o modelo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do final dos anos 90, que comportava uma visão limitada e restritiva do currículo para Ensino Médio. Ainda segundo a autora, a aprovação da BNCC e as mudanças que estão sendo efetivadas refletem um contexto muito mais ampliado das reformas neoliberais que anunciam o aprofundamento das desigualdades e aproximam a

última etapa da Educação Básica de uma lógica meramente mercantil, contrariando seu caráter público, inclusivo e universal (SILVA, 2017, p. 22).

O Novo Ensino Médio não significa o desaparecimento da Sociologia nessa etapa de ensino, mas coloca em xeque o sentido e permanência dessa, entre outras disciplinas não utilitárias, ao serviço da inculcação de habilidades e competências flexíveis necessárias à nova estrutura de organização do capitalismo parasitário. A proposta de organização curricular e os novos itinerários formativos devem ser compactos, demandando pouco investimento de tempo e dinheiro e voltando-se somente para equacionar as necessidades da economia de mercado neoliberal.

Bauman (2011) afirma que os sistemas educacionais tentam fazer mudanças, mas não efetivaram transformações significativas em suas linguagens, principalmente na forma como compreendem os conhecimentos. Na visão do autor, os sistemas educacionais não conseguiram ainda se adequar e sanar os novos e velhos problemas gerados pelo capitalismo parasitário global.

Nenhuma reviravolta da história humana pôs os educadores diante de desafios comparáveis a esses decisivos de nossos dias. Simplesmente não havíamos estado até agora em situação semelhante. A arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver. (PORCHEDDU, 2009, p. 03)

A educação não é uma atividade isolada da realidade social. Porcheddu, em suas valiosas entrevistas e diálogos com Bauman, chama atenção para as mudanças planetárias nas quais a educação tenta, ainda sem sucesso, se adaptar.

Pelo menos na parte ‘desenvolvida’ do planeta, têm acontecido, ou pelo menos estão ocorrendo atualmente, algumas mudanças de curso seminais e intimamente interconectadas, as criam um ambiente novo e de fato sem precedentes para as atividades da vida humana, levantando uma série de desafios inéditos (BAUMAN, 2007, p.07).

Bauman (2009) denota que as mudanças são sistêmicas e o que acontecia era uma transição da sociedade “sólida” de produtores para uma sociedade líquida de consumidores (BAUMAN, 2009, p.29). As análises de Bauman (2009) em sua entrevista voltada aos desafios do ensino na modernidade líquida dialoga com Porcheddu (2009) e afirma “O problema é que apenas a reforma das estratégias educativas, apesar de engenhosa e completa, pode fazer pouco ou nada” (PORCHEDDU, 2009, p. 665)

Segundo Porcheddu (2013) na apresentação da obra “*Sobre Educação e Sociologia*”, Bauman convida os seus leitores a observar os impactos negativos da globalização, as incertezas que essas mudanças geraram na forma de viver dos indivíduos e a crise profunda de modelos e de projetos do sistema educacional. E indaga: “qual o papel da educação em mundo em que não há uma visão clara de futuro? Que função devem desempenhar os educadores quando os jovens se defrontam com profundas incertezas quanto à sua sorte e as expectativas de uma vida estável?” (PORCHEDDU, 2013.)

Bauman (2013) oferece uma importante linha de raciocínio para que se possa compreender a educação, a Sociologia e o currículo num contexto ampliado, oferecendo pistas conceituais significativas “sobre modernidade líquida como condição na qual a única certeza em tempos de constante mudança é a incerteza”. Ainda segundo Bauman (2015), cabe aos educadores “estimular a emancipação humana a partir de “uma reflexão original sobre o que fazemos, por que, como e para quem fazemos” (BAUMAN, 2015, p. 07). Oferecendo aos partícipes dos espaço educativo ferramentas de diálogo e análise que ampliem sua liberdade de escolha frente às condições do momento presente.

Nosso estudo tem como objetivo geral dialogar sobre o porquê estudar a Sociologia no Ensino Médio Integrado (EMI) em meio a um cenário de intensas mudanças de uma sociedade líquida que tem reflexos diretos na educação. Como objetivos específicos: Analisar a finalidade e o sentido da disciplina Sociologia da Rede Federal de Ensino, nesse contexto de sociedade líquida; Investigar as experiências e a vivências de ensinar - e - aprender dos alunos e das alunas e, da professora, na sala de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande, bem como avaliar as contribuições desse conhecimento para formação dessas pessoas do Ensino Médio Integrado a partir das experiências e vivências formativas num cenário de globalização negativa.

Para tanto, realiza-se a reconstituição, sistematização e avaliação de suas próprias experiências de ensinar e aprender Sociologia no espaço escolar, ou melhor no “chão da sala de aula”. Este jeito de produzir conhecimento foi inspirado na Educação Popular que tem como principal referência Paulo Freire e na qual educador/a e educandos/as, ambos aprendem e ensinam. Portanto, trata-se de um momento de avaliar um aprendizado para se saber mais, e assim, ser mais: vocação ontológica dos seres humanos. Como não poderia deixar de ser, nessa visão praxiológica de educação, a professora, no caso, não pode deixar de ter o seu papel de educadora no sentido de organizar e sugerir procedimentos e as atividades de forma que se construa coletivamente um ambiente de diálogo, de respeito mútuo, de cooperação ou

colaboração, de modo que a qualidade dos resultados que se almeja alcançar já esteja, de certa forma, no processo, nos procedimentos e orientações metodológicas, na caminhada sugerida. Como se trata de conhecimento, de produzir novos saberes, então, a professora terá um papel diretivo no sentido de garantir que tais procedimentos ocorram de forma a fomentar a sua produção de forma mais metódica e sistemática. Nesse processo a gente também aprende a ter disciplina intelectual: de estudo, reflexão e debate. O papel do professor, nesse sentido é também incentivar os alunos a tomarem a palavra a partir da leitura de mundo, sugerindo novas maneiras de compreender e conhecer esse mundo ao seu redor, transformando-o em objeto de estudo, sob vários aspectos. Isso deve suscitar o aprendizado de trabalhar novos conceitos, de perguntar, de duvidar, de argumentar e de levantar novas hipóteses, de imaginar e criar novas ideias.

Com base nos objetivos e definições anteriores delinea-se a pergunta deste trabalho que é: que sentido tem a Sociologia para os estudantes do IFPB? A partir do questionamento é possível levantar a hipótese que implica em dizer que a produção de sentido não se realiza fora da escola. Ela deve ser buscada no dia a dia da sala de aula. Quem produz sentido são os alunos e a professora que vive a experiência de ensinar e aprender e portanto de troca de experiências e saberes.

Colocada a hipótese do trabalho faz jus situar pesquisa: O IFPB Campus de Campina Grande nasce do processo de expansão e interiorização da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede Federal), há exatos 15 anos. Desde a implantação registra em seus marcos legais de fundação e curriculares a disciplina de Sociologia como componente obrigatório. A proposta curricular é fundamentada no Ensino Médio Integrado, na articulação do Ensino Médio Propedêutico e o Ensino Técnico e Tecnológico, priorizando a integração da educação voltada para as dimensões do trabalho, ciência e tecnologia.

Antes de se apresentar considerações sobre a relevância desse trabalho e para se evitar mal-entendidos, será designado aqui os significados de certos termos, a começar pela diferença entre “experiências” e “vivências”. À grosso modo, a expressão “experiência humana” envolve dois diferentes fenômenos gerados na relação pessoa/mundo: experiência e vivência. Ambas têm origem em dois termos da língua alemã, que os distingue e os separam: *erfahrung* é o que acontece quando o agente interage com o mundo, e *erlebnis* é o que o agente vivencia ao entrar em contato com esse mundo. Como em outras línguas não existem dois termos para expressar essas duas formas ou efeitos da interação, então acabam sendo expressas por um único termo que é experiência. Entretanto, essa confusão pode trazer consequências para interpretação das

mensagens entre os sujeitos participantes do diálogo. O primeiro diz respeito ao fato, ao status de objetividade supra ou interpersonalidade. Já o termo vivência é evidente que sugere a subjetividade. Ela é aberta e explicitamente diz respeito aos aspectos subjetivos da experiência. Enfim, pode-se falar no geral em experiência humana para designar no curso desse encontro pessoa / mundo, “o produto conjunto de minha percepção dos acontecimentos e minha e meu esforço de absorvê-lo e torná-lo inteligível” (BAUMAN, 2015 p.18). Assim, o primeiro evoca a experiência elaborada e o segundo termo, a experiência não elaborada pelo ator; no primeiro caso ter-se-ia uma experiência que poderia ser apresentada como relato proveniente do mundo exterior do ator e no segundo caso, como algo vindo “de dentro” do mundo interior do ator, como sentimentos, impressões, emoções privadas, e que ao contrário do primeiro caso só pode ser disponível na forma de um relato feito por ele.

Já os termos “finalidade” e “sentido” aparecem com diferentes significados, ou até aparecem como se fossem a mesma coisa em trabalhos acadêmicos. Numa definição dicionarizada, finalidade significa objetivo, motivo, fim a algo que se destina, alvo (HOLANDA, 2004, p 329). Então aparece como um termo auto-evidente. O segundo par de termos e que intitula este trabalho é “finalidade” e “sentido”, os quais parecem ser a mesma coisa e não são. Estes termos até aparecem em textos acadêmicos vistos assim, como se fossem sinônimos. “Atribuir sentido”; atribuir significados” ou o “sentido da Sociologia no Ensino Médio”, como se fossem “finalidade”. E ambos colocados no seu sentido conotativo, literal, comum, habitual, preciso, próprio ou que não depende do contexto, que seria o seu uso no sentido denotativo. Literalmente em Sociologia se trabalha sempre com o social, como se algo estivesse sempre situado, senão como entender senso comum e a sua crítica fora do contexto de referência. “Finalidade” diz respeito ao fim que se destina, objetivo, alvo. Portanto, é nestes termos que é usado nesse trabalho, sem nenhuma acepção relacionada a teleologias transcendentais. Já “sentido” na Língua Portuguesa, diz respeito a senso, direção, rumo, propósito, objetivo. No Aurélio, dá a entender de que se trata de algo mais situado em algum contexto, portanto, no sentido conotativo, adaptativo, circunstancial, incomum, que depende do contexto (Holanda, 2004, p. 10, 329, 655). Nessa direção, é bom lembrar que “sentido” vem do grego “*ennoia*” que significa “de algo”; também “finalidade” vem do grego “*télos*” e que significa “curso final”, (QUEIROZ, 2011). Ponto ou estado de caráter atrativo ou concludente para o qual se move uma realidade, por exemplo: “O homem só pode realizar o “*télos*” de sua espécie nessa prática de cidadania. (HABERMAS, 2003, p. 332).

Em Sociologia, e, especificamente na teoria weberiana da ação, “sentido” se refere a ação social. Ação social é um tipo de conduta do indivíduo, dotada de sentido, tanto para ele como para os demais atores sociais afetados por essa ação. Ou seja, o indivíduo que pratica uma ação subjetivamente visada e espera respostas de outros atores por ela afetados. Por exemplo, o ato de escrever uma carta se faz com o propósito de abrir diálogo sobre algo no mundo dos afetados e se espera respostas dos atores interlocutores. Por exemplo, abrir diálogo através de cartas e de outros procedimentos facilitadores da comunicação com educandos e educandas do IFPB, que estudaram Sociologia durante um período de três anos, é uma ação social, porque uma conduta subjetivamente visada e, portanto, dotada de sentido. São Paulo fez isso (Epístolas de São Paulo aos coríntios ou aos tessalonicenses). Paulo Freire fez isso (Cartas a Guiné – Bissau), Zygmunt Bauman fez isso também (44 Cartas do Mundo Líquido Moderno), só para se citar alguns exemplos.

A ação social subjetivamente visada pode ser, portanto, aquela que pode mover ou não aqueles que podem buscar conhecer algo no mundo para transformar, inclusive o seu ponto de vista prévio e o próprio contexto da ação. Como a ação é visada, isto é, planejada, ela envolve as intencionalidades de quem age, as partes e o conjunto das partes em busca de entendimento plausível. Neste caso, supõe-se que se quer registrar as experiências e vivências de cada um/uma e cada qual experimentaram em suas vidas, em certo espaço – tempo e lugar – num diálogo que se quis vivo, aberto, franco, autêntico (e voluntário). Nesse espaço educadora e educandos/educandas buscam fazer uma avaliação ex-post no sentido de construir conhecimento e, portanto, elevando as consciências a um patamar de compreensão superior; mais elevado frente ao senso comum ou aquilo que “todo mundo “já sabe”. Para tanto caberia a professora preparar a ambiência e sugerir ferramentas procedimentais para acolher homens e mulheres falantes, que expõem e argumentam seus pontos de vistas levando sempre em consideração o que outros e outras também fazem, de forma livre, sem constrangimentos, onde todos e todas concernidos/concernidas na ação exponham e argumentem em pé de igualdade, tendo como pano de fundo o mundo vivido, como substrato uma linguagem comum e como critério de validade os melhores argumentos e novas ideias neles assentadas.

Não, por acaso, se diz que o sentido da ação social pode ser captado por meio de uma cadeia motivacional, que pode levar os indivíduos concernidos na ação a agir dessa forma e não de outra. Portanto, a ação social é um tipo de conduta que envolve dois fatores variáveis: razão e valores. A primeira variável envolve fins, objetivos e atitudes e que estão relacionados às experiências que cada um/uma e cada qual realizam, experimentam no curso da ação. Já os

valores (princípios éticos e outros) estão relacionados às experiências que cada pessoa vivenciou no curso da ação. Não se pode deixar de insistir que essa ação ocorre no campo da experiência humana, no campo do mundo vivido, do senso comum e da suspeição de que ação de reflexão possa elevar os e as envolvidos/as a um patamar mais claro de compreensão e explicação de algo nesse mundo, já que conduzida de forma que indivíduo e História se implicam. Portanto, se trata de uma ação que pressupõe um entendimento intersubjetivo mediante a linguagem, a reflexão e o debate sobre algo no mundo vivido pelos atores e pelas atrizes. Estes previamente dispõem em sua bagagem cultural de estoques de saberes, assunção de ideias, e valores que funcionam como pano de fundo e ao mesmo tempo ancora o processo de aprendizagem, no sentido de assimilação e acomodação de novas ideias e novos saberes. Na reflexão e no debate sempre haverá, pelos participantes, necessidades de recorrer a esse pano de fundo de saberes prévios, pré-reflexivos ou pré-científicos, quando sentem a necessidade de resolverem problemas de entendimento. Nesse debate, como já se viu, as argumentações podem se referir a temas e subtemas ou questões relacionadas à três aspectos do mundo que envolve os atores e atrizes do debate. Cada um desses aspectos exige critérios de validade dos argumentos de formas diferentes no seu transcurso: quando se trata das vivências, portanto, da subjetividade dos atores/atrizes, se recorre ao melhor argumento e que diz respeito à autenticidade ou veracidade de quem fala como critério de validade, pois se trate de alguém que fala de si mesmo. Porém, quando se trata da sociedade ou do social, de questões e argumentações em sala de aula, por exemplo, relativas às normas sociais e ordens legítimas e de outros ingredientes que orientam as relações sociais, o critério de validade dos argumentos e reflexões é a legitimidade. Já os critérios de validade quando se trata do mundo da cultura, principalmente relativos à ciência e outras formas e fontes de conhecimentos, é a verdade, e se exige provas de que está se falando de algo verdadeiro e com base em provas objetivas. Assim, se pode falar de compreensão de sentido que uma experiência teve tanto para a educadora/o quanto para os/as estudantes, suscitando, portanto, novas ideias, novos saberes que educando/educandas vivenciaram em determinada experiência. Por exemplo: esse pode ser o caso do processo de ensino e ao mesmo tempo de aprendizagem, pois ambos estão imbricados um no outro - a depender da conduta que os atores participantes imprimiram a sua ação. Não se pode esquecer que ação social é um tipo de conduta. Então, pode-se pensar em um trabalho como este, em epígrafe, que visa tematizar e problematizar a experiência passada, com os seus próprios participantes, visando elevá-la, dessa forma, a níveis mais elevados de compreensão e explicação, portanto, de saber mais, de conhecer mais, inclusive sobre a compreensão dos aparatos ideológicos que justificam e perpetuam a racionalidade dos sistemas (Estado e

mercado), do capitalismo ocidental, buscando remover os véus de ignorância que ocultam as relações e comportamentos dos indivíduos no interior das organizações: a escola é uma delas. Estas condutas e comportamentos podem solapar a razão dialógica ou comunicativa dos indivíduos e suas experiências no chão mesmo da vida cotidiana. O termo “sentido” neste processo de reflexão que aqui está sendo sistematizando – é o sentido da ação humana subjetivamente visada, portanto, a uma forma de conduta. Seu objeto é a ação humana, uma conduta imaginada e dotada de sentido. Conduta do agir dessa ou daquela forma em função de outros e do seu agir. Método; conexões causais (esquemas) para captar e compreender o sentido da ação social, a conduta posta em prática pelos agentes.

Portanto, não se busca julgar a validade de tais ações. A Pesquisa como está aqui apresentada, procura compreender o sentido da ação em seu desenvolvimento e os seus efeitos de conduta em um ou mais agentes referidos a Outrem. Não busca validade de tais ações, mas compreender o seu curso e porque agiram de uma forma e não de outra para chegar a certos fins. No caso específico, os argumentos de validade de seus agentes já foram validados por eles próprios em termos de sociedade, cultura e personalidade. Resta resgatá-los, sistematizá-los e interpretá-los, de modo que;

- a) Não busca compreender a pessoa, mesmo que parta do indivíduo e se expresse no social. Busca compreender a conduta individual;
- b) Método: conexões de sentido; considera a conexão de sentidos entre meios e fins na produção de novos sentidos e ideias. Considera que essa produção é tanto mais racional quanto mais for eliminados as interferências perturbadoras de erros e afetos que possam desviar o seu curso. A ação social com relação a valores (conduta) orienta-se por fins últimos; os indivíduos agem conforme seus próprios valores e convicções. Também aqui, no caso desse tipo de ação social, quando se fala em sentido se fala não em resultados, mas em condutas, de processos. O sentido não se encontra nos resultados, mas na própria conduta. Exemplo: um grupo social que age acima de qualquer coisa, como a liberdade de se conduzir e fazer escolhas embasadas (humanização); grupos ecológicos que lutam para salvar o planeta. Do ponto de vista do método, da hermenêutica, ou simplesmente da interpretação, o ideal é se perguntar sobre o curso da ação e os procedimentos, como, por exemplo, de estranhamento, debate, problematização de algo tido como estranho, banal, silenciado, trivial, comum, natural. Lembrar que quando se fala em sentido, não se pode esquecer que a ação social começa

com o indivíduo e se expressa no social. E finalmente quando se fala de atribuição de sentido, não se trata de algo ou de alguém fora do contexto, mas de como o indivíduo, ele próprio atribui sentido a sua ação e ao seu significado social.

Para realização deste trabalho foi feita uma vasta pesquisa em três fontes: (1) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), (2) Banco de Teses e Dissertações da CAPES e (3) *GOOGLE* Acadêmico. De partida se fez três buscas na BDTD /IBICT. Logo na primeira busca foram identificados um grande número de resultados, 220 resultados. Foi encontrada uma significativa produção acadêmica sobre ensino de disciplinas de campos científicos distintos, usando o descritor “sociologia no ensino médio”. Foram selecionados 17 trabalhos sobre ensino de Sociologias no Ensino Médio. A maioria trabalha o tema sob vários ângulos e temáticas: currículo, formação docente, livro didático, didática, institucionalização e obrigatoriedade, etc. Apareceu apenas um trabalho sobre a Sociologia nos Institutos Federais. Ampliou-se o tempo da produção científica - de 2014 - 2021 para 2008 – 2021 (data da Lei 11.864 e que estabeleceu a obrigatoriedade), mudou-se os descritores de busca, finalidade, sentido e Sociologia nos Institutos Federais. Apareceram outros resultados, mas sem mudar o perfil da primeira busca. Resultados: 220 trabalhos sobre Sociologia, Física, Química e Matemática no Ensino Médio, o que demonstra uma significativa produção acadêmica preocupada com a qualidade do ensino nessa fase final da Educação Básica. Parou-se a busca nessa fonte. Deste total selecionado, identificou-se 08 teses e 09 dissertações da área de educação. Apenas dois trabalhos em programas de pós – graduação em Sociologia e Ciências Sociais. Portanto, somam-se 15 trabalhos na área de educação. Sobre Sociologia nos Institutos Federais apenas um trabalho, versando sobre sentidos, imbricações e recontextualizações curriculares. Constatou-se uma produção ainda pequena nos programas de Pós – Graduação em Sociologia e em Ciências Sociais, como era de se esperar.

Quadro 1 – TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BDBTD-IBICT

Nº de ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR	DATA	TIPO	ÁREA/INSTITUIÇÃO
01	Perfil e Percepção dos Docentes Sobre o Ensino de Sociologia	GOMES; A. B.	2020	Dissertação	Sociologia

	na Educação Básica no Cariri Paraibano				
02	Educação Para a Cidadania no Ensino Médio: Uma Aproximação das Articulações Discursivas dos Alunos, Docentes e Documentos Curriculares no Âmbito da Sociologia	MAIA; A. A. de N.	2014	Tese	Educação. UFPB.
03	A Cidadania como Objetivo da Sociologia no Ensino Médio: O Sentido Atribuído pelas Instituições	GESTEIRA; B. M.	2016	Dissertação	Educação. UFRJ.
04	Ensino da Sociologia: Sentido e Práticas por Professores das Escolas Públicas de Teresina - PI	ALENCAR; W. M.	2019	Dissertação	Sociologia. UFPI.
05	O Ensino de Sociologia no Ensino Médio do IFPB – Campus de Sousa	MELO; A. P.	2017	Dissertação	Educação. UERN
06	Percepções Docentes sobre o Ensino da Sociologia nas Escolas Estaduais do Maciço de Baturité	FREIRE; N. M.	2019	Dissertação	Sociologia. UFC.

Fonte: Elaborada pela Autora (2021).

A segunda pesquisa como se viu acima foi no Banco de Teses e Dissertação da CAPES. Nessa busca por três vezes foram utilizados descritores da outra pesquisa, acrescentando Finalidade da Sociologia nos Institutos Federais e Sentidos da Sociologia nos Institutos Federais. Nos 20 primeiros resultados e em igual período com relação as buscas anteriores (2014 – 2021) apareceu apenas um trabalho sobre representações sociais dos estudantes sobre

a disciplina Sociologia no Ensino Médio, abordagem que está próxima do que pensam sobre a disciplina e que possíveis sentidos possam atribuir nesse nível de ensino. Mas, apareceram mais três trabalhos voltados em geral para o Ensino Médio e a Sociologia: 04 entre 20 trabalhos já é algo significativo. Os temas sobre a Sociologia no Ensino Médio, inclusive o uso da expressão Sociologia Escolar apareceu em escala bastante diversa: do uso da cartografia social em sala de aula de Sociologia, passando por questões identitárias e o livro didático ou questões sobre a sua adoção e uso, até a Sociologia na Educação de Jovens e Adultos. Na medida que as buscas foram se aprofundando e foram ultrapassando a casa dos 100 primeiros resultados, trabalhos selecionados pela proximidade com o tema aqui explorado foram também aparecendo. Nos primeiros 100 trabalhos, usando o descritor “Sociologia no Ensino Médio” encontrou-se 42 trabalhos sobre a Sociologia no Ensino Médio em geral. Isso representa uma significativa produção acadêmica, ao se pensar em nível de programas de Pós – Graduação. Daí, a assertiva de se trabalhar somente com teses e dissertações, sem deixar de considerar que a produção e publicação de artigos científicos foi subindo numa escala sempre crescente, depois da institucionalização da disciplina pela Lei 11. 864/2008; o que converge com a ampliação de uma riqueza maior em termos de qualidade e quantidade de livros didáticos, inclusive daqueles selecionados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), desde 2013, quando a Sociologia foi incluída nessa política pública, e também nas provas do ENEM. Essa produção também se ampliou em termos de e-books, e outros espaços e artefatos de divulgação do conhecimento científico pela internet. Voltando a pesquisa, na medida que a nossa busca atingiu 400 resultados, a produção sobre a Sociologia, bem como, sobre outras disciplinas do Ensino Médio foram decrescendo. Uma novidade que apareceu nessa pesquisa foi o aparecimento dos trabalhos produzidos no âmbito do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO. Também dos trabalhos de dissertações do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências Sociais, da Fundação Joaquim Nabuco; em Recife – PE, antes da institucionalização desse programa em rede nacional. Mas, voltando-se aos números de nossa pesquisa, foram encontrados 115 trabalhos tematizando e problematizando a presença da Sociologia no Ensino Médio nos mais variados espectros. Destes foram selecionados apenas oito (8) trabalhos, entre teses e dissertações que discutem direta ou indiretamente a finalidade e o sentido ou os sentidos da disciplina no Ensino Médio. Ver quadro abaixo.

Quadro 2 – TESES E DISSERTAÇÕES SELECIONADAS NO BANCO DA CAPES

Nº de ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	AUTOR	DATA	TIPO	ÁREA/INSTITUIÇÃO
01	A Sociologia no E.Médio: Uma Leitura das Teses Defendidas entre. 2.000-2014	GOMES, S. A.	2017	Dissertação	Educação. UNESP, Presidente Prudente
02	A Sociologia no E. Médio: a Produção de Sentido p/a Disciplina. Através do Livro Didático	ENGERROFF, A. M. B.	2017	Tese	Sociologia Política. UFSC.
03	Educação para a Cidadania no Ensino Médio: Uma Aproximação das Articulações Discursivas dos Alunos.	MAIA; A. A. de M.	2014	Tese	Educação. UFPB.
04	A sociologia escolar: imbricações e de recontextualizações curriculares para a disciplina	SOUZA; A. C.	2017	Tese	Educação
05	Faz sentido? práticas docentes no ensino médio na disciplina sociologia: um estudo da rede pública de São Paulo	LEITE; M. C. S.	2014	Dissertação	Educação. USP.
06	As Práticas Escolares do Ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição de Ensino Olavo Bilac de Santa Maria – RS	OLIVEIRA; R. M. de	2015	Dissertação	Ciências Sociais. UFSM.
07	Sociologia no Ensino Médio: Os Debates Acadêmicos Sobre a	NECHOLD; R. dos R.	2014	Tese	Educação. USP.

	Construção de uma Disciplina					
08	Diálogo Além dos Muros da Escola: A Construção do Conhecimento Sociológico a Partir de Narrativas Juvenis no Ensino Médio	COIMBRA; L.	2018	Dissertação	Educação.	UFMG

Fonte: Elaborada pela Autora.

Nessa busca nenhum trabalho foi encontrado relativo ao objeto de estudo em pauta. Face ao fato, foi empreendida uma terceira pesquisa, meio que exploratória e para servir de teste e, desta vez, foram exploradas as possibilidades do *Google Acadêmico*, tendo como referência os mesmos descritores e período dos últimos cinco anos. Apareceram nos 100 primeiros resultados, trabalhos já obtidos nas pesquisas em fontes acima já identificadas.

Quanto aos trabalhos relativos aos IF's, buscou-se identificar outras fontes e inclusive uma produção mais regionalizada e mais bem recente, porque essa Rede de Institutos Federais ainda é muito jovem e inédita no País em termos de avanços em Educação. Pode-se constatar, assim, uma produção acadêmica bastante significativa. Nesses termos essa pesquisa de mestrado, cujos resultados podem ser vistos nesse trabalho, desde a qualidade do processo de sua construção, tem se mostrado relevante. Relevante, como os dados acima atestam, como contribuição para ampliar o conhecimento sobre finalidade e o sentido da Sociologia na sala de aula do Ensino Médio, especificamente do Ensino Médio Integrado. Sentido aqui pode e deve ser lido como sentidos porque construídos e atribuídos no âmbito das experiências e vivências de seus sujeitos: docentes e discentes. Relevância também teórica e metodológica pela ousadia de querer inovar, e mostrar que ensinar e aprender se implicam e deve ser uma tarefa solidária e dialógica. Nessa tarefa, os educadores e educandos, construtores do processo também se identificam com os resultados obtidos de seus esforços coletivos de conhecer e transformar a realidade a partir do contexto imediato. Este trabalho de dissertação de mestrado também é relevante não somente do ponto de vista teórico e metodológico, como também em termos de relevância temática ao tratar da experiência inédita no país, que é o Ensino Médio Integrado. Este em termos de proposta curricular associa no processo formativo dois blocos de conhecimentos que se dialetizam; as disciplinas de formação geral e as disciplinas de formação nos aspectos técnicos e tecnológicos. Essa proposta supera o antigo dilema do dualismo

estrutural prevalecente no Brasil desde, pelo menos, a Reforma de Gustavo Capanema, em 1942. E, bem se sabe, que essa inovação da Rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, está a ameaçada com a Lei 13.415 de 11/12/2017 que instituiu a reforma do Ensino Médio e outros imperativos legais e normativos que a partir dessa data vem implantando a BNCC.

O trabalho está estruturado em 03 capítulos. No capítulo I, discute-se os trabalhos selecionados devido a sua aproximação com a nossa temática e problemática que é a finalidade e sentido da disciplina Sociologia no Ensino Médio para além das atribuições feitas pela legislação pertinente, órgãos públicos e documentos oficiais como planos, programas, pareceres e resoluções do MEC e do Conselho Nacional de Educação (CNE), especificamente diretrizes nacionais e bases curriculares para o Ensino Médio. Na discussão da bibliografia, são verificados que aspetos do tema são abordados, que teorias e autores são privilegiados, que procedimentos metodológicos de levantamentos, tratamento e análise de dados são utilizados, bem como resultados alcançados.

No capítulo II, são apresentados os referenciais teórico-metodológicos que norteiam esta investigação. Considera-se que a arte de ensinar e aprender Sociologia no Ensino Médio visa promover a emancipação humana. Considera-se, também, que a arte de aprender-e-ensinar no caso de outras ciências, está na interface entre dois campos científicos: Ciências Sociais e as chamadas Ciências da Educação. Nesse sentido, o diálogo vivo com a experiência humana questionando firmemente o nosso senso e o mundo que nos rodeia poderá ser uma tarefa também político-pedagógica de exercício da liberdade, pelo menos – e não é pouco - em termos de liberdade de pensamento e de escolha no contexto da modernidade líquida. Nesse aspecto, pode-se pensar a sala de aula da Sociologia como um lugar privilegiado para esse exercício de aprendizado da liberdade principalmente para o professor e a professora à medida que “O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; que saiba ou não o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício.

No Capítulo III, são apresentados os procedimentos de realização da pesquisa empírica: levantamento, tratamento e análise dos dados. E, finalmente os resultados apresentados que, de certa forma, corresponde às perspectivas iniciais desta pesquisa de resgatar, sistematizar e analisar as experiências e vivências dos estudantes e das estudantes em conjunto com a professora na sala de aula de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande, durante três anos.

CAPÍTULO I

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: O ESTADO DA ARTE - O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A ARTE DO DIÁLOGO COMO MÉTODO

Neste capítulo, é apresentada uma discussão sobre o estado da arte da pesquisa científica sobre o tema. Ou seja, verifica-se que aspectos do objeto de investigação já foram estudados antes por outros autores; que autores e enfoques teóricos foram privilegiados, que avanços em termos de procedimentos metodológicos de pesquisa foram realizados; que lacunas podem ser observadas e de que forma se pode avançar. Enfim, em torno de quais aspectos temáticos, modelos teóricos e procedimentos metodológicos se pode avançar com a contribuição deste trabalho.

De início é preciso trabalhar os autores em blocos temáticos, começando por aqueles que buscam refletir os sentidos da Sociologia no Ensino Médio mediante o livro didático e outros temas. Como já se sabe que o livro didático é um símbolo do conhecimento a ser transmitido às nossas gerações, representando também no Brasil profundo, das comunidades longínquas e de difícil acesso, o único meio do aluno e aluna ter acesso a livros didáticos, embora haja críticas, inclusive aos recentes aprovados e publicados pelo Programa Nacional do Livro Didático, como uma espécie de currículo a ser seguido ou instrumento indutor de currículo. Seja qual for o uso que se faça do livro didático, no âmbito do Ensino Médio, ele também tem sido uma importante fonte de pesquisa para os professores, além de serem completados com os manuais de orientação ou guia do professor.

1.1 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO BRASILEIRO: uma leitura de dissertações e teses defendidas entre 2000-2014. Recife, 2017

Gomes (2017), em sua dissertação de mestrado, faz uma reflexão sobre os recursos e materiais didáticos para a Sociologia no Ensino Básico. Esse autor leva em consideração sete dissertações de mestrado defendidas em várias universidades, até 2014, sendo duas na área de Ciências Sociais e cinco na área de educação, para entender por meio dessa produção científica de que forma o livro didático e outros materiais influenciam o ensino de Sociologia, como ciência colocada à disposição dos estudantes do Ensino Médio. Evidentemente, esse material

didático deve ter critérios adequados a este público: temas, teorias e conceitos, mediação didática e linguagem adequada (MEUCCI, 2000; GUELFY, 2001; SARANDY, 2004; COHEN, 2006; TAKAGI, 2007; PERUCCHI, 2009 e BORGES, 2014). Entre esses autores, em relação aos primeiros manuais de Sociologia no Ensino Secundário, como eram chamados nos anos 30 esperava-se que a Sociologia pudesse auxiliar na formação de uma nova tradição intelectual que se opusesse a tradição bacharelesca. Nesse sentido, constatou-se que era frequente nas introduções de tais manuais de Sociologia o alerta de que aquele conhecimento veiculado não se destinava à formação de eruditos (GOMES, 2017, p. 49).

Assim os primeiros sistematizadores do conhecimento sociológico compreendiam que os eruditos acumulavam um saber enciclopédico e ornamental; eram descomprometidos com a realidade social, despreocupados com o destino da nação (IDEM, IBDEM. p. 50).

No entanto autores como MEUCCI (op. cit. p. 50) informam que os manuais de Sociologia, já naquela época, entendiam que era preciso tornar compreensível o conhecimento sociológico para além da erudição, de forma que representasse as ideias em suas manifestações mais concretas e evidentes. No caso dos estudantes de escolas secundárias, as atividades deveriam ser capazes de despertar nos alunos o espírito crítico, dispostos a refletir, investigar e observar. Isto em meio a um contexto em que o conhecimento da realidade social se impunha e colocava como grande desafio o desejo e a necessidade de estabelecimento de um padrão científico, objetivo e prático que pudesse substituir a concepção ornamental e clássica do conhecimento que historicamente foi cultivada no meio intelectual brasileiro. (MEUCCI, 2000, p.112, apud GOMES, op.cit. p.50)

Assim, o que estava em jogo eram as exigências de que os conhecimentos sociológicos viessem a contribuir com a elaboração de diagnósticos que orientassem as condições de progresso. Estava em pauta, portanto, uma visão de que as ciências pudessem colaborar e subsidiar como ingredientes indispensáveis do movimento de modernização da sociedade brasileira.

Não à toa que a criação de vários cursos de Sociologia, em regiões como o Nordeste do Brasil, sempre estiveram associados a modernização versus desenvolvimento, e, portanto, muito mais além do ensino propedêutico representado pelos manuais e as práticas professorais.

Além desse ajustamento ao contexto, haveria nas palavras de GOMES (op. cit), um grande esforço intelectual por parte dos precursores da Sociologia brasileira em compreender a realidade do país e também pensar, e a história tem mostrado que o ensino de Sociologia muitas

vezes tem assumido uma proposta mais de ajustamento social do que a possibilidade de questionamento. Assim, o ensino desta ciência teve sempre a perspectiva de se ajustar a certas propostas políticas específicas, como é o caso nos anos recente de adaptações à nova BNCC, por questões de sobrevivência.

Gomes também evidencia os problemas de superficialidade do tratamento de certos temas e problemas, como é o caso sobre questões relacionadas ao mundo do trabalho. A superficialidade do tratamento está relacionada muitas vezes ao modismo acadêmico, que não esconde sua intencionalidade política, adestrando os novos professores com “olhares” aparentemente críticos de certas realidades para desviar esse olhar de outros que devem permanecer invisíveis ou silenciados. Desta forma, o sentido da Sociologia no Ensino Médio estaria, pelos manuais e materiais didáticos, induzindo um currículo - o que se pensa e deve ser pensado - e de que forma deve ser transmitido para ser reproduzido como “o certo”, “o científico”, “o avançado”, “o reciclado” com novas linguagens e novas receitas pedagógicas. Não à toa que:

[...] pode-se observar que a sociologia é uma disciplina integrada aos diferentes discursos pedagógicos, tendo mais possibilidades de fixação e consolidação nos modelos de currículos científicos. Todavia, como conjunto de saberes úteis ao desenvolvimento de competências sociais e comportamentais, ela vicejou nos modelos de currículos das competências, dependendo das batalhas, das lutas e dos desfechos nos campos de recontextualização, nas universidades, no MEC, nas secretarias de estado de educação e nas escolas” (SILVA, 2006, p. 269 apud GOMES, op. cit., p. 65)

Mais uma vez, a citação acima faz lembrar o caráter instrumental que se pode dar ou que essa ciência pode assumir, o mais provável é ter um lugar comum entre todas as outras disciplinas nos currículos institucionais e nos currículos ocultos: uma disciplina puramente propedêutica e preparatória para concursos, para ENEM e outras formas de ingresso em cursos superiores e concursos públicos. E, assim, estaria entre os melhores lugares desejados. Não se pode aqui deixar de lembrar que mesmo em Weber (2002) toda ação humana é intencional, e, negar isso, é negar o óbvio. Toda ação humana é dotada de sentido. Quem age, age para abraçar alguma coisa ou causa. E, isso exige escolhas, exige assumir um lado, de que lado eu quero estar, lutar. Até porque numa sociedade extremamente desigual como a do Brasil, as classes subalternas sempre estarão a dançar, independente do lado que ela escolha.

Essas e outras lições os professores e professoras já tiveram, e se não aprenderam, resta serem arrastados pela tormenta como coisas e não como sujeitos. Ensinar exige compreender

que a educação é uma forma de intervenção humana no mundo. E isso exige liberdade, e liberdade e tomada consciente de decisões se implicam. Nessa direção, ensinar exige saber escutar e reconhecer que educação é ideológica. E escutar aqui, não é ouvir simplesmente de quem fala para outros, que só ouvem. Este modelo de ensinar está falido, mas persiste na nova BNCC. E, mesmo que adornada de vários protagonismos programados pelos currículos e as máquinas falantes ideologizadas “embora humanas”, e que acham que são modernas e que estão seguindo as novidades, as cartilhas e as modas. Ensinar exige reconhecer que educação é ideológica e que ensinar é um ato político. “Nós professores, não somos ingênuos, longe disso!” (FREIRE, 2019, p. 96-131).

1.2 “SOCIOLOGIA SERVE PARA QUÊ?” As práticas escolares de Ensino de Sociologia, no Ensino Médio da Instituição Olavo Bilac de Santa Maria – RS, 2015.

A proposta de OLIVEIRA (2015), a partir da sala de aula, daquilo que os estudantes estavam refletindo, é responder: Sociologia, serve para quê? Portanto, se tem mais que um trabalho que busca refletir o sentido da Sociologia no Ensino Médio, só que a partir das práticas em sala de aula nesse nível de ensino da Educação Básica.

A pesquisa foi realizada mediante a observação de um grupo de estudantes do Ensino Médio, por uma professora formada na Licenciatura em Ciências Sociais. A investigação se realizou durante os meses de agosto de 2011 a dezembro de 2013, na instituição de ensino estadual Olavo Bilac, em Santa Maria - RS. O objetivo principal, segundo a autora, foi a partir do discurso dos alunos e das alunas de Ensino Médio daquela escola, e, das explicações da professora responder: Para que serve a Sociologia no Ensino Médio? Significa dizer que o sentido do ensino de Sociologia, deva ser buscado em diálogo, no próprio cotidiano escolar. Assim, segundo Rúbia Oliveira:

[...] percebi que era necessário sair da zona de conforto teórica e verificar na prática como está sendo construído o aprendizado da disciplina Sociologia pelos alunos do ensino médio, pois não há nenhum registro de experiências e apontamentos que demonstrem a opinião dos estudantes da própria escola básica sobre a experiência de ter a sociologia em seu cotidiano escolar (OLIVEIRA, 2015, p.17).

Apesar de tais lacunas na produção científica sobre o ensino de Sociologia na educação básica, a autora considera inovadores e promissores os trabalhos de investigação que toma a própria sala de aula como espaço de observação etnográfica. Nesta direção ela faz uma incursão

bibliográfica, citando autores como Da Silva (2002), Moraes (2003); Handfas (2011) e Handfas e Maçaira (2014). Com essas referências bibliográficas, Oliveira (2015), constata que existiam trabalhos de pesquisa abordando assuntos diversos, como história da disciplina na educação básica e formação de professores e, no entanto, nenhum estudo sobre o cotidiano do aprendizado no âmbito da própria sala de aula. O interesse por este estudo, conforme a autora, nasceu durante o período que atuou como bolsista do PROLICEM, no projeto: “Como os sociólogos se tornam professores?” Neste estágio, constatou-se as dificuldades que a disciplina em foco atravessava nas escolas de nível médio, em Santa Maria - RS, tais como ensinar e o que ensinar, e a própria escassez de professores licenciados para ministrar a disciplina e, portanto, diante da própria questão da obrigatoriedade dessa disciplina: quem iria ensinar, seria portanto outro problema crucial, e daí a ideia de verificar, na prática, como este processo estava sendo conduzido nessa cidade gaúcha.

O caminho metodológico escolhido por Oliveira foi a observação direta em sala de aula, pois a finalidade era realizar uma etnografia em sala. Está perto dos sujeitos pesquisados, pois uma “a abordagem etnográfica se constrói tomando como base a ideia de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social onde eles atuam” (VICTORIA et al. 2000, p. 53, apud OLIVEIRA, op. cit. p. 54).

Além de ter essa característica de ser contextualizado este trabalho de campo, segundo Clifford Geertz (2003):

Além da experiência de “estar lá, tem a característica de ser uma escrita que subentende a presença do pesquisador em um lugar e num determinado tempo”. O desafio do pesquisador é “descobrir onde se situar no texto no qual, ao mesmo tempo, espera-se que seja uma visão íntima e uma avaliação fria” (GEERTZ, 2008, p. 12, apud OLIVEIRA, op. cit., p. 55)

Citando DAMATA (1978), reforça que esta avaliação fria exige uma dupla tarefa, que é transformar o exótico em familiar, bem como transformar aquilo que é familiar em exótico (IDEM, IBDEM). Ainda sobre a sua metodologia, Oliveira diz que ela tomou como base:

[...] os pressupostos de que uma abordagem etnográfica, está no esforço intelectual de pesquisá-lo na elaboração de uma descrição significa dizer que o trabalho do pesquisador se reconhece no empenho feito por ele em apresentar as minúcias do ambiente pesquisado, pois é através deste empenho em observar e detalhar o espaço de pesquisa que se define o trabalho etnográfico” (OLIVEIRA, 2015, p. 55).

Desta forma, para a pesquisadora:

[...] o método etnográfico mostrou-se o mais propício para a realização da pesquisa, tendo em vista que somente convivendo com a turma seria possível compreender o processo de aprendizagem e construção do conhecimento, bem como apontar as relações desenvolvidas pelo aluno com a disciplina de sociologia (IDEM, IBDEM).

Um aspecto que parece novo na pesquisa de Oliveira é o fato de que ela se propôs a uma observação de longo prazo, fato que traz insegurança para a pesquisadora. No entanto, Oliveira fala que, aos poucos, teria sido criadas as condições que possibilitasse transformar essa:

[...] singular experiência que era estar em meio aos alunos assistindo aulas de sociologia, em uma pesquisa e com isso estar contribuindo com as discussões referentes aos processos educacionais ligados às ciências sociais e aos poucos tem ganhado espaços importantes no cenário intelectual brasileiros (IDEM, p.57).

Utilização e registro no diário de campo, conversas em grupo com alunos e alunas; conversas com a professora, além de informações obtidas em diálogos fora do espaço escolar, compuseram os procedimentos de levantamento de informações durante o segundo semestre de 2011. O primeiro semestre foi ocupado com questões burocráticas e negociações para realizar a pesquisa com a direção das escolas e com os seus professores. Trata-se da Escola Olavo Bilac e outra que aderiu à pesquisa.

Finalmente a pesquisadora concluiu sua dissertação dizendo que, para seu trabalho elegeu elementos encontrados em sala de aula que convergiram para o debate em torno do papel da Sociologia no Ensino Médio. Além disso contou-se com informações relativas ao histórico escolar dos alunos e outras informações extraídas de documentos e outros: o próprio Projeto Político Pedagógico da escola, o regimento escolar e, ainda, o relatório de estágio de uma professora a qual cedeu a sua produção para consulta.

As observações em sala de aula foram realizadas mediante dois critérios: as relações professores versus alunos e as relações de professores e do aluno com a matéria trabalhada. Veja-se os resultados obtendo-se respostas e reflexões em “Para que Serve a Sociologia” e que sentidos ela teria no chão da sala de aula mediante a visão de seus professores (duas salas de aula) e duas turmas de alunos e de alunas.

A autora começa a apresentar os resultados de sua pesquisa com a seguinte citação: “O ensino de Sociologia, no ensino médio, o seu significado, relevância, prática e realidade está

entre alguns dos temas mais fecundos, proeminentes e atuais na educação brasileira” (MUCELIN; RAIZER, 2014).

Em seguida, apresenta a justificativa do próprio método utilizado e mediante os procedimentos etnográficos mostra como as técnicas se adequaram a apreensão da realidade imediata em foco: duas salas de aulas de Sociologia e o professor e a professora, além de contatos e entrevistas com outros docentes de outras unidades de ensino:

Para este trabalho específico, busquei analisar o âmbito educacional, percebendo-o como um campo complexo e sensível do qual é fundamental se fazer presente dentro do contexto da instituição educativa e no que se referiu a este trabalho no interior da sala de aula, para que se torne possível compreender efetivamente o que pensam os alunos e professor, o que sabem, o que está aprendendo, o que está sendo feito e porque está sendo feito desta ou daquela maneira (IDEM, IBDEM).

Apesar da adequabilidade do método, a pesquisadora admite que a questão que norteou a investigação permitiu impulsioná-la, de certa forma, dialogando com os atores e atrizes que fazem o dia-a-dia da sala de aula. Para que serve a Sociologia no ensino médio? Admite, no entanto, que esta é uma pergunta que envolve outras tantas questões ligadas, por exemplo, a formação docente, a sua prática e a sua percepção com relação às finalidades da disciplina para a vida dos estudantes e não somente para a sua vida. Segundo a autora, envolve outras questões tais como a luta dos profissionais das Ciências Sociais para a implantação da disciplina; a própria trajetória desta no país, entre tantas outras questões (IDEM, IBDEM).

Em termos práticos a pesquisadora fala que sua postura, no entanto, foi se aproximar o máximo possível da resposta e em foco nos estudantes e professores:

Apostei na fala dos estudantes quanto a utilidade da sociologia para as suas vidas, assim como nas ponderações da professora em relação a importância de se conhecer esta ciência. Busquei a partir da descrição dos alunos e suas avaliações sobre a disciplina, apontar quais as mudanças que a sociologia estava provocando no modo de pensar daqueles estudantes (OLIVEIRA, 2015, p. 147).

Assim:

[...] as colocações dos estudantes sobre a disciplinas e a importância delas para suas vidas, juntamente com as considerações da professora em relação aos seus objetivos quanto ao que desejou ensinar nas suas aulas, direcionei as considerações e as discussões elaboradas aqui (IDEM, p. 149).

Aponta-se, a seguir, algumas questões conclusivas da pesquisadora:

- a) Autonomia ou liberdade da professora: interpretando as falas dos alunos para conhecer-se, reconhece-se que a professora tem o poder de decisão quanto ao que oferecerá aos estudantes e com isso ela pode fazer a diferença com relação a qualidade de suas aulas. A professora, teria então a sua frente a aproximação do universo social e pessoal dos seus alunos. Construir debates e oferecer subsídios de acordo com as necessidades apresentadas pelos alunos (IDEM, IBDEM, p. 149).
- b) Todavia, segundo a professora usar a liberdade do professor, traz problemas, principalmente quando se trata de uma disciplina e no contexto em que nem todos os professores tem formação específica para lecionar a disciplina, quando mesmo os licenciados em Ciências Sociais apresentam dúvidas quanto aos caminhos metodológicos e pedagógicos a seguir.
- c) Um terceiro elemento, que segundo Oliveira, tem sido determinante: a experiência, o que significa que ensinar é também aprender, é adquirir maior confiança e segurança no trabalho, “autoformação”. No entanto, juntam-se a essa experiência “uma forte dose de amor e boa vontade conjugados ao conhecimento. Estes são elementos que auxiliam o professor a chamar atenção dos alunos para a construção de um sentido para aquilo que estavam aprendendo” (OLIVEIRA, IDEM, p. 149).

Embora pondere que, sentimentos como amor e boa vontade extrapolam a leitura acadêmica, admite que eles fazem parte da formação de qualquer sujeito, e, que está também presente no trabalho docente. Assim, conforme o depoimento da professora participante da pesquisa, a professora Mara:

É seu "amor" que motiva a não desanimar, e de acordo com os alunos, é "a compreensão e o carinho" que a professora demonstrava ao ouvi-los, "respeitando e dando oportunidades para que todos se expressassem" que motivou a turma a querer saber o que significava essa disciplina (IDEM IBDEM, p. 150).

Assim, conforme Oliveira, não bastava nessa realidade estudada, que “basta um professor e uma teoria. Existem diversos elementos que permeiam a construção de um conhecimento e eles vão além daquilo que o professor aprendeu na universidade e se inserem

no âmbito simbólico e particular de cada sujeito, seja do professor ou do aluno” (IDEM, IBDEM p. 151-152).

Oliveira, percebe um diferencial entre a sala de aula de um professor licenciado em ciências sociais e a sala de um professor com formação diferente (Direito, Economia). A Formação específica, criticidade com relação a sua própria prática, somados a dose de amor, comprometimento, segurança, competência, generosidade e tomada consciente de decisões em sala de aula, entre outras coisas que se somam a experiência ajudam a interagir de maneira produtiva com “os fenômenos vivenciados pelos alunos, suas dúvidas, seus sonhos, das inquietações cotidianas” (IDEM, IBDEM p. 151). E neste sentido a pesquisadora pondera que:

Os professores universitários, precisam aprender a lidar com a realidade na qual estão formando profissionais, visto que uma das maiores reclamações é justamente o choque inicial de enfrentar uma realidade na qual não foram preparados para atuar e este é um ponto que constatamos a partir do contato com professores da escola básica e com os estudantes da Licenciatura (IDEM IBDEM).

Voltando: para que serve a Sociologia?

Na turma da professora Mara, o aprendizado se deu por etapas. Aos estudantes do primeiro e segundo ano (...) foi instigado o conhecimento da turma, da linguagem e dos conceitos pertinentes às Ciências Sociais. Assim, como também foram motivados a criar o hábito a leitura e da reflexão a partir dos debates levantados pela professora na aula. Após um período de contatos e esclarecimento, jamais familiarizado com alguns termos sociológicos, os alunos começaram a inferir questões, sugerir reflexões e críticas sobre leituras (IDEM, IBDEM).

Então, mais familiarizado com a Sociologia veio o terceiro momento: estes começam a formular seus próprios argumentos sobre os fenômenos, agora não mais unicamente através do senso comum, mais sim através de uma avaliação mais profunda do universo causal dos fenômenos sociais. Em resumo: “começo a ter um maior cuidado em relação as fontes de suas afirmações” (IDEM. p. 149).

Dessa forma, próximo de terminarem o Ensino Médio, depois de muitas conversas, muitas dúvidas e reflexões, todos já sabiam qual caminho iriam começar a trilhar, quais eram as profissões desejadas (IDEM, IBDEM).

Conclui Oliveira que, no contato semanal com a turma era possível perceber a mudança no comportamento, no modo de pensar e de se expressar da turma.

Ponderando, entretanto que, tais mudanças não poderiam ser atribuídas unicamente a disciplina Sociologia, a pesquisadora fala que:

[...] a parte que cabe as ciências sociais se encontra no fato de que este conhecimento organiza o modo de pensar. Essa ciência bem compreendida serve de guia na aventura humana que é viver em uma sociedade heterogênea e complexa, orientando os sujeitos naquilo que eles dizem e fazem, apontando minúcias que passaram despercebida aos seus olhos. Sendo um guia, pode se dizer que a sociologia, quando bem compreendida, explica detalhes que nós enquanto sujeitos imersos na vida cotidiana, já nem percebemos pois está naturalizado por nós (OLIVEIRA, 2015, p. 50).

Sociologia também serve para mudar valores e atitudes no âmbito de uma sociedade moderna, complexa e plural:

[...] a sociologia constrói um sentido de entendimento que coloca os sujeitos a constantes exercícios de reflexão de suas experiências e dos fatos que surgem das relações sociais buscando sempre interpretar essas relações com referência as circunstâncias sociais nas quais se encontram os sujeitos e os fatos (IDEM, p. 151).

Então, dizer isso:

[...] significa afirmar que a sociologia ajuda a ampliar os horizontes de compreensão dos fenômenos sociais contribuindo com o desenvolvimento de uma sociedade mais tolerante, pois no instante que os sujeitos percebem que é normal ser diferente, começam a interessar-se compreender onde está a diferença, pois ela existe, e principalmente aprendem a respeitá-la. Assim, como passam a cobrar respeito por si e pelos outros (IDEM, IBDEM).

Com relação a democracia e a cidadania:

[...] queriam saber mais sobre aquilo que tinham dúvidas, compreender sobre o funcionamento do sistema político, colaborando para que percebessem que a omissão contribui para que a corrupção tão apontada por eles permaneça. Saber sobre os movimentos sociais contribuiu para que percebessem que os comentários feitos em casa pelos pais sobre os “baderneiros” eram muito mais influência das mídias do que compreensão do que estava acontecendo no país (IDEM, IBDEM).

Questionados pela professora quanto as suas colocações em sala de aula:

[...] eles começaram a se dar conta de que as suas vidas e as suas colocações eram frutos de relações nas quais estavam inseridos e que precisavam a (...) tomar posição, avaliar os fatos e buscar compreender as suas motivações dentro daquele espaço temporal em que foi ocasionado (IDEM, IBDEM).

Portanto, avalia a pesquisadora, de acordo com a opinião do grupo, a Sociologia servia para eles ampliarem os horizontes de compreensão e conseqüentemente desenvolver em cada um o respeito pelo outro, pelas diferenças. Serviu para mostrar que a grandeza do conhecimento é resultado da interação entre sujeitos e suas diferenças, pois é dessa interação que surgem as ideias, as observações e com isso a sociedade enriquece em sua cultura.

Finalizando, o sentido da Sociologia do Ensino Médio, nos resultados da pesquisadora, se constrói no “chão” da sala de aula. Esse sentido como guia e caminho, deve ser encontrado nas próprias relações dos professores com os estudantes e construídas na sala de aula de Sociologia, pois é para eles

[...] que o conhecimento precisa fazer sentido, pois mais do que saber para que serve um conhecimento específico ele precisa ter aplicabilidade. Assim sendo, finaliza dizendo que o conhecimento de Sociologia serve acima de tudo para que os estudantes busquem a transformação de si mesmo (IDEM, p. 151).

1.3 “Faz Sentido?”, Práticas Docente no Ensino Médio da Sociologia. Um estudo na rede pública de São Paulo, 2014

Maria Cristina Stello Leite (2014), em: “Faz Sentido?”, Práticas Docente no Ensino Médio da Sociologia. Um estudo na rede pública de São Paulo, escreve um trabalho emblemático sobre o tema sobressaindo-se pela sua originalidade e qualidade acadêmica.

Leite inicia seu trabalho de dissertação tendo como objeto de estudo as práticas docentes de um professor/professora de Sociologia da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. Parte do pressuposto de que “compreende-se a escola e seu agentes como produtores de cultura, e, por isso, analisa aquilo que professores/professoras de Sociologia realiza a sala de aula” (LEITE, 2014, p.8). Desta forma acredita que:

Estas análises realizadas sob práticas observadas em uma escola dizem respeito as condições em questões que perpassam o nível individual e ao mesmo tempo contribuem para discussões relacionadas tanto ao que é específico da rede estadual paulista, quanto ao que estão se configurando como próprio da Sociologia no formato de disciplina escolar (IDEM, IBDEM).

O problema:

a sua narrativa começa com a sua entrada por concurso público em 2012 na rede estadual de ensino. Entre duas escolas que passou a ensinar havia diferenças: origens socioeconômicas dos alunos e alunas; com relação ao tipo de gestão presente em duas instituições; diferenças em relação aos colegas de trabalho e, mesmo com relação a arquitetura dos prédios escolares – que embora típica de prédios escolares – guardavam diferenças entre si. Diz que ficou em turmas regulares na primeira escola e, em turma de EJA, na outra. No entanto, para além das diferenças, diz que a sua insegurança era um elemento presente em todas as salas de aulas: “e insegurança que se referia em escolha de conteúdos de sociologia e ao modo de ensiná-los para jovens entre 15 a 18 anos”. Além disso indagava do que haveria de diferente entre as práticas de ensino para jovens de 19 anos e senhores/as de 60 anos que precisavam de um diploma de ensino médio (IDEM IBDEM).

No total, a professora revela que atuou em oito turmas diferentes e que já na primeira semana, alunos e alunas lhe indagava sobre o que era sociologia ou por quê ela era parte do currículo. Outras dúvidas: Como fornecer uma definição de Sociologia? Dizer que era uma ciência que estudava a sociedade parecia um tanto vago. E, por qual razão ela era tão importante que deveria estar de forma obrigatória no currículo e ao ponto de estar reduzindo a carga horária dedicada a história? Responder, segundo a professora:

Que se tratava de oferecer recursos para se pensar os fenômenos sociais sociologicamente orientar para constituição de uma “sensibilidade sociológica” ou falar da importância destes conhecimentos para a formação do “cidadão críticos” seria recorrer a expressões muitas vezes esvaziadas de sentido ou até tautológicas (IDEM, p. 10).

A diferença desta construção do problema é que a autora supracitada parte do próprio “chão da escola” especificamente a sala de aula. Mas, por exemplo, se as finalidades assim são insuficientes para sustentar a necessidade da Sociologia no ensino médio, qual seria, então, a finalidade como justificativa plausível? Então, a autora observa que diante de tais circunstâncias também a “crença” de que a apresentação da Sociologia como ciência seria meio caminho para alcançar a legitimação da disciplina perante os alunos e as alunas – caiu por terra quando havia constatado que eles e elas não manifestavam nenhum sinal de compreensão ante essa revelação – (IDEM p.10). Então, a interlocutora resolve buscar caminhos e respostas para tais questões e busca essas de forma posicionadas na sala de aula de Sociologia:

[...] fiz um esforço para buscar explicações que se aproximassem daquilo que poderiam ser identificado como uma prática “sociológicas”. [...] busquei considerar as realidades que vivenciei em diferentes escolas como aluna da rede pública, desde o ensino fundamental até uma parte do ensino médio; como estudante da licenciatura; como colega de trabalho de professores e professoras que faziam e fazem parte do convívio. Na busca por fornecer informação que satisfizessem tanto os/as

alunos/alunas quanto a mim, procurei apresentar um assunto que dialogasse diretamente com as turmas em que fosse possível identificar opiniões próprias do senso comum por meio de análise, bem como demonstrar um olhar próprio da sociologia, ou talvez aquilo que WRIGHT MILLS nomeou um exercício da imaginação sociológica (IDEM p. 10).

A própria experiência de enfrentamento de inseguranças, incertezas e dúvidas que ela e seus colegas enfrentavam no cotidiano da sala de aula de Sociologia, outra dúvida aconteceu diante do conflito de desapropriação de uma área urbana chamada Pinheirinho, mobilizando justiça, polícia, os moradores da terra ocupada pelos sem teto e os donos e seus prepostos que reivindicavam a reintegração de posse da área. Este fato estava mobilizando toda população não só de São José dos Campos e o bairro local do conflito, mas, municípios vizinhos, a imprensa, os jornais, a TV e outros meios de comunicações veiculando opiniões, imagens e julgamentos sobre o fato e ao mesmo tempo homogeneizando pontos de vistas sobre o mesmo. Tudo isto, no início de um semestre letivo. Com base neste fato, a pesquisadora partiu para apresentação da Sociologia as suas turmas quando este fato mobilizava também as suas opiniões e as dos próprios professores da escola. “Mas, como problematizar? de que ponto iniciar a problematização? Como suscitar a curiosidade dos alunos e das alunas para além do mero interesse efêmero?” (IDEM p.11)

A autora passa a descrever toda experiência no intuito de transformar Pinheirinho em matéria de sala de aula, uma espécie de laboratório no qual professora e alunos/as podiam aprender e refletir sobre vários temas num processo de reflexão mediada pela realidade. Para iniciar o planejamento das aulas por exemplo a professora buscou informações disponíveis nos jornais de grande circulação. As informações mais objetivas como o tamanho do terreno ocupado, localização, período de ocupação, quantas famílias residiam neste local. Em seguida coletou informações que relatavam a desapropriação e a sentença judicial, resistência dos moradores até a entrada da Polícia Militar por ordens do governador (IDEM p.14). Buscou didatizar e sistematizar os assuntos relativos ao tema. Segundo Leite:

Os/as alunos/as desconheciam mesmo essas informações, aparentemente objetivas e seus comentários reproduziam as opiniões veiculadas nos meios de comunicações a favor da retirada das famílias. A intenção era fazer uso da proximidade deste acontecimento para sensibilizar os/as alunos/as e utilizar as Ciências Sociais para “desnaturalizar” valores vistos como inquestionáveis. Apesar de apresentar condições socioeconômicas bastante semelhantes às dos moradores do Pinheirinho, as opiniões emitidas pelo/as alunos/as era favoráveis ao dono do terreno, alguém que se distancia muito das condições vividas por eles no cotidiano (IDEM, IBDEM).

Explica Leite que, segundo as informações divulgadas pelos meios de comunicação, o interesse era tornar Pinheirinho, semelhante a outros que foram construído em seu entorno: condomínio de alta classe social. O argumento, por seu turno era:

Que vivíamos no estado de direito, e, portanto, não faria sentido o governador de São Paulo não executar a sentença judicial que determinava a desapropriação da área. Condenava-se a evasão do terreno alheio como algo ilegal e se dizia que as pessoas não estariam autorizadas a fazer justiça com as próprias mãos, recusar a desocupação de local e organizar uma resistência (LEITE, op. cit. p.11).

Então, se buscava convencer a população que tudo estava nos conformes da ordem legal, ao ponto de até os próprios professores da escola de Leite, reproduzirem esse discurso legitimador da especulação imobiliária e da reprodução injusta do espaço urbano: “O fato de alguém não ter casa não justifica a invasão de um terreno diziam dos [...] colegas de escola, ignorando o conceito de uso social da terra”. (IDEM, IBDEM).

Também, segundo Leite, escutava muitas vezes pessoas afirmarem, que os moradores despejados da ocupação de Pinheirinho “possuía várias casas na ocupação e que viviam de renda”, algo que diminuiria a solidariedade da população do entorno em relação ao movimento de resistência (LEITE, op. cit. p.12)”. Outro fator, segundo essa autora, que criava esse distanciamento, esses discursos desabonadores, desqualificadores dessa população de moradores de Pinheirinho, estava relacionado a má fama da comunidade “que possuindo altos índices de violência – seria o “lugar de traficante e bandido” – (IDEM, IBDEM). E, no entanto, “muitas das imagens veiculadas pelos jornais mostravam mulheres e crianças pequenas sendo retiradas de suas casas de forma violenta” (IDEM, IBDEM) [Grifos da autora].

As opiniões pré-concebidas sobre os moradores e as imagens dos jornais, muitas vezes se contrapondo pelo realismo das violências documentadas contra essa população sob uma das maiorias e consequentes violências urbanas, foram elementos que alimentaram os planejamentos de aulas feitos por Leite. Segundo ela, todas as informações estavam presentes em dezenas de artigos de jornais que a mesma coletou para serem trabalhadas em sala de aula. Entretanto, a autora afirma que “[...] para iniciar a discussão e desnaturalizar parece-me essencial uma recuperação histórica da questão da terra do Brasil, desde o período colonial, passando pelo império e a situação dos negros após a abolição da escravatura” (IDEM, IBDEM).

Por outro lado, ao colocar:

[...] a questão sobre a desigualdade de acesso a terra ao longo da História do Brasil e mostrar como, a luz da constituição nacional, o direito da propriedade prevaleceu sobre o direito à moradia no caso de Pinheirinho, o objetivo era demonstrar e problematizar a “naturalização” de um fenômeno social (IDEM, IBDEM).

Então, na “cabeça” de qualquer um de nós professores de Sociologia, o itinerário político-pedagógico de Leite parece razoável, plausível. Contudo, mesmo que algo seja logicamente plausível, parece que se tem que pensar para quem se vai colocá-lo em evidência como objeto de reflexão. Esse cuidado parece ser levantado pela autora quando afirma:

[...] contudo, a disciplina escolar Sociologia e a forma como as Ciências Sociais são apresentadas aos/as alunos/as permaneciam questões em abertos, uma vez que, um problema social não necessariamente é um problema sociológico (IDEM, p.13).

Significa dizer que um problema sociológico é uma construção intelectual, é um produto daquilo que se tem em mente, quando se reflete algo ou o propósito de conhece-lo ou quando se delibera com o fim de se tomar uma decisão (FAORO, 1994, p. 78).

Essa especificidade da chamada adequação dos assuntos ao público a que se destinava exigia, portanto, olhar para o problema social a partir das Ciências Sociais e construir uma forma para apresentá-los no âmbito de uma disciplina escolar. Não seria, portanto, ao olhar da professora algo tão simples. No mínimo, exigiria uma estreita interação e aproximação com o público estudantil que estava ali, na sala de aula. É sobre isso que a pesquisadora indaga, por exemplo: “as práticas no cotidiano da sala de aula se constituíam a partir de quais elementos? Quais eram os objetivos a serem percorridos? Desnaturalizar, estranhar um fenômeno social?” (LEITE, 2014, p. 12).

Sobre como as práticas do cotidiano da sala de aula se constituía, a professora afirma que, nesse âmbito os temas da desapropriação e da especulação, por exemplo, tinham gerado um significativo interesse nas turmas e era possível oferecer exemplos práticos como problema do planejamento urbano. Embora sem usar conceitos das Ciências Sociais, o tema havia gerado grande estranhamento nos alunos e nas alunas. Nos debates polemizavam sobre o direito ou não dos moradores despejados de permanecer com a posse da terra. E, no entanto, segundo a pesquisadora, ignorava-se o motivo de um terreno tão grande permanecer sem ninguém reivindicar a sua propriedade. No entanto, para a pesquisadora o seu interesse como professora de Sociologia era introduzir questões não debatidas pelos meios de comunicação social mais acessados pelos alunos e alunas, lançando outro olhar para os mesmos fenômenos. Entretanto, isso merece um outro cuidado:

Todavia, fornecer informações e dados não significa, tornar um problema social em um problema sociológico, mas a partir disso foi possível provocar o estranhamento em relação ao senso comum. Este exigiu [...] como a professora envolvimento com o assunto abordado, busca de referência e construção de um repertório que, permitisse as aulas se desenrolarem com certo sentido aos alunos e às alunas argumentarem a partir do que foi trabalhado em sala de aula (LEITE, 2014, p. 12).

Essa adequação, segundo Leite, ainda teria que levar em consideração questões básicas como a diferenciação que repercutiria na sala de aula e no decorrer das aulas, sem deixar de destacar que também havia ensino regular e EJA. Os participantes do debate terminam explicitando discordâncias entre si, ao mesmo tempo em que certas afirmações diziam respeito as diferentes experiências e vivências de cada um e cada uma na vida cotidiana. Por exemplo, enquanto alguns afirmavam que não gostaria que sua casa fosse invadida e outros indagavam por qual razão seria justo pagarem para adquirir a casa própria e outros não. Segundo Leite, em algumas turmas estudantes explicitaram solidariedade com os desapropriados, levando em consideração as duras condições enfrentadas para adquirir o terreno ora despejados (LEITE, 2014, p. 13).

Frente a tais diversas e contraditórias opiniões, a autora diz que tais visões ajudaram-na a organizar o seu trabalho como docente na medida em que permitiam identificar os vários perfis dos alunos/as com os quais estavam trabalhando.

A pesquisadora não relata como coordenou, entrevistou ou sugeriu questões no debate da sala de aula, como seria de se esperar e, no sentido de fomentar procedimentos de debate e reflexão e de busca de superação do senso comum a partir da realidade específica e imediata da sala de aula. No entanto, afirma que ao refletir posteriormente sobre sua prática sentia-se um pouco, guardando as devidas proporções, como François Dubet (1997), quando quis saber o que é ser professor. Vale a pena aqui reproduzir essa passagem para localizar melhor a postura, bem como, os motivos que a levaram ao curso de mestrado. Então, Dubet, segundo Leite, ao final quis saber o que é Sociólogo e professor ao mesmo tempo, que vai realizar uma experiência de um ano como professor do Cinquième (segundo ginásial), em uma escola em Paris. Acreditando que os relatos dos professores desse nível de ensino, estava carregados de certos exageros, Dubet tomou como objetivo saber o que eles falavam sobre a dificuldade da relação pedagógica e se era verdade (DUBET, 1997, p. 222 apud LEITE, 2014, p. 13). Assim após:

[...] após a experiência de um ano de professor, Dubet faz uma análise do que se passou, alertando que o fato de ser um Sociólogo não lhe permitiam antecipar os acontecimentos melhor que outros profissionais do ensino. No entanto, a análise que

faz posteriormente de sua experiência como professor, como não poderia deixar de ser, é como sociólogo (LEITE, op. cit., p. 13).

Isto, pode significar dizer que a condição de sociólogo, obrigou a tomar distanciamento, a tomar uma postura de estranhamento diante de um objeto de sua reflexão.

Com relação a isso, Leite fala que a concomitância com relação mestrado e à docência no Ensino Médio contribuíram para que ela assumisse a postura investigativa dentro da sala de aula. Ela diz que se sentiu como a Socióloga que vai ao campo na tentativa de se aproxima do objeto de estudo e criar um distanciamento para escrever o que se passa na sala de aula quando se é o professor, percebendo como sugere Dubet (1997, p. 223) “as suas posições de ator e de pesquisador são quase impossíveis de conciliar (IDEM, IBDEM)”. Concorda-se com Leite e Dubet:

[...] mas se é possível fazer de sua própria sala de aula material de pesquisa é possível torna-la geradora de questões relacionada ao ensino, principalmente aquelas relacionada à prática. Nessa curta experiência como professora de Sociologia foi-me possível ter contato com outros professores e professoras e perceber de perto que algumas das dificuldades enfrentadas em sala de aula não eram exclusivamente minhas (IDEM, p. 14).

Semelhante ao problema levantado por Leite e Dubet (IDEM, p. 12-13), nesta dissertação toma-se como material empírico as práticas realizadas no cotidiano em sala de aula. Mas, não houve o problema, de certa forma, da concomitância de ser professora e ao mesmo tempo pesquisadora, na medida em que a professora realizava a sua pesquisa com os seus alunos e alunas egressos e no momento a posteriori portanto, das experiências e vivências que ambos experimentaram em três anos de ensino de Sociologia no nível médio da educação básica. Coerente com a metodologia participativa da pesquisa, e ao mesmo tempo, em conformidade com a proposta de BAUMAN, de se praticar uma Sociologia como diálogo com a experiência viva do cotidiano. Nesse diálogo com o senso comum, o tema da investigação sociológica é compartilhado com seus objetos. “Os sociólogos e seus objetivos (também humanos?) de seu estudo a histórias sobre a “mesma” experiência e não há nenhuma razão imediata para se atribuir valor maior as histórias contadas pelos artesãos da sociologia” (BAUMAN, 2015).

O relato dessa breve experiência segundo Leite não serve como resposta cabal a questões de práticas docentes, mas como ponto de partida para discutir a Sociologia como

disciplina escolar. Além disso, conforme a autora supracitada, ofereceria elementos fundamentais para elaboração do seu projeto de pesquisa e da pesquisa propriamente dita.

Nessa direção Leite afirma que seu interesse foi estudar as práticas docentes do ensino de Sociologia. Para ela essas práticas docentes abrangeriam: ter responsabilidade pelo planejamento e materialização das aulas; responder a superiores, representados tanto pela figura do gestor quanto pelas políticas públicas implementadas; sobre o que se faz e se deixa de fazer em sala de aula; usar recursos didáticos e construir uma relação cotidiana com os alunos.

Para elaboração do projeto, Leite descreve uma série de tarefas e decisões. Assim:

- a) No primeiro momento ela fez entrevista com alguns professores da rede pública de ensino, partindo de questões que ajudassem, segundo ela, a discutir práticas, levantando possibilidades e objetivos pretendidos, além de refletir sobre a constituição da Sociologia como disciplina escolar;
- b) No momento da qualificação a banca orientou a pesquisadora acompanhar docentes no seu cotidiano na sala de aula, considerado, então, um caminho mais proveitoso. A pesquisadora afirma que neste momento da qualificação contava com certa carga de leituras e de poses de questões mais elaboradas e com melhor contorno e clareza de caminhos e propostas;
- c) Leite, relata que buscou escolas para realizar a sua investigação na região central na cidade de São Paulo. Teria ido a quatro escolas diferentes até encontrar uma que autorizasse a pesquisa; sublinha também que estas escolas como são ligadas a Diretoria de Ensino do Centro há facilidades de se deslocar e uma maior oferta de professores ligados a essa diretoria. Outras dificuldades de escolha: negativa diante da proposta de pesquisa; dificuldades de acesso a Coordenação da Escola; inexistência de professores formados em Ciências Sociais lecionando Sociologia e excessiva demanda de alunos de licenciatura realizando estágios;
- d) Em seguida descreve a localização da escola que foi possível realizar a pesquisa: escola de porte médio com 17 salas de aulas e ocupada em três turnos. Como era localizada na região central, estava também próxima do metrô e corredores de ônibus. Nas proximidades, bairro de classe média alta como Higienópolis e bairros que abrigam uma quantidade considerável de cortiços, como Campos Elíseos. Portanto, no cenário que vivem juntos edifícios luxuosos e cortiços amontoados e separados por uma rua. Na região há espaços de cultura:

como o SESC, teatros, espaços de exposições e outros. Portanto, uma região bastante movimentada.

- e) Professores com quem trabalhar: primeiros contatos e primeiras informações; fim do segundo bimestre em 2013. Nesse momento ficou sabendo que apenas a professora de Sociologia que lhe tinha acolhido para a realização da pesquisa tinha licenciatura plena em Ciências Sociais. Um dos professores era formado em Serviço Social e lecionava no período da noite, o outro professor de Sociologia, o terceiro, fazia licenciatura em Filosofia, mas, todos concordaram com a realização da pesquisa.

No entanto Leite decidiu apenas acompanhar a professora licenciada em Ciências Sociais, devido ao seu interesse em pessoas formadas na área e, certamente, preocupadas na composição de suas práticas docentes. Acompanhou também o outro professor que estudava no curso de Filosofia. Entretanto, segundo ela, esta situação era muito comum na rede estadual paulista. Ou seja: a Sociologia lecionada por pessoas com formações diversificadas cujas práticas são parte da constituição da disciplina escolar.

- f) Segundo relato de Leite, foram oitenta horas dentro da sala de aula, conversando com os docentes e também na sala dos professores e nos corredores da escola. Então, numa pesquisa de inspiração etnográfica, procurou observar o que se passava na sala de aula e anotava em caderno de campo as conversas e reflexões realizadas com outros professores (LEITE, 2014 op. cit., p. 17).

Como já foi dito acima Leite reforça que o método etnográfico lhe serviu de inspiração para planejar e organizar a sua pesquisa na sala de aula durante o semestre letivo. Sublinha que fez diferente do antropólogo Bronislaw Malinowsk que, em sua obra sobre as Ilhas Trinidad, ao discutir os métodos para uma investigação etnográfica sugere ao pesquisador imaginar ser “o principiante sem experiência anterior, sem nada para o guiar e ninguém para o ajudar” (MALINOWSKI, 1976, p. 19 apud, LEITE, 2014, p.17).

Leite afirma que realizou suas observações de campo com base em questões que há tempo lhe acompanhava tanto por conta de sua pesquisa de iniciação científica, realizada entre 2009 e 2010, quanto pela sua vivência no magistério. Em nota de rodapé, explica que essa pesquisa de iniciação científica se ateve a análise do uso da fotografia nos Cadernos de Sociologia para o Ensino Médio, produzidos pela Programa São Paulo Faz Escola.

Sobre as análise das imagens presentes nos Cadernos de Sociologia, a autora afirma que “levantou várias questões relacionadas ao ensino dessa disciplina, como por exemplo, a forma

como os docentes eram tratados pelo material didático” (LEITE, 2014, p. 18). Acrescenta que acompanhou a docente e que a mesma sempre esteve disposta a lhe ajudar propondo inclusive observações que muitas vezes lhe ajudaram a reformular questões de pesquisa. Neste sentido, só depois de coletar o material requerido da pesquisa de campo, adverte Leite, foi preciso ela se distanciar de algo muito familiar. Segundo a mesma, reforçar “tal distanciamento exige trabalho árduo e que em muitos momentos é impossível ser alcançado” (IDEM, IBDEM). Daí que a autora trata de descrever a trajetória percorrida com o intuito de tornar mais “objetivo” o “trabalho realizado” (IDEM, IBDEM) [Grifos da autora].

Já no primeiro capítulo de sua dissertação, Leite se propõe pensar o ensino da Sociologia dentro do formato de disciplina escolar, procura refletir sobre o sentido daquilo que os estudantes estão aprendendo sem esquecer as especificidades que rondam essa disciplina; portanto, analisando-a como parte da cultura escolar marco que pode impedir que ela possa ser vista como mera reprodução ou adaptação de algo produzido fora da escola. Para tanto, a autora se apoia em sua análise, em autores do campo da história e da Sociologia da educação, tendo como foco pensar o lugar da Sociologia do Ensino Médio (LEITE, 2014, p.20).

Depois dessa reflexão daquilo que se ensina aos alunos/as e qual o lugar da Sociologia como parte da cultura escolar, Leite indaga sobre o currículo para disciplina de Sociologia, mas partindo de uma análise mais abrangente sobre o papel da escola. Nessa parte do trabalho, a autora aborda questões referentes ao currículo do Estado de São Paulo e ao material didático utilizado em sala de aula, considerado este, como elemento da cultura escolar e bastante importante pela sua influência nas práticas docentes (IDEM, p. 21).

No capítulo seguinte – capítulo III, Leite vai refletir sobre as práticas docentes e a partir de dois princípios que estão presentes da proposta curricular do Estado de São Paulo: “desnaturalização” e “estranhamento”, ela quis verificar que como estes princípios norteiam as estratégias utilizada pelos professores especificamente pela professora da disciplina que ela acompanhou durante a pesquisa de campo. Dessa forma, segundo Leite foi possível problematizar o espaço da escola “entendendo os elementos da cultura material escolar presentes no cotidiano de sala de aula como constituidores de práticas docentes” (LEITE, 2014, p. 21).

Nessa direção a autora assevera que “a dinâmica da sala de aula faz o professor se questionar sobre seus planejamentos, propostas curriculares e expectativas sobre os alunos e as alunas” (IDEM. IBDEM).

Com relação ao resultado da pesquisa, verifica-se que as análises das práticas docentes do ensino da Sociologia “podem ser vistas como local de criação docente e importante contribuição para os debates e pesquisas sobre a Sociologia do Ensino médio”. (IDEM. IBDEM). Relata a pesquisadora que no dia em que esteve na escola e após o intervalo entre uma e outra aula, “a professora coloca pela última vez a pergunta sobre como fazer os conteúdos da Sociologia ter sentido para os/as alunos/as. Como dar sentido de modo que os/as alunos/as não o vejam como algo a mais para decorar? Como abordar os conteúdos de Sociologia em sala de aula como parte do cotidiano dos/as alunos/as”? (IDEM. IBDEM). Perguntas que parecem expressar em certas medidas as angústias docentes na busca por “dar sentido” entre os conteúdos propostos para a disciplina Sociologia, relacionando-os as realidades dos/as alunos/as, mas sem banalizá-los (LEITE, op. cit. p. 96).

Assim segundo Leite a partir da própria pergunta da professora – “faz sentido?” - referente as suas práticas em sala de aula e o êxito dos objetivos pretendidos, retomar a proposta de Florestan Fernandes (1980) para o antigo ensino secundário e desta forma descartando a proposta de aquisição do conhecimento na forma enciclopédica; o objetivo era pensar como os conhecimentos seria apresentados aos/as alunos/as pela disciplina Sociologia de modo que os formasse para uma participação ativa para as atividades políticas (LEITE, 2004, p. 96). Nesse sentido defendia Florestan Fernandes que:

O ensino das ciências sociais no curso secundário seria uma condição natural para a formação de atitudes capazes de orientar o comportamento humano no sentido de aumentar a eficiência e a harmonia de atividades baseadas em uma compreensão racional das relações entre os meios e os fins, em qualquer setor da vida social (FERNANDES, 1980, p. 106 apud LEITE, 2014 op. cit. p. 97).

Depois dessa citação, vale a pena concluir este diálogo com Leite, a qual sublinha que abordagem do ensino da Sociologia como esta de Florestan Fernandes eram referências em seus diálogos com a professora e com a sua reflexão. Segundo ela:

O objetivo de desnaturalizar as relações sociais, perceber que as coisas nem sempre foram assim segundo a fala da professora, contribuiu com a formação que visa maior participação, possibilitando o/a aluno/a participar da vida política que o/a acerca. Este desafio configurou-se nessa pesquisa, principalmente, por meio do formato escolar inerente a constituição da Sociologia como disciplina. Uma vez que esse formato precisa ser compreendido dentro das culturas escolares, houve necessidade de observar o quanto estas se implicava nas práticas realizadas no cotidiano da sala de aula, o quanto interferiam na execução dos planos de ação (IDEM, p. 98).

Por outros caminhos e utilizando o método etnográfico, a autora situa a produção de Sociologia para os estudantes e para a professora no chão da escola, discutindo práticas docentes e levantando possibilidade e alcance dos objetivos pretendidos fundamentalmente, proporcionando aos/as alunos/as uma visão diferente do senso comum. Isto, naturalmente, leva os docentes a indagar constantemente em diálogo com os seus e as suas alunos e alunas que sentido teria para as suas vidas as aulas de Sociologia. Este fato deve ser a preocupação constante dos docentes que fazem acontecer a Sociologia escolar no nível do Ensino Médio. Como Leite, também busca-se avançar indagando igualmente com a professora que participou de sua investigação: Faz Sentido? Preferiu-se, no entanto, trabalhar numa perspectiva teórico-metodológica presente nas contribuições de Wright Mills quanto nas contribuições de Bauman, de se exercitar um Sociologia como prática discente e docente da liberdade. Desta forma e através deles, inclusive de Paulo Freire, adota-se a tradição platônica do diálogo como método, como procedimento mais adequado, e possivelmente menos unilateral de se sugerir aos alunos/as, procedimentos de desnaturalização e de estranhamento, ao contrário do que é feito com a própria ideia de “distanciamento” utilizada por Leite (IDEM, IDEM).

Neste sentido Paulo Freire utiliza, por exemplo, o termo admiração, ou melhor, maravilhamento, espanto, por que a partícula “ad” significa afastamento, tomar posição para ver ou conhecer, afastando-se do objeto para apreendê-lo de vários ângulos possíveis. Assim, pensar, refletir, será uma atividade que se dirige ao objeto e cogita torná-lo conhecível, apreendendo-o em várias e possíveis dimensões, aspectos e correlações de causas e efeitos.

1.4 Tempos de Diálogo: O olhar dos jovens sobre as experiências no Ensino Médio do IFRS, 2016

Na linha de trabalhos que refletem a finalidade e o sentido da disciplina do Ensino Médio, e particularmente, no Ensino Médio Integrado da Rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, Camila Siqueira apresenta um trabalho digno de louvor porquê bastante inovador ao retomar a categoria diálogo. Essa categoria é ao mesmo tempo pedagógica e metodológica no sentido dos procedimentos e levantamentos dos dados. Trata-se, portanto da dissertação de Camila Siqueira Rodrigues Pellizzer defendido no Programa de Pós Graduação da Universidade de Caxias do Sul – RS, intitulado: **Tempos de Diálogo: O olhar dos jovens sobre as experiências no Ensino Médio do IFRS, 2016.**

O trabalho além do tema, inova, nos métodos de pesquisa e na abordagem teórica, trazendo à discussão acadêmica o diálogo tanto no sentido pedagógico quanto no sentido conceitual, envolvendo vários autores com quem dialoga. De entrada antes do Resumo na página 06 a autora anuncia para que veio: “O diálogo é o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orienta-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar” (FREIRE, 1980, p. 23, apud PELLIZZER, 2016, p. 6).

Este trabalho de PELLIZZER tem muito a ver com nossa dissertação pela própria incorporação do diálogo no seu sentido metodológico, assim como, na sua dimensão político-pedagógico já que ensinar exige comprometimento, portanto, exige tomar partido, que implica tomada consciente de decisões consolidando-se pela práxis progressista e democrática em cidadãos de luta contra a ordem política, econômica e social injusta. Conforme a pesquisadora a sua dissertação:

Tem como objetivo analisar as múltiplas dimensões do diálogo experienciado pelos jovens estudantes no ensino médio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, afim de identificar as dificuldades encontradas para a promoção da escuta, como prática humana e educativa que transversaliza as culturas escolares (PELLIZZER, 2016, p. 08).

O problema da pesquisa pretende investigar como os jovens percebem e significa o diálogo na experiência do ensino médio integrado, em três campi do Instituto Federal do Rio Grande do Sul – se justifica, conforme a autora pelo crescimento de estudos acadêmicos que apontam diferentes sentidos atribuídos ao diálogo pelos jovens na trajetória do Ensino Médio. Portanto, o que está em jogo aqui como objeto de reflexão não é o ensino, nem uma disciplina, mas os procedimentos, o diálogo como método, afinal é muito comum se falar em diálogo como postura relacional professor versus alunos, superando modelos e projetos de escola que foca na memorização de conteúdos em que o professor é a figura ativa, somente ele fala, é o ator central e o aluno só ouve memorizando o que o professor sabe e transmite, receptor passivo de conteúdo.

A pesquisadora no primeiro capítulo faz uma discussão sobre o Ensino Médio Brasileiro, identificando os avanços e recuos, buscando localizar neste universo o Ensino Médio do IFRS, portanto, delimitando espacialmente e temporalmente seu objeto de estudo, para em seguida apresentar universo da pesquisa: o Ensino Médio Integrado do IFRS representado por

três Campi universitário, portanto, em traços largos, apresenta o contexto que envolve esse seu objeto de investigação.

Antes, porém, da caracterização do universo da pesquisa e de seu contexto a pesquisadora explicita a sua prática profissional no IFRS como orientadora profissional e nessa lida para além de disciplinas de suas salas de aulas, trabalha com toda a escola e, todas turmas de alunos. E nessa condição, ela diz que vem observando nos últimos anos muitos desafios na educação, sendo um deles a dificuldade de diálogo nos espaços escolares. Nessa direção ela afirma que tem identificado em vários estudos acadêmicos discussões sobre a falta de diálogo nesse nível da educação básica, fato que levou a mesma levantar como hipótese: a propagação de práticas antidialógicas em diferentes contextos escolares. (PELLIZZER, 2016, p.20).

Na verdade, está aqui de fato a problematização da pesquisadora: a falta de diálogo. É tanto que ela diz que, adentrando em pesquisas no âmbito acadêmico na área da educação divulgadas em periódicos e anais em diversos domínios, a mesma sentia estar visitando um universo juvenil complexo e diverso e necessitava de atenção nas práticas educacionais que ocorre no interior das instituições escolares (IDEM, IBDEM).

No entanto, conforme a pesquisadora, sua trajetória lhe fez pensar em investigar a seguinte hipótese com relação ao jovem no Ensino Médio: Como esses jovens percebem e significa o diálogo na experiência do Ensino Médio Integrado do IFRS, nos campus X, Y e Z? Destaca a partir dessa definição o objetivo geral, a seguir os objetivos específicos.

Compreender como as produções acadêmicas da área de educação tem abordado a temática sobre juventudes e ensino médio; identificar pela lente dos estudantes quais são as características das juventudes do IFRS; identificar pela lente dos estudantes, como é percebido ensino médio integrado no IFRS; analisar como as práticas escolares evidenciadas nas narrativas dos jovens promovem situação de diálogo e escuta (IDEM, IBDEM, op. cit., p. 22).

Além desse objetivo específico, a pesquisadora busca:

Evidenciar os fatores que dificultam a promoção do diálogo e da escuta no ensino médio e, detectar se há proximidade de opiniões sobre temáticas propostas para discussão (Juventude, Ensino Médio e Diálogo) entres os participantes dos três grupos focais (IDEM, IBDEM, p. 20).

Em Ensino Médio Brasileiro: Avanços e Desafios, a pesquisadora traça o quadro de transformações na educação brasileira para verificar o lugar do Ensino Médio nos últimos 20 anos quando se afirma uma conjuntura neoliberal de condução do Estado e das políticas

econômicas e sociais do país. Segundo ela, reforça-se através das políticas educacionais a ideia de que educação é um serviço e um campo de investimento, e não meramente um direito social e, portanto, de afirmação de cidadania. Tal guinada neoliberal se deu no governo de Fernando Henrique Cardoso “dois mandatos de 1994 a 2003”, acirrou o clima de lutas sociais pela educação como direito e não como mercadoria. Alarga-se o debate sobre a crise do Ensino Médio e questiona-se sobre sua identidade, finalidade e a questão da dualidade estrutural. Sucede o governo liberal de Fernando Henrique Cardoso o governo de Luís Inácio Lula da Silva. Este governo identificado com os movimentos sociais incluindo as lutas de estudantes, professores, intelectuais, artistas entre outros segmentos atingidos pelas medidas neoliberais abre novas perspectivas para a educação em um quadro de crise econômica.

Nesse sentido a autora revisita a primeira parte do capítulo as políticas públicas voltadas para o Ensino Médio, para na segunda parte apresentar proposta de um Ensino Médio público gratuito e de qualidade com intencionalidade de inclusão social. Assim, a autora supracitada busca contextualizar o surgimento da rede de escolas do IFRS, fato considerado um avanço em termos de superar vários problemas relacionados a identidade desta modalidade de ensino, o que implica em clareza quanto a sua finalidade e ao velho problema do dualismo estrutural.

Para a autora, no início dos anos 2000, além de criar políticas educacionais voltada para contemplar o estágio da ordem capitalista mundial, o próprio Plano Nacional de Educação, o governo FHC tinha como principal intencionalidade responder exigências do mercado de trabalho. No entanto, esse governo tinha deixado de herança uma enorme dívida social facilmente comprovada pelo agravamento de todos os indicadores sociais, “o pior período na história republicana desde Prudente de Moraes” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003 apud. PELLIZZER. op. cit., p. 30).

No ano de 2013, sob o governo Lula e por força das circunstâncias acima, estavam postos os desafios e perspectivas de formulação de políticas públicas concretas para a educação. O ministro da educação do novo governo, Tasso Genro, sinaliza rupturas com as orientações políticas do governo anterior e, implanta políticas de médio, longo prazo: Programa Universidade para Todos – PROUNI, lançado em 2004 e voltado para apoiar com bolsas de estudos alunos de graduação que desejassem cursar universidades privadas. Já em 2007 cria o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica – FUNDEB, em substituição ao FUNDEF que vingou este último entre 1997 e 2006. Além desses, o Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE lançado em 2007, ao qual devia se alinhar todos os programas e projetos na área de educação, bem como, os Estados e Municípios.

Uma destas inovações foi o decreto 5.154/04, modifica a lei de nº 6.394/96, propondo trazer de volta a possibilidade “de integrar o ensino médio à educação profissional técnica do ensino médio”. (BRASIL, 2007, p. 24 apud PELLIZZER op. cit., p. 30). Prosseguindo a narrativa de surgimento de Ensino Médio integrado, PELLIZZER sublinha que já em 2007 surge um documento intitulado “Educação Profissional Técnica Profissional de Nível Médio”. Este documento, representaria então, apontamentos para mudanças significativas no que diz respeito às políticas educacionais para essa etapa da educação básica. De acordo com tal documento:

A discussão sobre as finalidades do ensino médio deu centralidade aos seus principais sentidos – sujeitos e conhecimentos – buscando superar a determinação histórica do mercado de trabalho sobre essa etapa de ensino, seja na sua forma imediata, predominantemente pela vertente profissionalizante; seja de forma mediata, pela vertente propedêutica. Assim, a política de ensino médio foi orientada pela construção de um projeto que supere a dualidade entre formação específica e formação geral e que desloque o foco dos seus objetivos do mercado de trabalho para a pessoa humana, tendo como dimensões indissociáveis o trabalho, a ciência, a cultura e a tecnologia (BRASIL, 2007, p. 06 apud PELLIZZER. op. cit., p. 30-31).

Este documento oportunizado por tal conjuntura política não somente ia em direção contrária as orientações neoliberais e privatistas do governo federal anterior, não somente representado o dualismo estrutural da educação brasileira desde de Gustavo Capanema, ministro de Getúlio Vargas, uma escola para os trabalhadores e pobres e uma outra de formação geral e erudita para formar elites dirigentes. Nas palavras de PELLIZZER, essa articulação entre ensino médio e educação profissional lança novas perspectivas para jovens estudantes. Passaria, portanto a ser ofertada, durante o percurso escolar representando a educação profissional um novo olhar na formação do conhecimento humano haja visto não se direcionar apenas para o trabalho. Neste sentido, a sua relação com o mundo do trabalho não podia “ser confundido com a urgência do mercado de trabalho e nem o vínculo imediato com o trabalho produtivo” (FRIGOTTO, 2005 apud PELLIZZER, IDEM, p. 21).

Nessa mesma direção concorda com as críticas consideráveis de Frigotto e Ciavatta (2003, p. 120 apud PELLIZZER, IDEM, p. 31), com relação ao ensino pensado, até então, para estudantes brasileiros.

Coerentemente com as reflexões e experiências teóricos-políticas de especialista de trabalhadores da educação de todos os níveis do sistema educacional do país, acumuladas historicamente, cabe a defesa de uma escola unitária que supera o dualismo da organização social brasileira com consequências para a organização do sistema educacional. O que significa a superação definitiva da concepção que separa

educação geral, propedêutica, das específicas e profissionalizantes, a primeira destinada aos ricos e a segunda aos pobres (IDEM, IBDEM).

Até então, apesar desse avanço histórico que representa mais de meio século de lutas sociais por uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente inclusiva essa decisão política não reverteria de imediato a propalada crise de nível médio de ensino.

[...] essa mudança não diminuiu a taxa de repetência no país. O grande obstáculo de conclusão do Ensino Médio continua sendo a repetência e a evasão escolar, outros aspectos agravantes são as avaliações nacionais, SAEB e ENEM, e internacionais como o Pisa (Programme for International Student Assessment – Programa Internacional de Avaliação de Alunos), que mostram resultados negativos no Ensino Médio brasileiro (IDEM, p. 31).

Outra mudança, que toca diretamente nosso trabalho foi a obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia do Ensino Médio. Este fato representou um ganho em todos os sentidos das lutas sociais pela volta das disciplinas filosofia e, principalmente de Sociologia no Ensino Médio, para fazer frente às demandas de formação das novas gerações estudantis: Formação omnilateral associada a politecnicidade para fazer frente às exigências da revolução científica e tecnológica e suas repercussões na vida humana. Bem se sabe que ensino integrado, educação omnilateral e politecnicidade não são a mesma coisa. Já se viu que o Ensino Médio Integrado significou a superação da dualidade estrutural, assim como se falou, e se pôde entender essa ideia de educação voltada para superar a própria divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual. Já politecnicidade, pode ser mais polêmico, mas pode significar uma educação que contemple todas as dimensões da vida humana, que incluem as diferentes formas de conhecimentos e de saberes tanto em suas formas tangíveis como intangíveis, codificáveis e tácitas. Educação omnilateral estaria, por seu turno, ligada a formação de um sujeito humano, crítico e emancipado, dotado de autonomia moral e intelectual, livre. A autora não deixa de mencionar o Ensino Médio inovador e que apresentava algumas estratégias para melhorar a educação. Para os formuladores desse projeto, entre outras coisas, ele teria como meta se pensar um Ensino Médio para todas classes sociais e com base na constatação de que se tinha o desafio de abranger todas as realidades sociais nas quais os estudantes estavam inseridos. Portanto, já nesse projeto já estava embutido a ideia de uma escola unitária e politécnica, além da necessidade de superação do dualismo de que se falou mais assim.

A partir de 2009, segundo Pellizzer, o ENEM passa a ser utilizado como mecanismo de ingresso nas universidades. Outras políticas vão sendo lançadas para dar respostas as necessidades para as realidades sociais brasileira, tais como: O Programa Nacional de Acesso

ao Ensino Técnico e ao Emprego – PRONATEC. Este foi lançado mediante a Lei de nº 12.513/2011, já pelo governo de Dilma Rousseff. O programa pretendia ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica e ao mesmo tempo apoiar os egressos com programas, projetos e ações de assistência técnica financeira. Então, no governo da Dilma Rousseff, segundo Pellizzer, o ensino técnico surge apoiado na perspectiva de empregabilidade podendo ser um instrumento nas mãos das classes trabalhadoras caso se proponha a dar espaço para a formação da consciência crítica e entendimento do mundo do trabalho. (WALDOW, 2014, p. 14 apud PELLIZZER op. cit., p. 33).

Em 2011 além do PRONATEC, e a vez também de serem atualizadas as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio – DCNEM, em função nas diversas mudanças ocorridas na legislação, bem como, das transformações ocorridas no mundo do trabalho. Assim, as DCNEM deveriam:

[...]possibilitar a definição de uma grade curricular mais atrativa e flexível, capaz de atrair o aluno para o ensino médio e combater a repetência e a evasão. Nessa direção, sugere-se uma estrutura curricular que articule uma base unitária com uma parte diversificada, que atenda à multiplicidade de interesses dos jovens (MOEHLECKE, 2015, p. 53 apud PELLIZZER op. cit. p. 33).

Há nessa conjuntura inaugurada politicamente pelos governos do Partido dos Trabalhadores – PT, portanto, toda uma agenda de mudanças e, orientadas especificamente para as juventudes brasileira. Por exemplo, ao mesmo tempo que o ensino médio ganhava uma identidade como etapa final da educação básica, essa etapa de ensino é também reconhecida como direito a ser garantido aos estudantes:

O ensino médio como etapa conclusiva da educação básica, que contempla a idade de 13 a 17 anos, só foi efetivamente reconhecido a partir da emenda constitucional nº 59/09 e incluída no texto atual da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em abril de 2013. Portanto, é recente o reconhecimento do ensino médio como um direito a ser garantido aos estudantes (IDEM, IBDEM).

Contudo, inicia-se os ataques aos avanços das DCNEM atualizadas em 2012 mediante a publicação da Resolução CEB nº 02/12, essas novas mudanças tinham superado a ênfase mercadológicas de sua primeira versão reforçada pela publicação da Resolução CEB nº 03/98. Esta indicava mudanças curriculares que deveria contemplar as competências básicas do tempo do governo FHC, bem como, conteúdos e forma de tratamento de conteúdos organizando-se nos princípios pedagógicos da identidade, da diversidade, da autonomia, da interdisciplinaridade e da contextualização. Tal retrocesso encoberto no nível do discurso

político ideológico do currículo organizado segundo uma pedagogia das competências. Pois bem, enquanto a Resolução CEB n° 03/98 alinha-se com os interesses privatistas na área de educação e no nível internacional, com a Organização Mundial do Comércio – OMC, que impunha a ordem neoliberal no mundo e definição da educação como mercadoria; a Resolução CEB n° 02/12, alinha-se com a educação como direito social e, de certa forma, no plano internacional alinhava-se com as posições mais avançadas da UNESCO, a qual publica documentos que de certa forma contraria as posições neoliberais da OMC. Assim, segundo DELORS (2010, p.3 apud PELLIZZER, op. cit. p.35), a UNESCO à época, preceitua que:

A educação secundária deve ser repensada nessa perspectiva geral de educação ao longo da vida. O princípio essencial consiste em organizar a diversidade em opções, sem que seja fechada a possibilidade de um retorno ulterior ao sistema educacional.

Para os movimentos sociais que defendem o Ensino Médio, que ofereça uma formação relevante para a classe trabalhadora, o desafio que se colocava naquele momento, era oferecer a juventude a universalização do Ensino Médio com qualidade social. E, desta forma, “superando o barateamento e a desqualificação da educação da maioria dos jovens que frequentava o ensino médio não profissionalizante”. Vale destacar, entretanto, que o problema não está na formação humanista e científica, mas na forma como ela se objetiva (COSTA, 2013, p. 194 apud PELLIZZER op. cit., p. 36).

Vale salientar que, também como demonstra a autora, essa juventude que requer essa educação de qualidade pensada para o longo da vida e com qualidade social não é uma juventude qualquer, invisível e não contabilizada nas estatísticas populacionais brasileiras. É o grosso da população jovem do país e que representa uma força vital, assim como, o futuro imediato do país, de sua econômica e de sua sociedade: nada menos que 51 milhões de jovens, representando 26% da população total, um pouco mais de $\frac{1}{4}$ dos duzentos milhões de brasileiros. Portanto, uma grande parcela do que se chama de população atualmente ativa. Essa parcela vital de nossa população teria segundo Pellizzer “características próprias e diferentes formas de expressão; elas participam de maneira ativa na sociedade, resultando nisso a garantia de políticas públicas de diferentes épocas corroborando os direitos garantidos em lei” (PELLIZZER, op. cit. p. 36).

Mas, conforme a supracitada autora, destes 26% da população brasileira, somente 54,3% consegue concluir o Ensino Médio até os 19 anos. Dados alarmantes serão apresentados com indicadores de evasão escolar, portanto de exclusão de parcelas significativas desses jovens do

Ensino Médio ao completarem até 19 anos. Em 2007 apenas 46,5%, em 2010: 51,9% e em 2012: 54,3%. Verifica uma melhoria relativa, mas os números de exclusão permaneceram altos aos longos de 5 anos (IDEM, p. 35).

Contrariando, todos os esforços de inclusão social e de garantia de uma educação de qualidade para essa parcela vital da população brasileira, eis que já no ano de 2013 surge uma proposta de mudança da LDB, a PL 6.840/13, que reformula o Ensino Médio e “interessa sinalizar a presença de interlocutores externos aos órgãos do governo neste cenário e atribui-se ênfase a recente reação do Movimento Nacional de Defesa do Ensino Médio” (RIBEIRO, 2016, p. 01 apud PELLIZZER op. cit., p. 36). Essa PL 6.840/13, implicava organização do currículo do Ensino Médio em áreas do conhecimento entre outras providências e que representava um imenso retrocesso como a ideia de ênfases implicando um retorno a organização curricular dos tempos da ditadura militar de 1964, além de ameaças a direitos assegurados, como por exemplo a volta da compulsoriedade do tempo integral, ameaçando o abandono escolar por parte dos que estudam e trabalham ao mesmo tempo. Desta forma, a exclusão de parcelas ainda maior dessa população estava à vista, ao passo que se reduzia gastos com educação, estava criado o Movimento Nacional de Defesa do Ensino Médio conforme Ribeiro (2010, p. 10 apud PELLIZZER, op. cit., p. 36).

De lá para cá, e bem logo depois do impeachment da presidenta eleita pelo voto popular amplia-se os ataques as duras conquistas conseguidas desde o final do governo FHC [...] e durante os mandatos Lula - Dilma.

Essa digressão histórica foi importante para situar as resistências e sonhos de mudanças que se faz realidade no caminhar. É preciso esperar como diz o mestre Paulo Freire, mas como diz a autora deste texto destacado nessa revisão bibliográfica:

Não cabe em condições definitivas a respeito desses processos, porém percebo o impasse para o estabelecimento de continuidade nas políticas educacionais as quais foram criadas entre governo e outro, além de profunda distorções em relação ao ensino profissionalizantes nos discursos políticos, porém não priorizadas (IDEM, IBDEM, p. 37).

Prossegue:

A falta de identidade própria em sua essência é outro fator a ser considerado não é suficiente apenas reformular a legislação para transformar realidades educacionais. O principal obstáculo que enfrentamos é uma sociedade dividida nas relações estabelecidas entre o capital e o trabalho a legislação recente ainda mantém a lógica

da escola estruturalmente dualista. Não obstante nota-se mudanças pertinentes no que tange as políticas para o ensino médio, (PELLIZZER, op. cit. p. 39).

Tem-se consciência de que o Ensino Médio foi esquecido e por muito tempo foi colocado como algo de importância secundária na educação nacional conforme a autora supracitada só recentemente houve uma superação na dualidade e fragmentação no âmbito curricular. Neste sentido o Ensino Médio teria passado “agora a ser reconhecido como um dos principais gargalos da Educação brasileira e uma etapa do ensino estratégico para o desenvolvimento do país”, convergindo com Corti (2009, p. 35 apud PELLIZZER, op. p. 39).

O problema de pesquisa de Pellizzer coloca-se, portanto, nessa análise macro que terminou-se de realizar. A autora se preocupa com as possibilidades que tem o Ensino Médio integrado como exemplo emblemático de políticas públicas que avançaram e continua resistindo nos enfrentamentos com as chamadas reformas neoliberais. Todavia, a autora, volta-se para dentro do Ensino Médio, especificamente estudando três campi do IFRS para verificar as possibilidades que o diálogo teria no âmbito macro daqueles campi universitários. Enquanto o presente estudo observa a produção de sentido da Sociologia do Ensino Médio integrado para os estudantes sob a coordenação do professor já que ensinar exige responsabilidade para o diálogo (FREIRE, 2019); Pellizzer está preocupada em investigar como os jovens percebem e significam o diálogo na experiência do ensino médio integrado. Enquanto em a pesquisa trabalhou apenas um campus do IFPB e com o sentido da Sociologia a partir da sala de aula, em três anos de docência; Pellizzer está preocupada em investigar como os jovens acolhem as diferenças e são capazes de diálogo na experiência no Ensino Médio integrado como um todo em três unidades do IFRS. A sua justificativa está na constatação do próprio crescimento dos estudos acadêmicos que aportam diferentes sentidos atribuídos ao diálogo pelos jovens na trajetória do Ensino Médio. Para a gente aqui a pergunta se dá a própria hipótese de trabalho: Qual é o sentido para os estudantes do IFPB da disciplina Sociologia no Ensino Médio integrado? Muito mais que atribuição de finalidade e sentido os agentes, suas políticas, planos, programas e projeto os quais terminam reproduzindo sentidos da própria lógica de educação sobre o capitalismo e os mandatários do Estado. Nesse trabalho procurou-se investigar que sentido faz a Sociologia para professores e estudantes no dia a dia da sala de aula. Pellizzer se propõe analisar as múltiplas dimensões do diálogo experienciadas pelos jovens no Ensino Médio afim de identificar as dificuldades encontradas na promoção da escuta como prática humana e educativa que transversaliza nas culturas escolares. Para tanto ela indaga sobre a performatividade e outras práticas contemporâneas no cenário educacional. A autora quer

identificar e observar outras práticas escolares essencialmente dialógicas por parte dos seus educadores. Portanto, se tem nos educadores o foco e não nos estudantes. Bom, o que se tem aqui em mira na ótica da pesquisadora é um trabalho de orientação educacional que avalia trabalhos de outrem e não a nossa perspectiva que são os sujeitos do ato de estudar e aprender avaliando a sua própria experiência. Para tanto, a pesquisadora faz a revisão bibliográfica intitulada “Juventude, Ensino Médio: Um Estado da Arte”, cujo autores mobilizados para este debate temático foram delimitados a produção regional da região sul do país, e, basicamente as edições ANPED Sul entre 1999 a 2014. Em seguida traça um rico referencial teórico pelo número de autores que mobiliza: DAYRELL (2003, 2006,2009, 2011, 2014); CARRANO (2000, 2009); SPOSITO (2002); SALVA e STECANELA (2006) STECANELA (2010, 2013, 2016); PAIS (1990, 2003, 2005); TOMAZETTI (2014); SCHLICKMANN, (2010, 2012, 2014); BUBER (1977, 2009); CARBONARA (2013); GADAMER (2002, 2004, 2007); FREIRE (1980, 1992, 2002, 2009); HERMANN (2014). Estes autores como reconhece a investigadora trazem aportes que subsidiam o seu trabalho, tanto no campo filosófico quanto no campo da educação. Assim, segundo ela, numa perspectiva dialógica discute as contribuições de tais atores no que concerne aos conceitos de diálogo, experiência e encontro inter-humano E com isso busca “uma reaproximação entre os sujeitos jovens e seus educadores no contexto escolar como forma de reencontro. Além disso, exemplifica diferentes diálogos educacionais presentes no cenário educacional. (IDEM, IBDEM, p. 23).

Um ponto importante no trabalho da supracitada pesquisadora é que ela associa as possibilidades de diálogo a conjuntura atual da educação brasileira. Adverte que tanto sujeito que constitui os espaços escolares por mudança quando a educação necessitou fazer ajustes a legislação. Parece um pouco contraditório esse último aporte da educadora, quando essa legislação é explicitamente é contrária ao Ensino Médio Integrado. Aliás, se tem que enfrentar de cara quem são os produtores dessa mudança. Quem é essa juventude? Então, o ator e contexto são dois elementos chaves para se verificar as possibilidades de diálogo como conceito ontológico no sentido da abertura ao outro e ao mesmo tempo de abertura curiosa, indagativa e criativa diante da vida e de seus desafios. Dessa forma, quais as possibilidades que essa juventude teria diante a vida líquida moderna nos termos de Bauman (2017) Quais são as possibilidades, diga-se da dimensão utópica do diálogo como condição existencial dos seres humanos numa conjuntura histórica em que:

As organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamentos aceitável) não pode

mais manter a sua forma por muito tempo (nem se espera que o faça), pois se decompõe e se dissolve mais rápido do que o tempo e leva para moldá-las e, por sua vez, reorganizadas para que se estabeleçam (BAUMAN, 2017, p.7).

E mais:

É pouco provável que essas formas que já estão presentes ou apenas vislumbradas, tenha tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir de arcações de referências para as ações humana, assim como, para as estratégias existenciais a longo prazo em razão de suas expectativas de vida curta (IDEM, IBDEM).

E, com efeito “[...] uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um projeto de ‘vida’ individual” (BAUMAN, 2017, p. 07).

Nessa realidade neoliberal, alavancada pela revolução científica e tecnológica da informação e da comunicação, pode-se portanto, perguntar qual é o lugar do Estado através de instituições de formação humana e de criação cultural, como seria o caso da escola quando o futuro é “incerto” o fracasso para enfrentá-lo e o infortúnio diante do solapamento da solidariedade social, é jogado sob a responsabilidade do próprio indivíduo?

Bauman, completa assim, esse diagnóstico, embora que resumido para efeito de exemplificação nesse diálogo Pellizzer:

Os laços inter-humanos que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesse individuais e imediatos (o do que poderia ser visto como sendo de interesse de indivíduos), se tornaria cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários, a exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão de obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade. Incentiva as atitudes competitivas ao mesmo tempo que rebaixa a colaboração e o trabalho em equipe à condição de estratégias temporários que precisam ser suspensos ou concluídos no momento em que esgotaram seus benefícios (IDEM, p. 9).

Os trabalhadores da educação e por extensão os alunos são as vítimas mais contumazes desse modelo, dessa realidade. Mas, suas organizações sociais existem para tecer novas utopias, razão mesma da formação humana para além da subsunção do trabalho ao capital, e dos caprichos de suas revoluções estruturais. Então qual é o modelo de Institutos Federais que se desenhou e qual é o papel utópico da educação nele? E quem é contra?

A sociedade é cada vez mais vista e tratada como uma “rede” em vez de uma “estrutura para não falar em uma totalidade”: ela é percebida e encarada como uma

matriz de conexões e desconexões aleatórias e de um volume essencialmente infinito de permutações possíveis (IDEM, p. 9).

Performatividade outros jovens e outras práticas. Tantos os sujeitos que constituem os espaços escolares passaram por mudanças, quanto a própria educação que apresenta suas formas de resistência e necessitou fazer ajustes, para continuar se mantendo como um fator de formação de mão de obra e de uma resposta possível ao direito ao trabalho digno de todas as pessoas “[...] um direito humano que propicia por sua formação geral, condições melhores para a vida e pela participação política e social (HADADD, 2013, p. 8 apud PELLIZZER, op. cit., p. 74)”.

Nessa direção diagnóstica de seus efeitos a supracitada autora identifica o porquê das mudanças recorrentes da educação das últimas décadas. Assim, ela concorda com a leitura de Silva de que ao que parece “ocorre um deslocamento do caráter coletivo dos processos escolares para os individuais” (SILVA, 2013, p. 697). Esse autor segundo PELLIZZER, assevera que a própria escola induz prática tanto individuais, como coletivas que se atenuam para disputar entre quem são os melhores entre eles, e também proporciona avaliações constantes de si e dos outros por meio de atividades em que entra a competição e nota (PELLIZZER, op. cit., p. 75).

Acrescente ainda a supracitada autora que é:

[...] notável como nas esferas sociais e privadas vem se regulando e se naturalizando modos de ser, pensar e executar ancorados em princípios de competitividade e performatividade que atinge a maior e a menor proporção dos jovens (IDEM, IBDEM).

Assim, a autora cita BALL (2010), para quem a humanidade está no rumo de uma sociedade performativa. Segundo este autor seria:

[...] uma tecnologia, uma cultura e um modo de regulação, e mesmo tal como define LYOTARD, um sistema de “terror”, sistema que implica julgamento, comparação e a exposição, tomados respectivamente como formas de controle, de atrito e de mudança (BALL, 2010, p. 38 apud PELLIZER op. cit., p.75).

Neste sentido, existe uma realidade em que cada vez mais os seres humanos adentram em um cenário de competição sob a ótica de que quanto mais se destaca mais pode alcançar reconhecimento e, o outro que se dane. Nestes termos o que importa é ter resultados de performances e que sirvam como medidas de produtividade e de resultados, como formas de

apresentação da qualidade ou momentos de promoção e inspeção (BALL, 2010, p. 38 apud PELLIZZER op. cit., 75).

Exemplificando a autora toma a obra de PAIS (2005, p.22), intitulado “Ganchos, Tachos e Biscates: Jovens, Trabalho e Futuro”, no qual retrata o cotidiano em busca de um trabalho seja ela ele legal ou ilegal, formal ou informal, legítimo ou ilegítimo num labirinto que é a forma como a vida se constitui. Esses jovens seriam lançados para a vida real e ativa. É tanto, segundo a autora em epígrafe que BALL relaciona o jogo com a própria vida do jovem:

Por vezes, o caminho não é tão rápido (fast lane) quanto se supõe. Faz parte do jogo (o que a vida é). Apenas os mais hábeis conseguem a rapidez para atingir os seus objetivos – o que pressupõe que os adversários fiquem pelo caminho. Mas, o mais provável é que tenha de aproveitar quaisquer ganchos ou biscates. Convém, então, enfatizar o caráter crescentemente performativo das culturas jovens e das transições dos jovens para a vida ativa acentuando a sua aleatoriedade e diversidade. O que entre os jovens parece cada vez mais estar em jogo é o jogo com a própria vida, é uma ética de vida que a toma como aventura (PAIS, 2005. p. 22 apud PELLIZZER op. cit., p. 76).

Dessa forma segundo PELLIZZER:

BALL (2010) e PAIS (2005), mostram uma cultura disseminada pela lógica do reconhecimento, visto que o jovem entra em um jogo em que o adversário pode ser tanto ele mesmo quanto outros indivíduos, e tais disputas acontecem pela própria sociedade que enaltece tais práticas e pelas necessidades que o jovem enfrenta na vida cotidiana (IDEM, IBDEM, p. 75).

Tendo, Krawczyk (2014, p. 37) como referência, Pellizzer sublinha que as organizações educacionais englobam redes e níveis, mais não escapam das performances atraídas pelo capital financeiro e objetivando implantar determinada ideologia nas escolas e sistemas educacionais também públicos. Tecnologias que lhes favoreçam como fração hegemônica do capital em nível mundial. Razão pela qual tais mudanças na educação e seus espaços de socialização fizeram e faz com que as juventudes não seja mais a mesmas. Isto implica que nesse cenário traçado acima os estudantes são outros, as juventudes que se configuram nos espaços escolares são outras. Daí conforme Pellizzer, a necessidade de se investigar como essas juventudes estão constituídas, como organizam seus modos de vida e constrói suas relações com outros indivíduos em diferentes espaços sociais (IDEM, p. 76). Apesar de todas essas argumentações acima, a autora acredita que: “os jovens atualmente apresentam uma criticidade acentuada em relação as gerações anteriores, carregada de pluralidade de ideias e posições” (IDEM, IBDEM).

Então, apesar dos pesares, a autora acredita que é possível enxergar que esse momento “é o momento próprio de experimentações, de descobertas e testes das próprias potencialidades e demandas de autonomies que se efetiva no exercício de escolhas” (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 117 apud PELLIZZER, op. cit., p. 77). Em seguida a autora vai caracterizar as gerações. Assim, por exemplo, a geração contemporânea (X ou Z) dependendo da literatura, apresentaria características pessoais comuns levantadas na literatura:

[...] tais como autoconfiança, foco no sucesso pessoal, independência, imediatismo, autenticidade ou relações numerosas conduzem para um ponto comum: Elas tendem a caracterizar comportamentos que valorizam a igualdade (liberdade de escolha, tolerância), bem como foco nas conquistas pessoais (autoconfiança, impaciência, consumismo). Na verdade essas características representam bases das culturas individualistas, em que a independência prevalece sobre o pertencimento a grupos específicos e as pessoas tem princípios; indistintas, tem seu valor associado a suas conquistas pessoais (VALENTE, 2011, p. 24 apud PELLIZZER, 2016, p. 78).

Concluindo essa apresentação das gerações, segundo Pellizzer (2017, p. 79) os jovens estariam, então, convidados a se fabricarem em seu cotidiano. E consonante com isso BALL (2010, p. 50) afirma que representamos cada vez mais e encenamos nossas individualidades nos termos da nossa produtividade e das tabelas de performance. E, assim sendo, “a disseminação de práticas performativas podem ser vistas sobre um anglo asseverativo enraizadas no modelo capitalista em que o lucro e o consumo intensificam-se, ainda assim, avaliações e resultados de projetos apresentados para despertar quem são os melhores entre eles e também propiciar avaliações constantes entre eles e os outros” (PELLIZZER, op. cit. p. 75).

Entre outras questões Pellizzer afirma que vale retomar o papel do Ensino Médio e sua perspectiva de formação dos jovens para a cidadania, quanto humana, papel esse repleto de significados para esses jovens no espaço escolar e em sua trajetória nesse nível de ensino. Nessa trajetória, os jovens tendem em transformar esses espaços físicos em espaços sociais, pela produção das estruturas particulares de significados. (DAYRELL; CARRANO, 2014, p. 119).

Aqui, nota-se que as propostas de investigação da supracitada autora convergem com as nossas no sentido de que a produção de sentido do Ensino Médio Integrado para os jovens a que se destina, é produto das ações e realizações que tecem no cotidiano de sua vida escolar, transformando os próprios espaços físicos em espaços sociais, como se viu acima e, pela produção de estruturas particulares de significados conforme Dayrell, Carrano, acima citados.

Tais espaços sociais seriam transformados segundo Pellizzer, pelos jovens por intermédio de suas ações e constituídos pela linguagem e mais especificamente pela palavra,

palavra essa segundo Paulo Freire “não deve ser privilégio de poucas pessoas, mas direito de todos os homens e mulheres, os homens se fazem pela palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2002, p. 78 apud PELLIZZER op. cit., p.81). Então, fazer-se pelas palavras é fazer-se pela linguagem, pois vivemos na linguagem, é nela que se dar a experiência existencial dos homens (FLICKINGER, 2014, apud PELLIZZER op. cit. p.81).

Concluindo essa parte em que a supracitada apresentadora apresenta a juventude, público do IFRS, a interlocutora desse dialogo diz que é preciso entender que se está diante de outros sujeitos e também de outras culturas na contemporaneidade. É preciso entender que o jovem vive em um mundo radicalmente novo e com outras categorias de inteligibilidade, que ele próprio ajuda a construir, ao contrário dos adultos como pode ser o caso dos próprios professores e professoras que sofreria de forma mais direta o impacto das retóricas do passado.

E, continua dizendo que nessa perspectiva, os profissionais da educação precisariam repensar as suas práticas escolares cotidianas a começar pela compreensão das mudanças nos processos de socialização dos jovens, e ao mesmo tempo, buscar o reconhecimento de seus saberes, de suas experiências e culturas. Sobretudo, abrindo possibilidades para escuta-los, já que muitos conflitos entre os jovens e professores seriam provocados pelas dificuldades, “dificuldades de traduzir sinais que não conseguem decifrar” (IDEM, p. 82). [...] esta forma seria preciso criar ambiência de diálogos que sejam capazes de incentivar que os jovens tomem a palavra no sentido de Paulo Freire. Tomar a palavra em Paulo Freire, significaria, portanto, a constituição de sujeitos da ação-reflexão que exige saber e escutar:

“Escutar a si e ao outro se torna, portanto, a condição para o reconhecimento e a comunicação. Propiciar espaços-tempos educativos e promover processos de aprendizagem para que os sujeitos reconheçam a si mesmo e aos outros deveria ser a meta prioritária das instituições escolares” (CARRANO, 2009, p. 15).

Por “atalhos” diferentes, esses autores advogam o que se fez na sala de Sociologia do IFPB – e que motivou nossa dissertação: avaliar, professores e alunos a experiência de três anos de caminhada e na qual o diálogo foi adotado como método e foi posto em prática; diálogo é escuta de ambas as partes levando os participantes para além do senso comum e sempre naturalizado pelas rotinas cotidianas.

Prosseguindo a sua dissertação, Pellizzer apresenta os procedimentos metodológicos, que segundo ela estão ancorados na pesquisa qualitativa em educação. Na prática ela adotou a técnica dos grupos focais e, através de tais procedimentos se propôs a escutar e discutir

determinados assuntos entre os participantes. Tais assuntos na verdade são produtos do processo de categorização como passo para organizar o debate e aprofundar os temas. É parecido, já que ela fala tanto de Paulo Freire, com a tematização das situações-problemas identificadas em primeira mão, na leitura do mundo e a partir de experiências vivenciadas pelos estudantes do IFRS. Categorizadas, os temas são debatidos e aprofundados para além da realidade imediata.

Portanto, cada um e cada uma, ali, ao apresentar suas narrativas a começar por qual razão ali estão, terminam construindo ambiência dialógica e na qual, ator e diálogo identificam-se na comunicação. Comunicação do termo latino “comunicare” que significa, então, partilhar algo, participar algo, tornar comum e, depois debater esse algo em comum aprofundando para elevar-se além desse algo comum identificado com o próprio senso comum, e isso pressupõe categorização. Portanto, o problema está nos procedimentos que começa com as descobertas das categorias que a nosso ver não pode perder o fundamento da consciência dialógica de todas as etapas e passos do processo.

Na análise das narrativas produzidas pelos grupos focais, a autora utiliza os procedimentos da Análise Textual Discursiva de Moraes e Galiazzi (2011 apud PELLIZZER, 2016). Mediante essa análise textual foram construídas 13 categorias temáticas, as quais contemplam assuntos que fazem parte do cotidiano do Ensino Médio Integrado IFRS, mas que não eram visualizados pelos autores participantes do diálogo promovidos pelos ditos grupos focais. Essas categorias são: Juventudes: Um Estado de Espírito; Uma Geração Interconectada: O Receio de Ficar Sozinho; O Encontro Geracional: Os Mais Velhos como Referência nas Relações Juvenis; Um Ensino Médio Distinto; Do Engajamento a Compensação; O Pensar Sobre: o Exercício para uma Consciência Crítica; Um Currículo Voltado para Interdisciplinaridade; Cultura Performativa: Uma Outra Cultura Escolar; O Diálogo como Meio de Aproximação; Negação a Escuta: Um Ato Opressor; Escutar e Ser Escutado no Grupo Focal e a Oportunidade de Aprender com o Grupo.

O resultado da pesquisa segundo a autora sinalizou que na contramão das hipóteses comumente levantadas os jovens narram na presença de práticas dialógicas e significativas. Ou seja, tomam a palavra. Mas, tomar a palavra é superar por exemplo a aceitação passiva e ao mesmo tempo em que pese a visualização de questões até então invisíveis, ocultas ou indizíveis no chão das experiências cotidianas.

Além disso, a autora identificou no interior das instituições escolares pesquisadas uma juventude performativa, engajada e que busca ser reconhecida em um Ensino Médio distinto e compensatório em relações as demais instituições que ofertam essa etapa final da educação básica.

A autora nessa jornada de construção e realização de sua dissertação partiu do pressuposto de que os jovens estão buscando a compreensão de seus educadores no sentido de ser jovens numa totalidade e não apenas na figura de aluno, de um nome, de um número, ou são jovens com uma identidade própria como sujeitos marcados por singularidades (PELLIZZER 2016, p. 19). Com esse pressuposto, a autora acredita que “uma combinação de interação e compreensão sobre quem são esses jovens e como se apresentam possa abrir uma possibilidade de conhecê-los” (PELLIZZER, op. cit., p. 20). Para tanto ela usou instrumentos de diálogos com muitos autores para fundamentar sua hipótese de trabalho e esse objetivo de superar as dificuldades de diálogos nos espaços escolares. Esses autores foram de Gadamer, passando por outros e indo até a pedagogia freiriana e a sua noção de diálogo como condição existencial do ser humano.

Então, o seu problema entre muitos desafios que perpassam a educação e principalmente o Ensino Médio é a falta de diálogo nesse nível de escolarização das atuais gerações.

Então, identifica que o alto índice, abordados, em estudos acadêmicos, de discussão sobre a falta de diálogo no Ensino Médio fez com que a autora levantasse como hipótese de que há no contexto Ensino Médio, em particular do IFRS a propagação de práticas antidialógicas em diferentes contextos escolares.

Desse modo, a pesquisadora buscou responder como os jovens de três Campi do IFRS percebem e significam o diálogo na experiência do Ensino Médio Integrado. Tendo apoio metodológico das técnicas de realização de grupos focais, a pesquisa revelou que os jovens envolvidos nesta experiência tinham muito a dizer “sobre a sua juventude, suas relações e percepções a partir das experiências do ensino médio” (PELLIZZER, op. cit. p. 160). Portanto, a experiência, segundo a pesquisadora propiciou analisar múltiplas dimensões do diálogo experienciadas “com o fim de identificar dificuldades encontradas, para a promoção do diálogo e da escuta como prática humana e educativa que transversalizam as culturas escolares” (IDEM, IBDEM, p. 160).

Assim, dentro dessas múltiplas dimensões, a autora identificou o diálogo geracional, percursos de vida, cultura juvenis, organização curricular, diálogo relacional e processo

civilizador. E dentro das dificuldades encontradas, estaria segundo Pellizzer a resistência a abertura do diálogo. A dimensão do diálogo geracional demonstrou que os jovens da pesquisa produzem diálogos com suas próprias gerações e com outras, como é o caso dos servidores e familiares; trocam saberes e experiências intergeracionais. Nessa perspectiva, “o diálogo entre gerações acontece, de forma que cada um respeite as especificidades em que o outro se encontra, seja pelo tempo, seja pelo espaço, através dos quais vivem suas experiências no cotidiano” (IDEM, IBDEM).

Com relação aos percursos de vida, cada sujeito acabou traçando trajetórias singulares. Assim, cada sujeito tenderia a percursos e identidades diferentes. Haveria um reconhecimento nos limites postos pelo tempo em que cada um e cada qual está inserido.

Quanto as culturas juvenis, por exemplo, a pesquisadora verifica, que são próprias de seu tempo e espaço e os acompanham na experiência do Ensino Médio. Porém, conforme as narrativas dos jovens na experiência dos Grupo Focais, essas culturas juvenis são negociadas em função tanto dos esforços de se integrarem aos estudos quanto da formação que se proporam a fazer. Em síntese, as culturas juvenis perpassariam pelas culturas escolares, evidenciado práticas pedagógicas que podem legitimar transformações como seria o caso das práticas performativas evidenciadas nas pesquisas.

Com relação a organização curricular, a autora identificou que os jovens narram diferentes percepções, sinalizam, por exemplo que “deveriam ser trabalhado aspectos relativos não apenas aos conteúdos para formação geral e futuras escolhas profissionais, mas também, conteúdos que possam contribuir para o pensar sobre suas escolhas, suas aprendizagens, suas relações com os outros” (IDEM, IBDEM).

Assim, por meio dos processos reflexivos desencadeado pelo pensar sobre:

O estudante pode aprender a se perguntar pelos sentidos e significados daquilo que aprendem e, conseqüentemente passar a compreender melhor sobre o mundo e a situar-se como sujeito histórico (IDEM, p.162).

As narrativas dos jovens dos grupos focais apontam que eles:

Também desejam um currículo mais integrado, em que a interdisciplinaridade sejam legítimas nas práticas escolares, rompendo com moldes anacrônicos incapazes de responder as suas expectativas e exigências, segundo suas especificidades e diversidades” (IDEM, p. 163).

Por outro lado, tais narrativas juvenis indica situações de antidiálogo e suas consequências para suas vidas e aprendizados na experiências dos IFs:

Enquanto os servidores (professores e técnicos) não deixarem apenas na teoria as práticas necessárias para um currículo mais atrativo, em que haja planejamento em conjunto com outros colegas; até mesmo projetos em comum de tema para ser explorado pelas diferentes áreas, dificilmente teremos um currículo mais atrativo interdisciplinar. [...] na maioria das disciplinas não há uma conexão naquilo que aprendem em diferentes aulas; a aprendizagem pode até acontecer mas continua fragmentada, sem conexão com outras disciplinas (IDEM, IBDEM).

Como se pode ver Pellizzer, utilizando o diálogo dos grupos focais e outros procedimentos dialogais esta autora chega a resultados semelhantes à pesquisa as aqueles perseguidos por esse projeto de dissertação, sobre o sentido do Ensino Médio na vida dos estudantes. Por outros caminhos, a gente inova nos procedimentos, levantamento e análise de dados em função mesmo da pandemia da Covid-19. Através da internet criou-se um Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA, onde trabalhou-se rodas de diálogos; reuniões virtuais, cartas online e questionários, sob assertiva de debate livre de coação. A nossa pesquisa foi um momento de avaliação de um processo de ensino- aprendizagem durante três anos em um dos campi do IFPB. Como se sabe, Paulo Freire admite que todo o processo educativo não pode dispensar o papel do professor ou da professora na diretividade do processo, incluindo a perspectiva de que a educação é ideológica, ela tem um lado, professor/professora e aluno/aluna precisam ter consciência quer “dançar” no processo. Assim, com relação á pesquisa inovadora de Pellizzer (2016) acredita-se que também inovou-se nessa experiência. Enquanto ela abraça com sua investigação o universo de pesquisa mais abrangente que corresponde a três Campi do IFRS, a gente abraça a sala de Sociologia, portanto em nossa pesquisa, a sala de aula de Sociologia e o sentido dessa disciplina para os estudantes do Ensino Médio integrado do IFPB – Campus de Campina Grande – foi o universo de abrangência.

CAPÍTULO II

REFERENCIAL TEÓRICO: A SOCIOLOGIA COMO PRÁTICA DA LIBERDADE

Nesse capítulo são apresentadas as contribuições de Wright Mills e Zygmunt Bauman e a irrefutável defesa de cada um desses autores quanto a necessidade de aproximar a Sociologia dos homens e mulheres comuns a partir da experiência humana.

2.1 Contribuições de Wright Mills

Quem Foi Wright Mills:

Charles Wright Mills (1916-1962) foi sociólogo e professor americano, mestre em arte, filosofia e sociologia pela University of Texas, e doutorado em sociologia e antropologia pela University of Wisconsin. Contribuiu com obras essenciais para as bases da perspectiva sociológica. Sua obra de maior peso é “*A imaginação sociológica*”, de 1959, em que Mills relaciona a importância de pensarmos o indivíduo inserido dentro do seu contexto amplo: social, político, cultural, econômico e histórico. Essa é a relação entre biografia e história: cada indivíduo é resultado de uma construção histórica.

O sociólogo americano Wright Mills, convida-nos a exercitar a Imaginação Sociológica, ferramentas para o aperfeiçoamento da consciência e atualização do fazer sociológico. Construindo novos sentidos para a Sociologia e indagando sobre o seu futuro, autor propõe aos indivíduos navegar sobre seu contexto a partir da descrição de sua realidade, em busca da apreensão de significados, tendo como ponto de partida sua época histórica em interface com a vida, com aquilo que homens comuns sentem e aspiram. “E quanto mais conscientes se tornam, ainda que vagamente, de ambições e ameaças que transcendem seus ambientes imediatos, mais parecem sentir que caíram em armadilhas” (MILLS, 2009, p. 81).

[...] a essa sensação de ter caído numa armadilha há mudanças aparentemente impessoais na própria estrutura de sociedades de extensão continental. Os fatos da história contemporânea são também fatos sobre o sucesso e o fracasso de homens e mulheres individuais. Quando uma sociedade é industrializada, um camponês torna-se um operário; um senhor feudal é liquidado ou se torna um homem de negócios. Quando classes ascendem ou decaem, um homem é empregado ou desempregado; quando uma taxa de investimento sobe ou desce, um homem ganha novo ânimo ou vai a falência. Quando guerras acontecem, um vendedor de seguros torna-se um lançador de foguetes; um almoxarife, um operador de radar; uma esposa vive sozinha, uma criança cresce sem pai. Nem a vida de um indivíduo e nem a história de uma sociedade pode ser compreendida sem entendermos ambos (MILLS, IDEM, p. 82-83).

Acima, o autor com poucas palavras apresenta e explica um pressuposto básico do exercício da imaginação sociológica, o binômio biografia e história no processo de diálogo com a experiência viva da vida cotidiana e tendo em vista a de superação do senso comum. Porque para Mills, esses homens e mulheres não costumam definir ou refletir as dificuldades que enfrentam em termos de mudanças históricas e contradições institucionais. Não pensar ou atribuir o bem-estar que gozam nesse ou naquele período de suas vidas.

[...] aos altos e baixos da sociedade em que vivem. Raramente, conscientes da intrincada conexão entre os padrões de suas próprias vidas e o curso da história mundial, os homens comuns não sabem em geral o que essa conexão significa para os tipos de homens que estão se tornando e para os tipos de feita da história de que poderiam fazer parte. Eles não possuem a qualidade mental essencial para apreender a interação de homem e sociedade, de biografia e história, de eu e de mundo. Não são capazes de enfrentar as suas dificuldades pessoais de maneira a controlar as transformações estruturais que usualmente se encontram atrás delas (MILLS, p. 82).

O propósito de Mills é constituir um cenário de compreensão da realidade através do diálogo onde se multipliquem narrativas a partir do mundo vivido, numa linguagem de fácil acesso no qual as pessoas reflitam suas experiências históricas e possam encontrar respostas e conexões para as suas vivências e as questões de ordem pública.

Estimular a Imaginação Sociológica deve ser o ofício do Professor de Sociologia na sala de aula de ensino regular. Instigar os alunos a observar a realidade social ampla e a si mesmos pelas lentes da Sociologia, pode parecer uma afirmação óbvia, todavia o fortalecimento e legitimidade da Sociologia passam pelo aperfeiçoamento das práticas de ensino e reflexões sobre o fazer sociológico, sua contribuição formativa a partir do aprofundamento de espaços de debate com a comunidade acadêmica. Mas, essa comunidade e, sobretudo, esse professor precisa saber que agora a própria conformação da história, segundo Mills, supera a capacidade de homens e de mulheres agirem e se orientarem em conformidade com certos valores apreciados e apreciáveis. E que valores! Destaca esse autor! E nesse sentido, homens e mulheres, “mesmo que não se sintam ‘tomados pelo pânico, percebem muitas vezes que maneiras mais antigas de sentir e pensar se desintegraram e que novos começos são ambíguos ao ponto êxtase moral” (IDEM, p.83). É de espantar, que segundo o autor, que homens comuns sintam que não podem lidar com mundos tão vastos com que são subitamente confrontados e que não consigam compreender o sentido de sua época para as suas próprias vidas; que a defesa de sua individualidade os tornem pessoas insensíveis, tentando serem totalmente privados e,

terminem sentindo que foram possuídos pela impressão de armadilha (IDEM, IBDEM). No entanto, conforme Mills, o que esses homens precisam não é somente de informação as quais muitas vezes dominam sua atenção e lhes esmagam a capacidade de assimilá-la. Na verdade, para Mills o que esses homens e também mulheres necessitam é:

Aquilo de que precisam e sentem que precisam, é uma qualidade mental que os ajudem a usar a informação e desenvolver a razão de modo a alcançar sínteses inteligíveis do que está acontecendo no mundo e do que está acontecendo dentro deles mesmos. É essa qualidade, vou sustentar, que jornalistas e estudiosos, artistas e públicos, cientistas e editores estão passando a esperar do que pode ser chamado de imaginação sociológica (MILLS, 2009, p. 83).

Então, a imaginação sociológica diz respeito ao modo de percepção e reflexão de como a vida das pessoas e os problemas e estados de coisas, que vivenciam na vida cotidiana, estão intimamente vinculados a contextos sociais mais amplas. Apresenta-se como uma categoria legitimadora das Ciências Sociais, aproxima os pesquisadores de uma nova promessa e um método que qualifica a prática sociológica, propõe a renovação às Ciências Sociais a partir da dialética entre os campos que passam pelas “realidades sociais amplas” e “as realidades sociais íntimas” de nós mesmos. Representa a conexão entre os fenômenos para além da experiência individual oferecendo sentido a fatos desconexos que agrupam as relações sociais, e as instituições com as quais as pessoas convivem em sua vida cotidiana.

Essa forma de fazer Sociologia é contraposta a uma Ciência Social burocrática “_ cujo instrumento mais apropriado é o empirismo abstrato sua grande teoria é a ausência de teoria todo esforço da Ciência Social limitou-se aos serviços prestados às autoridades dominantes. Nem a velha praticidade liberal nem a Ciência Social burocrática manejam as questões públicas e as inquietações privadas de modo que sejam incorporadas aos problemas da Ciência Social” (MILLS, 1961, p. 132-133, 143, apud MOYA, 1970, p. 136).

Com a ideia de imaginação sociológica e a noção de artesanato intelectual e, sob a assertiva de que a sede da racionalidade migrou dos indivíduos para a grande instituição, propõe uma Ciência Social como prática da liberdade. Advoga que o incremento da ilustração não torna necessariamente o indivíduo mais sábio e que isto tem a ver com a distinção da racionalidade substantiva e a racionalidade formal; numa palavra, com o desenvolvimento de uma imaginação burocrática do conhecimento” (MILLS, op. cit.; apud MOYA, op. cit., p. 131). Nesse caso, pode-se pressupor que a prática da imaginação sociológica exigiria uma postura de sujeitos descentrados e, portanto, abertos ao diálogo, ao debate, ao exercício do diálogo com a

experiências da vida cotidiana no sentido de superação de nosso senso comum sobre situações-problemas e estados de coisas que nos tomam mais ignorantes, alienados, e menos livres. Nesse sentido:

A decisão individual livre – como subjetividade que parecia assegurar a mudança em termos de progresso – vai contra o muro objetivo das grandes organizações e contra a opacidade das massas. Assim, partindo da impotência prática do sujeito, é colocado o problema dos centros de poder como instâncias coletivas que alienam sua liberdade real (IDEM, IBDEM).

Assim:

O homem alienado é a antítese da imagem do homem ocidental livre. A sociedade em que esse homem, em que esse robô alegre floresce é a antítese da sociedade livre ou, no sentido literal e pleno da palavra, a antítese de uma sociedade democrática (MILLS, 1961, p. 185 apud MOYA, op. cit.).

Diante de uma Ciência Social burocratizada e a serviço dos centros de poder, diante do fracasso do pragmatismo da Psicologia Social que não consegue dar respostas às necessidades práticas de auto realização subjetiva dos sujeitos imersos na vida cotidiana, mesmo diante do “oportunismo político- social do pragmatismo, a crise radical que floresce com a ampliação da alienação humana, só pode ser superada com a Sociologia enquanto ‘responsabilidade intelectual de explicar o que está acontecendo no mundo para que os homens possam entender e agir (MILLS, apud MOYA, op. cit. p. 131). Para Mills, “os homens são muito mais animais políticos, mas existem momentos que tem que ser isto acima de tudo ou perdem todas as suas formas de ser”. (IDEM, IBDEM). Dessa forma, como “vocação prática da Sociologia a luta pela democracia constitui não apenas a sua legitimação ética, mas também a sua própria possibilidade real de desenvolvimento científico progressivo” (MOYA, op. cit. p. 143). Assim, uma ciência social livre

[...] se desenvolve como desenvolvimento social e coletivo da liberdade. Como imaginação sociológica livre, ela destrói a velha ideia de destino como uma condição estrutural de certas sociedades. Esta é a maior promessa da Ciência Social e a maiores responsabilidades dos cientistas sociais. Em nosso mundo contemporâneo, o futuro abre-se como possibilidade histórica. se a comunidade intelectual é capaz de ilustrar publicamente essa sociedade de massas, liberando-a de sua inércia burocrática irresponsável (IDEM, p. 143).

Com essa ideia de Sociologia como prática da liberdade, deve se verificar como Mills concebe as práticas, os modos de proceder.

Devemos liberar a imaginação humana para compreender uma nova exploração de alternativas possíveis nesses momentos para a comunidade dos homens; devemos anunciar planos, ideias e visões gerais e detalhadas; em suma, programas. Devemos transcender mera exortação de princípios gerais e reações oportunistas, Fazem falta visões levadas de futuro que temos a oportunidade e a missão de proporcionar (MILLS, 1958, 132, apud MOYA, 1970, p. 143-144).

Refletir sobre as práticas de ensino e as possibilidades do diálogo como método é uma ação premente no ensino de Sociologia que demanda esforço daqueles que acreditam na atualidade e na necessidade das Ciências Sociais no currículo da escola regular como instrumento de criticidade e formação ampliada da realidade. Os conceitos fundantes desse trabalho se inspiram nas leituras de Wright Mills (1965) a partir de um denso esforço para aperfeiçoar o trabalho intelectual e renovar a Sociologia de sua época, suas ideias apresentam conceitos significativos para a prática do Professor- pesquisador de Sociologia: a imaginação sociológica e o artesanato intelectual (1965) são conceitos elementares na construção dessa dissertação.

Mills (1965) convida os leitores de seu tempo a fazer um giro relacional entre a biografia e a história, estimulando-os a exercitar uma Sociologia contextual que faça o indivíduo se posicionar e localizar num determinado cenário, com o objetivo de desnudar a complexa rede de vínculos causais entre suas angústias individuais e os problemas sociais coletivamente produzidos. A partir de metáforas e exemplos simples oferece novos sentidos a análise dos fatos sociais cotidianos e mostra com profundidade a confluência entre as questões estruturais e o comportamento humano de uma determinada época.

Na introdução do livro “*Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios*”, Castro (2009) destaca que segundo Mills “No trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas, e sim métodos, no sentido original grego da palavra: via, caminho, rota para se chegar a um fim” (CASTRO, 2009, p. 13). A clareza com que sua obra é escrita demonstra ao leitor a possibilidade de se exercitar uma linguagem sociológica, de qualidade conceitual e atenta aos fatos sem a necessidade de um palavreado rebuscado e de difícil acesso ao leitor. As obras do autor americano são provocadoras e podem se aproximar muito bem da prática professoral a ser utilizada em sala de aula.

Ensinar Sociologia requer do professor um esforço no sentido de performar conceitos e teorias, agrupando num só espaço fatos históricos em interseção com questões cotidianas que estejam alinhadas à vida dos indivíduos. Oliveira (2013) afirma que tal configuração demanda

uma prática de ensino que vá além de uma proposta bancária de educação. “A articulação entre teoria, categorias sociológicas e realidade social deve apresentar-se de forma clara, de modo a tornar significativo o que se diz, para quem se fala” (OLIVEIRA, 2013, p. 09).

A técnica proposta por Mills em “A Imaginação Sociológica”, segundo Martins (2013), envolve a competência científica para dialogar interpretativamente com o imaginário social (DE SOUZA MARTINS, 2013). Os elementos e modelos abstratos propostos na obra atualizaram a Sociologia da época a partir de metáforas e exemplos que situaram o leitor numa trama maior de significações. O autor exemplifica a partir de comparações do dia a dia, “como a Sociologia pode ser edificada numa linguagem simples e as ideias compreendidas por diferentes públicos, sem grandes arroudeios” (CASTRO, 2009, p. 12).

“A Imaginação Sociológica” foi uma leitura estimulante no aprofundamento da temática estudada, pois permitiu a pesquisadora observar seu objeto de forma ampliada enquanto um processo social em sua inteireza, e ainda visualizá-lo no cotidiano da prática escolar. Mills estimula uma crítica ao distanciamento da Sociologia das questões públicas e problemas de interesse coletivo. Desta forma, inspira educadores a requalificar os sentidos do exercício docente, reavaliar suas atividades e principalmente exemplificar, a partir de sua vida e sua obra, a impossibilidade de separar a Sociologia do cotidiano.

Segundo Castro (2009), os Cientistas Sociais devem apreender com Mills a unidade existencial entre trabalho intelectual e as vivências que perfazem a vida do pesquisador nos mais distintos aspectos. Mills afirma:

Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar (MILLS, 2017, p. 22).

Mills (1965), sugere a aproximação daqueles que fazem Sociologia de uma nova prática que estimule debate sobre o fazer sociológico contextualizado a partir de embates com o senso comum e com as angústias que marcam determinado contexto. As reflexões sobre o ofício do sociólogo e a íntima conexão entre trabalho e a vida, provoca os intelectuais envolvidos na tessitura do exercício docente a refletir sobre o seu fazer em sala de aula, desafiando-os a ir além dos modelos tradicionais. O exercício da imaginação sociológica, segundo Castro (2009), demanda dos atores envolvidos aproximação com o banal, com o simples, com o imediato,

suscitando os atores a exercitar o diálogo e a desconstrução de certezas imutáveis a partir da análise do mundo vivido.

Mills (1965) resgata a importância da teoria clássica, sem deleitar-se num vocabulário prolixo aos seus leitores. Congrega a dialética marxista enquanto modo de observação e a utopia como condição ética para a liberdade dos indivíduos, analisa valores presentes na sociedade daquele período, a exemplo da apatia e da indiferença, fruto da insensibilidade moral dos homens modernos e da agonia da acumulação primitiva.

Em sua escrita, Mills (1965), congrega e articula ainda traços e características do método weberiano, constrói tipos ideias simples, que ampliam a caracterização da sociedade e seus elementos temporais e motivações individuais para o entendimento do contexto. Constrói uma racionalidade a partir de variáveis e estudos empíricos da época para legitimar entre os seus leitores o sentido da Sociologia como conhecimento e prática de análise da realidade a partir do ofício do Sociólogo.

Em sua principal obra, *A Imaginação Sociológica*, Mills (1965), ainda escreve sobre o artesanato intelectual no apêndice da obra, construindo o que pode ser classificado de um manual de trabalho de campo do Sociólogo. Denota alguns passos necessário para se realizar uma boa investigação e as etapas de uma análise, influenciando pesquisadores a refletir sobre seu trabalho e sobre seu objeto de estudo a partir de sua prática cotidiana onde demonstra a impossibilidade da separação do trabalho intelectual e existencial.

Mills denota que:

[...] o conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira, quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio, na medida em que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício, para realizar suas próprias potencialidades [...]. Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente (MILLS, 2009, p. 22).

Numa linguagem clara e acessível esse autor apresenta ideias e método para o artesanato intelectual e demonstra ser possível construir, a partir da pesquisa e trabalho intelectual cotidiano, um significativo arsenal para exercício da prática sociológica. Suas hipóteses disponibilizam um importante instrumental que oferece amplitude e legitimidade ao sentido da Sociologia como um conhecimento útil e sempre atual para o exercício compreensivo da sociedade.

Seus textos, cartas e livros são reinterpretados e tardiamente referidos por autores como Anthony Giddens (2005) e Zygmunt Bauman (2015) que destacam a notoriedade e a importância desse autor americano da metade do século XX para as Ciências Sociais, que tão bem interpretou as questões públicas de seu tempo e principalmente ofereceu importantes reflexões enquanto um metodólogo e estudioso do artesanato intelectual.

2.2 Contribuições de Zygmunt Bauman

Na seção anterior foi possível dialogar sobre as contribuições de Wright Mills e destacando três grandes contribuições deste autor com base na crítica e ao mesmo tempo veemente defesa da Sociologia Clássica e a defesa da ideia de conhecimento como escolha tanto de um modo de vida, quanto de uma profissão. As suas contribuições que anteriormente foram discutidas: Imaginação sociológica; Ciência Social como prática da liberdade e artesanato intelectual, essas contribuições foram produzidas no contexto da crise cíclica do Capitalismo que levou a Segunda Guerra Mundial e que após seu fim, levou a um ciclo de recuperação e expansão econômica internacional.

Quem foi Zygmunt Bauman:

Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo e filósofo polonês, nasceu em 19 de novembro de 1925, em Poznań, Dedicou-se a interpretar o século XX e a sociedade em permanente mudança. A partir de conceitos como modernidade líquida e fluidez formata densa reflexão quanto a negação da pós-modernidade e a afirmação espécie de continuação da Modernidade aprofundadas pelas transformações técnicos-informacionais geradores de modificações profundas nas relações sociais entre indivíduos. Tornando-se um dos autores mais influentes nas Ciências Humanas.

Bauman, apresenta contribuições bastante pertinentes e originais. Mas, também incorporou e atualizou as contribuições de Mills, inclusive a ideia de uma Sociologia Pública e a adoção de um fazer sociológico contextualizado e alicerçado nos debates e embates com o senso comum. Acredita que o debate com as experiências e enfrentamentos concretos da vida cotidiana podem levar homens e mulheres à condição de sujeitos do ato de conhecer e transformar a realidade.

Bauman (2015) ofereceu importante referencial para a construção das hipóteses desse trabalho de dissertação e fundamenta a pesquisa através de reflexões sobre o método do diálogo

vivo e sobre Sociologia problematizadora, articula temas que tratam a sociedade capitalista contemporânea e as inter-relações com as vidas dos sujeitos, seus problemas e sua individualidade.

A vasta obra do autor polonês se fundamenta no exercício de uma Sociologia voltada para preocupações públicas da sociedade, mediadas por fatos da vida cotidiana. Bauman abre portas reflexivas que facilitam a compreensão das mudanças planetárias e ainda possibilitam o aprofundamento dos novos paradigmas, como o da modernidade líquida e os padrões que marcam a contemporaneidade.

A partir de cartas e diálogos, Bauman (2011) nos faz refletir sobre comportamentos, vínculos e formas de comunicação. Trava um intenso debate sobre as mutações nas relações sociais a partir da consolidação do capitalismo parasitário e desenvolve profundas análises da sociedade capitalista do século XX e das duas primeiras décadas do século XXI.

Compara os tempos e comportamentos vigentes na liquidez, nos ajudando a refletir sobre novos padrões agora estabelecidos.

Em primeiro lugar, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” – ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam (BAUMAN, 2007, p. 07).

As relações vem mudando de forma hiper-acelerada nos últimos trinta anos. Bauman a partir de metáforas e reflexões sobre o mundo líquido ajuda-nos a observar que a sociedade moderna de prescrições e classificações pré-fixadas já não se sustentam na nova ordem das liberdades individuais, intolerante a interferência coletiva sobre o destino particular.

O filósofo esmiúça os processos de fragmentação, segmentação e crescente individualização da vida a partir de fatos reais na sociedade da informação e consumo, levando os indivíduos a refletir sobre a privatização e desregulamentação dos laços humanos. Bauman (2011) relata as “estórias” e padrões dessa nova forma de viver e se comportar, agora instalada nos espaços públicos e domésticos. Descortinando o que, à primeira vista, apresenta-se como natural e não como um padrão produzido pelo novo sistema de acumulação.

O autor propõe um método que facilita a compreensão da realidade e pode ajudar jovens e adultos a compreenderem o tempo vivido vendo além daquilo que é superficial. As metáforas

elaboradas pelo autor polonês simplificam a complexidade do real, a partir de comparações e exemplos de vivências do mundo social. Desnudem as relações cotidianas e facilitam o entendimento das novas formas como os indivíduos se comportam, as inter-relações entre as mudanças macro políticas, o neoliberalismo e os novos hábitos cotidianos.

Bauman (2015) convida os indivíduos a engajar-se num diálogo permanente com a experiência, para tentar ajudar as pessoas em luta contra a dupla praga da ignorância e da impotência. Afirma que “o mundo se atrofiou em histórias, não em informações, e onde as histórias são atrofiadas também o é a capacidade de homens e mulheres entenderem suas vidas num contexto histórico amplo” (BAUMAN, 2015, p. 13).

As obras desse autor polonês formam um mosaico que congrega diversos textos convidativos (BAUMAN, 2001; 2010; 2011) a um diálogo com fatos reais que muitas vezes não conseguimos compreender os detalhes à primeira vista. Todavia os relatos e experiências analíticas oferecidos nas cartas são geradoras de um choque de realidade e convida os indivíduos a refletir por si mesmos sobre o contexto em que estão inseridos.

Bauman (2015) evidenciou um conceito significativo ao campo das Ciências Sociais no século XX: a “Imaginação Sociológica” de White Mills. Atualizou as lições de Mills e chamou a atenção para capacidade consciente de leitura que todos os indivíduos podem desenvolver através do exercício da imaginação sociológica, vinculando a ideia de diálogo como método.

Os textos de Bauman estimulam seus leitores a exercitarem novos diálogos e localizarem-se em seu período histórico, a partir da sua densa e atual literatura. Destaca que a relação entre indivíduo, sua biografia e as relações estruturais não podem estar separadas. A Imaginação Sociológica qualifica a Sociologia, pois facilita a interpretação ampliada da realidade e do lugar do indivíduo no mundo.

Bauman ainda assevera a importância de tal prática: “É tarefa da imaginação sociológica ajudar as pessoas a compreender o significado de sua época em relação a suas próprias vidas e é essa sua ambição, de acordo com Mills, “fazer a diferença na qualidade de vida humana em nossa época” (BAUMAN, 2015, p. 13).

Bauman resgatou as ideias centrais do método da Imaginação Sociológica para demonstrar as possibilidades compreensivas a serem estimuladas pelos Cientistas Sociais através do aprofundamento de questões como “individualidade” e “contexto” presentes em seu texto e na prática da Imaginação Sociológica a partir do diálogo. O diálogo é uma prática possível e

nos ajuda a construir relações de intercâmbio e empatia com nossos interlocutores exercitando relações bilaterais com o senso comum e com as experiências sensíveis dos indivíduos.

Bauman renova a imaginação sociológica e convida os sociólogos contemporâneos a criar novas formas de comunicação e mensagens adaptados ao tempo presente. Seus textos problematizam a necessidade de pensar em estímulos que evoquem respostas, convidando os atores do diálogo a participar intensamente da experiência reflexiva enquanto agentes ativos da análise em questão.

O autor polonês denota a atualidade e a utilidade da imaginação sociológica e reconhece o esforço e a defesa feita por Mills para demonstrar “como os problemas pessoais” estão intrinsicamente ligados às “questões públicas”. “[...] os problemas pessoais estão intrinsicamente ligados às questões públicas. Assim é a tarefa da Imaginação Sociológica, mostrar como a vida pessoal e a biografia individual estão intimamente conectados a eventos históricos e processos estruturais” (BAUMAN, 2015, p.13).

A Imaginação Sociológica representa a conexão entre os fenômenos para além da experiência individual com as instituições com as quais as pessoas convivem. Nas metáforas e cartas escritas durante as últimas décadas, Zygmunt Bauman analisa as interfaces e o que está “por trás” de simples acontecimentos da vida cotidiana e demonstra as complexas tramas sociais subentendidas.

2.3 Diálogo e Contextualização: Caminhos para a Imaginação Sociológica.

A Imaginação Sociológica é uma prática possível e nos ajuda a renovar o fazer sociológico a partir de diálogos contextualizados que podem gerar relações empáticas, das quais o professor de Sociologia organiza o exercício intelectual a partir de um intenso diálogo que perpassa a vida e os problemas reais da sociedade.

Essa ferramenta ajuda os alunos a compreenderem as questões complexas em que se encontram inseridos, fazendo leituras mais profundas sobre sua realidade. Essa capacidade vai além de uma simples técnica instrumental, auxilia os alunos a compreenderem as distintas formas de relações humanas. A Imaginação Sociológica se realiza a partir de temas e conceitos escolhidos pelo professor que convida seus alunos a problematizar e discutir as relações sociais cotidianas convidando-os a fazer novos giros e análises a partir de fatos geradores em mescla com as teorias sociológicas.

Partindo do simples para o complexo, as questões contextuais e as articulações entre o complexo (estrutura) e o cotidiano (vida das pessoas) vão exercitando a tomada de consciência. Essa metodologia está presente na obra de Mills (1969) e Bauman (2015) através da leitura de questões polêmicas que marcam a sociedade nos quais eles estiveram inseridos. Ambos constroem tipos ideias para demonstrar as tramas relacionais que marcam a sociedade e o indivíduos a partir de características de cada tempo histórico, ajudando os indivíduos a compreenderem o contexto.

Bauman destaca ainda duas questões importantes e centrais ao fazer sociológico: “Aqui a generalidade da descrição da época, deve conectar a uma consciência sutilmente detalhada da vida dos homens e mulheres” (BAUMAN, 2015, p.14). O autor oferece passos para a construção de um modelo abstrato que pode ser utilizado na formulação e planejamento de conteúdos a serem desenvolvidos no espaço da sala de aula.

“A prática da imaginação sociológica demanda um trabalho a respeito de conexões, diálogos e conversas, não sobre verdades e monólogos” (BAUMAN, 2015, p. 14). Uma das chaves essenciais ao exercício da imaginação ou curiosidade sociológica se realiza a partir do cultivo do diálogo, tarefa desafiadora e importante na qual os alunos e professores são convidados a buscar resposta para o seu contexto vivido, analisando as interfaces da vida em sociedade.

O diálogo aproxima o exercício sociológico de uma nova fluidez a partir de práticas pedagógicas e curriculares horizontalizadas, capazes de facilitar o questionamento com vista a uma formação humanizada e crítica. O método do diálogo vivo oferece chaves importantes, uma delas é a contextualização; O professor de Sociologia do Ensino Médio pode realizar importantes debates a partir do processo de adaptação dos conteúdos exercitando a desnaturalização a partir de fatos cotidianos que estimulem ao aluno a se envolver com os debates propostos.

O diálogo vivo é caracterizado por um debate livre, espontâneo e dinâmico no qual alunos e professores são convidados a observar um dado cenário e a partir dele problematizar as relações presentes numa dada situação, reinventando o espaço da sala de aula a partir de novas experiências de leitura do mundo e do contexto no qual o indivíduo se encontra imerso. Bauman (2015) afirma:

Repito mais uma vez que a função da Sociologia é o diálogo /intercâmbio contínuo, infinito bilateral com “o senso comum” construído pelas experiências humanas e nelas

investido, e isso quer dizer com praticantes comuns da vida, não com os porta-vozes dessa ou daquela profissão; hoje, em nossa era profundamente desregulamentada e individualizada, mais que em qualquer outro estágio da história da Sociologia (BAUMAN, 2015, p.127).

O Sociólogo deve envolver-se no diálogo com os alunos que tem como ponto de partida o senso comum, que permite envolver a gama de teorias, categorias e paradigmas das Ciências Sociais na realidade significativa (objetivamente e subjetivamente) do aluno. Em torno da importância do senso comum e dos fatos da vida cotidiana; Fernandes (2020) denota:

Esse processo permite aos participantes do diálogo, em estreita interação com o contexto imediato enxergarem que muitos problemas que na vida cotidiana, no contexto imediato, dizem respeito ao indivíduo, na verdade são reflexões de questões muito mais amplas e complexas. Estas poderão permitir que deixemos de lado a visão pessoal e representativa do senso comum para olharmos cuidadosamente para as influências e consequências que condicionam e moldam nossas vidas e a dos outros (FERNANDES, 2020, p. 90)

O diálogo como método em Bauman (2015), nos ajuda a pensar formas de intercâmbio do conhecimento divergentes dos modelos tradicionais de transmissão no qual professores e alunos são convidados a problematizar, a duvidar sobre certezas inabaláveis sobre hábitos e práticas cotidianas, observar a essência questionadora da Sociologia e sua vocação transformadora nos quais os sujeitos podem se descobrir protagonistas de suas vidas mesmo em meio a muitas dificuldades em um mundo de incertezas.

Bauman (2015) nos ajuda a pensar questões essenciais sobre a percepção ou raciocínio sociológico. A Sociologia permite ao aluno observar sua própria realidade em confronto com realidades culturalmente distantes, contextualizar e problematizar o mundo de diferentes perspectivas. Esse seria um raciocínio e uma compreensão que nem uma outra ciência faz de forma direta.

2.4 Bauman, sociedade líquida e educação

Bauman oferece um contraponto aos modelos hegemônicos, que vem simplificando os processos de aprendizagem e tornando a educação um mero produto das tendências de mercado. Alerta para a necessidade de tratar a educação e aprendizagem como um direito permanente e não um mero curso de capacitação circunstancial de acordo com as demandas progressivas do mercado.

Descreve mudanças e distorções da educação num cenário de transformações culturais e morais. Reflete sobre o aprendizado e os desacertos da sociedade em relação ao ensino no momento contemporâneo. Segundo Bauman (2013):

Em vez de organizar o conhecimento segundo linhas ordenadas, a sociedade da informação oferece castas de signos descontextualizados, conectados entre si de forma mais ou menos aleatória. Dito de outra maneira: a quantidade crescente de informações são distribuídas de uma velocidade cada vez maior, torna-se progressivamente mais difíceis as narrativas, ordem e sequência de desenvolvimento. (...) Isso tem consequências para a maneira como nos relacionamos com o conhecimento, o trabalho e o estilo de vida num sentido amplo (BAUMAN, 2013, p. 36).

A hiper informação oferecidas pelo celular e internet sem fio proporcionaram rapidez e praticidade todavia não se pode dizer o mesmo quanto a qualidade e verdade da informação. A vida de adultos, jovens e crianças vem sendo invadida pelo ciberespaço global. Esse ciberespaço de interação oferecido pela rede mundial de computadores, presentes nos mais diversos espaços, inclusive na escola, adentrou nos tempos de intervalo que antes era utilizado para brincadeiras e bate-papos em meio a jornada diária, e é cada vez mais ocupado pela rede mundial de computadores transformando as formas de sociabilidade entre pessoas de distintas idades.

A Globalização e as mudanças estruturais presenciadas de forma veloz nas mais diferentes esferas em virtude da reestruturação produtiva e revolução cultural, demandaram significativas mudanças no sistema educacional.

Todavia as diversas reformas e mudanças educacionais presenciadas nas últimas décadas são controvertidas pois não ofereceram em sua ampla maioria propostas que reflitam a complexidade da nova racionalidade do tempo vivido.

Bauman, em sua obra, analisa as mudanças globais em sua totalidade e em alguns espaços de fala públicaerce críticas e alerta quanto aos modelos desqualificadores das novas experiências em tramitação, caracterizando-os como utilitaristas e pragmáticas que não oferecem aos indivíduos uma educação para a existência. Sobre a educação afirma:

O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar. Para estar preparados, eles precisam da instrução: “conhecimento prático, concreto e imediatamente aplicável”, para usar a expressão de Tullio de Mauro. E, para ser “prático”, o ensino de qualidade precisa provocar e propagar a abertura, não a oclusão mental (BAUMAN, 2013, p. 25).

O estado deve oferecer a jovens e adultos, um currículo baseado numa consciência bem informada dos modos de vida por eles vividos, nos quais sejam capazes de analisar suas experiências e ainda conviver com as diferenças e contextos divergentes, encontrados todos os dias em seu cotidiano dentro e fora da escola. Dessa forma o ensino precisa ser de qualidade e promover a abertura da mente, as mudanças que acontecem de forma constante na sociedade atual e fazem da educação um produto em permanente valorização, pois os conhecimentos se transformam todos os dias frente ao progresso tecnológico, demandando resolução de problemas e tomada de decisão.

Bauman (2009), o filósofo da liquidez, afirma que a razão instrumental simples, superficial e temporária não oferece aos indivíduos a capacidade de pensar criticamente, nem a condição de elevar seu pensamento, impossibilitando os jovens de enfrentar os dilemas apresentados nos mais diferentes espaços de sociabilidade.

Bauman (2015) acredita que é preciso produzir conhecimento realmente útil e principalmente analítico, não para ser utilizado de forma imediata, mas que ajude os estudantes a filtrar as informações essenciais daquilo que é superficial. Sendo assim as Ciências Sociais seria um conhecimento sempre útil por contribuir na análise de diferentes cenários vividos pelos indivíduos.

A proposta de diálogo com as experiências vivas da vida cotidiana desse autor (2015) nos ajuda a pensar formas de intercâmbio do conhecimento, divergentes dos modelos tradicionais, incorpora a ideia da Sociologia como prática da liberdade humana. Voltando-se para o lugar de professor-pesquisador estimula-nos, alunos e professores, a problematizar, a desnaturalizar, favorecendo a uma prática humanista tendo como ferramenta o nosso diálogo, tornando-nos sensíveis, tolerantes e preparados para fazer as melhores escolhas.

Bauman (2015) em sua obra nos ajuda a pensar questões essenciais sobre a percepção ou raciocínio sociológico. Demonstrando porque a Sociologia tem uma vocação humanizadora e seu potencial permite ao aluno observar sua própria realidade em confronto com realidades culturalmente distantes, contextualizar e problematizar o mundo a partir da Imaginação Sociológica, inspirando novos diálogos sobre o sentido da disciplinas nos dias atuais.

CAPÍTULO III

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO IFPB

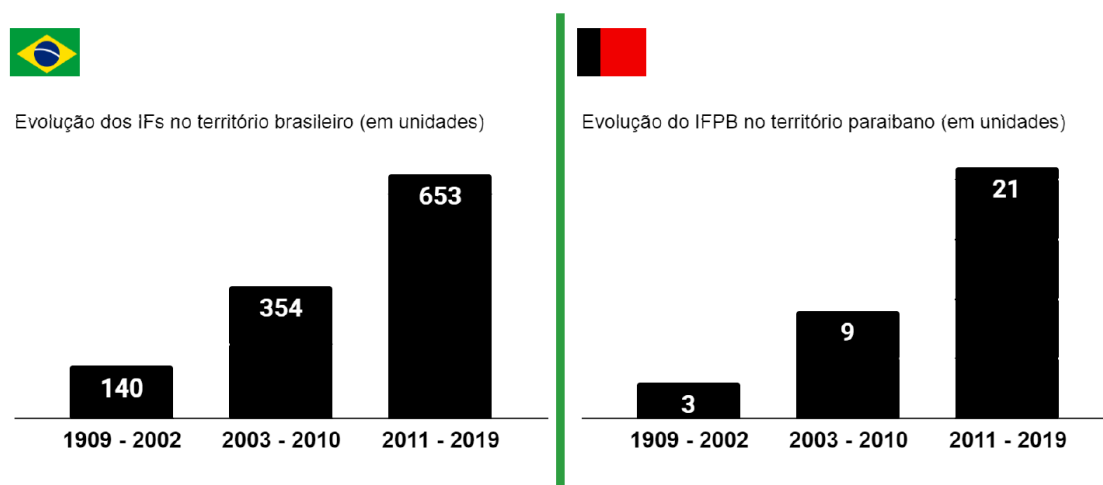
O capítulo que segue apresenta o IFPB e a Sala de Aula de Sociologia, espaço de novas aprendizagens, vivenciando a prática da liberdade a partir das experiências de debates em torno do sentido da Sociologia no Ensino Médio no campus de Campina Grande. Essa tarefa foi construída de forma compartilhada entre a Professora-pesquisadora e os alunos que tiveram a liberdade de pensamento e escolha para construir novos sentidos para disciplina,

3.1 Universo da pesquisa

O Campus Campina Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) foi o *locus* de investigação social dessa pesquisa. Essa unidade nasceu do processo de expansão da Rede Federal de Ensino a partir da Lei 11.892, de 29 de Dezembro de 2008.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB tem uma história centenária que começa a partir do Decreto do Presidente Nilo Peçanha de criação da Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba. Ao longo de todo esse período o IFPB recebeu diferentes denominações: a primeira, Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba, de 1909 a 1937; Liceu Industrial de João Pessoa, de 1937 a 1942; Escola Industrial, de 1942 a 1958; Escola Industrial Coriolano de Medeiros, de 1958 a 1965; Escola Industrial Federal da Paraíba, de 1965 a 1968; Escola Técnica Federal da Paraíba, de 1968 a 1999; Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, de 1999 a 2008; e, atualmente, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, com a edição da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro 2008. O IFPB tem 111 anos de história na educação profissional do estado da Paraíba (IFPB, 2021).

Figura 1 - Expansão dos Institutos Federais no Brasil e na Paraíba



Fonte: MEC (2020); Elaboração: (IFPB, 2021)

É fato que a expansão da Rede Federal representou um marco na oferta educacional da Paraíba, alcançando diversas cidades polos no estado. O IFPB iniciou o primeiro ano de atividades em 2008 com 08 Campi: Cajazeiras, Sousa, Princesa Isabel, Monteiro, Picuí, Campina Grande, João Pessoa e Cabedelo. Hoje congrega 21 campi: Além dos campi anteriormente citados foram criados os Campi de Areia, Cabedelo Centro, Catolé do Rocha, Esperança, Guarabira, Itabaiana, Itaporanga, Mangabeira/ João Pessoa, Patos, Pedras de Fogo, Princesa Isabel, Santa Luzia, Santa Rita e Soledade.

A pesquisa em tela terá como universo da pesquisa a unidade de Campina Grande. De acordo os documentos e fotos oficiais, as atividades deste campus foram iniciadas no ano de 2006. Num espaço locado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande que se localizou de forma provisória no Edifício Assú¹ até a construção da estrutura atual. A sede permanente do campus Campina Grande foi inaugurada no dia 27 de julho de 2009, pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva. A instituição conta com uma estrutura arquitetônica moderna, congrega um complexo educacional com 32 salas de aula, cerca de 40 laboratórios, ginásio poliesportivo, restaurante e biblioteca, entre outros ambientes. Em 2009 atendia 729 alunos em três cursos. Sendo eles dois de nível médio integrado e um superior. Atualmente o campus atende mais de 5.445 estudantes matriculados nos seis cursos técnicos integrados, seis de graduações, e quatro

¹ A localização do Edifício Assu é em um dos pontos mais centrais da cidade, em frente à Praça da Bandeira.

curso subsequentes. O corpo docente atual é composto por 184 professores das mais diversas áreas. Também são oferecidos os cursos integrados na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA, e Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC).

Segundo dados do Sistema Unificado para Administração Pública (SUAP) do IFPB, o campus atende 1.851 jovens na modalidade Ensino Médio Integrado, matriculados em seis cursos, conforme exposto no Quadro 3.

Quadro 3 – Listas de Cursos Técnicos Integrados do Campus Campina Grande.

CURSO TÉCNICO	TOTAL ALUNOS MATRICULADOS ATIVOS (2020)	TOTAL ALUNOS CONCLUINTE 2020
Curso Técnico Integrado em Petróleo e Gás Integrado	519	68
Curso Técnico Integrado em Química	308	60
Curso Técnico Integrado em Informática	246	40
Curso Técnico Integrado em Edificações Integrado	326	80
Curso Técnico Integrado em Mineração Integrado	514	63

FONTE: Sistema Unificado para Administração Pública (SUAP)

O Instituto Federal da Paraíba, campus de Campina Grande, no que toca ao Ensino Médio integrado regular, atende jovens entre 15 a 19 anos, das regiões do Agreste e Borborema. Sua estrutura e matriz curricular se fundamenta no artigo 26 das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Profissional e Tecnológica. Os cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio, na forma articulada com o Ensino Médio, têm cargas horárias totais de, no mínimo, 3.000 horas, garantindo-se carga horária máxima de 1.800 horas para a BNCC. (BRASIL, 2021).

O Quadro 4 apresenta a matriz curricular do curso de Edificações e seus componentes, exemplificando o número de horas de componentes propedêuticos de um dos cursos técnicos integrados oferecidos na unidade de ensino, no qual a disciplina de Sociologia está assentada.

A proposta curricular deve privilegiar a formação contextualizada, tratando no mesmo patamar as disciplinas técnicas e científicas na perspectiva da emancipação humana. Essa é a concepção filosófica presente no currículo do IFPB a ser oferecido aos jovens para o seu pleno desenvolvimento enquanto ser humano.

Quadro 4 – Matriz Curricular do Curso Técnico Integrado em Edificações, atualizada no ano 2020, campus Campina Grande.

DISCIPLINAS	1ª Série		2ª Série		3ª Série		Total	
	a/s	h.r.	a/s	h.r.	a/s	h.r.	a/s	h.r.
FORMAÇÃO GERAL								
Língua Portuguesa e Literatura Brasileira	3	100	3	100	3	100	360	300
Educação Física	2	67	2	67	2	67	240	201
Artes	2	67	-	-	-	-	80	67
História	1	33	2	67	2	67	200	167
Geografia	1	33	2	67	2	67	200	167
Filosofia	2	67	2	67	1	33	200	167
Sociologia	2	67	2	67	1	33	200	167
Química	2	67	2	67	2	67	240	201
Física	2	67	2	67	2	67	240	201
Biologia	3	100	3	100	-	-	240	201
Matemática	4	133	3	100	3	100	400	333
Subtotal	24	801	23	769	18	601	2600	2172

Fonte: IFPB (2021)

Nesta seção apresenta-se também a escolha do público alvo da pesquisa. Para este recorte foi priorizado, no conjunto da comunidade acadêmica, os estudantes, atores centrais do processo de aprendizagem.

Dentre os estudantes da unidade de ensino, foram escolhidos discentes dos cursos técnicos integrados regulares, nível de ensino delimitado para essa investigação. Realizou-se ainda mais uma segmentação, optou-se pelos os alunos concluintes do ano letivo de 2020. O critério que embasou a escolha deste ajuntamento de discentes foi o fato dos mesmos terem cursado os três anos do currículo integrado, nos quais, durante dois anos e seis meses estudaram a disciplina de Sociologia, componente comum e obrigatório aos cursos, de acordo com a ementa e o regimento didático do IFPB.

3.2 Caminhos da Pesquisa

De partida, destaca-se que a escolha da metodologia e das ferramentas foram planejadas dentro dos limites da pandemia decorrentes do vírus SARS-CoV-2, popularmente chamado de COVID-19.

Em virtude dessa pandemia, ocasionada pelo COVID-19, O IFPB paralisou suas atividades durante 160 dias consecutivos. No mês de Julho de 2020, por decisão do Conselho Superior, através da Resolução 28/2020, o IFPB efetivou as fases necessárias para implantação do ensino não presencial. Considerando essa situação se teve que adequar todos os procedimentos de pesquisa para ambientes virtuais de interação.

A seguir descreveu-se as três principais fases de investigação em tela, dessa forma a investigação contemplou os seguintes procedimentos metodológicos:

3.2.1 Pesquisa bibliográfica sobre o tema

Realização de uma ampla pesquisa bibliográfica sobre o tema. Essa pesquisa foi necessária para construir desde o projeto de pesquisa até o capítulo da revisão bibliográfica.

3.2.2 Pesquisa documental

Realizou-se uma pesquisa documental no acervo da instituição para análise de dados sobre a história e criação, para se entender o contexto e expansão e o lugar da Sociologia no Ensino Médio Integrado.

3.2.3 Pesquisa de Campo

Para a realização da pesquisa de campo se tinha optado pela metodologia de grupos focais. Portanto, o planejamento das atividades anteriores as restrições sanitárias e sociais previam a utilização da ferramenta de grupos focais com os alunos concluintes que desejassem se inserir nos espaços de vivências no contra turno das aulas. Em função da pandemia a metodologia de análise foi realinhada, sem todavia abrir mão da realização da pesquisa compartilhada com os estudantes concluintes do 3º ano do Ensino Médio integrado. Significa dizer, que a pesquisa foi realizada mediante ambiente virtual de aprendizagem (AVA), entre

outros. Essa mudança teve o intuito de permitir diálogos vivos, autênticos e voluntários sobre vivências e experiências que marcaram o ambiente da sala de aula de Sociologia, mesmo com os distanciamentos e tensões que vividas no cenário da pandemia.

A pesquisa de campo seguiu os seguintes passos operacionais:

ETAPA I: Diálogos iniciais com os órgãos gestores

A pesquisa foi apresentada para diferentes instâncias do Campus em questão, como a Direção de Ensino, o Departamento de Ensino Técnico e a Coordenação de Assistência Estudantil, aos quais foi solicitada e autorizada a realização da pesquisa. Essa interação com a direção da escola foi importante por dois motivos: Primeiro pela permissão de acesso as fontes documentais relativos a escola e aos estudantes, segundo porque ainda numa fase em que a pandemia não tinha se instalado se pensava em utilizar as dependências físicas da escola para realização dos encontros dos grupos focais e outras atividades interativas.

ETAPA II: Experimentação dos instrumentos de análise.

De forma experimental, realizou-se no dia 30 de Julho de 2021, uma conversa de forma preliminar com uma aluna concluinte pelo *Google Meet*, no intuito de testar a utilização dos instrumentos de análise, os eixo para construção dos diálogos, apresentação do termo de livre consentimento para participação na pesquisa e a verificação da disponibilidade para produção de uma carta com relatos sobre o sentido e a finalidade da Sociologia no EMI. Foi muito bem sucedido o diálogo e uma semana depois já recebeu-se a primeira produção de texto para análise, atestando a possibilidade de realização com outros jovens.

ETAPA III: Whatsapp no cotidiano escolar

Um meio de comunicação usual entre os alunos e utilizado para a comunicação entre Professora-Pesquisadora e estudantes foi o *Whatsapp*. Os canais de comunicação já existiam

previamente, criados pelos próprios alunos da instituição, com os nomes das turmas no primeiro ano que adentraram a escola. Optou-se em utilizar o *Whatsapp* como espaço de comunicação para nos aproximar das turmas, uma vez que essa era uma ferramenta de comunicação rápida e comum entre os estudantes.

Segundo a estudante voluntária do primeiro diálogo, os grupos de comunicação via aplicativo *Whatsapp* das turmas continuavam ativos, mesmo depois do término das aulas. Destaca-se que, após a confirmação desta informação, decidiu-se por não solicitar a inclusão da Professora-Pesquisadora nos grupos já existentes, respeitando o espaço dos jovens e a autonomia de livre escolha de cada um para fazer comentários, interagir com os pares e tomar a decisão de participar ou não da pesquisa.

ETAPA IV: Criação dos grupos do *Whatsapp* e contato no Instagram

A estratégia empregada para manter um diálogo durante a pesquisa com os alunos foi a criação de grupos de conversa, próprio dentro do aplicativo *Whatsapp*, um grupo para cada turma. Para tanto, foi necessário realizar busca ativa dos estudantes, realizar um convite explicando o objetivo da pesquisa e disponibilizar um *link* para que os interessados pudessem entrar no grupo.

O próximo passo foi o contato com os alunos através do aplicativo de rede social Instagram. Foi solicitado a um aluno de cada turma o compartilhamento do material elaborado para o convite para apresentar a pesquisa (Apêndice A) nos respectivos grupos de turmas pelo *Whatsapp*. Este material foi composto de 03 elementos: uma imagem com o brasão da UFCG e o nome do curso técnico; um texto convite apresentando os objetivos do trabalho de pesquisa e o link para participar do grupo de conversa do aplicativo *Whatsapp*.

Após os passos mencionados, aos poucos, os alunos foram adentrando nos grupos do aplicativo *Whatsapp*. Cada aluno que entrou nestes grupos tomou a decisão de livre vontade e de forma voluntária com a intenção de colaborar e construir significados em torno da pesquisa. A interação ativa dos jovens/ estudantes através das redes sociais dentro e fora da escola facilitou o rápido acesso às turmas e otimizou o tempo para identificação daqueles estudantes interessados em colaborar. Alguns deles compartilharam com outros colegas a pesquisa, além de motiva-los a participar destacando a importância de contribuir e também tornar-se responsável pelos espaços de diálogos da investigação.

ETAPA V. Rodas de diálogo pelo Google Meet

No intuito de alcançar os objetivos propostos neste trabalho, fez-se necessário o desenvolvimento de uma pesquisa, de caráter qualitativo, organizada através de técnicas grupais que foram trabalhadas com os 22 alunos voluntários, que se inseriram livremente na investigação, esta técnica foi chamada de Roda de Diálogo.

A Roda de Diálogo foi uma oportunidade para que alunos e a professora-pesquisadora mergulhassem de forma atenta nas discussões, ampliassem laços, construíssem narrativas e atribuíssem “sentidos” ou “significados” para as aprendizagens com Sociologia no espaço da sala de aula. O diálogo foi um método colaborativo escolhido para a construção desses significados sobre as experiências *pós-facto*, aprofundar temas já discutidos, compreender melhor como os participantes pensam e avaliam as suas experiências e vivências depois de estudar Sociologia durante três anos no Ensino Médio.

Verifica-se que ao estudar as ferramentas a serem desenvolvidas na análise, identifica-se uma relação de proximidade entre os grupos focais com a pesquisa dialógica que fundamenta as rodas de diálogo em Paulo Freire (2019) e o diálogo como método em Bauman (2010). As propostas dos grupos focais se prestaram a exercitar formas de diálogo e aprofundamento progressivo de temas nos espaços de observação. Todavia, a metodologia dessa investigação ampliou o foco de visão, qualificando debates sobre a experiência humana, convidando os atores a interagirem, avaliar e criar novas ideias a partir do seu cotidiano. A pesquisa propunha aos partícipes além de debates, a produção de cartas, espaço de escrita livre e expressão subjetiva dos atores envolvidos no ato de compreender a realidade a partir da comunicação com os demais colegas inseridos na pesquisa.

A metodologia foi inspirada nos círculos de diálogo presentes na obra de Paulo Freire, que denota: o diálogo fenomeniza e historiciza a essência da intersubjetividade humana, ele é relacional (FREIRE, 1968, p. 14). O debate problematiza o mundo, fazendo os seus atores compreenderem sua época, a partir do círculo de diálogo nos quais educadores e educandos são convidados a colaborar, refletir e ir além de sua realidade imediata.

A pesquisa foi espaço de troca, espaço de educação horizontalizada e problematizadora. Suscitou diálogos que permitiu aos envolvidos descodificar experiências e vivências que cada qual experimentou em suas vidas, em certo espaço – tempo e lugar dentro e fora da sala de aula

enquanto alunos do IFPB. Imersos nas roda de diálogo num contexto de reencontros interagiram e construíram significações com o mundo comum através de trocas que os desafiavam a se encontrar consigo mesmo e com os demais e construir análises dos problemas cotidianos através de categorias sociológicas, desvelando-se o imediato e produzindo ideias permeadas de sentido através das trocas dialógicas e textos escritos pelos envolvidos ao longo do processo de análise.

ETAPA VI: CARTAS

A produção de cartas foi uma ferramenta importante que combinada aos diálogos fortaleceu a análise. A escrita livre, expressão objetiva dos alunos demonstrou o compromisso e o envolvimento dos atores com o ato de interpretar a realidade e expressar juízo sobre a mesma.

Inicialmente a ideia das cartas era abrir os diálogos e suscitar os debates a partir de perguntas e memórias que traziam relatos de vivências no chão da sala de aula. Dois dias antes dos encontros pelo *Google Meet* os alunos recebiam pelo *Whatsapp* um lembrete da agenda e uma carta (APENDICE A) para aquecer o debate. O texto continha uma proposta que apresentava uma narrativa sobre a experiência com a disciplina de Sociologia na sala de aula de Ensino Médio do IFPB, oferecia ainda “questões de estilo interrogativo”, Bauman (2010). Visaram aproximar os discentes do tema apresentado, estimulando-os a relatar as vivências e memórias das aulas de Sociologia.

As perguntas contidas nas cartas objetivaram incentivar reflexões sobre a finalidade e sentido da Sociologia no Ensino Médio Integrado. Facilitaram as trocas de saberes e os debates a partir de conceitos apreendidos e indagações na forma oral durante as rodas de diálogos. Também quando apresentadas aos alunos, na forma escrita, estimularam os mesmos a se distanciar das rotinas e construir suas próprias respostas indo além dos horizontes que os circundam.

Dessa forma, a carta é um instrumento importante, objetivo e ao mesmo tempo subjetivo de abertura ao debate, reflexão e exposição de seu ponto de vista ao outrem. Esse instrumento também apresenta a personalização no qual os estudantes se auto reconhecessem criticamente como agentes de sua continua transformação. Sendo um elemento central e diferencial dessa análise, as cartas colaboraram na consolidação das asserções da hipótese.

As cartas (Apêndice B e C) da professora-pesquisadora eram enviadas pelo grupo do *Whatsapp* com o endereço do acesso da sala no *Google Meet* para participação nas rodas. Já nos anexos (seção 10) contém 18 cartas com a produção dos alunos que se propuseram a elaborar suas interpretações sobre o sentido e a finalidade da disciplina em suas biografias. Esta foi fase conclusiva da pesquisa realizada de forma compartilhada entre a Professora-pesquisadora e os alunos.

ETAPA VII: Questionário do Google Form

Este foi uma ferramenta auxiliar utilizada após as rodas de diálogo no intuito de sondar quais alunos iriam de fato entregar a carta após o prazo combinado, de forma a não se sentirem pressionados. Também para solicitar alguns dados complementares do termo de compromisso do perfil social dos participantes da pesquisa não contemplados pelo mesmo início da asserção. O Quadro 5 apresenta o tema, a data e as turmas das rodas de diálogo.

Quadro 5 – Data e turmas participantes da rodas de diálogos

RODA DE DIÁLOGO	DATA	Turma	Participantes
Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI	17/08/21	Petróleo e Gás	04
Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI.	18/08/21	Química, Informática Edificações Petróleo e Gás	10
Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI.	23/08/21	Química, Informática Edificações, Mineração	06
Roda de diálogo para apresentação da carta e produção e troca de saberes.	31/08/21	Química Informática Petróleo e Gás	08

Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

3.3 Wright Mills, Zygmunt Bauman e Paulo Freire: fundamentos para a nossa pesquisa.

À luz da produção teórica de Wright Mills (1965), Zygmunt Bauman (2015) e Paulo Freire (2019), procurou-se construir um caminho metodológico convergente com os instrumentos digitais protagonizados por alunos e professores na modalidade não-presencial no

IFPB. Com base nas vivências já extraídas no último ano da pandemia, nas salas virtuais do *Google Meet* e grupos de *Whatsapp*, foi elaborado uma proposta a distância, sem contudo comprometer as características de uma pesquisa qualitativa e suas asserções para dados confirmatórios através do diálogo como método.

Os três livros principais que alicerçaram as etapas organizativas e os instrumentos de interpretação e análise dos dados apresentados acima foram: “*Para que Serve a Sociologia*” (2015), “*Aprendendo a Pensar a Sociologia*” (2010) e “*44 Cartas do Mundo Líquido Moderno*” (2011).

Baumam, nessas obras, mostra métodos e meios para interpretar a contemporaneidade a partir de diálogos sobre o cotidiano. O autor utiliza-se de uma forma de comunicação particular a partir da metodologia conhecida por Sociologia da Pergunta, bem presente no seu livro “*Aprendendo a Pensar com a Sociologia*” (BAUMAM, 2010). Oferece questões de estilo interrogativo, nos quais convida o leitor a ser um agente ativo da leitura e se aproximar dos temas públicos em análise, através de indagações postas ao final de cada capítulo do livro. Outra obra central foi “*44 Cartas do Mundo Líquido*”, livro essencial para a escolha da comunicação com os estudantes a partir do convite à produção textual de cartas, pautadas em textos geradores e convidativos à reflexão, estimulando-os a participar dos debates com a professora-pesquisadora e da produção textual dos partícipes das rodas de diálogo e da construção da análise.

Segundo Bauman (2015), o método coerente com uma educação para a prática da liberdade e útil para a formação de jovens numa sociedade complexa com as suas múltiplas singularidades, consistiria em uma Sociologia que pratica o diálogo com a experiência vivida. Afirma que a “liberdade começa fazendo perguntas e termina com respostas facilitadoras” (BAUMAN, 2015, p. 67).

No Livro “*Para que Serve a Sociologia*”, Bauman (2015) elaborou uma obra relevante para renovação metodológica da Sociologia no século XXI e consolidou o método dialógico como opção e como caminho possível de abordagem “para inspirar conversas que possam ir além do seu livro”, convidando os sociólogos a se identificarem como sujeitos ativos de uma forma de abordar o mundo. Inspirada nessa proposta, foi utilizado o diálogo como caminho determinante para construir pontes e encontrar respostas para o desafio de refletir sobre a presença e a finalidade da Sociologia no Ensino Médio em colaboração com jovens estudantes

que aceitaram o desafio de compartilhar situações significativas, como descobertas e aprendizagens coletivas vivenciadas durante as aulas de Sociologia.

Destaca-se ainda que, as rodas de diálogo, etapas importantes da análise, foram inspiradas nos Círculos de Cultura do Método Paulo Freire, com o objetivo de reviver em profundidade “o mundo vivido, objetivando-o, problematizando-o, compreendendo-o como um projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. Todos juntos, em círculo, em colaboração” (FREIRE, 2019, p. 24).

Essa troca que se efetivou a partir de processos dialógicos e problematizadores nas Rodas de Diálogo da pesquisa, suscitaram debates que valorizaram a cultura e o saber dos envolvidos, na medida em que partiam da análise dos problemas em conexão com a totalidade dos problemas sociais. Ouve, pela prática, conexões entre biografias e história (BAUMAN, 2015, p.70).

Freire, propõe uma Pedagogia que estimula a conscientização a partir de uma ação da leitura dos envolvidos no processo de aprendizagem. Essa prática educativa deve se fundar na liberdade e no diálogo, daí porque ao se falar de Rodas de diálogo se está convidando os participantes a refletir sobre suas experiências na sala de aula de Sociologia no IFPB e ao mesmo tempo desvelar a sua relação com a história e com a sua existência. Assim transforma-se a realidade a qual se encontram imersos e assim a partir do momento que muda a própria percepção que se tinha dela.

Os Círculos de Diálogo em Freire são espaços que inspiraram a desconstrução da sala de aula tradicional, que instigou a professora-pesquisadora a aperfeiçoar dinâmicas mais contextualizadas, consonantes com o perfil de uma juventude mais empoderada aberta a discutir o eu, o outro e as diferenças a partir dos processos de escuta, geradores de debates sobre temas contemporâneos e cotidianos, alinhados com as necessidades da jovens.

Uma outra ideia fundante que alicerçou os pilares de formulação das técnicas e a forma de proceder antes e durante a pesquisa foi a prática da Imaginação Sociológica e o artesanato intelectual de Wright Mills, já aprofundadas no referencial teórico do atual trabalho. Suas contribuições teóricas demonstram aos pesquisadores que a prática sociológica envolve a criação de técnicas de pesquisa ajustadas a realidade do público e a abordagem deve se ajustar à natureza do tema e do objeto.

Durante três anos, a sala de aula de Sociologia foi espaço de aperfeiçoamento e um convite à produção de sentidos nos quais a vida e as experiências pessoais se conectaram com a história e os problemas estruturais vivenciados pelos indivíduos. O conhecimento sociológico foi utilizado, tendo como ponto de partida o diálogo dos indivíduos com o seu contexto, ampliando as capacidades dos jovens e da educadora de compreender melhor o significado de sua época em relação ao mundo vivido. Nessas práticas das rodas de diálogos tomou-se como espelho ou referência a Imaginação Sociológica em Mills combinado as reflexões de Bauman e de Freire. Sobre o diálogo como método. Essa reflexões e *insights* em torno da educação sociológica como prática de liberdade e emancipação humana, transformou-se nessa pesquisa, na medida do possível, em pressuposto do exercício cotidiano de ser e fazer-se educadora em contínua troca com os educandos.

3.4 Apresentação e Análise dos Dados

Nesta seção são apresentados os procedimentos de realização da pesquisa empírica: levantamento, tratamento e análise dos dados e a sistematização dos resultados das experiências e vivências dos estudantes em conjunto com a professora na sala de aula de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande.

Para levantamento e tratamento de análise de dados seguiu-se a metodologia de análise de conteúdo no termos de Bardin (2010) sob o signo de uma abordagem teórico- empírica. Essa abordagem foi associada às contribuições metodológicas de Wright Mills o qual sugere o artesanato intelectual com forma de registro e organização dos dados da pesquisa, e, sobretudo, a ideia de pesquisa em Bauman, o qual sugere duas fases: a investigação e a exposição. Na investigação se incorpora os mais variados métodos e técnicas de pesquisa: Roda de conversa, grupos focais, dados estatísticos pré-existentes e etc. Já na fase da exposição o autor sugere que a análise se oriente pelo binômio biografia e história, no sentido de articular desde as apresentação de temas e debates, até a exposição dos resultados, tendo como referência a articulação entre as situações e estados de coisas vivenciadas pelos indivíduos em relação ao contexto. Portanto, tendo sempre como referência o binômio indivíduo e história. Esses artefatos de organização e análise são utilizados pelo Sociólogo Zygmunt Bauman. Isto está devidamente descrito na apresentação e análise dos resultados.

3.5 Perfil dos participantes da pesquisa

Nessa seção serão apresentados os resultados da pesquisa em consonância com os métodos e técnicas acima apresentados que se alicerçaram no diálogo enquanto perspectiva educativa no espaço da sala de aula e aprofundados nas rodas de diálogos e cartas, escritas pelos jovens voluntários, no intuito de compreender o sentido e a finalidade da Sociologia a partir de suas experiências no cotidiano na sala de aula.

Segundo Freire (2002), escavar o cotidiano leva-nos, de algum modo, a novas descobertas, novas práticas, que podem estar nas entrelinhas das narrativas dos sujeitos pertencentes a determinado contexto. Os alunos e a professora se mobilizaram envolvidos em uma relação social específica, a partir de um processo de confiança mútua para escavar seu cotidiano, vivenciados em 3 anos, na sala de aula de Sociologia no IFPB. Ambos estavam desejosos de dialogar e debater os significados dessa disciplina para as suas vidas.

Os alunos voluntários envolveram-se livremente na pesquisa. Os convites foram enviados aos alunos concluintes de 05 turmas do Ensino Médio Integrado. Isto representa 261 alunos. Desse total apenas 22 expressaram interesse em participar da pesquisa.

O Quadro 6 apresenta nomes fictícios dos jovens, as cidades e a faixa etária dos participantes e local de moradia. Neste quadro são expostos os dados originais respondidos pelos estudantes participantes.

Quadro 6 – Nomes fictícios, cidades, local de moradia e gênero dos alunos participantes.

Identificação	Idade	Curso	Turma	Cidade	Localização da Moradia
Anita	18	Petróleo e Gás	B	Campina Grande	Zona Urbana
Marta	19	Química	A	Campina Grande	Zona Urbana
Carlos	18	Petróleo e Gás	B	Pocinhos	Zona Rural
Marília	18	Mineração	B	Olivedos	Zona Urbana
Luiza	18	Informática	A	Campina Grande	Zona Urbana
Mateus	18	Mineração	B	Boqueirão	Zona Urbana
Davi	18	Química	A	São Vicente do Seridó	Zona Urbana
Luana	19	Mineração	B	Pocinhos	Zona Urbana
Fábio	19	Química	B	Lagoa Seca	Zona Rural
Helena	18	Edificações	B	Campina Grande	Zona Urbana
Carol	18	Edificações	B	Campina Grande	Zona Urbana

Iara	18	Química	A	Campina Grande	Zona Rural
Vinicius	18	Mineração	B	Massaranduba	Zona Rural
Rogéria	19	Química	A	Campina Grande	Zona Urbana
Roberta	18	Química	A	Juazeirinho	Zona Urbana
Sara	19	Edificações	B	Salgadinho	Zona Rural
Suzy	18	Informática	A	Campina Grande	Zona Urbana
Rafaela	18	Petróleo e Gás	B	Pocinhos	Zona Urbana
Pedro	18	Petróleo e Gás	B	Pocinhos	Zona Rural
Suzana	18	Petróleo e Gás	B	Gado Bravo	Zona Rural
Valéria	19	Química	A	Campina Grande	Zona Urbana
Fabiana	18	Química	B	Boa Vista	Zona Rural

Fonte: Elaborada pela autora. Dados da pesquisa.

Como pode ser visto na tabela acima apenas 05 rapazes responderam as cartas-convite manifestando a vontade participar da pesquisa. Ao passo que 13 mulheres a maioria explicitaram também a vontade de participar. Desses rapazes a maioria era da Zona Rural ou pequenas cidades do entorno de Campina Grande.

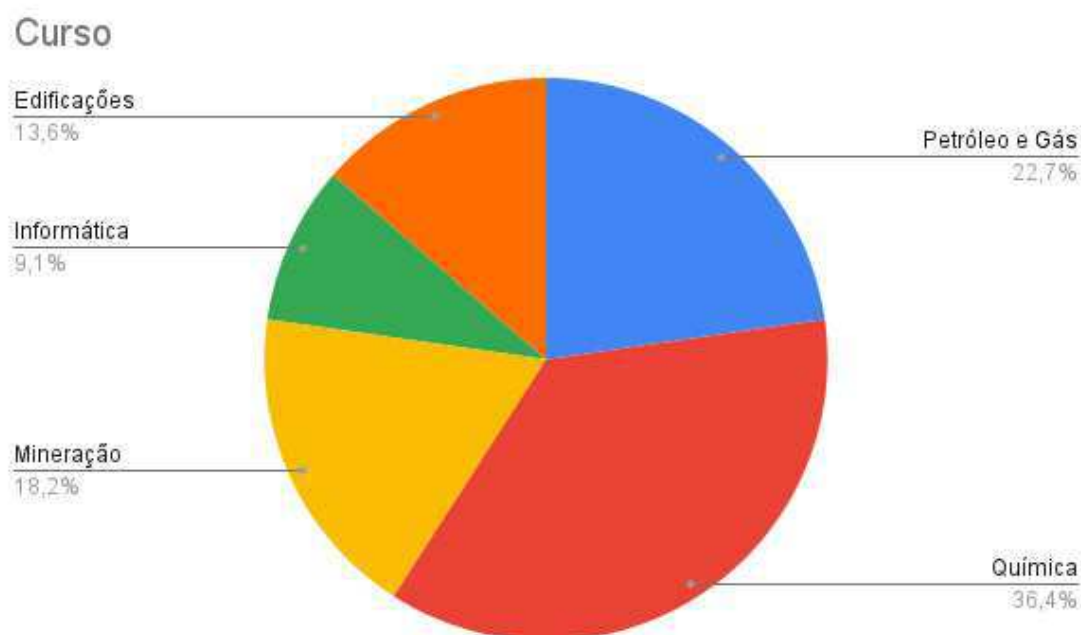
A maioria das mulheres residia na cidade de Campina Grande, cidade polo da região. Essa participação das mulheres de residir numa cidade de médio porte pode estar associada ao fato dessas jovens apresentarem comportamentos típicos da culturas contemporâneas tais como: Perfil de autoconfiança, disposição para leitura, debate, compromisso e pontualidade no cumprimento das tarefas. Destacavam-se nos debates tanto apresentação de propostas como a incorporação de ideias e capacidade de síntese e tomada de decisão. Apresentavam, portanto, uma postura de desenvolvimento cognitivo que atingia o patamar do pensamento descentrado, que segundo Piaget, seria o estágio mais elevado que o indivíduo atinge pela capacidade de não só debater diferentes pontos de vista, mas, também, incorporar pontos de vista alheio com base no melhor argumento. Em síntese, participaram da pesquisa as alunas que tiveram o maior e melhor sucesso escolar.

Sobre a maior participação de jovens do sexo masculino, residentes de cidades de pequeno porte, o interesse de participar destoou dos jovens do mundo urbano. Enquanto os últimos ausentavam-se de debates e temas, inclusive discussões, a exemplo de gênero, sexualidade, os jovens do campo, por incrível possa parecer, participavam de todos os debates sem restrições. Essa participação também pode estar ligada ao investimento que suas famílias fazem para que os mesmos cheguem as salas do IFPB, fato que leva os mesmos a corresponder

com tais esforços e sacrifícios. Já é por demais conhecida a importância que a população do campo atribui a escola. Igualmente as mulheres e os jovens do espaço rural, mesmo em menor número também se aproximaram das culturas de performance, enfrentando a vida como um jogo de estratégias.

Já a Figura 2 apresenta o percentual de participantes por curso. Ela teve intuito de facilitar a visualização para além da tabela acima.

Figura 2 - Porcentagem dos participantes segmentado por curso



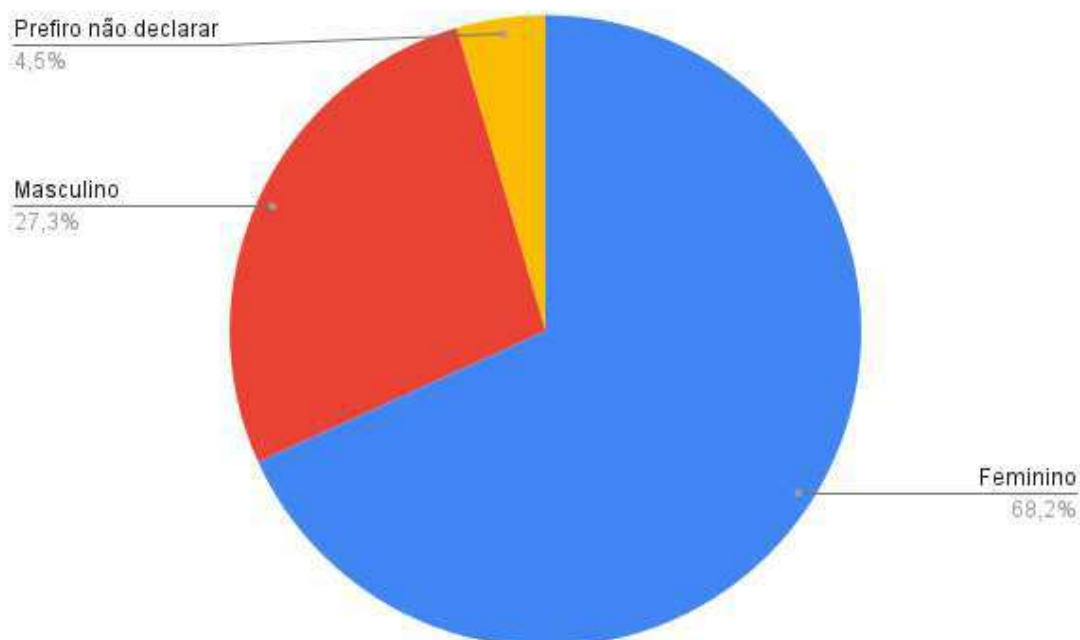
Fonte: Elaborada pela autora. Dados da Pesquisa.

A investigação se realizou de forma satisfatória. Vale destacar que a pesquisa se realizou 30 dias após o término das aulas remotas. Alguns desses alunos, mesmo já estando trabalhando, e outros já iniciando suas atividades em universidades públicas e privadas, aceitaram o desafio de participar. Fez-se necessário a realização de espaços de diálogos em dias e horários diferentes para contemplar a maioria dos interessados, de acordo com o dia da semana e o horário definido pela maioria.

Como se vê acima, os cursos que contribuíram com a maior participação na pesquisa foram: Química, Petróleo e Gás e Mineração. Respectivamente Química, 36,4 %, Petróleo e Gás 22,7% e Mineração, 18,2%. Coincidentemente foram nesses cursos que houve maior

dinamismo discente, acrescenta-se também que essa participação foi muito maior de mulheres que dos homens, fato que coincide com o Figura 3.

Figura 3 - Porcentagem dos participantes por gênero



Fonte: Elaborada pela autora. Dados da Pesquisa.

O questionário do *Google Form* trouxe questões sobre o gênero dos participantes. O formulário continha opções pré-definidas (Masculino, Feminino e Prefiro não declarar), como também um campo em que o próprio participante tinha a opção de manifestar a sua declaração quanto ao gênero (Campo outros).

Nessa amostragem cerca de 68% dos participantes da pesquisa se declararam mulheres, 27,3% de homens e 4,5% preferiram não declarar. Tal dado faz interface com uma reflexão, trazida pela aluna Carol de Edificações, na Roda de Diálogo B, ela apontou que as meninas da unidade de ensino são bem mais interessadas pela Sociologia que os meninos. E que essa constatação ela e suas colegas de classe observaram no ano de 2021, durante as aulas remotas, nas quais a participação nos debates, em sua maioria, era de garotas nas. Enquanto os alunos quase não compareceram ao espaço, a aluna fez a mesma provocação coletiva para os pares presente nos diálogos da pesquisa quanto à repetição desse quadro com ampla participação mais uma vez das garotas e confirmado no conjunto total da amostra.

A aluna coloca que existe um incômodo por parte dos alunos em discutir temas ligados a direitos e participação das mulheres. E como o tema é uma questão que se faz presente nas aulas de Sociologia, eles preferiam silenciar ou se retirar dos espaços remotos de discussão, segundo opinião da aluna.

3.9 A Sociologia e o Diálogo com Método: Das Vivências da Sala Presencial ao *Google Meet*

Nessa Seção apresenta-se a sistematização do material das rodas de diálogo e cartas que oferecem informações sobre o universo pesquisado de acordo com a interpretação grupal e colaborativa. Nos processos de diálogo, os alunos puderam destacar fatos relevantes em debate com a professora e outros colegas, compartilhando vivências e explorando temas e conceitos já estudados em sala de aula, oferecendo coletivamente novas informações como ferramenta de construção da análise.

A pesquisa consistiu na produção de espaços de diálogos livres, no qual a pesquisadora mediava o debate e os alunos, de forma espontânea, destacavam questões significativas em torno do conhecimento sociológico. A ideia não era de recriar o espaço da sala de aula, mas de propiciar um espaço horizontal e democrático, no qual, cada participante retratasse sua experiência e a compreensão das questões trazidas nas cartas e, principalmente, as memórias e fatos reflexivos vividos no ambiente escolar.

Nas etapas de construção da análise, os alunos foram incentivados a colaborar e expressar suas opiniões em torno da pesquisa com o objetivo de entender como tais sujeitos percebiam a disciplina. A ideia foi estimular cada aluno a ouvir e observar que pode-se aprender com o que cada um tem a falar. Freire (2019) nos ensina “que pode-se aprender nas mais distintas experiências e, como tais, é preciso vivê-las distintamente, e só aprende-se se aceita-se que o diferente está no outro; no contrário não há diálogo. O diálogo só existe quando aceita-se que o outro é diferente e pode nos dizer algo que não se conhece” (FREIRE, 2019, p. 53).

De partida, essa análise fundamenta-se na Sociologia categorizada por Bauman (2015) “como um diálogo com a experiência humana”, interfaces e descobertas que os indivíduos realizam ao interagir com o mundo, sua percepção de um acontecimento e o esforço de compreendê-lo de forma objetiva e subjetiva, tal ideia pode ser ampliada ao torná-la inteligível e reconstruída de forma reflexiva e sistematizada nas impressões e emoções com o mundo vivido.

O desenvolvimento de uma pesquisa pós-facto e de forma não-presencial não foi uma tarefa fácil, mas foi notório como os jovens utilizam com familiaridade as ferramentas do *Whatsapp*, *Google Meet* e os questionário do *Google Form* e se inter-relacionam sem muita dificuldade nesses espaços, se apropriando dos instrumentos e intervindo de forma cooperativa nas etapas ao expressar seus pontos de vista.

Na roda de diálogo e nas cartas, os pontos de vista foram diversos, nos quais os alunos expressaram conhecimentos e opiniões sobre suas experiências e vivências, além de falarem sobre as aprendizagens adquiridas na sala de aula de Sociologia, as quais foram compartilhadas e refletidas de forma que se construiu uma visão mais sistematizada sobre as aprendizagem no IFPB.

Nos quadros abaixo apresenta-se a expressão dos discentes em duas formas diferentes, oral e escrita, que compõe uma diversidade de narrativas que possibilitam a compreensão do sentido da Sociologia no IFPB a partir da interpretação intersubjetiva construída e reconstruída através das trocas de experiência.

A sistematização foi agrupada a partir de temas para facilitar o desenvolvimento da análise e suas interpretações. De acordo com Sousa (2012), os temas são considerados uma unidade de significação, ideias, enunciados e proposições portadoras de significações (SOUSA, 2012, p. 50).

Antes de começar a apresentação dos quadros de análise de serão lembrados os caminhos utilizados para a sistematização dos espaços de discussão e as etapas vivenciadas na pesquisa de campo. Os instrumentos foram adaptados foram ao ambiente digital e a realidade de que os jovens participantes já não compunham o quadro de discentes da instituição. Esse cenário não impediu a efetividade da pesquisa; o convite foi enviados aos grupos das 05 turmas do EMI e lançavam o desafio aos jovens. (Apêndice A). O segundo passo foi a pesquisadora encaminhar um a Carta 01 (Apêndice B) pelo *Whatsapp*, fortalecer o vínculo e apresentar considerações iniciais sobre o tema da finalidade e sentido da Sociologia e aguçar a curiosidades dos jovens no intuito de estimula-los a participar das rodas de diálogo.

Se faz necessário esclarecer que foram criados espaços de diálogo em dias alternados para contemplar todos os interessados, utilizando a mesma metodologia, trazendo como ponto de partida a leitura da carta (Apêndice B). Por isso na tabelas da análise a etapa 01 trazem a subdivisão A, B e C no intuito de melhor organizar os dados por sessões.

Logo após a apresentação da metodologia, a palavra foi dada aos jovens para que pudessem colaborar trazendo as reflexões em torno da carta enviada, abrindo a partir daí o debate. Cada um dos participantes do encontro trouxe compreensões complementares que colaboraram com o quadro e demonstraram o protagonismo e disponibilidade de colaborar e trocar experiências.

Entre as pactuações estava a construção de uma carta que apresentasse a experiência subjetiva de cada um dos participantes sobre a disciplina e ajudaria a construir o texto que contaria com a colaboração dos estudantes que concluíram o Ensino Médio no mês de julho de 2021.

A segunda Roda de Diálogo D (ETAPA 02) aprofundou o debate anterior sobre a finalidade e sentido daquele conhecimento currículo do IFPB e se realizou em uma única sessão de debate. Um dia antes todos os alunos e alunas receberam uma nova carta, sempre no intuito de motivá-los e lembrá-los da sessão (Apêndice C) que teve como principal objetivo a apresentação da experiência reflexiva de compor a carta e ainda colocar questões comuns, aquelas que mais chamaram a atenção do grupo, consensos e aprendizados daquele exercício; 12 alunos cumpriram o prazo de entrega da elaboração da carta, 10 passaram pela sala do *Google Meet* e 08 permaneceram até o final onde dialogaram sobre o ato de escrever e refletir sobre a experiência vivida. Segue quadro complementar com as datas e número de participantes dos espaços.

Quadro 7 – Data e turmas participantes das rodas de diálogos

RODA DE DIÁLOGO	DATA	Turma	Participantes
ETAPA 01 -Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI	17/08/21	Petróleo e Gás	04
ETAPA 01 Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI.	18/08/21	Química, Informática Edificações Petróleo e Gás	10
ETAPA 01 -Apresentação da pesquisa e diálogos sobre a Sociologia no EMI.	23/08/21	Química, Informática Edificações, Mineração	06
ETAPA 02-Roda de diálogo para apresentação da carta e produção e troca de saberes.	31/08/21	Química Informática Petróleo e Gás	08

Fonte: Elaborado pela autora.

Lembra-se mais uma vez que o quadro a seguir não seguem uma linha temporal são unidades de categorização dos temas comuns colocados na Rodas e Cartas demonstram a elevação de um rico debate a partir da Sociologia enquanto diálogo vivo com a experiência de cada um e resultaram nas interpretações dos dados da análise que seguem abaixo.

Na construção do Quadro 8, o processo de categorização da análise apresentou narrativas dos estudantes egressos sobre a possibilidade de participar e colaborar na pesquisa em torno da finalidade e o sentido da Sociologia no IFPB. A partir da Roda de Diálogo ETAPA 01 (A e B) e das Cartas escritas (Anexo 03) pelos estudantes que destacaram as questões sobre vivências com a disciplina.

Quadro 8 – Início e motivações para a pesquisa

ALUNO	COMUNICAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
SUZY	CARTA	03	<p>“Inicialmente, quando veio ao meu conhecimento que a senhora estava realizando essa pesquisa sobre a Sociologia no IFPB, eu simplesmente amei. Isso aconteceu, pois as matérias de humanas ministradas no instituto abriram minha mente de uma forma gigantesca, fazendo com que eu entendesse muitos processos sociais que antes passavam despercebidos.</p> <p>Dessa maneira, fico muito feliz de estar participando e, conseqüentemente, contribuindo de alguma forma, com o desenvolvimento do seu trabalho”.</p>
RAFAELA	RODA DE DIÁLOGO A	01	<p>“Eu achei bem importante a pesquisa, assim particularmente todos os anos que a gente participou das aulas de Sociologia com a senhora, porque era envolvido o conteúdo, era didático, literalmente mas sempre era puxado para alguma experiência, alguma coisa do nosso presente no nosso dia-dia”.</p>
LUIZA	CARTA	03	<p>“Fico muito feliz de poder contribuir com seu mestrado, contando um pouco da minha experiência com a disciplina de Sociologia no meu Ensino Médio no IFPB - Campus Campina Grande. Particularmente, gosto muito das disciplinas de humanas e, principalmente, de Sociologia, porque além de explicar sobre os fenômenos sociais que nos</p>

			deparamos cotidianamente, também nos deparamos com a reflexão sobre eles”.
MARTA	RODA DE DIÁLOGO B	01	“Eu só queria agradecer a senhora por este espaço e convidar a gente para fazer parte dessa pesquisa e a gente ter esse espaço aberto para falar, pra discutir, para ouvir uns aos outros, uma coisa boa desse espaço é que eu nunca pude conversar tanto com pessoas de outros cursos para saber a experiência delas a respeito de uma disciplina que eu considero tão importante, então muito obrigado pelo espaço”.
Valéria	RODA DE DIÁLOGO D	02	“É impossível falar de Sociologia sem falar de cotidiano e sem falar das nossas vidas”

Fonte: Elaborado pela autora.

O diálogo apresentou-se como ponto de partida para compreensão dos significados da pesquisa. A aluna Suzy destaca, em sua carta, a livre escolha de colaborar, além de frisar a importância da Sociologia para sua formação e desvelamento de processos sociais cotidianos. “Isso aconteceu, pois as matérias de humanas ministradas no instituto abriram minha mente de uma forma gigantesca, fazendo com que eu entendesse muitos processos sociais que antes passavam despercebidos”. (Cartas, 2021)

A prática educativa construídos ao longo dos três anos do Ensino Médio de forma reflexiva transformaram-se em estímulos e desvelamento com o mundo vivido pela aluna, ampliando sua compreensão sobre a história e seu lugar no mundo. Efetivando a ruptura com hábitos generalizados que parecem naturais por serem comuns na vida da grande maioria das pessoas.

Já a aluna Luiza aponta: “Gosto muito das disciplinas de humanas e, principalmente, de sociologia, porque além de explicar sobre os fenômenos sociais que nos deparamos cotidianamente, também nos deparamos com a reflexão sobre eles” (Cartas, 2021).

O destaque da segunda aluna também aponta a importância da reflexão sobre os fenômenos sociais, expandindo o expecto sobre a realidade, revelando característica dos fenômenos e expandindo nossa visão sobre a realidade em diferentes aspectos. Relevando características sociais que não percebiam e portanto oferecendo bases para de observação e entendimento para suas experiências.

A análise de fatos da vida cotidiana se mostrou eficaz do diálogo se mostrou para entendimento de questões complexas sobre o mundo em interface com a vida cotidiana dos estudantes. Tal metodologia foi aprofundada nas rodas de diálogo e como já sabido, nas aulas durante os três anos do Ensino Médio. Entre os preceitos metodológicos das rodas de diálogo, estiveram presentes a abertura ao diálogo, a informalidade e a cooperação.

[...] ‘Informalidade’ significa que as regras do diálogo não são preestabelecidas, eles surgem no curso do próprio diálogo. ‘Abertura’ quer dizer que ninguém entra no diálogo com a certeza de sua própria verdade e vendo como sua única tarefa convencer os outros (detentores a priori, de ideais erradas). E ‘cooperação’ significa que nesse diálogo todos os participantes são ao mesmo tempo mestres e aprendizes, e que não há vencedores e nem vencidos (BAUMAN, 2015, p. 76).

A Sociologia, segundo Bauman, tem como fim o intercâmbio contínuo com senso comum, construída a partir da experiência humana e pode auxiliar os jovens a interpretar e refletir sobre a realidade em que estão inseridos num contínuo diálogo com dinâmicas sociais para além de fatos e acontecimentos restritos de seu dia a dia.

[...] a função da sociologia é um diálogo, intercâmbio contínuo, infinito fato bilateral com o "senso comum" construído pelas experiências humanas e nelas investida; e isso quer dizer com os praticantes comuns da vida, não com os porta-vozes desta ou daquela profissão, incluindo a nossa, hoje em nossa era profundamente desregulamentada e individualizada (BAUMAN; 2015, p. 127).

Na sala de Sociologia do Ensino Médio os jovens puderam construir espaços de aprendizagem colaborativa potencializadores de uma formação humana, já nesse primeiro se pode aferir como nesses sujeitos se descobriram responsáveis pela construção de sua própria história em inter-relação com outros indivíduos que trazem em sua biografia características comuns e os ajudam as enxergar o que antes era visto como uma questão localizada ou particular.

Ainda no Quadro 8, a aluna Rafaela ressalta que “as aulas de Sociologia eram marcadas por questões que debatiam coisas do nosso presente, do nosso dia a dia”. Não é frequente que se pare para pensar sobre o significado daquilo que se vivencia. Ainda nessa mesma tabela, a aluna Luiza também destaca “a importância das reflexões trazidas para sala de aula ao explicar sobre os fenômenos sociais que nos deparamos cotidianamente, também nos deparamos com a reflexão sobre eles”. As jovens destacaram que as aulas de Sociologia eram espaços de debate sobre questões cotidianas, complexas e latentes, que marcavam o seu dia a dia, mas, muitas

vezes, não paravam para, conscientemente, refletir sobre as mesmas. Desta forma, percebem que a Sociologia ajudou-as a encontrar respostas para os labirintos subjetivos ou até mesmo comuns a outros colegas.

As expressões trazidas nos discursos das alunas apontam para a importância de trabalhar a Sociologia a partir de práticas reais do cotidiano, articulando experiência individual e reflexão sobre os problemas sociais coletivos no contexto vivido pelos alunos. Tais destaques apresentados fazem interface com o pensamento de Charles Wright Mills (1965, p. 14), ao enfatizar que o Sociólogo deve apontar características essenciais de uma época e relacionar o sentido social e histórico para que os partícipes possam perceber o que acontece com o mundo e com eles mesmos, causas e efeitos dos problemas que marcam um determinado contexto.

Ainda segundo Mills (1965), a Sociologia não deve abdicar da tarefa intelectual e política de dialogar sobre as informações públicas e suas interfaces com as inquietações privadas. Desenvolvendo e cultivando uma educação fincada em valores como autonomia e liberdade e não abrir mão de seu papel questionador, voltando-se sempre para a análise das contradições e determinações do mundo como ele está e não como ele é.

O exercício do diálogo aproximou os alunos dos temas em debates ultrapassando o nível das preocupações rotineiras enraizadas ao senso comum. Durante as rodas de diálogo da pesquisa os jovens debateram com colegas de sua turma ou de outras turmas, participavam de forma livre das sessões de debate, compartilharam pontos de vistas e questões comuns que marcam suas biografias para além dos bancos da escola.

Não existiu traços de batalha ou competição pelo centro das ideias, o foco era problematizar, protagonizar principalmente suas interpretações, conceitos e temas que marcaram as vivências com o livro, as redações, os filmes assistidos e as inúmeras pesquisas produzidas e assim construir sentidos coletivos quanto a finalidade, aprendizagens e vivências com a Sociologia no EMI.

Eu só queria agradecer a senhora por este espaço e convidar a gente para fazer parte dessa pesquisa e a gente ter esse espaço aberto para falar, pra discutir, para ouvir uns aos outros, uma coisa boa desse espaço é que eu nunca pude conversar tanto com pessoas de outros cursos para saber a experiência delas a respeito de uma disciplina que eu considero tão importante, então muito obrigado pelo espaço (CARTA, 2021).

Os alunos e alunas participaram ativamente das etapas como expressa a tabelas de análise e os destaque com as narrativas das construção coletivas, construindo reflexões entre

suas vidas e os temas estudados, como destaca a aluna Valéria: “é impossível falar de Sociologia sem falar de cotidiano e sem falar das nossas vidas” (Quadro 8). Aquela dinâmica de troca e interpretação das aprendizagens sociológicas chamaram a atenção dos jovens que rememoravam fatos cotidianos e conhecimentos estudados na sua formação a partir dos instrumentos de análise propostos. Demarcando o seu lugar de protagonistas da pesquisa, construíram e afirmaram a importância da disciplina a partir da construção de sentidos intersubjetivas sobre a finalidade da Sociologia na escola e particularmente na formação de jovens mais críticos e atentos com as questões de seu tempo como mostra outros quadros a seguir.

No Quadro 9, foram reunidas informações sobre a Sociologia tendo como mote a vida cotidiana, o contexto e relatos em torno de estranhamentos da realidade. As aprendizagens sociológicas que foram sendo exemplificadas pelos jovens a partir de memórias marcantes das rodas de diálogos ETAPA (1 e 2) e Cartas reunidas abaixo:

Quadro 9 – Sociologia e estranhamento I

ALUNO	COMUNICAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
SUZANA	RODA DE DIÁLOGO B	02	Uma das aulas foi quando ela mostrou uma foto onde tinha um muro que era dividido entre as pessoas da periferia e outra ali das pessoas de classe alta, ou seja é algo que para gente muita das vezes é comum mas quando a gente começa a enxergar com outros olhos a gente começa a debater, a gente começa a enxergar de forma diferente. A gente vê que não é tão comum assim é ...

ANITA	CARTA	03	Na carta para os alunos é perguntado: “Os debates e temas retratados fizeram você pensar sobre essas relações e sobre sua percepção sobre seu lugar nesse mundo, a partir da realidade vivida e fatos estudados?” e minha resposta é sim, em uma aula estávamos discutindo sobre dado assunto e chegamos até a meritocracia... um colega tinha uma opinião diferente da minha. Tentando o convencer que estava errado, que meritocracia não existe, usei a mim e a uma outra colega de turma que enfrentava diversas dificuldades de locomoção da sua casa até o IFPB como exemplo. Nesse cenário, me comparando com ela, eu não enfrentava quase nenhuma dificuldade para chegar na escola o que facilitava minha vida e podia ser uma fator importante quando falamos em desistência de alguns alunos, onde a maioria são de cidades circunvizinhas e acabam desistindo do curso pela distância e cansaço. Foi um debate caloroso, mas me ajudou perceber meu lugar no mundo, meus privilégios e também a cruzar o que era estudado em sala de aula com a nossa vida cotidiana.
RAFAELA	CARTA	03	“Sempre nas aulas de Sociologia eu conseguia absorver o conteúdo mais facilmente quando a professora o relacionava com algo da atualidade e do nosso dia a dia assim as aulas ficavam mais dinâmicas e aumentava meu nível de aprendizado”.
SUZANA	RODA DE DIÁLOGO B		Outra também que me marcou bastante foi ela mostrando uma imagem de um comercial de cerveja onde a mulher ela fazia propaganda da cerveja e naquele momento ali eu via, a gente vê várias vezes mulheres fazendo propagandas de cervejas só que a gente naquele momento ali, e eu particularmente vi o quanto a mulher é usada como um produto, não só de venda mas um produto para vender, aquilo ali, ou seja para resumir, em si a Sociologia ela vem abrir os nossos olhos para assuntos que a gente acha que é comum.

SARA	RODA DE DIÁLOGO C	01	É tanto, não só a Sociologia, mas a Sociologia, a filosofia, a história que a gente estudou ali no IFPB abriram, assim, abriu um leque para a gente usar o nosso pensamento crítico e não só acreditar em um lado. A gente usar nosso pensamento crítico para pensar todos os lados, para gente não só. É para gente duvidar, eu acho que essa é a palavra, eu acho que essas três disciplinas, do jeito que a gente viu, que foi mostrado lá, foram de uma forma pra gente duvidar das coisas, pra gente estudar, e antes de falar a gente ter uma base de estudo. Pra gente criticar, a gente precisa ter uma base e não só, por exemplo, a partir de notícia que a gente vê, das notícias que a gente vê, mas a gente ter base pra poder falar sobre aquilo”.
VALÉRIA	RODA DE DIÁLOGO D	02	“Mas é exatamente isso. Para mim, diante das minhas experiências com a disciplina no IFPB, a Sociologia tem que causar esse desconforto para a saída da zona de conforto, porque é assim que nos tornamos mais conscientes e independentes. E um pensamento crítico independente e bem desenvolvido não só é bom para o indivíduo que a tem, mas para a sociedade, já que fazemos parte dela e contribuímos para o que ela é”.
DAVI	RODA DE DIÁLOGO D		Estou tentando juntar os assuntos de manipulação e sobre o fato de Sociologia estimular as pessoas a terem senso crítico e seria (serem) mais reflexivas, poderia fazer com que menos pessoas fossem manipuladas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao longo das rodas de diálogo os alunos/as interpretaram passagens sobre suas experiências dentro e fora do IFPB. Afirmaram a importância da construção do conhecimento científico a partir do cotidiano e do debate sobre questões significativas que envolviam as relações sociais a partir de práticas do senso comum antes irrefletidas, que os levaram a novas compreensões sobre múltiplas realidades.

O senso comum pode ser um ponto de partida para análises mais profundas sobre o mundo vivido e seus fatores, globais ou locais, em inter-relação com as vivências que batem à porta dos jovens, seja em casa, na rua e nas relações com outros pares. Em suas reflexões sobre a Sociologia nos dias atuais, BAUMAN (2010) sugere que devemos ter como ponto de partida o senso comum, segundo o filósofo “pensar sociologicamente é dar sentido a condição humana por meio de uma análise das numerosas teias de interdependência humana” (BAUMAN, 2010,

p.24). Ao dialogar e analisar fatos da vida cotidiana, o cientista social estimula os seus alunos a irem além e construir sua própria compreensão sobre a realidade social, ajudando-os a apreender conceitos e categorias e ainda a refletir sobre seu lugar nesse contexto.

As alunas Anita e Suzana, no Quadro 9, exemplificaram, a partir de aprendizagens e vivências em Sociologia, nos debates em sala, confrontos e a desconstrução de certezas que pareciam naturais quanto as diferenças e desigualdades sociais. Então através do cruzamento de fatos cotidianos singulares, foi possível fazer uma releitura do mundo social sobre questões hoje compreendidas e antes não consideradas.

É observado ao longo dos diálogos que o confronto de diversos pontos de vista, durante os 02 anos e cinco meses com a Sociologia escolar, auxiliou os estudantes a fazerem conexões que proporcionaram um olhar mais crítico sobre a vida nas mais diferentes esferas. A aluna Sara destaca que “as aprendizagens em História, Sociologia e Filosofia a ajudaram a usar o pensamento crítico e ainda a duvidar das coisas”.

O exercício de estranhar fatos cotidianos antes irrefletidos é uma prática apontada pelos alunos e alunas em diversas narrativas, mesmo que não categorizadas como estranhamento, mas explicitadas ao longo dos discursos, sentimentos e compreensões compartilhadas durante a investigação.

A aluna Suzana exemplifica, ainda, na Roda de Diálogo (Quadro 9), uma outra situação de estranhamento da realidade, quando observa a presença das mulheres como produto do marketing em comerciais de cerveja e que, tal relação, era comum e passava totalmente despercebida aos seus olhos. Aquele choque facilitou e marcou seu processo de aprendizagem a partir de um fato corriqueiro na sociedade de consumo. A reinterpretação da aluna frente a imagem da propaganda potencializa uma análise crítica a partir do estranhamento que, segundo Guimarães (2014), é a condição necessária para os jovens do Ensino Médio realizarem uma leitura sociológica do mundo.

Continuando a interpretação dos fragmentos do Quadro 9, em sua carta, a aluna Anita exemplifica uma aprendizagem sociológica marcante do período regular de aulas, onde relata uma situação de estranhamento e consequente desnaturalização sobre o que ela concebia como meritocracia, ao final ela conclui o seu aprendizado: “Foi um debate caloroso, mas me ajudou perceber meu lugar no mundo, meus privilégios e também a cruzar o que era estudado em sala de aula com a nossa vida cotidiana”.

A aluna Anita afirma que percebeu seus privilégios e seu lugar no mundo, compreendendo os porquês e as relações sociais em que ela e os colegas estavam envolvidos, modificando sua interpretação sobre o fato, observando, de um modo não naturalizado, o contexto em que estavam inseridos. A partir dessa narrativa têm-se alguns dados importantes para a reflexão, a aluna afirma que acabou modificando sua visão sobre o cenário em que estava inserida, o grupo social ou mesmo a comunidade em que se localizava, reconstruindo seu modo de pensar e a compreensão da sua realidade em relação aos outros. Dessa forma, a Sociologia na sala de aula do IFPB cumpre sua finalidade, ao serem confrontadas as falas dos discentes com as Orientações Curriculares Nacionais:

Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores (BRASIL, 2006).

A reinterpretação de fatos da vida cotidiana a partir de uma Sociologia que utiliza o diálogo como método proporcionou aos jovens o confronto e a elevação de suas consciências, embasando-os a opinar, divergir, construir consensos que os tornaram cômicos e respeitosos frente aos outros e capazes de fazer escolhas livres num mundo de tantas incertezas. No Quadro 9, os alunos relatam que a Sociologia no Ensino Médio colaborou de alguma forma com suas vidas cotidianas, destacando experiências consistentes de estranhamento de desnaturalização que ampliaram sua criticidade e leitura do mundo.

É contribuição das Ciências Sociais, como a disciplina Sociologia para o nível médio, propiciar aos jovens o exame de situações que fazem parte do seu dia a dia, imbuídos de uma postura crítica e atitude investigativa. É sua tarefa desnaturalizar os fenômenos sociais, mediante o compromisso de examinar a realidade para além de sua aparência imediata, informada pelas regras inconscientes da cultura e do senso comum. Despertar no aluno a sensibilidade para perceber o mundo à sua volta como resultado da atividade humana e, por isso mesmo, passível de ser modificado, deve ser a tarefa de todo professor (MORAES; GUIMARÃES, 2010, p. 48).

Segundo as OCNEM a Sociologia tem o duplo papel enquanto ciência: desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais, aperfeiçoar o olhar sociológico para observação dos fenômenos que parecem como ordinários, triviais, corriqueiros, normais, sem necessidade de explicação, aos quais se está acostumado, e que, na verdade, nem são vistos, pois parecem naturais, merecem ser compreendidos e explicados a partir dos métodos de ensino da Sociologia.

Na análise em tela, a Sociologia se fez experimento, aguçando a razão compreensiva dos jovens para que os mesmos refletissem sobre a ação social de aprender a partir de fatos de seu próprio cotidiano e elaborassem significações para o mundo vivido e, assim, compreendessem as contradições e desafios de ser escritores de sua própria história.

A aluna Valéria, no Quadro 9, afirma “Para mim, diante das minhas experiências com a disciplina no IFPB, a Sociologia tem que causar esse desconforto para a saída da zona de conforto, porque é assim que nos tornamos mais conscientes e independentes. E um pensamento crítico independente e bem desenvolvido não só é bom para o indivíduo que a tem, mas para a sociedade, já que fazemos parte dela e contribuimos para o que ela é”.

Nesse processo de diálogo, os alunos foram atribuindo o sentido da ação de estudar Sociologia no Ensino Médio, tomando consciência da sua identidade de jovens estudantes, sua condição de partícipes do debate, capazes de expressar suas opiniões, de ouvir e de construir seus próprios relatos a partir do contato com a disciplina. Mesmo afirmando que sentiram-se inseguros no início, superaram medos e foram percebendo que o exercício sugerido, segundo o aluno DAVI, aperfeiçoava seu o senso crítico tornando-os seres mais reflexivos e menos manipulados.

Na elaboração do Quadro 10, foram reunidos fragmentos de cartas escritas na ETAPA 03, momento o qual os alunos produziram suas próprias narrativas em torno das vivências e experiências em sala de aula, relatando a importância da Sociologia e os novos conhecimentos que estariam levando na bagagem.

Quadro 10 – Sociologia e estranhamento II

ALUNO	COMUNI- CAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
MARTA	CARTA	03	“Eu escreveria aqui mais umas milhares de palavras porque minha experiência foi muito boa, aprendi e cresci muito, a única crítica que tenho a fazer em relação a Sociologia é que deveríamos ter tido muito mais aulas, muito mais momentos, no mais Sociologia foi uma disciplina extremamente importante, não só para cumprir obrigações do currículo escolar, ou porque está presente no ENEM, mas porque foi uma disciplina que me ajudou a me desenvolver como pessoa, eu passei a compreender a sociedade e analisar as coisas que acontecem ao meu redor sob outra ótica, me tornei uma

			<p>pessoa mais crítica, as coisas que eu achava ou que parecia comum, passei a questionar.</p> <p>Estudar, refletir, discutir Sociologia em seus diversos conteúdos, sociólogos, conceitos, livros fez com que eu entendesse que o conhecimento liberta de fato o homem e que a Sociologia não é uma disciplina que está somente dentro da sala de aula, Sociologia diz respeito a vida em sociedade, a nós seres sociais”.</p>
MATEUS	CARTA	03	<p>“Durante o Ensino Médio, a disciplina de Sociologia nos mostrou desde o início do pensamento sociológico até as mudanças sociais que enfrentamos hoje ainda, ampliando a visão do estudante da sociedade que se vive”.</p>
LUIZA	CARTA	03	<p>Nessa ótica, a Sociologia faz muito daqueles que a estuda, como reflexivos e críticos, porque você conhece as diferentes realidades em um espaço pequeno, que é a escola, por isso que é tão importante, pois é capaz de fazer nós, alunos, refletir acerca da nossa própria sociedade, nossa cidade, nosso ser enquanto cidadão.</p>
Fábio	CARTA	03	<p>“O que mais consigo destacar é sobre mudar minha visão de mundo para um mundo mais claro, crítico e bem analítico, conseguir ter o poder e a consciência de analisar fatos que acontecem na nossa sociedade.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro analítico acima apresenta outros relatos dos alunos sobre suas percepções quanto à importância e a finalidade da Sociologia, a partir da vivência no ensino integrado. Entre os entendimentos consensuais está o de que as aprendizagens sociológicas contribuíram para o desenvolvimento e formação humana, além de aguçar o questionamento e uma maior compreensão da realidade.

A aluna Luiza, na Roda de Diálogo C, destaca a finalidade da Sociologia para os jovens do Ensino Médio, ao afirmar que a disciplina “faz muito daqueles que a estuda, como reflexivos e críticos, porque você conhece as diferentes realidades em um espaço pequeno, que é a escola, por isso que é tão importante, pois é capaz de fazer nós, alunos, refletir acerca da nossa própria sociedade, nossa cidade, nosso ser enquanto cidadão”. O aluno Mateus (Quadro 10) corrobora com a declaração de Luiza, ao afirmar que a disciplina de Sociologia permitiu ampliar “a visão do estudante da sociedade que se vive”.

Os dois discentes apontam que a disciplina expandiu a sua capacidade de visão sobre a sociedade e suas instituições, tornando-os mais críticos e reflexivos. Nas rodas, os alunos e alunas construíram sentidos que demonstraram a importância das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia e Ciência Política) no ambiente da educação integrada, ao oferecer reflexões em torno de teorias, conceitos e temas que contribuem na interpretação mais ampliada da realidade, desde a compreensão do exercício da cidadania e as mudanças no mundo do trabalho.

Essa perspectiva da análise dos alunos, presente na tabela acima, corrobora com uma questão apresentada pelas OCNEM (BRASIL, 2006), quanto ao limite da:

[...] justificativa que se tornou *slogan* ou clichê – ‘formar o cidadão crítico’ –, entende-se que haja outras mais objetivas decorrentes da concretude com que a Sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a Sociologia oferece, quer sistematizando os debates em torno de temas de importância dados pela tradição ou pela contemporaneidade (BRASIL, 2006, p.105).

Diante das análises dos alunos e da professora-pesquisadora, apreende-se que a Sociologia tem um importante papel político-epistemológico no campo educacional ao desenvolver, entre aqueles que se apropriam de suas ferramentas de análise, a ampliação da consciência, categorizada por Mills (1965), como o exercício da Imaginação Sociológica. Concretizadas, aqui, em experiências de estranhamento e desnaturalização da realidade, exemplificadas ou metaforizadas pelos partícipes dos diálogos quando denotam compreensões sobre suas práticas sociais, ampliando seu olhar sensível, frente às questões no espaço privado e ainda sobre a esfera pública.

Segundo Marta, a Sociologia a ajudou a observar a realidade social e a vida pessoal, apurando sua capacidade reflexiva. Já o aluno Fábio (Quadro 10) destaca que a disciplina mudou “a visão de mundo para um mundo mais claro, crítico e bem analítico, consegui ter o poder e a consciência de analisar fatos que acontecem na nossa sociedade”. Pode-se apreender que a disciplina tem potencializado uma autoconsciência da realidade social, levando os alunos a compreenderem seu lugar dentro de um contexto histórico amplo à medida que oportuniza olhares relacionais sobre as esferas sociais, simbólicas e político-econômica dando novos sentido a sua condição humana.

A Sociologia, segundo Araújo e Lima em:

[...] como espaço privilegiado para a realização das Ciências Sociais no Ensino Médio, oportuniza aos estudantes a adoção de novas lentes para a interpretação da realidade, possibilitando a construção de novos modos de pensar as práticas sociais em suas plurais formas de manifestação (ARAÚJO, A. M.; LIMA, JGSA, 2015, p. 03).

Dessa forma a Sociologia no Ensino Médio supera as previsões dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio “a partir do desenvolvimento de uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno” (BRASIL, PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS - 2005, p. 37). As aprendizagens demonstradas pelos discentes vão além dos marcos legais em torno da finalidade da disciplina.

O conhecimento sociológico amplia o olhar dos estudantes em conformidade com reflexões e proposições apontadas por Bauman quanto caráter humanizador da disciplina:

Pensar sociologicamente pode nos tornar mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorre sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes e novas experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis (BAUMAN, 2015. p. 25).

O protagonismo dos Jovens e a experimentação da Sociologia como prática da liberdade humana demonstrou que a disciplina no Ensino Médio pode ser mais que uma simples disciplina no conjunto de uma matriz curricular. As atividades pedagógicas efetivadas através do diálogo, enquanto prática permanente com experiência humana no chão da sala de aula, possibilitaram o aperfeiçoamento da convivência e da formação humana capacitando os agentes do diálogo a aperfeiçoarem a escuta ao outro, o respeito e a tolerância que será praticadas para além dos muros da escola.

No Quadro 11 foram reunidos as interpretações significativas das Roda de Diálogo (ETAPA 01) e 04 cartas (ETAPA 03) nos quais os jovens de forma bastante enfática relatam aprendizagens coletivas em torno da Sociologia através do exercício do diálogo vivo com a experiência humana, aperfeiçoando a o exercício o respeito mútuo, e principalmente a autoconfiança frente a realidade.

Quadro 11 – Sociologia como prática da liberdade

ALUNO	COMUNI- CAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
-------	------------------	-------	-----------

SUZANA	RODA DE DIÁLOGO B	01	“E quando a gente chega no IF é uma diversidade de pessoas de outros lugares pensamentos diferentes e a gente convive com isso e a gente vai aprendendo cada vez mais ouvir as pessoas e ser ouvido. E uma das coisas que a Sociologia, ela me mostrou muito é que, diferente, assim das outras disciplinas, não desmerecendo as outras disciplinas, jamais, mas ela quer, ela dá muito espaço para o aluno falar, ela abre muitas rodas de debates para o aluno falar, não é exatamente só aquilo ali robotizado”.
DAVI	CARTA	03	“Não só pensar em si mesmo como pensar na sociedade em geral, os debates e temas que são retratados nessa área de estudo são bem interessantes, por que nos faz pensar sobre diversos tipos de relações e questionar nossa percepção sobre nosso lugar no mundo, o que estamos fazendo, o que iremos fazer, que pode ou não afetar alguém, um grupo de pessoas ou a sociedade como todo, dentre outras coisas”.
SUZY	CARTA	03	“O que mais me encanta na Sociologia é que é uma disciplina que dá voz aos alunos, do espaço para eles expressarem suas opiniões, serem ouvidos e também aprendem a ouvir, a fazer escolhas de forma mais consciente, pensar nas pessoas. Enfim é uma disciplina extremamente importante para o meu crescimento como pessoa e sou muito grata pela oportunidade de desfrutar desses aprendizados”.
SARA	CARTA	03	“Outro aspecto importante sobre a metodologia de ensino é o fato que os professores buscavam estimular nos alunos a autonomia, nesse caso por meio de pesquisas, e trabalhos feitos pelos alunos com o intuito de que nós tentássemos tirar nossas próprias conclusões acerca do tema, e isso era melhorado quando tinha um debate ou apresentação sobre o assunto, ampliando assim a capacidade do aluno desenvolver tanto confiança para expressar sua opinião, quanto respeito pela opinião dos outros”.
HELENA	CARTA	03	“Por fim, a Sociologia me colocou direta e indiretamente em contato com a sociedade, mostrando novas realidades, e as outras faces, que por tantas vezes são esquecidas, nos ensinando a sermos mais respeitosos com todos, mesmo que não concordemos com eles”.

Fonte: Elaborado pela autora.

A Sociologia no IFPB, como parte de um conjunto articulado de disciplinas do currículo integrado, é descrita, pela maioria dos alunos, como uma disciplina importante. Nessa seção foi

feita a interface entre a Sociologia e o ensino integrado. O campus de Campina Grande é um centro de educação de excelência com as premissas para a efetivação de uma educação de qualidade, espaço arquitetônico novo, moderno e acolhedor.

Segundo os alunos estudar no IFPB, é uma experiência única, relatam experiências de aprendizagens na convivência com diferentes grupos de jovens presente na escola, afirmando que aprenderam com pluralidade de pessoas vindas de várias cidades do estado. Destacam em detalhes relações fortuitas de vivências no espaço do Ensino Médio Integrado e enfatizam que a unidade de ensino é um espaço diverso e plural, sendo um ambiente permanente de aperfeiçoamento para o convívio com as diferenças e preparatório para a vida em sociedade². A Sociologia ajudou os alunos a melhor compreender a sociedade em que vivem e a escola os preparou para enfrentar a vida lá fora.

A partir do processo de debates, eles foram percebendo suas capacidades e foram ganhando confiança para expressar opiniões e pontos de vista como frisado por Sara (Quadro 11), que acentua que as metodologias de ensino utilizadas pelos professores da escola buscavam levá-los a autonomia.

Uma reflexão que dá sentido e legitimidade a Sociologia no Ensino Médio é a descrição do aluno DAVI: “Não só pensar em si mesmo como pensar na sociedade em geral, os debates e temas que são retratados nessa área de estudo são bem interessantes, por que nos faz pensar sobre diversos tipos de relações e questionar a percepção sobre nosso lugar no mundo, o que estamos fazendo, o que iremos fazer, que pode ou não afetar alguém, um grupo de pessoas ou a sociedade como todo, dentre outras coisas”. Nesse parágrafo de sua carta, ele consegue frisar que os temas e debates o fazem pensar sobre as diversas relações sociais e seu lugar no mundo, exercitando a imaginação sociológica, aperfeiçoando sua observação sobre sua história e seu contexto além de refletir como se relaciona com os outros no espaço em que convive.

Suzy (Quadro 11) acrescenta que a *Sociologia* “é uma disciplina que dá voz aos alunos, dá espaço para eles expressarem suas opiniões, serem ouvidos e também aprendem a ouvir, a fazer escolhas de forma mais consciente, pensar nas pessoas.” Essa fala reforça o entendimento de que a disciplina ajudam os estudantes a aperfeiçoar a escuta e contribuem no desenvolvimento da sua autonomia. As citações do aluno Davi e da aluna Suzy favorecem a

² Encontramos muitos destaques dessas expressão na (Roda de Diálogo 04 etapa 02) no apêndice X e em algumas cartas específicas.

observação que os conteúdos e teorias foram apreendidas e transformadas num conhecimento duradouro, que ajudarão os jovens a ampliar sua liberdade de escolha frente aos desafios presentes e futuros.

Os dois parágrafo acima congregam questões em torno da finalidade da Sociologia que vão além do objetivo legal previsto na Lei n.º. 9.394, de 1996, que é o “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania e preparação para o trabalho”. Demonstrando que o estudo da sociedade e a compreensão das dinâmicas sociais apuram o pensamento crítico e ainda ajudam na formação da autonomia e livre escolha dos estudantes.

Na construção do Quadro 12, foram reunidos fragmentos das narrativas das Roda de Diálogo (ETAPA 01) e (ETAPA 01) 02 cartas (ETAPA 03) nos quais estudantes apontam atividades significativas desenvolvidas e apreendidas na sala de aula, e as interfaces desse conhecimento com o mundo vivido. Em especial trouxeram debates sobre as *fake-news* e as várias formas de manipulação que marcam esse momento contemporâneo.

Quadro 12 – Sociologia: Para além cidadã

ALUNO	COMUNI- CAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
HELENA	CARTA	03	<p>“A Sociologia nos faz refletir sobre os direitos humanos e suas funcionalidades e como não importa a classe social, raça, nacionalidade, gênero e orientação sexual, pois todos seres são dignos dos direitos básicos da vida”.</p> <p>“(…)Como lidar com o racismo enraizado na sociedade, machismo, etnocentrismo, preconceito, desigualdade, equidade, intolerância religiosa, meio-ambiente diversidade de sexo, gênero e sexualidade. Debatermos sobre os assuntos mais “simples” até os mais complexos de forma clara, divertida, com filmes e músicas; onde os professores nos tiram de uma realidade repetitiva para uma aprendizagem leve e dinâmica”.</p>
LUIZA	RODA DE DIÁLOGO B	02	<p>“A Sociologia no IF e no Ensino Médio, assim no geral, acho que ela é uma matéria, assim, muito importante. Principalmente porque a gente sabe que no final a gente vai fazer um TCC e o nosso TCC ele sempre reflete sobre a sociedade, e na verdade tudo na nossa vida reflete sobre a sociedade porque a gente tá inserido nela, então a discussões</p>

			que a gente tinha na sala de aula sobre a questão do trabalho, a questão de, por exemplo, os direitos políticos que a gente tem, como a política é feita, era algo muito discutido na minha sala e eu nunca tinha parado para pensar sabe?
MATEUS	CARTA	03	“Além disso, essas áreas também são importantes para nos desviar dos bombardeamentos de informação que estamos expostos todo dia na internet, sendo possível, muitas vezes, discernir uma notícia falsa (Fake-News) de uma verdadeira/confiável, a fim de construir uma base de argumentação baseada em notícias verídicas, evitando falácias nas discussões e, conseqüentemente, o não repasse de fake news”.
Davi	RODA DE DE DIÁLOGO D		“Eu vou falar um pouquinho sobre a minha experiência, o que eu coloquei na carta. Uma coisa eu destaquei muito foi essa manipulação em massas que me marcou bastante na disciplina de Sociologia. E a senhora passou um trabalho que consistia fazer uma redação e para isso a senhora passou um filme chamado “A onda” e a gente tinha que citar esse filme na redação. (...) Aí, para fazer isso, eu pesquisei bastante sobre o assunto e tudo mais e, assim, foi um choque de realidade porque realmente a gente é muito manipulado e nem se quer percebe. Principalmente pela mídia e pelas redes sociais, que muitas vezes acaba influenciando a gente a comprar produtos, a compartilhar informações nossas e dos outros.
RAFAELA	RODA DE DIÁLOGO A	01	“E isso facilitava bastante o entendimento da gente e ficou bem claro isso quando a gente chegou na prova do Enem, porque eu, particularmente teve vários conteúdos que eu só consegui assim entender basicamente a questão, por conta das aulas de Sociologia”.
LUIZA	RODA DE DIÁLOGO D	02	“É uma Instituição muito plural porque eu convivo com pessoas que são diferentes de mim e isso nos faz refletir que a gente é colocado (em) uma bolha, sabe, mas quando a gente vê, a gente estuda as disciplinas de humanas: história e Sociologia, filosofia, assim todo esse conjunto, é muito válido, principalmente porque a gente tem um ensino técnico e aí é muito focado pras área de exatas”. E aí essas disciplinas fazem a gente voltar, assim, para a realidade e ver que a sociedade, uma hora ou outra, ela está inserido naquilo ali e ela precisa ser refletida. Então, meio que a gente se acha tanto protagonista, a gente acaba vendo que estamos dentro de uma bolha social e

			também; e a gente tá em outras também e é protagonista de outras e é importante você entender todas”.
SARA	CARTA	03	E ainda posso dizer que a experiência como aluna de Sociologia não só serviu para mim como algo acadêmico, como também para aspectos da vida real.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os debates e trocas de experiências vivenciados durante a pesquisa propiciaram a construção analítica de uma colcha de retalhos, costuradas a partir de uma diversidade de pontos de vista sobre as aprendizagens em Sociologia escolar no Ensino Médio e os sentidos desenvolvidos a partir da visão dos jovens quanto a utilidade desse conhecimento.

A aluna Helena (Quadro 12) detalha que a “A Sociologia nos faz refletir sobre os direitos humanos e suas funcionalidades e como não importa a classe social, raça, nacionalidade, gênero e orientação sexual, pois todos seres são dignos dos direitos básicos da vida”. Destaca que aprendeu como lidar com o racismo enraizado na “sociedade, machismo, etnocentrismo, preconceito, desigualdade, equidade, intolerância religiosa, meio-ambiente, diversidade de sexo, gênero e sexualidade”.

A aluna Luiza (Quadro 12) aponta que os aprendizados apreendidos nas ciências humanas possibilitaram enxergar “além da bolha assim todo esse conjunto, é muito válido, principalmente porque a gente tem um ensino técnico e aí é muito focado pras área de exatas”. A aluna visualiza de forma positiva a presença do conjunto das disciplinas propedêuticas para o processo de leitura ampliada de compreensão da realidade. Tal observação faz interface com as cartas de Marta e Iara (Anexo 3) que destacam a importância da Sociologia como instrumental para apreensão das mudanças na sociedade capitalista e do mundo do trabalho a partir da aprendizagem de conteúdos como Taylorismo, reformas trabalhistas e os processos de terceirizações.

Um outro tema de caloroso debate e gerador de interesse foi a “Fake News” e a manipulação da informação de massa cada vez mais intenso em nossa sociedade. O aluno Mateus acredita que a Sociologia nos dias atuais ajudaria aos jovens na leitura mais consciente de notícias falsas e destaca que “são importantes para nos desviar dos bombardeamentos de informação que estamos expostos todo dia na internet, sendo possível, muitas vezes, discernir

uma notícia falsa (*Fake-News*) de uma verdadeira/confiável, a fim de construir uma base de argumentação baseada em notícias verídicas”.

Os dias atuais são marcados pela hiper-informação, que se modifica e desaparece de forma instantânea como um produto de interesses diversos a serviço do mercado de consumo. Mateus destaca uma questão relevante quanto a utilidade da Sociologia na interpretação dos fatos midiáticos, sua interpretação dialoga com as questões apontadas pelo aluno Davi (Quadro 12): “foi um choque de realidade porque realmente a gente é muito manipulado e nem se quer percebe. Principalmente pela mídia e pelas redes sociais, que muitas vezes acaba influenciando a gente a comprar produtos, a compartilhar informações nossas e dos outros.

A Sociologia no Ensino Médio pode desenvolver recortes nas unidades curriculares tratando de assuntos presentes e relevantes aos jovens, a exemplo das redes sociais e comunicação de massa, tratando desses temas através de fatos simples que fazem interface com categorias e situações mais complexas. O desenvolvimento de metodologias e práticas horizontais como a produção textual destacada por Davi é geradora de uma racionalidade sociológica e choque no qual o aluno exerce a reflexividade e constrói sua própria percepção sobre o fato.

O exercício da curiosidade científica no contexto do Ensino Médio Integrado é gerador de possibilidades inovadoras como destaca a aluna Valéria a compartilhar com os colegas que os aprendizados e o raciocínio sociológico foram importantes para interpretar a complexidade das questões do ENEM “E isso facilitava bastante o entendimento da gente e ficou bem claro isso quando a gente chegou na prova do Enem, porque eu, particularmente teve vários conteúdos que eu só consegui assim entender basicamente a questão, por conta das aulas de Sociologia”.

A fala de Valéria e de Mateus entre outros demonstram sentidos para os aprendizados em Sociologia, a partir de vivências sistematizadas de forma coletiva e o aumento da capacidade interpretativa frente a realidade e aos desafios preparatórios para o mundo do trabalho a exemplo do ENEM.

No Quadro 13 as Rodas de Diálogo (B e D) e três cartas (ETAPA 3) apresentam relatos dos estudantes sobre os novos sentidos da disciplina, construídos de forma intersubjetiva. Destacando as potencialidades desse conhecimento que vão para além do marco legal e ajudando-os se desenvolverem como seres humanos melhores e mais crítico.

Quadro 13 – Sociologia no Ensino Médio: Novos Sentidos

ALUNO	COMUNI- CAÇÃO	ETAPA	ARGUMENTO
SARA	CARTA	03	E ainda posso dizer que a experiência como aluna de Sociologia não só serviu para mim como algo acadêmico, como também para aspectos da vida real.
VALÉRIA	RODA DE DIÁLOGO D	02	“Escrever o que pensa e sente é difícil demais”. É difícil principalmente porque a gente é muito envolvido por questões externas, assim, a gente é muito do visual, muito da aceleração mental, a gente vive nessa sociedade cada vez mais acelerada. Tudo muito rápido, mas, às vezes a gente não consegue fazer essa conexão, com o que eu até coloquei na carta para vocês.
VALÉRIA	CARTA	03	Às vezes me peguei decorando conceitos para obter apenas uma nota boa e passar por média, até porque, com 16 ou mais matérias é até compreensível para o aluno, mas não deveria ser assim, visto que o mais importante: o pensamento crítico sobre os assuntos, não está sendo exercitado em pequenas frases decoradas.
IARA	RODA DE DIÁLOGO B	02	“Enfim, pelo que eu ouvi, né, das meninas e pelas minhas conclusões também, das aulas que a gente teve e tudo mais e mais isso mesmo que Marta e Suzana acabou de falar. Que a Sociologia, ela é muito importante para a gente porque, assim como Marta (disse), a Sociologia mudou muito (nossa forma de pensar). Ela fez crescer, ela mesmo como ser humano, também me fez crescer, me fez enxergar tudo de uma maneira diferente, aquela matéria que eu achava que não servia para nada, que não era importante e tudo mais, depois que eu passei a estudar e entrar mais, adentrar nela, eu vi que ela tinha sim importância para a gente, principalmente por essa questão de diversidade no IF, né”.
HELENA	CARTA	03	“Fomos instigados a pensar no coletivo, a respeitar a todos mesmo pensando diferente, mesmo pensando de forma diferente.”
DAVI	RODA DE DIÁLOGO D	02	Eu destaquei a importância de matérias como Sociologia, que estimulam a gente a ser mais críticas e mais reflexivas. Porque, assim, né? Na nossa vida, nas escolas mesmo, matérias de

humanas como Sociologia, filosofia e tudo mais são bem como posso dizer, subestimadas sabe?!

Eu mesmo antes de eu começar a estudar eu ficava tipo “o que será que danado estuda em Sociologia?”, “Será que isso serve para alguma coisa?” Aí quando eu comecei a estudar eu “nossa é uma coisa tão diferente do que eu achei que seria.”

Fonte: Elaborado pela autora.

A pesquisa propiciou espaços de diálogos e produção de novos sentidos sobre a finalidade da Sociologia no Ensino Médio. Os alunos protagonizaram reflexões e o aprofundamento de questões sobre suas vidas e sobre a identidade como estudantes do Ensino Médio Integrado no IFPB. Problematizaram as relações cotidianas, teceram críticas sobre os modelos tradicionais de ensino no ambiente escolar e destacaram a passividade dos mesmos frente a alguns conhecimentos nos quais eram meros receptores de conteúdo.

A aluna Valéria, na roda de diálogo D (Quadro 13) (um espaço coletivo de discussão e compartilhamento sobre a escrita das cartas), coloca a dificuldade de escrever e explorar seu lugar de participante da pesquisa, uma vez que estava enquadrada nos modelos tradicionais de educação organizados a partir da transmissão do conhecimento centradas na figura do professor. Todavia afirma que depois superou os medos e limites iniciais e conseguiu entregar a carta. Verificou-se que a aluna participou ativamente da etapa 02 da análise, dialogando durante toda a roda, mesmo tendo que escrever suas participações no chat por falta de microfone.

Compartilhou em sua carta (anexo) uma autocrítica ao seu ao comportamento no primeiro ano do Ensino Médio ao afirmar “as vezes me peguei decorando conceitos para obter apenas uma nota boa e passar por média, até porque, com 16 ou mais matérias é até compreensível para o aluno, mas não deveria ser assim, visto que o mais importante: o pensamento crítico sobre os assuntos, não está sendo exercitado em pequenas frases decoradas”. Ao longo de sua narrativa coloca que foi mudando sua atitude e se interessou pelos temas estudados a exemplo da Revolução Industrial no segundo ano e de clássicos da Sociologia no terceiro ano.

Nas rodas de diálogo os jovens apresentaram exemplos e metáforas sobre seus aprendizados no Ensino Médio e destacaram experiências próprias e questões identitárias com a disciplina. A aluna Helena destaca (Quadro 13) que durante as aula de Sociologia “Fomos

instigados a pensar no coletivo, a respeitar a todos, mesmo pensando diferente, mesmo pensando de forma diferente”. É observável que os alunos passam a perceber a importância da disciplina a partir do desenvolvimento dos conteúdos do Ensino Médio; Duas expressões analíticas nesse sentido desenvolvidas nas falas da aluna Helena e do aluno Davi.

No Quadro 13 a aluna Iara destaca que se sentiu contemplada o depoimento da colega e assevera:

Ela fez crescer, ela mesmo como ser humano, também me fez crescer, me fez enxergar tudo de uma maneira diferente, aquela matéria que eu achava que não servia para nada, que não era importante e tudo mais, depois que eu passei a estudar e entrar mais, adentrar nela, eu vi que ela tinha sim importância para a gente, principalmente por essa questão de diversidade no IF, né” (Depoimento colhido durante a pesquisa da aluna Iara).

A fala de Davi se aproxima do relato de Helena e também de Iara ao denotar que, depois do contato com a disciplina passou a compreender a importância desta: “Eu destaquei a importância de matérias como Sociologia, que estimulam a gente a ser mais críticos e mais reflexivos. Porque, assim, né? Na nossa vida, nas escolas mesmo, matérias de humanas como Sociologia, filosofia e tudo mais são bem como posso dizer, subestimadas sabe?! Eu mesmo antes de eu começar a estudar eu ficava tipo - o que será que danado estuda em Sociologia? Será que isso serve para alguma coisa? - Aí quando eu comecei a estudar eu - nossa é uma coisa tão diferente do que eu achei que seria”.

Essas reflexões acima são muito relevantes para o objeto da análise, Davi destaca que a utilidade da Sociologia é subestimada na escola de Ensino Médio. Em sua carta aponta que deveria ser mais valorizada por ser importantes para a vida dos jovens e o estimulou a ser mais crítico e reflexivo. Nos seis quadros acima os destaques realizados pelos alunos e alunas apontam para efetiva utilidade e colaboração da Sociologia para a criticidade, autoconsciência, respeito e tolerância com as diferenças e ainda contribui para preparar os alunos para enfrentar desafios como a preparação para o ENEM e para o TCC.

A aluna Sara acentua que “E ainda posso dizer que a experiência com a Sociologia não só serviu para mim como algo acadêmico, como também para aspectos da vida real. As narrativas são expressões coletivas intersubjetivas construídas ao longo do diálogos aos quais demonstram que a sala de Sociologia pode ser um espaço oportuno para ampliação consciência reflexiva dos participantes possibilitando novos modos de pensar mais plurais e favorecem a efetividade do ensino integrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De partida, pode-se explicitar que essa pesquisa foi bem sucedida quanto aos objetivos propostos no tocante à análise sobre o sentido e a finalidade da Sociologia no Ensino Médio. A investigação da hipótese se realizou de forma satisfatória praticando o aprofundamento de diálogos pós-facto e troca de cartas com alunos concluintes do 3º ano do Ensino Médio Integrado do campus de Campina Grande. Pode-se afirmar que foram construídos novos sentidos a partir da experiência reflexiva intersubjetiva sobre as aprendizagens sociológicas.

Mesmo tendo sido planejada num contexto de normalidade, a investigação efetivou-se de forma remota em virtude do período de pandemia do COVID-19 através de Rodas de Diálogo, Cartas e Questionário do Google Form. As atividades de diálogo se realizariam a partir de grupos focais de modo presencial com os alunos que desejassem se inserir nos espaços de vivências. De forma alternativa as rodas de diálogo online foram adaptadas ao cenário atípico, garantindo espaços colaborativos no sentido de construção de conhecimento, onde a professora e educando/as debruçaram-se para refletir sobre as experiências que ambos vivenciaram durante três anos na sala de Sociologia do IFPB no Campus de Campina Grande.

As discussões e debates produziram reflexões e sistematizações das experiências de ensinar e aprender Sociologia no “chão da sala de aula”. A sala de aula tornou-se uma grande roda, um espaço crítico-reflexivo de elevação do pensamento, no qual o conhecimento foi construído a partir de trocas de experiências e vivências que fizeram parte da vida, da história e do contexto vivido pelos alunos no Ensino Médio.

O caráter fundante desse espaço de pesquisa foi a metodologia do diálogo com os fatos da vida cotidiana e memórias compartilhadas sobre a Sociologia no Ensino Médio Integrado. A final de contas, é bom lembrar, que os alunos falavam muito e questionavam sobre a presença de Sociologia no currículo. No desenvolvimento de uma pesquisa pós-facto de forma não-presencial os jovens utilizaram com familiaridade as ferramentas do, Google Meet e Whatsapp, se inter-relacionaram sem muita dificuldade nos espaços remotos, se apropriando dos instrumentos e intervindo de forma cooperativa nas etapas propostas. Expressaram pontos de vistas e refletiram de forma bastante livre os conceitos e questões apresentadas surpreendendo a pesquisadora no que toca à autonomia na construção de questões temáticas e aprofundamento de categorias estudadas ao longo do curso.

Os alunos envolveram-se no debate coletivo, construindo reflexões entre suas vidas e as aprendizagens sociológicas. Destacaram que o ensino de Sociologia os fizeram pensar sobre os fenômenos e relações sociais e a percepção dos mesmos sobre o seu lugar no mundo. Colocando a importância que o conhecimento Sociológico operou no rompimento de antigos padrões limitantes e na desconstrução de modos de ver o mundo, os estudantes expressaram que a experiência formativa os levou para além do modo de enxergar a realidade.

Os espaços de debates e trocas possibilitaram elevação da compreensão e explicação de fatos para além das relações cotidianas, afinal, metodologicamente, a professora sempre sublinhou para os alunos o cuidado de relacionar biografia e história. Dessa forma, as ferramentas de diálogo estimularam a busca de novo embasamento através de atividades de leitura e debates e portanto, aguçavam os jovens a saber mais, a conhecer mais.

Segundo os alunos, os diálogos em torno da finalidade e sentido da Sociologia foram importantes para registrar e sistematizar a experiência bem sucedida do diálogo como método de ensino e conseqüente aprofundamento das vivências que eram reconstituídas e complementadas por questões consensuais e destaques que eram geradores de outras perguntas e adendos que iam sendo elaborados pelos jovens de forma distintiva e interessada.

A realização das rodas de diálogo indicou que os jovens têm muito a dizer sobre a Sociologia e sobre o Ensino Médio, suas relações e percepções a partir das experiências vividas no chão da sala de aula e construídas a partir de relações horizontalizadas, não hierárquicas do ato de ensinar e aprender entre os partícipes do processo.

Como já é sabido, a pesquisa perseguiu os seguintes objetivos específicos:

a) Analisar a finalidade e o sentido da disciplina Sociologia na Rede Federal de Ensino, nesse contexto de sociedade líquida;

b) Investigar as experiências e a vivências de ensinar - e - aprender dos alunos e das alunas e, da professora, na sala de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande. Avaliar as contribuições desse conhecimento para formação dessas pessoas do Ensino Médio Integrado a partir das experiências e vivências formativas num cenário de globalização negativa.

No primeiro objetivo específico a análise da finalidade e do sentido da Sociologia no âmbito do Ensino Médio Integrado foi alcançada plenamente. Entretanto, para atingir este objetivo específico todos os esforços de análise foram orientados metodologicamente pelos pressupostos defendidos por Wright Mills, de que, para se compreender sociologicamente a

realidade, principalmente no mundo líquido moderno, o sociólogo não pode abrir mão da relação entre biografia e história. Ou seja, das conexões entre o ator e o contexto, entre as experiências e vivências cotidianas e as estruturas econômicas e políticas que repercutem na vida de cada um e cada qual e, portanto, de diferentes grupos e classes sociais.

Com relação ao segundo objetivo específico, pode-se dizer, que ele corresponde ao núcleo técnico e empírico da pesquisa. Apesar da já explicitada conjuntura do COVID-19 e das mudanças dos métodos e técnicas de pesquisa, os objetivos não somente foram atingidos, mas consistiram numa riqueza, incomensurável em termos de conteúdos. Sinceramente, a pesquisadora não esperava, que o aprendizado dos alunos e das alunas participantes tivesse atingido um patamar tão elevado e diversificado em termo de análise e compreensão dos fatos e das problemáticas abordadas para além do senso comum. E, apesar de ter convivido com eles e com elas durante três anos na labuta no que se refere ao exercício cotidiano de aprender e ensinar.

A pesquisa confirmou plenamente a sua hipótese de trabalho: que sentido tem a Sociologia para os estudantes do IFPB? Essa hipótese de trabalho implica em dizer que a produção de sentido não se realiza fora da escola. Ela deve ser buscada no dia a dia da sala de aula. Quem produz sentido são os alunos e a professora que vivem a experiência de ensinar e aprender e portanto de troca de experiências e saberes.

Este trabalho consistiu numa experiência de sistematização de três anos de sala de aula no IFPB de Campina Grande, feita pelos próprios atores que vivenciaram esta experiência: a professora e os estudantes. Então, a pesquisa se propôs a avaliar a prática vivida entre a professora e seus alunos no espaço da sala. Esses autores conseguiram produzir saberes e significações mediante o debate, procurando refletir sobre a Sociologia e indo além dela, demonstrou-se, a partir da construção de novas ideias, que os partícipes ao longo daqueles três anos tornaram-se mais autoconscientes e preparados para enfrentar a vida lá fora.

Apesar desse sucesso da pesquisa, não pode-se deixar de destacar que o trabalho contém limites e lacunas entre eles o fato de se ter trabalhado com menos autores do que foi previsto na revisão bibliográfica, levando-se em consideração a própria exiguidade do tempo para se concluir a dissertação de acordo com o calendário acadêmico. Apesar disso, foi realizado uma ampla leitura das teses e dos textos que estão explicitados na introdução deste trabalho. Sem esta leitura, provavelmente não teríamos chegado a concluir este trabalho e nem ter alcançado

o sucesso na realização de seus objetivos e hipótese. Pode-se destacar os trabalhos de Pellizzer (2016), Gomes(2020), Oliveira (2015) e Leite (2017).

Outro limite que não pode deixar de ser destacado está relacionado ao fato de que a pesquisa foi realizada apenas com vinte três alunos de um grupo bem maior. Ou seja, foram convidados todos os alunos e alunas, concluintes dos terceiros anos do IFPB, campus Campina Grande do ano de 2020.

Não podemos deixar de destacar que a pandemia possa ter sido um fator que reduziu essa participação. Mesmo assim, dada essa conjuntura de crise pode-se dizer que mobilizar 23 alunos e alunas já é um fator de sucesso. Ainda mais se somarmos a outro fator já explicitado que é a espontaneidade dessa participação e não indução. Entretanto não se pode deixar dizer que essa pesquisa pode apresentar limites quanto a generalização de seus resultados.

Em termos metodológicos as leituras feitas, C. Wright Mills, Bauman e Paulo Freire, foram fundamentais, porque elas coincidiram não só com a pesquisa em si, mas foram referências que nos subsidiaram durante a experiência de 03 anos de ensino de Sociologia em sala de aula do IFPB, nos norteando com a ideia de Sociologia como prática de liberdade, imaginação sociológica, artesanato intelectual, modernidade líquida, cultura juvenis performáticas e, principalmente, a ideia de diálogo como método, defendido por ambos autores e principalmente, o diálogo como método em Paulo Freire e suas ideias de Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Pergunta, Pedagogia da Solidariedade e a ideia das cartas como mediações de diálogos presenciais ou a distância para produzir conhecimento a partir das experiências vivenciadas colocadas em debate. Por incrível que pareça esta ideia é plenamente utilizada por Zygmunt Bauman.

Destacar ainda toda gratidão e respeito aos jovens egressos que se disponibilizaram a construir essa troca de experiência, exercitando a Sociologia como prática da liberdade e de forma amorosa construíram novos sentidos e possibilidades para uma educação que pode ser mais do que decodificar códigos e sim a arte do dialogar e encontrar respostas para as experiências e vivências humanas.

Finalizando o texto sabe-se que se tem muito ainda a aprofundar e uma longa estrada a percorrer como professora de Instituto Federal de Educação da Paraíba. Mas fica em aberto a ideia de uma linha de pesquisa que norteará os nossos estudos daqui para adiante. Não se pode terminar este trabalho sem sublinhar que o IF é uma grande instituição de ensino, que oferece uma ambiência que facilitou o experimento de ensino de uma disciplina que inovou, superando

determinadas dicotomias há muito propaladas e discutidas no meio acadêmico: ensino versus aprender, e escutar versus falar, pesquisar versus ensinar, teoria versus prática. Além disso, como já é conhecido, mas vale lembrar que, o Ensino Médio Integrado foi um grande avanço em termos da proposta de superação da dualidade estrutural. Esse avanço há anos foi perseguido por vários atores e movimentos de reforma do ensino básico e só recentemente conquistado por um longo e amplo debate que levou a construção dos Institutos Federais e desta modalidade de ensino visando a formação para o trabalho, para a cidadania, por fim, ao longo da vida. Como é sabido esse problema da dualidade estrutural está institucionalizado desde a Reforma Capanema, no Governo de Getúlio Vargas. Ela tem se expressado como proposta neodarwiniana de uma escola para pobre e outra para rico. Esse avanço em termo do ensino médio integrado, está sendo ameaçada pelas políticas educacionais do governo federal.

De partida, tem-se que explicitar que está pesquisa foi bem sucedida quanto ao objetivos proposto no tocante a análise sobre o sentido e a finalidade da Sociologia no Ensino Médio. A investigação das hipóteses se realizou de forma satisfatória praticando o aprofundamento de diálogos pós-facto e troca de cartas com alunos concluintes do 3º ano do Ensino Médio integrado do campus de Campina Grande. Construindo novos sentidos a partir da experiência reflexiva intersubjetiva sobre as aprendizagens sociológicas.

Mesmo tendo sido planejada num contexto de normalidade, a investigação efetivou-se de forma remota em virtude do período de pandemia do COVID-19 através de Rodas de Diálogo, Cartas e Questionário do Google Form. As atividades de diálogo se realizariam a partir de grupos focais de modo presencial com os alunos que desejassem se inserir nos espaços de vivências. De forma alternativa as rodas de diálogo online foram adaptadas ao cenário atípico, garantindo espaços colaborativos no sentido de construção de conhecimento, onde a professora e educando/as debruçaram-se para refletir sobre as experiências que ambos vivenciaram durante três anos na sala de Sociologia do IFPB no Campus de Campina Grande.

As discussões e debates produziram reflexões e sistematizações das experiências de ensinar e aprender Sociologia no “chão da sala de aula”. A sala de aula tornou-se uma grande roda, um espaço crítico-reflexivo de elevação do pensamento, no qual o conhecimento foi construído a partir de trocas de experiências e vivências que fizeram parte da vida, da história e do contexto vivido pelos alunos no Ensino Médio.

O caráter fundante desse espaço de pesquisa foi a metodologia do diálogo com fatos da vida cotidiana e memórias compartilhadas sobre a Sociologia no Ensino Médio Integrado. A

final de contas, é bom lembrar, que os alunos falavam muito e questionavam sobre a presença de Sociologia no currículo. No desenvolvimento de uma pesquisa pós-facto de forma não-presencial os jovens utilizaram com familiaridade as ferramentas do, *Google Meet* e *Whatsapp* se inter-relacionaram sem muita dificuldade nos espaços remotos, se apropriando dos instrumentos e intervindo de forma cooperativa nas etapas propostas. Expressaram pontos de vistas e refletiram de forma bastante livre os conceitos e questões apresentadas surpreendendo a pesquisadora no que toca a autonomia na construção de questões temáticas e aprofundamento de categorias estudadas ao longo do curso.

Os alunos envolveram-se no debate coletivo, construindo reflexões entre suas vidas e as aprendizagens sociológicas. Destacaram que o ensino de Sociologia os fizeram pensar sobre fenômenos relações sociais e a percepção dos mesmos sobre o seu lugar no mundo. Colocando a importância que o conhecimento Sociológico operou no rompimento de antigos padrões limitantes e na desconstrução de modos de ver o mundo, os estudantes expressaram que a experiência formativa os levou para além do modo de enxergar a realidade.

Os espaços de debates e trocas possibilitaram elevação da compreensão e explicação de fatos para além das relações cotidianas, afinal, metodologicamente, a professora sempre sublinhou para os alunos o cuidado de relacionar biografia e história. Dessa forma, as ferramentas de diálogo estimularam a busca de novo embasamento através de atividades de leitura e debates e portanto, aguçavam os jovens a saber mais, a conhecer mais.

Segundo os alunos, os diálogos em torno da finalidade e sentido da Sociologia foram importantes para registrar e sistematizar a experiência bem sucedida do diálogo como método de ensino e conseqüente aprofundamento das vivências que eram reconstituídas e complementadas por questões consensuais e destaques que eram geradores de outras perguntas e adendos que iam sendo elaborados pelos jovens de forma distintiva e interessada.

A realização das rodas de diálogo indicou que os jovens têm muito a dizer sobre a Sociologia e sobre o Ensino Médio, suas relações e percepções a partir das experiências vividas no chão da sala de aula e construídas a partir de relações horizontalizadas, não hierárquicas do ato de ensinar e aprender entre os partícipes do processo.

Como já é sabido, a pesquisa perseguiu os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar a finalidade e o sentido da disciplina Sociologia da Rede Federal de Ensino, nesse contexto de sociedade líquida;

- b) Investigar as experiências e a vivências de ensinar - e - aprender dos alunos e das alunas e, da professora, na sala de Sociologia do IFPB – Campus de Campina Grande. Avaliar as contribuições desse conhecimento para formação dessas pessoas do Ensino Médio Integrado a partir das experiências e vivências formativas num cenário de globalização negativa.

No primeiro objetivo específico foi concluído plenamente a análise, conforme já foi exposto acima, quando foi tratado o objetivo geral. Entretanto, para atingir este objetivo específico todos os esforços de análise foram orientados metodologicamente pelos pressupostos defendidos por Wright Mills, de que, para se compreender sociologicamente a realidade, principalmente no mundo líquido moderno, o sociólogo não pode abrir mão da relação entre biografia e história. Ou seja, as conexões entre o ator e o contexto, entre as experiências e vivências cotidianas e as estruturas econômicas e políticas que repercutem na vida de cada um e cada qual e, portanto, de diferentes grupos e classes sociais.

Com relação ao segundo objetivo específico, pode-se dizer, que é o núcleo técnico empírico da atual pesquisa. Apesar da já explícita conjuntura de COVID-19 e das mudanças dos métodos e técnicas de pesquisa, os objetivos não somente foram atingidos, mas consistiram numa riqueza, em termos de conteúdos que, sinceramente, a pesquisadora não esperava, e, apesar de ter convivido com eles e com outros durante 3 anos na labuta de aprender e ensinar.

A pesquisa confirmou plenamente a sua hipótese de trabalho: que sentido tem a Sociologia para os estudantes do IFPB? Essa hipótese de trabalho implica em dizer que a produção de sentido não se realiza fora da escola. Ela deve ser buscada no dia a dia da sala de aula. Quem produz sentido são os alunos e a professora que vivem a experiência de ensinar e aprender e portanto de troca de experiências e saberes.

Este trabalho consistiu numa experiência de sistematização de três anos de sala de aula no IFPB de Campina Grande, feita pelos próprios atores que vivenciaram esta experiência: a professora e os estudantes. Então, a pesquisa se propôs a avaliar a prática vivida entre a professora e seus alunos no espaço da sala. Esses autores conseguiram produzir saberes e significações mediante o debate, procurando refletir sobre a Sociologia e indo além dela, demonstrou-se, a partir da construção de novas ideias, que os participantes ao longo daqueles três anos tornaram-se mais autoconscientes e preparados para enfrentar a vida lá fora.

Apesar desse sucesso da pesquisa, não pode-se deixar de destacar que o trabalho contém limites e lacunas entre eles o fato de se ter trabalhado com menos autores do que foi previsto

na revisão bibliográfica, levando-se em consideração a própria exiguidade do tempo para se concluir a dissertação de acordo com o calendário acadêmico. Apesar disso, foi realizada uma ampla leitura das teses e dos textos que estão explicitados na introdução deste trabalho. Sem esta leitura, provavelmente não teríamos chegado a concluir este trabalho e nem ter alcançado o sucesso na realização de seus objetivos e hipótese. Pode-se destacar os trabalhos de Pellizzer (2016), Gomes(2020), Oliveira (2015) e Leite (2017).

Em termos metodológicos as leituras feitas, C. Wright Mills, Bauman e Paulo Freire, foram fundamentais, porque elas coincidiram não só com a pesquisa em si, mas foram referências que nos subsidiaram durante a experiência de 03 anos de ensino de Sociologia em sala de aula do IFPB, nos norteando com a ideia de Sociologia como prática de liberdade, imaginação sociológica, artesanato intelectual, modernidade líquida, cultura juvenis performáticas e, principalmente, a ideia de diálogo como método, defendido por ambos autores e principalmente, o diálogo como método em Paulo Freire e suas ideias de Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Pergunta, Pedagogia da Solidariedade e a ideia das cartas como mediações de diálogos presenciais ou a distância para produzir conhecimento a partir das experiências vivenciadas colocadas em debate. Por incrível que pareça esta ideia é plenamente utilizada por Zygmunt Bauman.

Destacar ainda toda gratidão e respeito aos jovens egressos que se disponibilizaram a construir essa troca de experiência, exercitando a Sociologia como prática da liberdade e de forma amorosa construíram novos sentidos e possibilidades para uma educação que pode ser mais do que decodificar códigos e sim a arte do dialogar e encontrar respostas para as experiências e vivências humanas.

Finalizando o nosso texto sabe-se que tem-se muito ainda a aprofundar e uma longa estrada a percorrer como professora de Instituto Federal de Educação da Paraíba. Mas fica em aberto a ideia de uma linha de pesquisa que norteará os nossos estudos daqui para adiante. Não pode-se terminar este trabalho sem sublinhar que o IF é uma grande instituição de ensino, que oferece uma ambiência que facilitou o experimento de ensino de uma disciplina que inovou, superando determinadas dicotomias a muito propaladas e discutidas no meio acadêmico: ensino *versus* aprender, e escutar *versus* falar, pesquisar *versus* ensinar, teoria *versus* prática. Além disso, já é conhecido, mas vale lembrar que, o Ensino Médio Integrado foi um grande avanço em termos de proposta que a anos foi perseguida pelos vários atores do campo do ensino básico desde a reforma Capanema, no Governo Getúlio Vargas, de superação da dualidade estrutural, a qual pode ser expressa pelas propostas neodarwiniana de uma escola para pobre e outras para

ricos. Essa proposta, infelizmente está sendo ameaçada pelas políticas educacionais do governo federal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. M.; LIMA, JGSA. A relevância do ensino de sociologia e de filosofia para a formação dos jovens no século XXI. **HOLOS**, v. 4, p. 166-176, 2015.

BALL, Stephen. Performatividades e fabricações na economia educacional: rumo à sociedade performativa. **Educação e Realidade**, v. 35, n. 2, 2010.p. 37-55.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2010.

_____; MAY, T., **Aprendendo a pensar com a sociologia**; tradução Alexandre Werneck. – 1. Ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2011.

_____. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

_____. **Para que serve a sociologia?** Diálogos com Michael Hviid Jacobsen e Keith Tester/Zygmunt Bauman; tradução Carlos Abertos Mendeiros. – 1. Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BEANE, James A. **Integração curricular: a concepção do núcleo da educação democrática**. Didáctica Editora. Lisboa, 2002.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Resolução CNE/CP N° 1, de 5 de janeiro de 2021. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 06 dez. 2021. Disponível Em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em: 20/05/2021.

_____.MEC. Ministério da Educação. **Plataforma Nilo Peçanha**. Disponível em: <<https://plataformanilopecanha.mec.gov.br>> Acesso em: 10/10/2020.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 15/07/2020.

_____. **Ministério da Educação. Secretaria Nacional de Educação Básica.** *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.* Brasília: SENEb, 2005.

_____. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.** Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Brasília, 2006.

_____. **Ministério da Educação. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio.** Documento Base, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf> Acesso em: 10/05/2021.

_____. **Ministério da Educação.** Secretaria Nacional de Educação Básica. PCN+ Ensino Médio: orientações complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (Ciências Humanas e suas Tecnologias). Brasília: SENEb, 2008.

_____, **Lei nº 11.684 de 2 de Junho de 2008.** Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília, 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11684.htm> Acesso em: 15/07/2020.

_____. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm> Acesso em: 15/07/2020.

_____. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967.

BUBER, Martin. **Eu e Tu.** 2ed. São Paulo: Moraes, 1977.

_____. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPOS, Fábio Guimarães; TÔRRES, Ednaldo. **O LUGAR DA SOCIOLOGIA NO NOVO ENSINO MÉDIO**: Os impactos da nova BNCC para seu ensino, currículo e integração curricular e sua implementação pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Dissertação de Mestrado do Profsocio, 2020.

CARBONARA, Vanderlei. **Educação. Ética e diálogo desde Levinas e Gadamer**. Tese (Doutorado). 170f. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF**, Rio de Janeiro, n.1. 2000.

_____. **Jovens, escolas e cidades**: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência1. Comunicação apresentada no II Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação, Porto Alegre, 2009.

CASTRO, Celso. Sociologia e a Arte da Manutenção de Motocicletas IN: MILLS, C. Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CIAVATTA, Maria; FRIGOTTO, Gaudêncio (orgs.). **Ensino médio**: ciência, cultura e trabalho. Brasília: MEC, Semtec, 2004. 338p.

CONIF. **Diretrizes indutoras para a oferta de cursos Técnicos integrados ao ensino médio na rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. Setembro, 2018 FÓRUM DE DIRIGENTES DE ENSINO/CONIF.

CORTI, Ana Paula. Uma diversidade de sujeitos. In: **Juventude e escolarização**: os sentidos do Ensino Médio. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012176.pdf>>. Acesso em: 10/09/21.

COSTA, Gilvan Luiz Machado. O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho docente. **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, v. 94, p. 185-210, 2013.

COUTINHO, Ticiania Patricia da Silveira Cunha; SILVA, Rosália de Fátima. **A educação profissional de 1964 a 1984**: a dualidade estrutural como uma realidade. Colóquio Nacional- A produção do conhecimento em Educação Profissional, 2015.

DA SILVA, Graziella Moraes Dias. **Sociologia da sociologia da educação: caminhos e desafios de uma policy science no Brasil (1920-1979)**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

DA SILVA, Monica Ribeiro; SCHEIBE, Leda. Reforma do ensino médio: pragmatismo e lógica mercantil. **Retratos da Escola**, v. 11, n. 20, p. 19-31, 2017.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, Rio de Janeiro, set./dez. 2003.

_____. **Múltiplos olhares: sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. Juventude e Escola. In: SPOSITO, Marília Pontes (org.). **O estado da arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. v. 1, Belo Horizonte, Argvmentvm, p. 57-126, 2009.

_____; LEAO, G. ; REIS, Juliana Batista dos. Jovens olhares sobre a escola do Ensino Médio. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 31, p. 253-273, 2011a.

_____; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (Org.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011b.

_____; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla L. (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

DELORS, Jacques. Educação, um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI**. Brasília, MEC, UNESCO e Cortez, 2010.

DE SOUZA MARTINS, José. O artesanato intelectual na sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia-RBS**, v. 1, n. 2, p. 13-48, 2013.

DUBET, François. *Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor*. Entrevista concedida a Angelina Teixeira Peralva e Marília Pontes Sposito. Tradução de Inês Rosa Bueno. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n.5, Mai/Jun/Jul/Ago, 1997.

FAORO, Raymundo. **Existe um pensamento político brasileiro?**. Editora Ática, 1994.

FERNANDES, Florestan. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. In: FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

FERNANDES, Kaline Gomes. **Escola e redes sociais: uma reflexão possível**. Dissertação 2020. (Mestrado Profissional de Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia em Rede Nacional, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2020.

FLICKINGER, Hans Georg. **Gadamer e a Educação**. 12.ed. Belo horizonte: Autêntica, 2014. Coleção Pensadores e Educação.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980. p. 15-25.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

_____, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 93- 130, abril 2003.

_____; _____. CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Gaudêncio. Educação Politécnica. **Working at Suporte Educacional. Centro Universitário Metodista do IPA. Publicado em**, v. 19, 2013. FRIGOTTO, Gaudêncio et al. A crise da sociabilidade do capital e a produção do conhecimento. 2013.

_____. Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (Org.). **Ensino Médio Integrado: Concepções e contradição**. São Paulo: Cortez, 2005.

GADAMER, H. G. **A educação é educar-se**. Barcelona: Paidós, 2002a.

_____. **A incapacidade para o diálogo**. Petrópolis: Vozes, 2002b. p. 242-252.

_____. **Verdade e Método II** – Complementos e índice. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **Hermenêutica em retrospectiva: Heidegger em retrospectiva**. v.1, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GEERTZ, C. 1926. **A interpretação das Culturas**. 1. ed., 13.reimpr. - Rio Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 5 Ed, Porto Alegre: Artmed. 2005.

GOMES, SAULO Albuquerque. **A sociologia no ensino médio brasileiro: uma leitura de dissertações e teses defendidas entre 2000-2014 / Saulo Albuquerque Gomes**. - Presidente Prudente [S.N], 2017. 126f.

GUELFY, W. P. **A Sociologia como disciplina escolar no Ensino Secundário brasileiro (1925-1942)**. 2001. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. Epistemologia e cidadania: o ensino de Sociologia na Educação Básica. *In: VIEIRA, José Glebson; CUNHA (Org.). **Desafios e perspectivas do ensino e da formação de professores de Sociologia para o Ensino Médio***. Mossoró/RN: UERN, 2014, p. 17-33.

HADDAD, Sérgio. Educação e Desenvolvimento. *In: **Revista Política Social e Desenvolvimento***, n. 2, Ano 1, dez/2013, p. 8-11.

HANDFAS, Anita. O estado da arte do ensino de Sociologia na Educação Básica: um levantamento preliminar da produção acadêmica. **Revista Inter-legere**, n. 9, 2011.

_____, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa. O estado da arte da produção científica sobre o ensino de sociologia na educação básica. **BIB, São Paulo**, n. 74, p. 2, 2014.

HERMANN, Nadja. A. Questão do outro e o diálogo. **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n.57 abr.jun., 2014. p. 477-493.

IFPB. **Resolução 28/2020** - CONSUPER/DAAOC/REITORIA/IFPB, de 28 de julho de 2020. Estabelece as fases de implementação gradual das atividades não presenciais e presenciais no

âmbito do IFPB. João Pessoa, PB. 2020. Disponível em: <<https://www.ifpb.edu.br/orgaoscolegiados/consuper/resolucoes/ano-2020/aprovadas-pelo-colegiado/resolucao-no-28/view>>. Acesso em: 20/05/2021.

_____. **RESOLUÇÃO 28/2020 - CONSUPER/IFPB**. Estabelece as fases de implementação gradual das atividades não presenciais e presenciais no âmbito do IFPB. João Pessoa, 2020. Disponível em: <<https://www.ifpb.edu.br/orgaoscolegiados/consuper/resolucoes/ano-2020/aprovadas-pelo-colegiado/resolucao-no-28/view>>. Acesso em: 20/05/2021.

_____. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPB – 2020-2024**. João Pessoa, 2021. Disponível em <https://www.ifpb.edu.br/transparencia/documentos-institucionais/documentos/pdi_ifpb_2020-2024.pdf/@@download/file/PDI_IFPB_2020-2024.pdf>. Acesso em: 20/05/2021.

KRAWCZYK, Nora. Ensino Médio: empresários dão as cartas na escola pública. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 21-41, 2014.

LEITE, Maria Cristina Stello. **Faz sentido?** práticas docentes no ensino médio na disciplina sociologia: um estudo na rede pública do estado de São Paulo. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais e cursos**. 2000, 158f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Fisiologia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2000.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

_____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MOEHLECKE, Sabrina. O Ensino Médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n49/a02v17n49.pdf>>. Acesso em: 10/05/2021.

MORAES, Amaury Cesar. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. *Revista Tempo social*. [online]. 2003, vol. 15, n. 1, pp. 5-20. ISSN 0103-

2070. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702003000100001>> Acesso em: 14/08/2021.

_____; GUIMARÃES, Elisabeth F. Metodologia de Ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MORAES, Amaury Cesar (Org.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília:MEC/SEB, 2010, v. 15, p. 45-62.

MORAES, Roque.; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Ed.UNIJUI, 2011.

MOYA, Carlos. **Imagem crítica da sociologia**. Ed. CULTRIX, São Paulo, 1970.
MUCELIN, D. G. RAIZER, L. **Ensino da Sociologia no Rio Grande do Sul: Histórico da disciplina, formação do professor e finalidades pedagógica**. Revista Brasileira de Sociologia. v. 02, n. 03, Jan/Jun., 2014.

OLIVEIRA, Amurabi. **EM QUE A SOCIOLOGIA PODE CONTRIBUIR PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA?**. HOLOS, [S.l.], v. 5, p. 166-174, out. 2013.

OLIVEIRA, Rúbia Machado de. **Sociologia Para Quê? As práticas escolares de Ensino de Sociologia no Ensino Médio na Instituição Olavo Bilac de Santa Maria – RS**. SANTA MARIA – RS, 2015 (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria- RS.

PAIS, Machado José. A Construção Sociológica da Juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, 105-106, 139-165, 1990. PAIS, Machado José. Notas Preambulares. Parte I. In: PAIS, Machado José. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa, 2003.

_____. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Lisboa: AMBAR, 2005

PELLIZZER, Camila Siqueira Rodrigues. **Tempos de diálogo: o olhar dos jovens sobre suas experiências no ensino médio integrado do IFRS**. 2017.
PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de pesquisa**, v. 39, p. 661-684, 2009.

SALVA, Sueli; STECANELA, Nilda. Diálogos sobre participação: lo que dicen los jóvenes de la región metropolitana de Porto Alegre Brasil. **Última década**, v. 14, n. 25, p. 163-183, 2006.

SARANDY, Flávio M. S. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio. In: Carvalho, L.M.G. (Org.). **Sociologia e ensino em debate**. Experiências e discussões de sociologia no ensino médio. Ijuí, Ed. Unijuí: 2004. p. 113-130.

_____. **A sociologia volta a escola**: um estudo dos manuais de Sociologia para o ensino médio no Brasil. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2004.

_____. **Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio**. 2010.

_____. Propostas curriculares em sociologia. **Revista Inter-Legere**, n. 9, 2011.

SCHLICKMANN, Vitor. Jovens e Escola: uma Instituição com múltiplos sentidos, novos atores e grandes desafios. In: Anped Sul 2010. Formação, Ética e Política: Qual Pesquisa? Qual Educação? Londrina - PR. **Anais do VIII encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul Anped Sul**, 2010.

_____. Sentidos da experiência escolar de jovens estudantes de ensino médio da cidade de Caxias do Sul: um olhar crítico em relação à escola. In: IX ANPEDSUL: Seminário Pesquisa em Educação da Região Sul. **A Pós-Graduação esuas Interloquções com a Educação Básica**, 2012, Caxias do Sul.

_____. Os Sentidos da experiência escolar para jovens do ensino médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS. In: X ANPED SUL: **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2014, Florianópolis.

SOUSA, Maria das Dôres de. **Identidade e docência**: o saber-fazer do professor de sociologia das escolas públicas estaduais de Picos-PI. 2012.

SPOSITO, Marília P. (Coord.). **Juventude e escolarização** (1980-1998). Série Estado do Conhecimento, INSS 1676-0565, n. 7. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

STECANELA, Nilda. Reflexões teóricas sobre o conceito de juventude: entre o que se tem dito e o que se vê no cotidiano. In: VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL 2010. Londrina. **Anais**. VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul - ANPED SUL, 2010a. p. 1-15.

_____. **Jovens e Cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Rio Grande do Sul: Educus, 2010b. p. 19 _____. (org.). **Diálogos com a educação**: a escolha do método e a identificação do pesquisador. Caxias do Sul: EDUCUS, 2013a.

_____. Imagens oferecidas ao olhar: a apropriação como objeto de investigação. **Revista Pedagógica**. Chapecó, v.15, n.31, p. 301-320, jul/dez, 2013b.

_____. Alex Guilherme e o diálogo de e com Martin Buber: entrevista com o professor Alex Guilherme. **Revista Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 21, n. 1, p. 216-230, jan./abr. 2016a.

_____. O direito à educação e o cotidiano escolar: dimensões do concebido, do vivido e do percebido. **Revista Educação PUC/RS**, v. 39, n. 03, 2016b.

TOMAZETTI, Elisete M.; RAMOS, Nara.; SALVA, Sueli; OLIVEIRA, Adriano M.; SCHLICKMANN, Vitor. **Os Sentidos do Ensino Médio: olhares juvenis sobre a escola contemporânea**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014.

VALENTE, Maria Paula Rodarte Costa. Geração Y e individualismo: percepções e adaptabilidade do consumidor frente às mudanças sociais. **Tese de Doutorado**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2011.

WEBER, Max. “A ciência como vocação”. In: _____. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2002, p. 90-107.

WALDOW, Carmen. As políticas educacionais do governo Dilma, a formação para o trabalho e a questão do pronatec: reflexões iniciais. ANPED SUL, 10, 2014, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: ANPESUL, 2014, P, 1-18.

APÊNDICE

APENDICE A – CONVITE AOS ALUNOS PARA PARTICIPAR DA PESQUISA (WHATSAPP)

IMAGEM ENVIADA:



TEXTO ENVIADO:

Convite aos alunos concluintes da turma Petróleo Gás 2018.1 (Para Whatsapp)

Caros e alunos e alunas;

Feliz em me comunicar com vocês! Escrevo no intuito de dialogar sobre a pesquisa de mestrado na qual estou trabalhando, esta pesquisa diz respeito ao Ensino de Sociologia no IFPB.

No Instituto vocês tiveram acesso a diversos conteúdos curriculares, entre eles disciplinas das áreas gerais e técnicas e oportunidade de trocar experiências, aprender sobre novos temas e realidades ao longo desses três anos.

Você topa participar como voluntário de um espaço de diálogo no qual refletiremos 'Para que serve a Sociologia no ensino médio'? Esse será um momento aberto para construção de ideias e diferentes pontos de vista. Iniciaremos no dia 17/08 as 14 horas através de uma sala no Zoom, onde apresentarei a ideia da pesquisa e você terá oportunidade de tirar dúvidas sobre os procedimentos da análise e como pode colaborar nos diálogos desse grupo. Espero contar com sua presença!

Qualquer dúvida pode se comunicar comigo pelo Whatsapp. (083988055057) ou pelo meu email ana.almeida@ifpb.edu.br. Preciso da sua confirmação até o próximo domingo dia 15/08. Desde já agradeço.

APENDICE B – PRIMEIRA CARTA ENVIADA AOS ALUNOS PARTICIPANTES

Carta a um estudante de Sociologia do IFPB!

Somos seres sociais, nascemos em uma família, aprendemos valores em nossa casa. Ao crescermos vamos à escola, aprendemos, brincamos e fazemos amigos. Ao longo da vida somos influenciados e influenciamos pessoas com as nossas opiniões. Somos seres sociais em constante aprendizado e mudança!

Crescemos e aos poucos vamos fazendo nossas escolhas. Temos muitos sonhos, quem não os tem? Quando terminou o ensino fundamental você decidiu que iria tentar fazer seleção para o IFPB. Chegou à sua nova escola cheio de inquietações e medos. Ao longo dos três anos viveu a experiência de um currículo bem diferente, conheceu novas pessoas, fez amigos, superou desafios, assistiu muitas aulas, fez diversas avaliações e seminários. Está concluindo o ensino médio.

Quero conversar especialmente com você sobre uma disciplina, a Sociologia. Ao longo dos três anos você trabalhou com conceitos como Sociedade, Cultura, Família, Instituições, Mudanças no Trabalho, Consumo, Desigualdades, Violência, Cidadania, Gênero, Movimentos Sociais, entre outros.

O propósito da disciplina é problematizar e refletir aquilo que a primeira vista parece comum. E, ATÉ IMUTÁVEL Realizamos diversos debates, trabalhamos com o livro, textos e leituras nas quais vocês sempre respondiam perguntas e, certamente aprenderam que sabidamente não existe a resposta, mas respostas. Existem, portanto, argumentações diferentes porque existem pessoas diferentes e que pensam de forma diferente. Daí, a necessidade de diálogo, de debate no processo de convencer e conviver. Aprendemos juntos, portanto, e fizemos redações, assistimos filmes e inúmeras pesquisas no intuito de transformação da realidade e de nós mesmos.

Pensamos sobre nossa visão de mundo e buscamos compreender o espaço social, suas dinâmicas e as diferenças que marcam a nossa sociedade. Ler e estudar o mundo social e nosso lugar nesse contexto. A sociedade que vivemos nos oferece um turbilhão de informações e muitas vezes a assimilamos sem pensar. A Sociologia pode e deve SER ESSA DISCIPLINA QUE BUSCA FORMAR PESSOAS QUE PENSAM O MUNDO E SE PENSAM. Essa disciplina pode nos ajudar a fazer filtros e observar compreensivamente as relações ao nosso redor para tornar as nossas decisões mais conscientes.

Os debates e temas retratados fizeram você pensar sobre essas relações e sobre sua percepção sobre seu lugar nesse mundo, a partir da realidade vivida e fatos estudados?

A Sociologia pode nos ajudar a ser mais reflexivos e críticos? Seja bem sincero! Colaborou na percepção sobre direitos ou respeito? Sobre Cidadania e participação social? Ou ajudou a pensar sobre suas escolhas e a fazê-las de forma mais conscientes e, portanto, de forma criteriosa, embasada em critérios?

Você pode nos contar alguma experiência, inquietação, algo que marcou aqueles diálogos durante as aulas da disciplina? E escrever sobre sua experiência?

Pode nos falar sobre os sentidos e possibilidades desse aprendizado? Ou, seja, do que ele significou para a sua vida. Claro, pode tecer críticas e compartilhar dificuldades. A ideia dessa carta é pensarmos juntos o papel da Sociologia no IFPB.

APENDICE C – SEGUNDA CARTA ENVIADA AOS ALUNOS PARTICIPANTES

Boa tarde, queridos alunos e alunas!

Amanhã teremos a oportunidade de conversar sobre o ato de escrever o que vivemos durante nossas aulas de Sociologia; Trouxe pensamentos do autor polonês Zigmunt Bauman para estimular nossa reflexão e nossa roda de diálogo.

“Embora profundamente imersos em nossas rotinas- conformados por conhecimentos práticos orientados por parâmetros sociais pelos quais interagimos – *não é frequente que paramos para pensar sobre aquilo que passamos -; e menos ainda para comparar nossas experiências pessoais com o destino dos outros.* (BAUMAN,2010,p.19)

Já haviam pensado algo nessa direção colocada por Bauman? Vamos relacionar esse pensamento com as questões ligadas ao nosso debate!

“Como sua biografia individual se entrelaça com a história que compartilhamos com outros seres humanos”? Talvez a biografia de outros colegas tenha algo em comum e ao mesmo tempo tenham muitas diferenças com a sua. Que experiências e motivações temos em comum? Vamos refletir sobre essas fronteiras de forma coletiva? O que aprendemos e desaprendemos até aqui?

“Pensar Sociologicamente pode nos tornar mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorre sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes e novas experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis. (BAUMAN,2010, p.19)

Como você se sentiu a ser autor de seu próprio texto e de sua reflexão? Que questões pode destacar ou relatar em uma frase, palavra ou parágrafo de sua própria escrita? Foi difícil escrever e se expressar, como percebeu o ato de escrever? Conto com você amanhã dia 31/08 a partir das 14 horas!

Esse diálogo se torna mais rico e cheio de novas possibilidades quando você participa e inspira o debate com seu ponto de vista. Você eleva nossa discussão e reflexão!

Já foi dada a largada vamos finalizar esse desafio sociológico.

Espero você em nossa sala virtual -

<https://meet.google.com/lookup/avvqe3rmap>

Qualquer dúvida ou dificuldade se comunique comigo pelo Whatsapp 83988055057 ou pelo email (ana.almeida@ifpb.edu.br). Estou esperando seu retorno e feedback; Até amanhã! Professora Ana Paula Almeida – Mestranda Profsocio -UFPB

APENDICE D – RODA DE DIÁLOGO A (ETAPA 1)

RODA DE DIÁLOGO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DIÁLOGOS SOBRE A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.

DATA: 17/08/2021

LOCAL: SALA DO ZOOM

ENDEREÇO: <https://us02web.zoom.us/j/87372839359?pwd=bkxBbFpOQnIyVFByT0ptMU40U2RRUT09>

PARTICIPAÇÃO: 04 ALUNOS

PROFESSORA-PESQUISADORA: ANA PAULA

- Ótimo, então eu vou falar um pouquinho com vocês qual é o objetivo desse encontro certo, hoje à tarde e aos poucos eu vou...
- Qualquer coisa eu vou conversando com os outros colegas para ver quem é que vai poder participar, e a gente faz no segundo momento para eles, certo?
- Então gente, eu quero começar agradecendo a vocês pela atenção, de estar aqui com vocês na tarde de hoje, queria muito que a gente tivesse tido a oportunidade de fazer esse momento presencialmente.
- Mas esse período foi um período diferente para todos nós, e acho que em algumas vezes eu compartilhei com vocês em sala, que eu tava fazendo o mestrado em sociologia e o meu objeto de estudo é a sociologia no IFPB.
- Então eu estudo a sociologia no IFPB a partir de um autor polonês que se chama Zygmunt Bauman e ele coloca a questão da sociologia que ela tem que ser desenvolvida como uma arte do diálogo, é a partir do processo de diálogo como método que a gente pode dar um novo sentido a essa disciplina e que pode ser muito bem utilizado no ensino médio.
- E a minha ideia foi trabalhar, a pergunta central do meu trabalho é: ‘Porque estudar sociologia no ensino médio integrado?’
- E aí, a minha ideia é pensar um pouco “Qual é a finalidade?”, “Qual é o sentido da disciplina de sociologia?”
- E a minha pesquisa ela vai se realizar também com vocês!
- Então a minha ideia é ouvir, é dialogar, é me aproximar um pouco da percepção, como é que vocês sentiram, como foram as nossas vivências, como foi a experiência de estudar a sociologia no ensino médio.
- Então eu não quis fazer somente uma pesquisa bibliográfica, como tradicionalmente se faz, mas eu quis ampliar esse diálogo com vocês e também ouvi-los e trabalhar um pouco dessa percepção também do aluno certo?
- E eu vou só rapidamente fazer uma apresentação, mas a gente vai ser bem.
- A ideia é que vocês também, desde o princípio, seja um diálogo certo?
- Então assim só para introduzir para vocês, a sociologia desde que o nosso Campus de Campina Grande ele foi criado em 2000, ele foi entregue no ano de 2007 através de um projeto de expansão da Rede Federal que começa no ano de 2002
- Então o IF de Campina Grande ele é fruto dessa expansão do governo Lula e uma coincidência, é que a Sociologia ela começa a ser, obrigatória no ensino médio no mesmo ano que foi garantida a expansão dos IF’s para o Brasil
- Então o ano que a Sociologia, o ano de 2008 é onde, começa a vigorar a sociologia obrigatoriamente no ensino médio também a gente teve no mesmo ano a criação em âmbito Federal da Rede que a gente tinha os CEFET’s

- E a partir daí vocês já foram desse grupo dos 10 anos da rede Federal de ensino
- E qual é a minha proposta era bater um papo com vocês hoje à tarde, fazer uma apresentação com vocês e convidar vocês a compartilhar um pouco do que foi às nossas vivências e a nossa experiência da disciplina de sociologia
- Então a minha ideia era que a gente fizesse um grupo, um espaço uma roda de diálogo
- Para que vocês pudessem também ser partícipes desse diálogo junto comigo onde a gente, pudesse fazer uma análise
- Desse sentido dessa disciplina e aí a questão central seria, porque é importante “Porque nós devemos estudar sociologia?” “Qual o sentido da presença dessa disciplina no ensino médio?”
- Então assim o meu desejo foi trazer assim, trabalhar principalmente com as turmas que tiveram mais assim 70% das aulas presenciais, porque eu acho que inicialmente essas turmas, como vocês tiveram é um período muito maior de aulas assim..
- Vocês tiveram uma vivência, uma experiência muito rica, a partir desse contato de dois turnos, que eu sentia e que eu via muito presente na turma de vocês e em algumas outras turmas
- Do aspecto da unidade, de uma solidariedade, e uma rotina, almoçava junto passava o dia junto então assim eu quis trabalhar um pouco dessas vivências e da experiência do IF como um todo, do currículo integrado
- Vocês tiveram acesso a diversas, acho que em torno de 17 disciplinas e eu queria que a gente tivesse um olhar nessa roda, nessa conversa e especialmente para o ensino de sociologia
- O que é que essa disciplina ela foi diferente das outras disciplinas?
- O que é que ela traz para a experiência do ensino médio de vocês?
- E a nossa ideia era fazer, é esse momento de debate e ouvi-los um pouco e a partir daí a gente compartilhar e fazer um desafio que era escrita de uma carta
- A metodologia que eu estou propondo é que vocês escrevam!
- Eu quero colocar no meu trabalho relato da experiência e da vivência de vocês então a ideia hoje era bater um papo era lembrar um pouco das nossas vivências
- E a partir daí fazer um convite para vocês, para que a gente tivesse oportunidade de fazer dissertar, de narrar, é de vocês escreverem, a escrita livre de vocês um pouco dessa experiência que a gente iria conversar sobre ela
- Aí eu abro um pouquinho e deixo a fala com vocês ...

RAFAELA:

- Eu achei bem importante, assim particularmente todos os anos que a gente participou das aulas de Sociologia com a senhora porque era envolvido o conteúdo era didático, literalmente mas sempre era puxado para alguma experiência, alguma coisa do nosso presente no nosso dia-dia
- E isso facilitava bastante o entendimento da gente e ficou bem claro isso quando a gente chegou na prova do Enem, porque eu particularmente teve vários conteúdos que eu só consegui assim entender basicamente a questão por conta das aulas de sociologia

ANA PAULA:

- Que bom, que bom Leticia, fico muito feliz de ouvir essa...

ANITA:

- Tá me escutando professora?

ANA PAULA:

- Tô, tô sim

ANITA:

- E também eu lembro bem que a gente como Letícia disse né, a gente discutia muito, importante para a gente também como pessoa né
- Tipo Meritocracia, eu me lembro bem que no primeiro ano, que a gente discutiu um pouco disso né que não existe a meritocracia de que e todas essas coisas assim eu acho muito importante essa discussão para a sociologia também não só forma ele academicamente também forma a gente como pessoa como cidadão com...
- Aprendendo a olhar para o outro com essas pequenas coisas que a senhora foi colocando pra gente, assim empático né de certa forma.
- Também um trabalho que a gente fez no segundo ano sobre acho que foi sobre o fordismo que a gente trabalhou os os meios de produção e a e gente viu todo o processo de, como eu vou dizer, todo o processo de exploração ali que tinha naquele, naquele no fordismo né.
- E aí a gente também discutia isso trazendo para a realidade de agora, foi muito interessante.
- Eu lembro também de outro trabalho a gente fez que ela colocou várias charges e trouxe para a realidade do Brasil naquele momento e tipo assim a sociologia tem um ponto positivo que a gente pode falar da realidade do nosso país agora e pode também agregar o conteúdo mais agregar uma coisa que aumenta o aluno também não só academicamente como pessoa na vida dele é muito interessante

ANA PAULA:

- Essa, eu acho que eu lembro, essa das charges que até vocês prepararam uma apresentação que foi sobre terceirizações se eu não estou enganada, no segundo ano essa.

ANITA:

- Que a gente tinha o que naquele tempo em 2019 é aquelas fomentação ali da reforma trabalhista que infelizmente foi aprovada
- E aí a gente pode também se atentar o cenário da reforma, que tava acontecendo no Brasil que é importante também a gente ter o senso crítico, ter essa vontade de estar,

de saber o que tá acontecendo no nosso país para a gente poder votar e ser cidadãos melhores né?!

ANA PAULA:

- E essa coisa, Anita que você coloca assim, Rafaela também colocou
- Esse autor que eu estou trabalhando o Zygmunt Bauman ele coloca muito da importância de nós trabalharmos a sociologia com o cotidiano
- O que é que eu posso trazer do contexto amplo para a realidade do aluno, como é que eu posso pegar um fato grande, uma, um conteúdo e trazer tanto os aspectos do contexto mundial, nacional mas como é que aquilo tem interface com a vida das pessoas, então a sociologia ela se torna interessante a partir do momento que ela consegue chegar no mundo vivido, ela consegue chegar na vida da gente
- E também assim a turma de vocês me chamava a atenção que era uma turma muito eclética, que é grande mas era uma turma que quando a gente começava um debate a gente conseguia adentrar em algumas questões que a princípio parecia que a turma estava dispersa, mas a gente conseguia junto naquele bate-papo, naquela vivência ampliar o debate e vocês conseguiram apresentar várias questões interessantes para análise que a gente fazia de forma coletiva
- Então muitos de vocês conseguiam entrar nesse debate e a gente tinha vários grupos não sei se é só eu que observo, mas a turma tinha vários grupos vários núcleos, às vezes assim

ANITA:

- Sim
- E a gente até rodeava assim, o grupo, no nosso grupo né que tinha pessoas de esquerda, direita, de evangélicas, católicas, que não acredita em nada, que não estava, que tava ali no centro
- As pessoas que estavam discutindo essas coisas, e o debate era interessante porque tinha vários lados, parecia que a gente tava fazendo uma pequena cúpula ali do Brasil e tava conversando, dialogando e era interessante também isso

ANA PAULA:

- Assim tinha esse lugar da diversidade, também eu lembro que tinha as pessoas também que eram discordantes mas que assim a gente conseguia chegar num consenso no debate também não se desrespeitava assim a gente conseguia fazer esse trabalho da experiência
- A ideia inicialmente era que a gente tivesse um, como no começo a gente tava com 15 pessoas confirmadas assim era fazer a escuta com cada um ou com cada uma
- Mas uma das questões importantes para nós seria pensar um pouco de...
- Vitória eu já trouxe um pouco e Letícia também a partir da experiência delas
- Assim dentro dos nossos diálogos, dentro das nossas conversas é muito importante para mim assim que vocês colocassem quais eram as questões

assim, como vocês foram colocando essa questão do olhar, a sociologia ajuda a gente a olhar esse, esse contexto ampliado, ajuda também a gente no aspecto da empatia

- Vocês foram colocando e a ideia era que, era fazer essa pergunta assim “A sociologia ela pode nos ajudar a ser pessoas mais reflexivas?” “Ela pode pensar a gente a nos ajudar a pensar esse lugar?”
- E a ideia era que vocês colocassem isso não é desse sentido da disciplina, é vocês colocassem isso de forma escrita
- A ideia era, eu vou mostrar um pouco aqui para vocês que muitas vezes a sociedade ela oferece um turbilhão de informações
- Quem de nós hoje no Instagram e no WhatsApp a gente recebe um turbilhão de informações
- E a disciplina nela ela tem como proposta, ela busca formar, trabalhar para que vocês pensem a partir de vocês mesmos nesse lugar, pensar o mundo e pensar o mundo de vocês também, pensar onde vocês estão inseridos
- E a ideia gente, qual é a ideia, é que a gente trabalhe com a escrita de uma de uma carta, onde vocês contariam, falassem da experiência da vivência de vocês e do sentido da sociologia no ensino médio
- Eu não sei se eu estou me fazendo clara, assim não sei se isso está ficando claro para vocês
- E aí o que é que a gente, que eu precisaria de vocês, um é que eu vou mandar tudo isso, eu precisaria, eu vou mandar para o grupo um, só um questionáriozinho com os dados pessoais, nome de vocês, o e-mail de vocês, o telefone e a cidade e a idade
- Vocês são menores de idade ainda?

PEDRO:

- Não, já temos 18

ANA PAULA:

- Vocês já tem 18? Pronto, porque a universidade pede para que a gente, que vocês assinem um termo de consentimento, dizendo que você comprovando que vocês participaram da minha pesquisa
- Então o que é que eu precisaria de vocês
- Eu precisaria que vocês fizessem, assinassem, eu vou mandar para vocês quando vocês vou mandar para o grupo um questionáriozinho para vocês colocarem um e-mail de vocês
- E eu vou pedir para vocês assinarem esse termo que se vocês fossem menores de 18 anos vocês teriam que ter o consentimento do pai, como nos vários momentos que vocês participaram de atividades no IF, externas
- E aí vocês me encaminhariam a produção dessa carta certo por e-mail
- E caso a gente ainda conseguisse, a gente ainda conseguisse reunir a turma é, a ideia era que a gente fizesse um novo momento, era que a gente fizesse um novo momento para a gente apresentar a nossa, a nossa escrita
- Então a metodologia seria essa, seria dois encontros e a produção dessa, dessa vamos dizer de uma página, a produção dessa carta

- Um minutinho viu vocês aqui?

ANITA:

- O microfone desligou

ANA PAULA:

- Liguei agora
- Eu estou colocando aqui para vocês, certo?
- Eu fiz uma escrita.
- Não sei se vocês estão me ouvindo?
- Eu fiz a escrita de uma, de uma carta certo?
- Que essa carta eu escrevi também vou mandar para você está certo?

-

“Somos seres sociais, nascemos em uma família, aprendemos valores em nossa casa. Ao crescermos vamos a escola, aprendemos, brincamos e fazemos amigos. Ao longo da vida somos influenciados e influenciamos pessoas com as nossas opiniões. Somos seres sociais em constante aprendizado e mudança!

Crescemos e aos poucos vamos fazendo nossas escolhas. Temos muitos sonhos, quem não os têm? Quando terminou o ensino fundamental você decidiu que iria tentar fazer seleção para o IFPB. Chegou à sua nova escola cheio de inquietações e medos. Ao longo dos três anos viveu a experiência de um currículo bem diferente, conheceu novas pessoas, fez amigos, superou desafios, assistiu muitas aulas, fez diversas avaliações e seminários. Está concluindo o ensino médio.

Quero conversar especialmente com você sobre uma disciplina, a Sociologia. Ao longo dos três anos você trabalhou com conceitos como Sociedade, Cultura...”

- Aí vocês vão escolher a partir do que a gente vivenciou ...

“O propósito da disciplina é problematizar e refletir aquilo que a primeira vista parece comum E, ATÉ IMUTÁVEL Realizamos diversos debates, trabalhamos com o livro, textos e leituras certo?”

- Então assim qual é a ideia, a ideia desta carta é relembrar um pouco e a partir daí vocês colocarem a visão de vocês sobre esses sentidos

- E essas possibilidades desse aprendizado no ensino médio, também podem tecer críticas, pode falar as dificuldades, do próprio modelo de avaliação, porque essa a ideia desta carta é a gente pensar junto
- E também a minha ideia porque muitas vezes a gente ouve burburinhos, a gente ouve críticas como se os alunos não quisessem a disciplina, sendo que nas salas de aula a gente não ouvi isso dos alunos
- A gente tem uma participação sempre muito compartilhada de vocês então, esse documento e essa, essa ideia desse trabalho é para ouvir de fato como os alunos vêem essa disciplina
- Como outros profissionais, outros técnicos vêem essa disciplina, uma ideia é trabalhar com vocês sobre a disciplina
- Vocês me ouviram?

ALUNO CARLOS:

- Sim professora

ANITA:

- Sim professora
- Aí no caso a carta é tipo assim, seguindo esse modelo?

ANA PAULA:

- Não, a carta é de vocês, é livre
- Essa carta eu escrevi para vocês, certo?
- Eu escrevi para vocês colocando um pouco assim do que o observava de alguém que chegou no IF, eu...
- A turma de vocês em especial nem todas, mas assim eu cheguei no mesmo período que vocês chegaram, o mesmo ano então era todo mundo muito novo, muito cheio de curiosidade para superar aqueles desafios
- E a ideia, é a ideia é que vocês coloquem essa experiência de vocês assim como é que vocês vêem a disciplina
- Quais foram os aprendizados que vocês tiveram nesta disciplina, ajudou vocês de alguma forma,
- É a compreensão que vocês têm, não é a minha não, é a de vocês
- É vocês, vocês estariam totalmente livres para para escrever sobre o sentimento a compreensão que vocês têm da disciplina mas
- Carlos seja bem-vindo e também fique à vontade também porque a gente tava falando um pouco sobre Letícia e Anita estavam falando um pouco da experiência delas assim lembrando um pouco das nossas aulas não sei se você quer falar..

CARLOS:

- Não professora, eu lembro também um pouco das aulas era muito didática né?
- A gente tinha muito a participação, as apresentações rendiam muito não era?

- Havia um grande diálogo entre professores, alunos
- Eu gostava

ANA PAULA:

- E aí eu tava colocando para meninas também, que esse autor que eu estou trabalhando no mestrado, é um autor que ele coloca a importância de você trabalhar com a contextualização, com aproximação, e diminuir ao máximo essa hierarquia do lugar do professor, do lugar do aluno porque a ideia é que a gente construa realmente esse canal de diálogo
- E para que a Sociologia ela seja compreendida, para que ela seja compreensiva as pessoas, ela precisa realmente se efetivar a partir desse lugar do cotidiano, como é que eu posso tornar essa disciplina mais interessante
- E aí eu agora vou colocar um momento assim, que eu lembro bem, também que foi o filme “Cidade de Deus”, assim já faz um tempo que foi no nosso primeiro ano ainda já no final do ano
- Mas foi um momento que rendeu muito debate da turma
- A gente ficou reunido em círculo lá na sala e vocês se reuniram e responderam as perguntas
- E trouxeram que cena tinha chamado mais atenção de vocês, eu não sei se vocês lembram desse dia
- E foi um momento de muita participação, assim a gente ficou duas horas de intenso debate e vocês trouxeram muitas reflexões sobre a questão da violência, e como é que essa violência estava, como crime organizado estava nas comunidades
- A violência cotidiana estava presente na vida dos jovens assim, essa aula para mim foi uma aula que assim bastante assim, foi uma aula que me marcou pelo nível de debate que nós tivemos oportunidade
- Como vocês cada um trouxe a sua vivência e a sua experiência para aquele debate...
- Não sei se vocês lembram desta ala..

ANITA:

- Eu lembro professora, do dia que a gente assistiu o filme e quando a gente fez o debate
- Eu não lembro qual a cena que eu dei que tinha me chamado mais atenção
- Mas eu lembro sim que o debate foi a tarde, a gente teve assim uma aula que a gente botou pra tarde, porque não tinha tempo pela manhã, foi muito interessante

ANA PAULA:

- Isso
- Eu até achei uma lista de assinaturas, naquele dia a gente estava com 37 alunos em sala de aula, mesmo sendo em outro horário a gente teve um grupo bem grande de debate que assinou a lista
- E até ajeitando os papéis eu achei esse material de vocês aqui
- E aí gente o desafio seria esse, seria de vocês

- Eu sei que escrever é um desafio sempre, mas a ideia era que eu encaminhasse pra vocês um termo de consentimento para vocês participarem da pesquisa
- E aí a gente construiria também quanto tempo vocês acham que é necessário então eu encaminharia essa coisa para vocês colocarem o número, telefone, e a cidade
- E vocês, eu queria ouvir vocês essa ideia o que é que vocês acham de fazer essa carta e seria, é meu objeto de análise e além de fazer essa carta vocês assinariam esse termo mas eu quero ouvir quanto tempo e se vocês acham possível fazer
- Quanto tempo vocês precisariam para fazer?

ALUNA ANITA:

- Eu achei importante, achei muito bacana mesmo essa ideia porque seria uma forma de ficar registrado né e embora que tinha sido pessoas diferentes mas mesmo assunto, mesmo momento, sempre vai ter experiências e sempre as pessoas vão absorver de forma diferente então vai ficar uma coisa bem mista bem eclética como a senhora já falou
- Eu concordo de fazer isso e é possível pelo menos para mim

ALUNA RAFAELA:

- É para mim também eu gosto da ideia, porque a gente pode contar tipo uma trajetória que teve no IF entendeu?
- Principalmente da disciplina.
- E a gente também com a senhora, passou muito tempo junto, a gente praticamente sabe bem como era as aulas, a didática, eu acho que dá para fazer, eu consigo fazer também.

ANA PAULA:

- E aí vocês acham que seria assim quanto, quantos dias que só para gente que a gente só marcaria novamente eu vou tentar conversar individualmente com alguns também que topassem, mas que não puderam estar
- Mas Gustavo e Lígia também colocaram da dificuldade de estar presentes mas pelo que eu entendi eles também vão pegar o material, vou conversar com eles individualmente
- E aí a gente poderia tentar ver em quanto tempo a gente poderia voltar a conversar

ALUNO PEDRO:

- Eu acho que é melhor a senhora marcar visse, se a pessoa ficar.
- Assim a gente escolher uma data se for para escolher para não ficar uma coisa tão rígida, tão assim
- A senhora pode dizer uma data, dando um intervalozinho, pra ficar mais de boa

ALUNO CARLOS:

- É a senhora pode falar, que a gente faz
- Se a gente for escolher aí.

ANA PAULA:

- Oh gente, hoje é 17
- Vocês acham que...

ANITA:

- Eu e Suzana, acho que assim não tem nada agora porque a gente só vai ter aula na UFCG em, lá para outubro novembro
- E aí Pedro tem aula só de manhã na universidade dele, eu acho que de tarde ele tá trabalhando e estudando mas pode mandar que a gente desenrola

CARLOS :

- As minhas aulas só começam para o mês então...

ANA PAULA:

- O que é que vocês acham, eu não sei se mais alguém assim além de vocês e eles dois se vocês acham que a gente ainda conseguiria assim que mostrou mais disponível assim, eu vou mas eu vou conversar com cada um que a gente pode fazer que é que vocês acham daqui a 7 dias na próxima na próxima terça-feira?

ALUNO F:

- Por mim ok

ANITA:

- Por mim tudo bem
- Eu só não posso aceitar quarta, ou agora mas na terça-feira tudo bem para mim

ANA PAULA:

- Na terça é possível?
- É um dia bom para vocês?

ALUNO E:

- Por mim sim, eu tô esse mês livre

ANA PAULA:

- Pronto, a ideia também é que eu me preocupei mas porque alguns de vocês alguns já começaram e outros estão começando
- E aí também se vocês puderem dar um reforço com mais alguém assim que não pode estar presente e não tem nenhum problema que eu faço eu converso com eles em separado está certo ?
- Gente, eu vou mandar agora para vocês, certo?
- Eu vou mandar daqui a pouco até o final da tarde eu mando esse questionariozinho pra vocês
- E aí quando vocês me mandaram o e-mail eu mando eu mando o termo certo e o modelo da carta mas esse modelo das cartas foi eu foi minha escrita
- Vocês ficam à vontade para fazer da forma, que essa coisa que é monitorada.

ALUNO G:

- Professora?

ANA PAULA:

- Pois não?

ANITA:

- E aí esse texto, a gente pode falar assim sobre todos os temas que a senhora colocou aí ou é pra escolher um tema pra gente se aprofundar?

ANA PAULA:

- Qualquer um, se você quiser falar de um ou mais de um o texto é seu. É aquilo que da sua vivência
- Mas eu fiz uma um teste com uma aluna de química também que eu vou fazer essa experiência com vocês
- Ela fez com dois, ela escolheu duas aulas mas aí também não tem problema o mais importante é a sua escrita é a sua forma de ver de pensar entendeu ?

- E essa, essa questão também que todos vocês colocaram que as nossas aulas, a gente sempre trouxe o cotidiano, não era aquela sociologia é, teoria pesada, mas que era sempre mesclando
- Que também a gente trabalhou com Marx, trabalhou eu lembro que a gente fez até a gente trabalhou Marx em sei se você se lembra que a gente fez uma cruzada
- A gente fez uma coisa bem, pegou os conceitos e trabalhou fazendo para a gente descobrir que palavras assim, a gente trabalha os teóricos mas a gente tentava sempre é contextualizar para o cotidiano então também essas questões vocês, mas fiquem à vontade fiquem bem à vontade
- E aí a gente vai, a gente vai, eu tirando as dúvidas de vocês mas o importante mesmo também é vocês mandaram esse termo quando vocês mandarem a carta porque eu preciso da carta e é só assim vocês leiam, é um termo simples, mas vocês leem certo e me reencaminhem
- Assim vocês tem alguma dificuldade nesse caso de assim no sentido de colocar assinatura não sei se vocês têm digital que eu fiquei preocupada foi com essa coisa será que vocês vão conseguir assinar

ALUNO PEDRO:

- Só se a gente imprimir assinar e escanear né e mandar para senhora?

ANA PAULA:

- Não dá para tirar foto, a única questão é que vocês tem que assinar

ANITA:

- Ok

ALUNO H:

- Certo

ANA PAULA:

- Está certo?
- Pois gente muito obrigada
- Vocês preferem de 15 horas ou de 14 horas daqui uma semana?

ANITA:

- De 14 mesmo, eu prefiro de 14

ANA PAULA:

- De 14 mesmo, certo

ALUNO CARLOS:

- Professora, só uma dúvida

ANA PAULA:

- Pois não

ALUNO RAFAELA:

- Se pudesse cair numa terça-feira para mim era bom demais, é o dia da minha folga os outros dias eu trabalho
- Aí não tem como não

ANA PAULA:

- Então pode ser na terça novamente, na próxima terça quando?
- Alguém está com um calendário aí fácil?

ALUNO C:

- Tudo certo então, deixa eu abrir aqui

ANITA:

- Na próxima terça-feira é dia 24

ANA PAULA:

- Então a gente se encontra de 14 horas novamente, viu?
- E se vocês puderem também convidar outros colegas e me dar um toque depois tá certo?
- Muito obrigado foi muito bom fiquei muito feliz por todos vocês pelo resultado aí de vocês de saber que vocês estão aí em universidades públicas e eu tenho certeza que vocês vão fazer a diferença onde vocês estiverem
- E muito obrigada mesmo por esse nosso encontro viu?
- Qualquer coisa vão me dando notícia e qualquer dúvida eu vou mandando os materiais para o grupo também

ALUNO PEDRO:

- Tá certo

ALUNA ANITA:

- Tá certo

ANA PAULA:

- Obrigada e até mais, Tchau!

APENDICE E – RODA DE DIÁLOGO B (ETAPA 1)**RODA DE DIÁLOGO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DIÁLOGOS SOBRE A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.****DATA 18/08/2021****LOCAL: SALA DO GOOGLE MEET****ENDEREÇO: <https://meet.google.com/lookup/avvqe3rmap?authuser=0&hs=179>****PARTICIPAÇÃO: 09 ALUNOS.****PROFESSORA -PESQUISADORA: ANA PAULA**

- Eu vou falar um pouco da minha pesquisa inicialmente e em seguida, depois de falar da minha pesquisa, a gente vai entrar num diálogo bem bacana porque meu objetivo principal hoje não é só falar sobre minha pesquisa para vocês, é fazer como a gente fez (durante nossas aulas), quem já foi meu aluno sabe bem que eu prezo muito pela participação e pelo diálogo.
- Então, no ano de 2019, a partir do ano de 2019, eu comecei a minha pós-graduação, no mestrado que se chama PROFSOCIO, que é um Mestrado Nacional em Rede e é um Mestrado voltado para o ensino de sociologia. Então eu venho desenvolvendo uma pesquisa, desde o ano de 2019, e essa pesquisa tem como objeto principal o ensino de sociologia no IFPB. Então, a partir do momento que eu comecei a fazer essa pesquisa muitas curiosidades foram chegando.
- Então eu agradeço as pessoas que vão entrando, e a gente, vocês depois podem me fazer perguntas.
- E a partir daí, o meu objeto começou a ser observar qual a finalidade, qual o sentido da Sociologia nesse currículo integrado do IFPB. Ao longo do processo, dos três anos, vocês tiveram oportunidade de ter um currículo amplo, vocês tiveram tanto disciplinas que são disciplinas gerais, como vocês também tiveram disciplinas (das áreas técnicas).
- Eu fiz uma apresentação de slides mas eu vou tocar sem ela, porque eu mudei aqui de computador, estou tentando resolver mas enquanto isso a gente toca sem slide mesmo.
- E é a ideia do meu trabalho hoje, do meu diálogo com vocês, é relembrar, é rememorar um pouco dos conteúdos que vocês viram no Ensino Médio, na Sociologia, nas Ciências Humanas. Desde 2008, desde que o Campus de Campina Grande foi criado, certo, a Sociologia foi uma disciplina que está na grade de vocês, então desde que o Campus foi criado ainda lá no centro da cidade, antes de vir para o espaço que vocês assistiram aula. Eu não sei se vocês sabem disso, mas quando o IF foi criado no ano de 2007, durante algum período ele ficou ali em frente à praça da Bandeira, até ser entregue.
- Mineração foi o primeiro curso, nos meus estudos e nas minhas pesquisas eu fui vendo isso, Mineração foi o primeiro curso e de lá pra cá a sociologia, desde que o campus foi criado, ela também é uma disciplina presente no currículo integrado.
- Então vocês, finalizaram o curso de vocês, com uma proposta de disciplinas tanto da área geral como da área técnica, cada um na sua especificidade. Então quem é de Edificações tem as disciplinas que são específicas de Edificações, quem é de Informática, quem é da área vamos dizer, de Química, cada um de vocês tem as suas disciplinas específicas, mas também tem as suas disciplinas que são as disciplinas gerais que os estudantes do ensino médio tem e vocês têm o médio integrado que dentro das disciplinas técnicas tem a sua especificidade.

- E dentro do meu objeto de estudo eu comecei a observar e me chamou bastante atenção é que grande maioria dos alunos eles conviviam bem com a disciplina não era uma disciplina que fosse para a maioria dos estudantes objetos de reclamação é ao contrário.
- As turmas que eu lecionei, que eu tive oportunidade de lecionar eu também sempre conversava com os colegas também professores, eles diziam que tanto na área de filosofia como na área de sociologia a gente tinha a participação da grande maioria dos alunos.
- E aí qual é a minha ideia hoje?
- A minha ideia é ouvi-los e ouvi-las sobre as experiências e as vivências com o ensino de Sociologia nos três anos do ensino médio que vocês tiveram oportunidade de participar e eu queria conversar um pouco com vocês. É sobre as vivências de vocês e quando eu propus aquela carta, não sei se todo mundo que tá aqui teve acesso a uma carta, eu fiz uma escrita de uma pequena carta. Qual era a proposta daquela lauda? Era transmitir um pouco das minhas memórias desse lugar do estudante, eu sou professora é claro mas assim quando tem uma turma em específico (...)
- Acho que Suzana, não sei se Anita entrou, não tenho certeza mas (...)
- Assim eu acompanhei algumas turmas quando eu cheguei em 2008 no IFPB, eu acompanho algumas turmas. Eu lecionei quase dois anos e meio e aí eu observava que vocês chegam no IF cheio de vontade, de desejos, de sonhos, ao longo desses três anos. E a minha ideia era trazer um pouco das vivências. Vou usar bem muito essas palavras com vocês das vivências e das experiências de vocês.
- Para vocês falarem do IF e para vocês também lembrarem um pouco do que foi a sociologia dentro desse contexto das disciplinas que vocês tiveram. A oportunidade de vocês. Tiveram uma oportunidade de dialogar e a minha ideia era ouvi-los, se eu tivesse até oportunidade de ouvir a fala de vocês para que a gente pudesse lembrar de aulas, lembrar de algum episódio, lembrar de algum momento, de algum aprendizado, de algo que fizesse com que vocês (...)
- Que aprendizados, que sentido teve a sociologia dentro, vamos dizer, de alguma aula, não precisa, não precisa ser meu aluno não é especificamente também tem pessoas aqui é grande maioria foi aluno, o aluno meu mais os teríamos aquelas pessoas que não foram mas também tiveram excelentes professores na casa. O pessoal de Informática pelo que eu conversei um pouquinho também teve (aula com) o professor Matheus, professor Gonzaga, professor, acho que, Diego também.
- Vocês agora, professora Maria José, algum dos professores de Sociologia que vocês relembassem que vocês colocassem porque vocês visualizam e se tem sentido a sociologia no ensino médio. E dentro dessas memórias de quem concluiu a pouco o ensino médio que é que vocês poderiam relatar dessas vivências, desses aprendizados?
- Então eu queria inicialmente ouvir vocês e em seguida falar um pouquinho sobre as etapas da pesquisa que vão ser etapas super curtas, mas que inicialmente versa sobre a participação (e) a escuta de vocês no meu trabalho. Eu vou escrever as minhas percepções enquanto professora de sociologia e em seguida eu queria convidá-las e convidá-los para emitir a opinião de vocês, respondendo aquela cartinha que eu, aquela carta na verdade, que eu escrevi e estimulando vocês a falar sobre as percepções de vocês.
- Então eu queria agradecer a presença de todos e trocar um pouco dessas experiências com vocês que estão aqui na tarde de hoje.

- E aí? quem é que, se não quiser abrir a câmera não tem problema tá gente a gente trabalha também só com o microfone.

MARTA:

- Ninguém quer começar? Pode começar professora?

ANA PAULA:

- Marta vai começar?
- Quem é que vai começar vamos lá?

IARA:

- É Marta mesmo

ANA PAULA

- Oi, Iara, é você que vai começar Iara?

IARA:

- Não, é Marta

MARTA:

- Essa Iara é engraçada! Mas bem, eu vou tentar ser rápida.
- Quando a professora conversou comigo sobre a pesquisa dela, e eu já escrevi a carta, uma das coisas que me chamou atenção em relação a sociologia no IF foi porque eu contei para ela que para mim, primeiro que Sociologia e o IFPB tem tudo a ver, e segundo que uma coisa que me chama muito atenção no IF é que a troca de experiências e a troca de vivências no IF é diferente de outras escolas comuns, estaduais ou municipais porque no IF a gente tem contato com pessoas de todos os lugares, de várias cidades diferentes, de bairros diferentes, pessoas que carregam consigo histórias e vivências diferentes umas das outras.
- Que têm costumes e religiões diferentes e eu acho que essa troca é muito mais rica do que em uma escola, digamos, que comum, municipal ou estadual, onde os alunos da escola eles são aqueles do bairro mesmo, da cidade em que se localiza a escola, onde ela se situa.
- Aí eu acho que assim, para mim no meu ver essa troca de experiências no IF ela é bem mais rica sabe, é diferente, a gente tá com um monte de gente diferente e enfim essa troca, ela acontece de uma forma diferente.
- Outra coisa que eu me lembro, que mais me marcaram, assim em relação a Sociologia no IF hoje, mas teve dois episódios de aulas distintas, e assuntos diferentes, mas que me marcaram assim de uma forma, e eu vou sempre carregar comigo.
- Eu sempre falo assim que Sociologia foi uma das disciplinas que me ajudaram a me desenvolver como pessoa, sabe. Como ser humano, quando a gente aprende tudo aquilo, que a gente vive, tudo que a gente aprende, a gente vai se tornando pessoas melhores.
- E uma das eu lembro que foi no assunto de terceirização inclusive com a professora Ana Paula, e a gente discutindo sobre terceirização, o que era, e passando da parte de conteúdo mesmo, uma coisa que foi legal nesse assunto foi que a gente foi construído o assunto junto né, não teve aquele negócio engessado, “e vamos para o livro”, “vamos para o slide” ou sei lá questionários” ou coisa assim, mas que a gente foi conversando junto, construindo junto, o que é muito bacana.

- A gente vê tanta aula comum, tanta coisa assim, tão comum, tão engessada, que se torna até chato da gente tá revendo e estudando, e estudando várias vezes o mesmo assunto ou da mesma forma.
- E a gente conversando chegou um momento que a gente decidiu que a gente ia entrevistar algumas pessoas, do IF mesmo, pessoas que a gente conhecesse que trabalhasse, né, sob, que fossem terceirizadas, e quando a gente começou a conversar com as pessoas a gente meio que levou um choque de realidade, porque a gente tinha estudado no assunto, assim cargas horárias, direitos, deveres, que as pessoas deveriam cumprir e os direitos que elas tinham que deveriam ser assegurados
- E na verdade quando a gente começar a conversar, não era sabe, teve pessoas que trabalhavam a mais do que deveria e não tinha consciência disso, outra coisa em relação a isso que chamou muito minha atenção porque a gente falava assim “ah e por que você não reclama para o seu chefe que você tá trabalhando horas a mais?” Ou “porque que você não reclama lá ou fala?”
- E a pessoa olhava pra gente e dizia assim “não eu não posso reclamar do meu trabalho e nem de horas porque eu preciso muito desse trabalho para o sustento da minha família e, tipo, se eu for reclamar, e ele achar ruim não sei, se eu largar esse trabalho tem milhares de pessoas que querem trabalhar no meu lugar, eu preciso disso” e ali a gente enxergava o silêncio por parte dessas pessoas, que para mim assim me chocou um pouco sabe, porque as pessoas, elas dependem de trabalho.
- E elas se submetem a coisas, elas são silenciadas, elas “não podem” reclamar ou pedir que seu direito seja assegurado porque elas precisam disso, que elas precisam trabalhar elas precisam de sustento e elas se submetem as coisas e ali para mim foi como se a liberdade de expressão daquelas pessoas fossem, assim, desrespeitadas totalmente, entende?
- Isso foi uma das coisas que me chamou muita atenção.
- Outra coisa também é que eu sempre falo às meninas que estão aqui que me conhecem um pouco sabe que eu sempre falo assim que “o conhecimento liberta o homem” sabe, e liberta a gente né como se realmente quando a gente conhecesse, quando a gente tem acesso às informações a gente se torna pessoas mais esclarecidas acerca de muita coisa, e a maioria das pessoas que a gente entrevistou em relação a esse tipo de trabalho terceirizado elas não tinham nem a metade daquilo que a gente tinha visto em sala de aula.
- O que é triste mas que é a verdade, é uma realidade que a gente vê, e em episódios assim como esses que eu enxergo a importância de disciplinas como Sociologia, mesmo às vezes até nesse novo currículo agora, essa nova proposta do ensino médio o governo e enfim querem diminuir disciplinas como essa, como se não fossem tão importantes como se a gente pudesse falar, “ah essa disciplina não é tão importante vamos cortar ela do currículo escolar”, entendem?
- E Sociologia para mim foi uma disciplina que me ajudou tanto, sabe? E principalmente assim, dessas coisas que a gente vive, hoje eu tenho um olhar diferente sobre não só sobre terceirização mas sobre outros assuntos que foram importantes, tá?
- Eu já estou terminando, e foi uma disciplina que me abriu tanto os olhos que me ajudou a enxergar as coisas de outra forma, né, e Sociologia não é essa coisa distante da gente, é porque, a gente, nós somos seres sociais, a gente tá aqui e convive com isso, e como é bom que existe essa disciplina e que nela a gente possa aprender.
- Que a gente possa ampliar nossa visão para as coisas, e faz com que a gente se torne pessoas mais críticas, faz com que a gente questione a sociedade, parece que a gente não aceita mais tudo calada e as pessoas possam pisar ou passar por cima da gente, não, a gente conhece as coisas e que bom por isso, teve outros episódios

também que me chamaram muita atenção mas eu já estou me alongando, vou dar oportunidade para outras pessoas, obrigada.

ANA PAULA:

- Obrigada Marta, gente o mais importante nesse momento, assim que eu acho que vai, é importante que vocês expressem qualquer das experiências, questões que vocês lembrem, não precisa ser o mesmo conteúdo, no exemplo eu lembro bem das aulas com o pessoal de Edificações mesmo, na área de meios de comunicação e indústria cultural, assim, cada turma a gente conseguia extrair coisas diferentes e muito ricas então nem tudo que acontecia em Edificações, assim, com certeza, os outros professores também vocês externavam a participação, cada um à sua maneira.
- De acordo com aquele determinado conteúdo, que a nossa ideia é trabalhar com essa questão mesmo do contexto e da pessoa enquanto ser humano assim o que é que a disciplina traz para mim, às vezes até certezas absolutas que a gente trazia, quando a gente chegou na escola e com o tempo a gente foi desconstruindo e construindo outras formas de pensar, até de encarar as coisas.
- Então pode ser qualquer um de vocês, fiquem à vontade para falar nesse momento inicial.

SUZANA:

- Boa tarde gente, eu vou falar bem pouquinho porque eu sou um pouco envergonhada, né, mas tudo bem.
- Exatamente como Marta falou, né, a gente vive a sociologia ela faz parte do nosso dia a dia, faz parte de quem a gente é, e isso gritou muito quando a gente chega (*sic*) no IF, pelo menos comigo já era o que eu queria falar, porque para quem não sabe eu moro numa cidade bem pequenininha e quando eu digo pequenininha, é bem pequenininha mesmo no interior e como ela mesmo falou é praticamente pessoas do mesmo bairro, e aqui era praticamente, vamos supor duas escolas para cidade inteira, ou seja a gente só vive, só convive, com pessoas da mesma maneira que a gente.
- E quando a gente chega no IF é uma diversidade de pessoas de outros lugares pensamentos diferentes e a gente convive com isso e a gente vai aprendendo cada vez mais ouvir as pessoas e ser ouvido. E uma das coisas que a sociologia, ela me mostrou muito é que, diferente, assim das outras disciplinas, não desmerecendo as outras disciplinas, jamais, mas ela quer, ela dá muito espaço para o aluno falar, ela abre muitas rodas de debates para o aluno falar, não é exatamente só aquilo ali robotizado. Uma das coisas, assim, das experiências que eu mais peguei para mim, né, não só dos assuntos em si, foi sim desse negócio dos debates.
- Ela abre muito para que, ela joga um assunto e faz com que a gente debata sobre aquilo ali, no nosso dia a dia.
- Geralmente as outras disciplinas são mais robotizadas, as pessoas perguntam mas não, a sociologia ela faz isso com a gente, ela joga um assunto muitas das vezes um assunto que a gente não sabe, nem muito bem como tratar, mas a gente fica curioso com aquilo ali e a gente solta.
- A gente quer dá nossa opinião, mas a gente também ouve a opinião das pessoas, e a gente constrói, vai construindo aos poucos o que é, né, porque na verdade não existe uma resposta certa existe ali a construção da nossa resposta e ela abre muito os nossos olhos para coisas que a gente era comum.

- Ela abre os nossos olhos para que a gente possa enxergar de maneiras diferentes. Eu lembro bem de dois assuntos, é de duas aulas específicas onde coisas totalmente comuns quando a gente tratou daquilo ali eu abri meus olhos para enxergar diferente.
- Uma das aulas foi quando ela mostrou uma foto onde tinha um muro que era dividido entre as pessoas da periferia e outra ali das pessoas de classe alta, ou seja é algo que para gente muita das vezes é comum mas quando a gente começa a enxergar com outros olhos a gente começa a debater, a gente começa a enxergar de forma diferente. A gente vê que não é tão comum assim é ...
- Outra também que me marcou bastante foi ela mostrando uma imagem de um comercial de cerveja onde a mulher ela fazia propaganda da cerveja e naquele momento ali eu via, a gente vê várias vezes mulheres fazendo propagandas de cervejas só que a gente naquele momento ali, e eu particularmente vi o quanto a mulher é usada como um produto, não só de venda mas um produto para vender, aquilo ali, ou seja para resumir, em si a sociologia ela vem abrir os nossos olhos para assuntos que a gente acha que é comum mas, na verdade é muito necessário para se debater e é de extremamente importância, não é extremamente, é algo realmente importante para gente.
- Porque além de dar espaço ao aluno para debater, além de dar espaço e voz ao aluno para falar, é um assunto é, uma disciplina que ouve, faz a gente viver realmente, vivenciar em si na prática o que é, e para mim abriu realmente os meus olhos para várias questões, era só isso gente obrigado.

ANA PAULA:

- Eu agradeço Suzana, as suas memórias aí de duas aulas, uma foi de desigualdade, que era aquela questão da imagem que eram dois mundos vizinhos e essa outra aula a gente tava discutindo meios de comunicação e a indústria, a indústria e a comunicação, realmente foram momentos muito ricos de diálogo, muito obrigada.

ANA PAULA:

- E aí a gente vai ter mais vozes ativas aí no espaço de diálogo?

MARTA:

- Professora agora é Iara

ANA PAULA:

- Bora Iara você tá muito quietinha viu

IARA:

- Misericórdia agora não eu não agora não

MARTA:

- Bora Iara, bora
- Você sim senhora, bonitinha, e eu fui a primeira

IARA:

- Eu vim só pra ouvir
- Professora, é que eu tô atarefada fazendo faxina e escutando

ANA PAULA:

- Mas não tem nada não, você fala, faz faxina e escuta também

IARA:

- Então eu vou falar logo que aí eu me livro

ANA PAULA:

- Ave Maria, acabou com a gente! (Risada)

-

IARA:

- Foi não professora, é que eu gosto de ouvir
- Enfim, pelo que eu ouvi, né, das meninas e pelas minhas conclusões também, das aulas que a gente teve e tudo mais é mais isso mesmo que Marta e Suzana acabou de falar.
- Que a sociologia, ela é muito importante para a gente porque, assim como Marta (disse), a sociologia mudou muito (nossa forma de pensar). Ela fez crescer, ela mesmo como ser humano, também me fez crescer, me fez enxergar tudo de uma maneira diferente, aquela matéria que eu achava que não servia para nada, que não era importante e tudo mais, depois que eu passei a estudar e entrar mais, adentrar nela, eu vi que ela tinha sim importância para a gente, principalmente por essa questão de diversidade no IF, né.
- Que lá tem gente de todo tipo, de tudo que é, cada um com seu jeito diferente de ser, e ali a gente começa a se socializar com aquelas pessoas, então acho que a sociologia está ligada a isso, né. Aquela multidão de gente ali sabendo um conviver com o outro com as suas diferenças e tudo mais, então no IF me fez enxergar isso, pronto professora tá bom.

ANA PAULA:

- E assim eu vou fazer, eu vou lembrar um pouquinho aqui.
- Iara falou, e Iara foi uma aluna também que nos ensinou muito, porque ela era uma pessoa muito criativa para o uso das tecnologias sociais e a gente teve um desafio muito grande no ENEX, que foi criar espaços de interação com as redes sociais e ela conseguia fazer coisas lindíssimas e conseguia fazer com que estimular, o visual e foi uma pessoa que mostrou um potencial muito grande, nos espaços da extensão.
- Iara, você conseguia trazer muita, e a mostrar muita potencialidade dos jovens, assim para mim também foi muito marcante o Enex.
- Vou falar desse lugar, visualizar como vocês no IF são pessoas criativas que tem muito potencial e que faltava só um pouquinho ali de estímulo e vocês quando tinham oportunidade, vocês conseguiam fazer coisas fenomenicas.
- Então eu lembro muito bem dessa vivência com Instagram, eu acho. Foi para o Instagram?

IARA:

- Foi isso mesmo.
- E o Enex professora, foi um evento muito top, que tinha mesmo essa questão da diversidade, tinha essa questão da sociologia lá inserida em tudo o que é canto, tinha gente de todo tipo, tinha dança, tinha a música, tinha tanta coisa e foi muito bom cada experiência adquirida naquele lugar que mora no meu coração, mas infelizmente a gente já não faz mais parte de lá.

ANA PAULA:

- E aí alguém mais quer compartilhar?
- A gente já teve falas tão bonitas!
- Vamos, quanto mais a gente fala mais a gente traz coisas bacanas aqui para a roda, mesmo que não seja uma turma específica também pode relatar questões interessantes de outros professores também, viu gente?
- Fica que, o importante é trazer suas experiências e vivências.

MARTA:

- Pois é gente, não se acanhe não.

LUIZA:

- Oi gente, boa tarde. Meu nome é Luiza, e a sociologia no IF e no ensino médio, assim no geral, acho que ela é uma matéria, assim, muito importante.
- Principalmente porque a gente sabe que no final a gente vai fazer um TCC e o nosso TCC ele sempre reflete sobre a sociedade, e na verdade tudo na nossa vida reflete sobre a sociedade porque a gente tá inserido nela, então as discussões que a gente tinha na sala de aula sobre a questão do trabalho, a questão de, por exemplo, os direitos políticos que a gente tem, como a política é feita, era algo muito discutido na minha sala e eu nunca tinha parado para pensar sabe?
- Por exemplo, nessa questão política mesmo, eu sempre ficava “ah eu não gosto de discutir sobre isso” e sendo que eu fui mudando o meu pensamento quando eu me vi que eu também era uma cidadã, quando eu me reconheci como isso, e foi a sociologia que me mostrou isso. Justamente porque ela buscava estudar, né, nas nossas aulas sobre as coisas da sociedade, questões como trabalho, família e todas as instituições que estão ligadas.
- A própria escola, né? E como vocês falaram, o IF é muito plural, e era algo que de primeira me chocou, porque a gente sempre tá acostumado com a nossa zona de conforto, e às vezes nem é uma zona de conforto pela palavra mesmo, mas e aí quando a gente abre portas na nossa mente de buscar conhecer o outro para poder então exercer a empatia, é algo que nos transforma.
- Porque a gente percebe que nós não estamos sozinhos na sociedade, tem o outro que depende do outro e as dores do outro e a vitória do outro (*sic*), também vão ser as nossas, aí é importante ver as relações que estão por trás.
- Uma coisa interessante era, a sociologia busca também, vem muito a questão de como percebemos a sociedade, como a Suzana falou, dá essa ideia de muitos debates na sala, de como você pode interpretar aquela realidade, que é algo que a gente já vê, mas, a gente não tem isso de ficar se perguntando lá “mas por que isso acontece?” “Pelo interesse de quem?”.
- Então eu acho isso muito interessante a gente se tornar protagonista, a gente mesmo deixa aprendizado e se reconhece na realidade.

ANA PAULA:

- Essa questão é muito importante Luiza, e é uma das questões que eu vou trazer muito na minha escrita, do protagonismo de vocês, assim, essa é uma das coisas que mais me chamou atenção ao longo desse processo do IF. Foi esse protagonismo, essa vivacidade, vocês são, (...) a instituição tem esse traço de alunos muito participativos, assim, de pessoas muito diferentes também. Tem algumas turmas assim, algumas turmas eu visualizava grupos até eu comento muito para as pessoas que eu conversei, no IF você tem várias turmas numa só turma, você tinha aquele grupo de trabalho que sempre faziam os trabalhos juntos e que sempre estavam nos intervalos juntos. Mas num segundo, você via, já estavam em movimento com outros grupos, mas que conseguia manter o respeito a partir, dentro dos diálogos e dentro também do possível.
- Claro que também tinha os conflitos, não eram só flores. Mas, assim, vocês são, o IF é uma instituição muito viva, tanto que o meu tema diálogo vivo, já trazendo para esse aspecto, desse protagonismo mesmo, dessa voz que vocês têm, e que também, claro, que também tem momentos difíceis para alguns. Alguns momentos, modelos de

avaliação e outras questões também de processo, mas que vocês trazem muito essa vivência e muito obrigada por terem vindo para somar e participar com a gente.

- Quem é que pode também contribuir?

SUZY:

- Olá, boa tarde.
- Meu nome é Suzy, eu sou da turma de Luiza também, infelizmente a gente teve pouco tempo com a senhora, eu acho que foi um mês ou um mês e pouco. Mas uma coisa que a gente sempre comenta no nosso grupo de amigos é que as matérias de humanas do IF são simplesmente incríveis.
- Tipo, todos os professores fizeram com que (...) uma palavra que a senhora disse, que me tocou muito foi a palavra “estímulo”, que o que falta é esse estímulo com a gente sabe?
- Porque os professores faziam a gente entender a base, conversar e dialogar e entender realmente a diferença do outro, as coisas que compunham a sociedade, as instituições sociais, e como que elas funcionam, e isso foi simplesmente incrível, porque a pessoa que eu era antes de entrar no IF é uma pessoa totalmente diferente do que eu sou hoje, de entender a realidade social, sabe, de participar da política, de entender qual foi a lei que fizeram agora, mas o que essa lei significa? O que é que ela vai impactar na vida da gente?
- E como que ela vai me mudar?
- Como que ela vai mudar o outro?
- Sabe não pensar só no você, tipo uma coisa que a gente vê muito é essa diferença de desigualdade mesmo, de o rico sempre vai ter mais e o pobre sempre vai ficar nesse problema tipo nesse lugar de tipo de não crescer, de não ter estímulo de crescer porque, enfim, e a gente estuda isso né, e as pessoas que estão no poder elas são as que vão formar as leis e, ...
- Como é que a gente vai participar disso?
- Como é que a gente vai tentar mudar isso?
- E a sociologia, tipo, que nos ensina a enxergar isso e eu acho incrível.

ANA PAULA:

- Obrigada Suzy pela sua participação
- E uma coisa que você coloca também, que é muito importante, a gente levar para nossa vida de forma conjunta, até eu vou falar menos e deixar vocês falarem mais, mas essa coisa das instituições, a gente vive, e se eu tiver oportunidade, assim que eu terminar essa dissertação eu vou abrir um espaço assim voluntário mesmo para discutir alguns conceitos que vão também, não ser só com alunos do IF eu vou acho que fazer pelo Instagram.
- Vamos pensar aí um pouco na ferramenta ou pelo Youtube, com alguns autores entre eles um filósofo e sociólogo polonês chamado Zygmunt Bauman, que (é o autor utilizado no) meu trabalho. (Meu trabalho) é focado nele e ele trabalha muito essa questão dessa separação que a gente está vivendo hoje, entre as instituições e a vida das pessoas, a gente está no individualismo tão grande, num estímulo ao individualismo tão grande, que a gente desacredita das instituições, a gente é estimulado e é convidado a abrir mão, da responsabilidade das instituições e dizer “não, mas agora isso é problema só meu” “é individual, então problema da segurança a gente começa a fazer muitas vezes a gente procura uma empresa privada de

segurança, uma escola privada, a gente começa a fazer tudo na internet, tudo dentro da minha casa, o uso da internet.

- As relações que agora são todas pelo celular, a gente se comunica, a gente fala menos com vizinho e a gente só fala com as pessoas superficialmente, sem aprofundar muita coisa, e essa hiper individualização faz com que a gente não acredite mais nas instituições e seja indiferente, não é? Seja apático.
- E isso traz muitas consequências para nossa vida porque a gente vai se desinteressando, vai se desinteressando tanto em conviver com as pessoas como de cobrar das instituições que a gente desacredita, a gente é indiferente a elas porque a gente acha que elas não nos servem mais e aí essa é uma questão muito importante que a gente futuramente, eu quero discutir mais, e, não vou, não vai ser só com os alunos, a gente vai ampliar esse debate para a gente refletir sobre, será que essa aí a individualização tá fazendo bem a gente?
- Será que a gente consegue enxergar aqui essa hiper individualismo, esse lugar tão individualista que a gente vive e aí eu não estou falando só da política não, eu tô falando do dia a dia mesmo da gente das pequenas coisas, tem momentos que a gente está tão apegado no celular da gente, a gente vai e adentra naquele nosso mundo, naquele universo particular dos nossos *stories* para esquecer um pouquinho das nossas preocupações e a gente acaba adentrando num processo de afastamento.
- Então esse é um debate futuro, mas é uma preocupação também porque eu acho que a sociologia, ela tem essa sentimentalidade que ela é, ela sempre será uma disciplina onde podemos aprender a conviver, ser menos individualista, onde a gente tenta ouvir mais o outro.
- A gente pode realmente parar um pouquinho para pensar nessas minúcias, naquilo que parece estar bem, algo, que não tem nada a ver comigo mas como a Giovanna falou, tem tudo a ver comigo mas parece que não tem, parece que ela é uma coisa que é bem distante de nós.
- Não sei se mais alguém quer falar...

HELENA:

- Olá pessoal, boa tarde, estão me ouvindo?

HELENA:

- Estamos sim, Helena.

HELENA:

- Boa tarde pessoal, eu me chamo Helena, eu estou um pouquinho nervosa para falar aqui, mas eu vou complementar aqui.
- E a partir de algumas coisas que as pessoas, que as meninas já falaram, né, então eu também venho de uma cidade pequena.
- Eu sou da cidade de Suzana também e quando a gente acabou de chegar no IF, né, é uma realidade totalmente diferente porque em cidade pequena, a gente é acostumado com, assim, não tem essa diversificação.
- No IF, como Luiza falou, é bem plural, tem muitas pluralidades, então me ajudou bastante mesmo o IF tanto na questão de socialização, né?
- A gente acaba conhecendo pessoas de outros lugares, né?
- Com problemas diferentes mesmo, com realidades totalmente diferentes, né?

- E eu me lembro de uma aula da professora Raquel de geografia que ela tratou sobre inclusão social, nessa medida de controle social, que ajuda a gente a se integrar, né, se colocar no lugar de outras pessoas que foi, ela fez uma experiência com a gente que ela vendou os alunos e assim ela colocou a gente como se fosse deficiente visual.
- E a gente acaba que se coloca no lugar daquela pessoa e conhece aquela realidade que é uma realidade muito difícil para quem, assim, a gente nunca viu aquela coisa assim de perto nunca sentiu, né?
- E acaba que é uma coisa muito diferente, é uma experiência muito nova.
- Outra ocasião, outra ocorrida também que eu me lembro bastante que foi uma aula da senhora mesmo, que foi uma coisa mais, assim, de integrar o pessoal foi um trabalho, eu não lembro se foi sobre Theodor Adorno mas a gente acaba que colocou a música assim como o tema para gente.
- E a gente acaba que socializa com as pessoas, encontra coisas iguais, acaba, assim, surgindo debate, gostos semelhante(s), com outras pessoas.
- E a gente acaba se identificando, então é uma coisa bastante interessante trabalhar com a sociologia sobre o debate, sobre esse conteúdo, sobre família.
- Como a gente tem essa imensidão hoje em dia, então é uma coisa muito interessante, é um espaço maravilhoso de se debater e como acho que foi Marta que falou, a sociologia está bem presente dentro do IF e acaba que, tipo, tem projetos que ajuda(m) você a se desenvolver.
- Você pode se encontrar de várias formas e eu acho isso muito interessante e me ajudou bastante a me conhecer, a saber dos meus limites, porque como a gente sabe, no IF a gente acaba tendo cargas horárias bem pesadas, então a gente também (...).
- O IF também tem esse sistema, né?
- Tem psicólogo e tudo mais para ajudar a gente a essa, a debater, a conversar, tentar a tá ali para escutar os problemas um do outro então, assim, o IF é magnífico.
- Ele acaba que nos dá muitas oportunidades, oportunidade de crescer também, de ter voz ativa. Você pode participar em CRT, como presidente de grêmio, né, no caso de chapas, participar de jogos, de tudo. Muitas coisas, né?
- Então o IF acaba nos dando muitas oportunidades, cabe a você querer participar também.
- Mas às vezes tem muitas pessoas que são tímidas e tem essa dificuldade, mas muitas das vezes ela acaba, as pessoas, elas acabam encontrando pessoas semelhantes e acaba desenvolvendo diálogos e acaba crescendo e até tirando essa timidez.
- Então é isso galera, perdão por não ter articulado mais, mas é um pouquinho do que eu consigo compreender, o nervosismo atrapalha bastante.

ANA PAULA:

- Alguém ainda vai querer falar?
- Vai colocar alguma coisa?

CAROL:

- Olá professora, olá boa tarde pessoal, então nome é Carol eu fazia parte do técnico em edificações, assim, eu, assim como as meninas, também, apesar de ser daqui de Campina Grande mesmo, mas, mesmo assim, antes de ter entrado no IF eu ficava muito na minha zona de conforto.
- Tinha minhas amigas, era praticamente aquelas. Eu participava de poucos grupos e então minha sociabilização, se minha sociabilização aumentou com (o fato de) eu ter

entrado no IF, justamente por causa dessas diferenças que as meninas já mencionaram.

- Outra, uma assim, na, a nossa turma mesmo a gente teve cinco professores de sociologia durante esses três anos e, assim, a gente pode perceber a sociologia de vários olhares e metodologias diferentes.
- E isso me chamou bastante atenção, também no ensino da sociologia, apesar dos professores de humanas, ter cada um sua metodologia, mas todos eles vão refletir em trazer para gente conteúdos que façam com que a gente perceba o mundo da forma que ele é.
- Porque muitas vezes a gente vê algumas disciplinas e é só ficar naquilo mesmo: slide, professor falando.
- E a sociologia não, a sociologia permite o debate. É fora da nossa zona de conforto.
- Eu lembro de alguns assuntos que me chamaram bastante atenção que foi discutido, tanto no presencial, quanto no online.
- Com os professores que era, que era a questão da presença da participação feminina na sociedade que muitas vezes é a gente sabe onde vivemos, na sociedade machista e que infelizmente muitas vezes essa parte é agravada.
- E a sociologia vem despertar em nós mulheres, por exemplo, aqui mesmo, a gente só tá vendo meninas, então eu percebi isso, principalmente nas aulas online, a questão dos meninos não participarem muito das aulas de sociologia.
- Justamente porque não acharem atrativos, ou porque a metodologia, não a considerava a metodologia boa.
- E eu, assim, eu percebi isso que a sociologia, não sei se são em todas as turmas, eu tô dizendo o que eu presenciei que, para, assim, pra na parte dos meninos eu acho que eu senti uma participação não tão eficaz, é, assim, então, foi isso a minha fala.

ANA PAULA

- Isso aí dava um debate bom viu Carol
- É isso, aí é um...

CAROL:

- Inclusive, no último ano agora que foi aula online a gente teve a nossa disciplina de sociologia.
- Foi ministrado pelo professor Rômulo, assim, tinha muitas poucas pessoas na sala.
- Em todas eram meninas que tinha umas seis sete pessoas, como aqui mesmo, e todas eram meninas e a gente questionava muito isso na aula inclusive (o) professor se dispôs a trazer justamente esse tema da participação da mulher na sociedade e infelizmente quase não tinham meninos ou tinha um, dois perdidos ali.

ANA PAULA:

- Também é uma discussão que perpassa a nossa vida, não é?
- Essa questão do gênero, assim como ela faz parte do nosso cotidiano e existe um silenciamento, as pessoas não gostam de adentrar em algumas questões que são desconfortáveis.
- E foi muito Interessante, Carol, também essa sua fala porque é uma fala que traz esse, esse lugar também da sociologia, do gênero, não é?
- Como certas questões precisam ser mais discutidas, mais trazidas.
- E uma das questões também que eu ficava me perguntando como era, como tem sido, como foi essa experiência do online para vocês?
- Assim, mas porque é diferente?

- No espaço da sala de aula a gente tinha essa oportunidade de estar ali, tête-à-tête.
- E eu como eu não vivi com vocês esse momento, assim, também se alguém mais além de Carol puder falar alguma coisa antes, acho que a gente já tá, já vem para a pesquisa em si.
- Mas se alguém mais pudesse falar de como foi, se foi diferente seria ótimo.
- Se mudou muito os conteúdos, assim, ou se foi tudo muito corrido...

ROBERTA:

- Teve, assim, em Química deu uma reduzida nos assuntos, que era para gente ter visto, aí tem muita gente que não gostou.
- Não gostou, tipo, da metodologia, ficava sem tomada.
- Até porque cada conteúdo que estava programado era fundamental ali para a gente ver, não é?
- Para a gente ter uma base para sair para mercado de trabalho e tal.
- Aí com o ensino remoto não dava para ver tudo isso, até porque, exemplo, ele, durante o normal, a gente tinha duas horas de aula mas quem aguenta parada, duas horas no computador assistindo aquela aula ali um pessoal conversando, conversando tem uma hora que a gente começa a desligar.
- Começa a pensar assim: bem facinho a gente em Marte foge totalmente o raciocínio, né?
- Aí teve que se adequar a isso também e tal.

CAROL:

- Assim eu achei que diminuiu muito o contato entre os professores e os alunos, não só na disciplina de sociologia mas também (em) outras disciplinas.
- Acho que teve pouca participação dos alunos em si também

ANA PAULA:

- Pra você ver como a escola é algo, um espaço de sociabilidade muito importante? Esse oferece tanto essa coisa do EAD, hoje, mais quantas vivências vocês tiveram, eu, e oportunidade de presencialmente, não é?
- A gente ali ouvir, não é?
- Até muitas vezes o próprio cansaço que às vezes a gente visualizava em alguns alunos que vinham de outras cidades, não é?
- No ônibus que não era fácil para vocês?
- Com a carga horária, é muito grande, mas vocês com certeza sentem a diferença? Dessa, desse lugar do presencial, não é?
- Tanto que, uma das questões que vou falar agora na apresentação para vocês é que a minha luta maior, teria sido muito mais fácil se eu tivesse trabalhando com os alunos que estão lá no IF.
- Mas eu sabia que vocês também traziam esses mais de 70%, dessa vivência presencial e tem muitas especificidades que estariam ... é muito rico esse essa presença que claro, ninguém escolheu estar assim mas que acabou sendo
- Então gente, é, alguém quer ainda falar alguma coisa nesse momento?
- Eu vou querer mostrar...

ROBERTA:

- Eu só...
- Eu só precisava falar um pouco da minha experiência que eu tive no primeiro ano. Até com a professora Maria José, que ela passava muito filme para gente, e eu gosto muito, assim quando passa filme e tal eu acho melhor de aprender, de entender e ela passou até o filme das Sufragistas que era, era sobre a luta pela pelo voto feminino. E assim hoje em dia a gente vê tanta gente menosprezando, não, o voto tipo “votar sei o quê” “para quê, vai continuar a mesma coisa”.
- Só que quando a gente não tem aquilo, a gente começa a perceber o quanto é precioso, né?
- Então, eu, depois desse filme, eu comecei a ter essa visão que quando a gente tem a gente acha que (é) alguém indiferente, mas quando a gente bota para pensar como foi conseguir aquilo a gente vê a luta que foi, aí né, tem que fazer uso do direito e é isso.

ANA PAULA:

- O pessoal tá comentando aqui no chat que foi muito bacana essa experiência das Sufragistas.
- Vou até anotar também para a gente, já ir aprendendo aqui com vocês nessa questão.
- Eu lembro de uma a outra questão bem rapidinho, para a gente entrar na pesquisa depois, também a gente trabalhou, eu trabalhei com uma outra turma com filmes e assim como vocês gostam também não é?
- Até Suzana saiu agora, é desta turma de P&G ,a gente também trabalhou alguns filmes lá e é uma outra também dinâmica muito interessante, no diálogo, no aprendizado que não só é aquela aula tradicional cansativa, que essa eu acho que os professores também, é, quando trazem essas diferenças, a gente consegue aprender coisas que não estão só naquela debulhar conteúdo, de forma a se preocupar somente com conteúdo, aí eu tenho que dar aula sim mas a gente pode aprender de várias formas e a fala de vocês traz muito sobre os diálogos.
- Alguém quer trazer alguma outra questão?
- Está todo mundo contemplado?
- Eu vou apresentar bem rapidinho porque eu já fiz quase que a fala toda a pesquisa gente, e o que, qual é a ideia que a gente tem certo?
- Eu vou passar bem rapidinho aqui só para eu não esquecer nada mas vai ser, vai ser cinco minutinhos mesmo certo?
- Que o debate era mais importante eu vou só colocar aqui para vocês a pesquisa para vocês poderem ver e a gente combina algumas questões certo?
- No início, vocês estão vendo aí o slide?

MARTA:

- Sim

ANA PAULA:

- Eu vou falar bem rapidinho, prometo que essa parte vai ser bem rápida, tá certo?
- Então assim a minha pesquisa é uma pesquisa que está trabalhando a questão de porquê estudar sociologia no ensino médio integrado?
- É aí foi muito rica as reflexões que vocês estão trazendo para cá, porque a minha ideia que é o ensino da sociologia, e o meu tema a arte do diálogo como método.
- Então o centro do nosso da minha pesquisa é essa questão da sociologia como forma de diálogo e muitos de vocês trouxeram falas sobre o diálogo como um método para se ensinar e para se aprender.

- Tanto Professor como um Aluno a Sociologia certo então assim deixa eu ir passando aqui, a sociologia ela vai voltar ao ensino regular no ano de 2008.
- E eu já falei isso para vocês, ela retorna ao ensino médio, no mesmo período que os Institutos Federais eles passam por grande expansão.
- Antes a gente tinha os CEFET's e aí em 2008, foram, assinadas duas que leis são muito importantes para vocês que passaram para o IF, uma é uma lei de 2005 que é a lei que cria um ensino médio integrado.
- Então a uma década o currículo foi reformulado e vocês tiveram como currículo uma proposta que foi reformulada, onde vocês teriam tanto ensino médio, como ensino técnico então a sociologia a filosofia, elas não eram disciplinas presentes no currículo então e muitas disciplinas também da área técnica metodologia do trabalho científico algumas outras disciplinas elas não faziam parte desse currículo. É um currículo muito mais enxuto era muito mais fazer vocês iriam vocês ..
- O foco era o saber fazer e não de pensar e fazer de forma associada fazer e refletir. Coloquei um pouquinho aí de imagens das turmas, porque eu tô fazendo essa apresentação, esse bate-papo, porque eu queria ouvir um pouco dessas vivências e dessas experiências e eu queria que os alunos também fossem partícipes da minha dissertação principalmente porque eu via uma diferença muito grande na essência e na curiosidade, nos diálogos que nós fomos fazendo não só eu, mas eu conversava com muitos professores Maria José, Laisa, Gonzaga professores que vocês tiveram ao longo do processo
- E a ideia é ampliar, eu queria convidá-las para que a gente tivesse oportunidade de fazer um exercício diferente pensar nos conceitos que vocês tiveram ao longo do ensino médio certo e que vocês colocassem e respondessem aquela carta, que eu mandei para vocês
- Eu enviei acho que para a maioria e os que eu não mandei, me mande um alô, o pessoal de informática vou até também pedir a Luiza para gente visualizar, para todos mundo receber, pegar o Whatsapp de vocês para a gente ter oportunidade participar.
- O meu desafio com vocês é escrever né sobre a sua experiência com a sociologia não no aspecto mais só geral a uma disciplina que estudou o mundo, mas sociologia a partir da minha vivência a sociologia a partir da minha experiência e você já foram externando
- Carol trouxe essa questão da participação das meninas é do IF o interesse da discussão de gênero, Roberta a questão bem bacana das Sufragistas, cada uma de vocês, foi colocando a sua experiência, Suzana foi colocando algumas imagens então todas vocês trouxeram pontos de vista muito diferentes e eu não teria essa condição de escrever sobre essas experiências que são particulares individuais de vocês, certo!
- Então a ideia a era que vocês trouxessem essa experiência da disciplina para uma carta, a ideia é uma narrativa, ou se você tiver dificuldade o texto também pode ser dissertativo, não tem problema mas assim, eu na minha escrita naquele momento, eu trouxe várias categorias da sociologia sobre socialização, sobre os sonhos de vocês, para vocês falarem da experiência de vocês com a sociologia.
- Então eu queria ouvir o ponto de vista de vocês, qual é o sentido que essa disciplina trás?
- Ela nos ajudou a ser mais reflexivos, a carta diz que ela desconstrói algumas certezas imutáveis. Então a ideia é falar da vivência e da experiência de forma particular, no meu mundo, e o mundo externo e como a sociologia se inseriu nessa experiência do ensino médio?
- Então a ideia é que vocês respondessem com total liberdade e para discordar também.

- Se tem alguma questão que a gente também colocou aqui que não seja consenso, que acha também que não é tão importante, aqui a gente vai ter a liberdade de pensamento e liberdade de expressão, certo!
- E aí, o que é que com vocês acharam de e estar inseridos nessa pesquisa, eu vou mandar um questionário, com os dados pessoais acho que cinco linhas o nome, à cidade, se mora na zona urbana, ou se mora na zona rural, o e-mail, o telefone de vocês somente isso e a idade, é bem curtinho questionário, as informações são de dados pessoais, mais é da sua idade, o seu nome, do curso que você participou, quando eu for anexar as cartas ao meu trabalho, eu não vou colocar os nomes de vocês, só será a produção textual, seria uma produção textual da vivência, onde eu vou analisar questões, que têm relação com os teóricos, que estou lendo, que eu estou aprofundando.
- E eu vou produzir um documento que tanto vai estar no IF como na universidade, onde eu vou fazer a minha defesa, então essa fala também dos alunos que vão estar contido.
- Então o que eu precisaria de vocês era da produção dessa narrativa, desse texto que não é coisa complicada, não precisa de se preocupar com a linguagem de uma linguagem científica não precisa.
- Precisa ter a experiência, a vivência, aquilo que chamou a atenção de vocês, coisas muito simples.
- Não precisa ser um texto longo, é a uma escrita livre certo e a outra questão é que quando a gente tá participando desse diálogo, eu vou encaminhar um termo de livre consentimento por quê?
- Porque é uma condição do mestrado que as pessoas que participaram desse debate elas sejam voluntárias.
- E assim eu fiz, porque eu quis estar aqui, vocês não eu vieram por nota.
- Vocês devem estar à vontade e desejosos de fazer, certo? Então a ideia desse material seria esse.
- Prometi que ia ser rápido não ia demorar muito e ao final a gente reuniria novamente, se possível fosse todas as turmas, pelo menos uma parte delas, só para só para finalizar, pronto então assim mais ou menos é esse o nosso objetivo, na tarde de hoje. Eu não sei se eu me fiz clara, posso também estou aqui à disposição para tirar as dúvidas de vocês. O mais importante é que vocês assinem ainda, esse termo de consentimento para eu comprovar que vocês foram partícipes, que vocês participaram dessa pesquisa mais ou menos era isso que eu queria colocar para vocês.
- Esse material que eu tô produzindo ele vai ser um documento que vai responder algumas inquietações também sobre até a legitimidade de algumas disciplinas, na instituição algumas suspeitas, algumas dúvidas que algumas pessoas colocam e eu também vou externar esse ponto de vista, tanto da professora de sociologia, como de alguns alunos que participaram da pesquisa e como eu disse a vocês, cada um com seu lugar sua liberdade, sua individualidade para colocar aquilo que acham é que é a disciplina e também de discordar e questionar se acham que as avaliações eram muito tradicionais ou se acham que era já tinham disciplinas demais. O ponto de vista é o de vocês e não o da professora de sociologia!
- E aí o que que vocês acharam?
- Está bem baixinho
- O que é que vocês me dizem ao vivo ou pelo chat?

HELENA:

- Muito interessante professora, espero que dê tudo certo

ANA PAULA:

- Eu ainda vou fazer uns convites para acredito que o pessoal de mineração que eu acabei não fazendo então se tiver algum colega como a gente fez aqui com pessoal de outras turmas que vocês achem interessante participar eu conto muito com ajuda de vocês nessa divulgação porque nesse trabalho de formiguinha assim foi super bacana a tarde de hoje assim a gente pensou em fazer uma turma depois foi convidando outros colegas
- Foi super bacana então eu vou eu é vou fazer o seguinte o pessoal de edificações e de informática eu vou criar um grupinho com vocês né para vocês se vocês tiverem qualquer dúvida né qualquer questão é vocês vão me perguntando.
- E eu queria pactuar com vocês o prazo assim né se vocês teriam condições são de na próxima na próxima terça-feira como é a vida de vocês se é pouco tempo para vocês produzirem esse texto é uma pergunta né eu tô aqui fazendo advogada agora se é tranquilo.
- Luíza tá dizendo que é tranquilo se seria tranquilo porque a ideia a gente faria junto com alguns voluntários de P&G que a gente ia para se encontrar terça e aí a gente faria última rodada e encerraria os nossos encontros
- Se pudesse ser na terça, eu estou fazendo, lançando essa pergunta todo mundo está
- Rogéria está dizendo que sim
- Eu acho que todo mundo deu ok
- Se vocês tiverem qualquer dúvida qualquer questão pode me acionar pelo whatsapp e também se vocês puderem eu vou fazer o convite para outras turmas se vocês puderem também divulgar eu agradeço bastante e se também quiserem de alguma forma até participarem também é aberto tá certo?
- Então eu quero muito agradecer a vocês, quero saber se vocês ainda tem alguma questão né que eu prometi que não iria me alongar muito né mas que eu queria agradecer demais essa força aí do feminino que impulsionou essa tarde de hoje que pra mim é uma tarde de muita energia, porque vocês trazem memórias diz que são de vocês mas também são minhas
- Que 2018 foi meu ano de retorno a Instituição e é muito marcante 2018 pra mim, também porque foi o ano que depois de dez anos na gestão pública eu voltei para a sala de aula e eu aprendi muito com vocês, com essa empatia, com essa troca então eu só tenho a agradecer ao IF e a vocês por terem se colocado a disposição para estar participando dessa troca de experiências e dessa roda de diálogo
- Pra mim só gratidão mesmo pela tarde de hoje.

APENDICE F – RODA DE DIÁLOGO C (ETAPA 1)

RODA DE DIÁLOGO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DIÁLOGOS SOBRE A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.

DATA 23/08/2021

LOCAL: SALA DO GOOGLE MEET

ENDEREÇO:

HTTPS://MEET.GOOGLE.COM/LOOKUP/AVVQE3RMAP?AUTHUSER=0&HS=179

PARTICIPAÇÃO: 07 ALUNOS.

PROFESSORA-PESQUISADORA: ANA PAULA

- Vou colocar aqui uma apresentação para facilitar o nosso diálogo, apresentando um pouco da minha pesquisa.
- Eu sou Ana Paula, sou professora efetiva de sociologia do IFPB, acho que a maioria de vocês aqui foram meus alunos, mas aqueles que não foram, também não tem nenhum problema.
- Porque a pesquisa é voltada para o ensino de sociologia no IFPB então o importante é que vocês tiveram contato com essa disciplina ao longo dos três anos do ensino médio.
- E aí, o meu trabalho de pesquisa desde que eu comecei a estudar, foi a disciplina de sociologia no Instituto Federal no Campus de Campina Grande.
- Ao longo da pesquisa uma das coisas que me chamou atenção sempre foi a participação de vocês, a escola tem essa marca de alunos que sempre participavam bastante das minhas aulas, e como eu tava investigando o ensino de sociologia, eu também quis, na minha pesquisa, ouvir os alunos e as alunas da instituição, além de fazer um trabalho de pesquisa escrito, bibliográfico e de análise, eu tive a ideia também de compartilhar um pouco das opiniões também com vocês, e que as opiniões de vocês estivessem contidas também no meu trabalho.
- Então nesse espaço de diálogo que eu estou convidando vocês, é um espaço de debate de reflexão e também é um debate que está aberto a questões que sejam também de discordância, de questionamento “ah professora eu discordo” ... “Eu discordo desse ponto de vista”.
- Então é um canal de debate e de diálogo, certo?!
- Então, assim, eu vou começar apresentando um pouco da pesquisa e em seguida eu vou pedir pra cada um de vocês também colocarem o nome de vocês a turma de vocês e colocar também os pontos de vistas de vocês
- Vocês estão me ouvindo bem?

LUANA:

- Certo estamos sim

ANA PAULA:

- Certo, estou colocando aqui a apresentação só um minutinho, só um minutinho tá?
- Vocês estão vendo uma apresentação que eu coloquei agora?
- Vocês estão vendo a imagem aí?

LUANA:

- Ainda não apareceu para mim não!

ANA PAULA:

- Ainda não?
- Vocês estão vendo agora?
- Estão conseguindo ver a apresentação?

MATEUS:

- Agora foi

LUANA:

- Agora sim

ANA PAULA:

- Agora foi? Pronto!
- Então gente, esse trabalho de pesquisa é um produto do mestrado profissional de ensino de sociologia.
- É um mestrado ligado à UFCG, Universidade Federal de Campina Grande, e ele tem como tema: O ensino da sociologia e a arte do diálogo como método.
- A ideia desse trabalho visa dialogar ‘Porque estudar sociologia no ensino médio integrado?’.
- E a finalidade desse diálogo com vocês é que nós trabalhemos na tarde de hoje um pouco do pensar, a finalidade e qual é o sentido da disciplina de sociologia na Rede Federal de Ensino.
- Então eu tento observar a percepção dos alunos sobre a presença da sociologia, a partir de um diálogo entre professor e professora, no meu caso, e vocês, certo?
- E principalmente focado nas vivências e nas experiências que vocês tiveram ao longo do ensino médio.
- Quando eu encaminhei para vocês aquele textinho, a ideia daquele texto é um pouco problematizar e dialogar com vocês sobre essa pergunta básica, do porquê estudar sociologia no ensino médio, certo?
- Na rede federal de ensino então.
- O IF chegou em Campina Grande com a interiorização entre os anos de 2007 e 2008. Vocês já são alunos, depois de uma década dessa experiência. Desde o desse Campus de Campina Grande, certo, vocês tiveram acesso às disciplinas de sociologia e filosofia, porque quando a expansão do IF aconteceu, a partir do final do ano de 2002, no início do governo Lula, a gente vai ter uma ampliação do tamanho do IF no Brasil inteiro. E a sociologia e a filosofia, elas são aprovadas nesse mesmo período no ensino médio.

- Então a nossa ideia é pensar um pouco sobre a presença dessa disciplina no ensino médio e a ideia é fazer um bate-papo com vocês, certo! É convidá-las e convidá-los para que a gente possa trocar algumas ideias.
- A gente começa hoje a tarde a ampliar o debate através das palavras-chaves, trabalhando um pouco das vivências e das experiências com essa disciplina da sociologia.
- Então eu quero que a gente converse um pouco, que vocês possam me falar, vocês possam me dizer um pouco das vivências que vocês tiveram porque na carta eu coloquei isso para vocês, vocês tiveram não só comigo mas com os outros professores também. A gente teve discussões sobre desigualdade, cultura, família, globalização. A gente trabalhou com aspectos de debate de música, a gente trabalhou vários aspectos sobre essa relação indivíduo-sociedade que a disciplina trás e a nossa ideia é que a gente possa lembrar, certo, um pouco dessas vivências.
- E aí vocês também podem me perguntar assim “professora e porque nós estamos aqui, estamos sem convidados especialmente essas turmas?”
- Eu escolhi, os concluintes de 2018.1 porque eu visualizo que vocês tiveram quase que 70% do curso trabalhando de forma presencial. E vocês tiveram mais aulas presenciais, não até o final, experimentaram também a forma remota, mas tiveram oportunidade de ter muitas experiências ricas nesse processo na escola, e eu sempre via muito a participação de vocês, seja nos debates, se interessando em fazer os trabalhos.
- Muitas vezes na produção de redações ou de perguntas, de textos escritos, certo?
- E na verdade eu queria que vocês, a partir de memórias, nas lembranças de vocês, que ainda estão bem presentes, porque vocês terminaram a menos três meses, era que vocês se lembrassem de aprendizados de vivências.
- Na opinião de vocês, dentro dos diálogos, das inquietações, que vocês pudessem lembrar um minutinho, algo que marcou alguma aula da disciplina, para que a gente pudesse falar inicialmente dessa experiência.
- Então, assim, é com vocês que estão aqui, nesse momento inicial da nossa apresentação eu queria perguntar para vocês se vocês poderiam colaborar nesse momento com esse debate? Para que a gente pensasse a partir dos temas trabalhados. Algo que lembre, alguma categoria, alguma aula, não precisa ser especificamente a minha, mas que vocês pudessem colocar alguma vivência que faz sentido. Que aprendizagem a gente pode destacar sobre o ensino de sociologia, se alguém pudesse também colaborar no início deste diálogo eu agradeceria.
- Quem é que podia começar?
- Sempre, as pessoas não gostam de começar! Mas fiquem à vontade para tecer suas considerações.
- Silêncio total, mas vamos lá gente quem é?

MATEUS:

- Professora, eu lembro que foi até quando a gente estudava com a senhora, a gente viu um pouquinho de Émile Durkeim né, e aí a gente viu, meio que categorizado, entre família, igreja, se eu não me engano, a gente viu uma parte de suicídio, alguma coisa do tipo, e aí eu me lembro um pouquinho dessa parte.
- Mas, assim, se lembrar de assunto mesmo eu tenho que lembrar, dá mais uma lida porquê de assunto mesmo eu não lembro, eu lembro do que eu vi no terceiro ano assim algumas coisas mas...

ANA PAULA:

- Mas do terceiro ano que e que você lembra de algum tema?
- De algum aprendizado, de algo que fica?

MATEUS:

- Eu me lembro, porque esse ano, a gente viu um pouquinho mais de teóricos como Thomas Hobbes a gente viu alguns autores sabe.

ANA PAULA:

- Na área de política?

MATEUS:

- Isso, na área de política.

ANA PAULA:

- E aí quem é que pode contribuir mais com alguma questão, algum conceito, e não precisa ser só conceito não, pode ser algum aprendizado simples mesmo.

FÁBIO:

- Eu lembro, quando, com licença.

ANA PAULA:

- Pois não.

FÁBIO:

- Eu lembro que a gente uma vez foi no segundo ano, a gente debateu muito.
- Fez uma série de trabalhos e debates e questionamentos sobre o tema. Sobre a globalização por Milton Santos que teve até...a gente teve a oportunidade de assistir um documentário sobre o conceito da globalização, falas dele e tudo mais, que ele trata até da questão na época que era impensável, da China com os Estados Unidos, das questões trabalhistas do, da desigualdade social que está presente até hoje e etc..

ANA PAULA:

- Nesse, eu acho que nesse documentário que fala sobre a globalização, que ele apresenta a questão da globalização como uma lenda, não é isso?
- Ele traz a questão que ele, ele coloca fábulas, a globalização perversa que é um vídeo muito interessante que traz um pouco de algo que chegou até os nossos dias, as nossas vidas, então muito da globalização está em tudo que a gente faz, na roupa que a gente veste, no celular que a gente usa, e a sociologia ela tenta trazer esse diálogo também com as questões não só teóricas mas cotidianas.
- E esse autor, ele traz um pouco dessa globalização vista do lado de cá. É uma questão bastante importante.

FÁBIO:

- E tem até uma parte do documentário que fala, que se eu não me engano, fala sobre a questão de montadoras que importam peças de vários locais pra montar em um devido país que o custo é barato, pega coisas assim que são de diferentes locais e juntam pra vender só um determinado consumo que no caso seria Estados Unidos e Europa

LUANA:

- Muito bom. Ai, desculpa!
- Eu acabei de lembrar um momento, foi no segundo ano em 2019, não foi com a senhora professora de sociologia, mas foi na matéria de sociologia, que a professora trouxe um pouco sobre o movimento sufragista e nos apresentou, mostrou as diferentes ideias, o ponto de vista dela, mas sempre respeitando.
- Acho isso muito importante porque, tipo, é para nos incentivar a ter um pensamento crítico, não para impor algo.
- Eu acho isso muito legal.
- E hoje em dia eu tenho muita vontade de aprender mais, inclusive eu procuro mais, estudar mais a respeito disso, a partir do meu ponto de vista, sempre lendo e vendo os dois lados da moeda.
- Eu achei isso muito importante, tanto como no papel da sociologia, como dos professores, por ter esse posicionamento de não impor, mas de mostrar as diferentes facetas que podem ter por trás de algum tema ou de algum assunto que já aconteceu.

ANA PAULA:

- Isso, a sociologia nos traz sempre essa questão das sufragistas, foi algo também que foi colocado um outro debate que nós tivemos com outra turma.
- As alunas colocavam a importância que esse filme teve para elas, para a questão da valorização da política, que pra gente chegar nos direitos que a gente tem hoje, existiu lutas anteriores, que trazem o todo, uma história que não é algo dado, mas é algo conquistado.
- Elas também colocaram, por coincidência, essa questão das Sufragistas.

- E aí você também traz uma questão importante nesse nosso debate na tarde de hoje, que é esse lugar de reflexão.
- Vamos dizer, hoje a gente vive numa sociedade onde a gente a todo momento recebe informação, a gente recebe informação da TV, a gente recebe informação no celular, no Instagram, no Twitter, no Tik Tok, mas como que a gente faz para filtrar todas essas informações?
- E a ideia também desses diálogos é pensar nessas disciplinas da área de humanidades como um espaço onde a gente tem a oportunidade de tentar trazer a reflexão, a criticidade.
- Porque até trazendo também para o tema da globalização, muitas vezes a gente acaba recebendo tanta informação, que a gente não consegue filtrar, e essas disciplinas elas nos convidam a treinar esse olhar sobre a realidade onde a gente vive, onde a gente está no intuito na verdade, de fazer com que a gente se torne mais reflexivo
- E aí eu queria perguntar para vocês, dentro desse debate que a gente tá vivendo, qual o papel dessas disciplinas dentro do ensino médio, o que é que vocês teriam para dizer além dos temas, que a gente tá conversando?

VINICIUS:

- Professora, eu, olhando assim necessariamente as turmas de 2018, eu tento recordar e vejo tipo, o quanto imaturo a gente, a nossa mente é...
- Naquele tempo, pelo menos agora, tá melhor, mas quando a gente é um pouquinho mais cedo para alguns temas, a disciplina de sociologia me trouxe um ver crítico das situações que antes eu não podia ter, eu não conseguiria, entendeu?
- Porque a gente debateu coisas sobre desigualdade, violência, vários temas como a senhora colocou aí.
- Então, na questão do debate, na questão de transformar a nossa mente e transformar a nossa mente, isso foi perfeito porque eu pude pelo menos, ter agora um olhar crítico para todas as coisas que tem na sociedade, e não fica muito perdido nas situações.

MATEUS:

- Professora, deixa eu só ...
- A senhora falou né, aquele negócio do, de muita informação e às vezes a gente acaba se deparando na internet, onde hoje a gente tá tendo mais contato, né?
- Muita informação e muitas vezes essas informações nem são tão verdadeiras, eu acho que essas disciplinas, elas têm um papel muito importante justamente nisso.
- Em você chegar o mais próximo de uma verdade, vamos dizer assim “entre aspas” né, quando a gente estuda sociologia, por exemplo, a gente estuda globalização.
- Eu já vi várias notícias de globalização exagerada né, como eu vi muita notícia minimizando tentando, sabe, e aí eu acho que essas disciplinas ela tem como papel desenvolver essa criticidade na gente e saber filtrar os conteúdos que a gente, que chegam até a gente.
- E que hoje são muitos, e a gente sabe que a gente vive em um mundo que tá muito polarizado, tudo tem um peso, tipo assim, a mídia tem um peso para tal lado e sempre vai mostrar um ponto de vista, então a gente com papel de estudantes é justamente fazer essa análise e essa análise sempre vai ser em cima das áreas humanas né na sociologia, da filosofia, da história enfim...

SARA:

- Professora, a senhora tá me escutando?

ANA PAULA:

- Estou sim.

SARA:

- Eu não escutei muito da primeira pergunta, porque eu acho que foi minha internet aqui.
- Mas da segunda eu consegui escutar, aí eu já vou falar já partindo do que o menino que eu acho que foi Mateus que falou anteriormente.
- É tanto, não só a sociologia, mas a sociologia, a filosofia, a história que a gente estudou ali no IFPB abriram, assim, abriu um leque para a gente usar o nosso pensamento crítico e não só acreditar em um lado.
- A gente usar nosso pensamento crítico para pensar todos os lados, para gente não só...
- É para gente duvidar, eu acho que essa é a palavra, eu acho que essas três disciplinas, do jeito que a gente viu, que foi mostrado lá, foram de uma forma pra gente duvidar das coisas, pra gente estudar, e antes de falar a gente ter uma base de estudo.
- Pra gente criticar, a gente precisa ter uma base e não só, por exemplo, a partir de notícia que a gente vê, das notícias que a gente vê, mas a gente ter base pra poder falar sobre aquilo.

ANA PAULA:

- Isso mesmo, é um desafio para todos nós, eu acho que não só no lugar do jovem. Mas essa questão dos meios de comunicação hoje, a gente precisa duvidar mesmo.
- E tem um outro aspecto também que é a questão de uma das coisas que eu acho que é muito desafiadora nesse ensino remoto, é que, assim, na sala de aula com vocês, uma das questões que me chamava muita atenção era a forma como, no processo de compartilhamento, na rotina e a gente se desafiava a aprender a conviver com aquilo que era diferente.
- A gente convivia com os colegas isso até com os professores também, e muitas vezes a gente era desafiado a mesmo, mesmo que algumas questões não fossem parecidas com o que a gente acredita, com que a gente pensa, mas no momento, naquele diálogo em sala de aula a gente aprendia, ia aperfeiçoando o aspecto de ser mais empático. Muitas vezes a gente, no debate, mesmo que eu não concordasse, eu começava a escutar o outro.
- No processo de escuta do outro a gente também aprendia a respeitar o ponto de vista do outro, mesmo que o ponto de vista do outro não fosse o meu.
- Não é um exercício fácil, mas eu acho que a rotina que a gente tinha, eu não fui professora do ensino remoto na pandemia, porque eu já estava afastada.

- Estou voltando agora em novembro, já estou na reta final da minha pesquisa.
- Mas eu acho, algumas pessoas que estão concordando no chat, que o diálogo era algo muito importante para o próprio aspecto da empatia de você conviver com aquele, com aquela pessoa, que era diferente de você e a gente é, mesmo que não fosse 100% harmônico, mas a gente estava livre para aperfeiçoar o debate e nas disciplinas como vocês colocam.
- De filosofia, de história, de sociologia, a gente tenta fazer e de outros alunos também já colocaram isso de outras turmas, a gente tenta fazer esse exercício.
- Não sei se alguém quer colocar uma dessas questões, é o que vocês pensam, então sobre essa questão também do diálogo do aspecto do respeito mútuo e do desafio que é, que foi o currículo integrado para vocês nesses três anos.
- Silêncio absoluto?
- Vocês estão me ouvindo gente?

LUANA:

- Eu não entendi muito bem professora, a senhora poderia repetir a pergunta novamente?

ANA PAULA:

- Posso!
- A ideia é a gente pensar também um pouco junto! Vocês colocaram que a Sociologia traz esse olhar para o senso crítico, para reflexão, vocês colocaram que muito, que ajuda a filtrar, e a minha pergunta é no aspecto da metodologia utilizada dentro dos diálogos. Assim, isso, nos três anos ajudou a vocês a trabalharem a questão do respeito, a questão da diversidade, a ver o outro mesmo que de forma diferente. O IF ajudou a vocês a conviver melhor com diferenças, o tema de história, de sociologia, de filosofia ajuda vocês nesses aspectos da tolerância, do respeito ao diferente?

LUANA:

- Sim, demais. Não só, tipo, é como a senhora já falou, nós vemos nossos pontos de vista e os nossos argumentos nos debates e além disso, a gente vê, tipo, que não concorda, é contra e como a senhora disse a gente aprende a respeitar e a entender se o outro ponto de vista também. Isso é muito importante, sem necessariamente precisar aderir ou concordar totalmente. Mas, sim, foi muito bom aprendermos a ser seres humanos melhores e mais respeitosos. No meu ponto de vista foi um papel fundamental dessas matérias.

ANA PAULA:

- Então, assim qual é a ideia que a gente tem com essa pesquisa, certo gente?

- Qual é a ideia?

- O nosso desafio e o convite que a gente vai fazer a vocês hoje é um pouquinho diferente. A ideia era lançar esse diálogo para vocês e convidá-los e convidá-las a fazer uma narrativa, fazer um textinho, onde vocês pudessem colocar com calma, com tempo. Pensar ou no livro didático, ou no caderno, ou uma aula, pensar algum diálogo, alguma questão que chamou atenção de vocês no ensino médio e tornar isso uma resposta. Aquele texto pequeno, aquela cartinha que eu lancei. Como é algo assim para pensar essa experiência da sociologia no ensino médio, porque uma das formas que eu vou ter de análise da minha pesquisa, uma forma que eu vou ter de análise da minha pesquisa é esses grupos de diálogo que eu estou realizando com os voluntários e eu estou solicitando aos alunos e as alunas, que toparem escrever sobre sua experiência, não precisa ser um texto longo pode ter uma lauda mesmo sobre a disciplina de sociologia. Qual é o sentido, a partir daquele texto que vocês receberam, qual o sentido da sociologia no ensino médio? Nessa disciplina, ela foi importante na formação de vocês? Vocês já colocaram que ela ajuda a reflexão, ela ajuda a criticidade, então, assim, ela é uma disciplina que estimula a gente pensar o nosso lugar no mundo e também as mudanças que acontecem no mundo, certo?

- Então qual é a ideia que a gente quer de vocês, a gente quer pensar um pouco como essa disciplina pode contribuir para formar as pessoas para trabalhar nossa visão de mundo, certo? E aí, a minha pesquisa, a nossa proposta é que a gente produza uma cartinha, produza uma narrativa, produza uma carta (...)

- Então gente, qual é o convite que eu faço a vocês?
- Assim o convite eu encaminho, eu criei um grupo no Whatsapp, é onde as pessoas, eu mandaria para vocês um termo que a universidade pede que os voluntários eles assinem um termo, que é um termo curto onde vocês dizem que são voluntários da pesquisa e eu solicito que cada aluno e que cada aluna que topa, produza uma narrativa.
- Vamos dizer se até a linguagem for mais fácil não é uma redação, mas a ideia seria, é uma exposição, relato da sua experiência com a disciplina. Certo?
E a ideia era que vocês tivessem em torno de 10 dias para a gente retornar pronto.
- Eu trabalhei com o pessoal de Química, um grupo de Química da turma A e trabalhei também com ... já algumas pessoas que estão na turma de Edificações. Duas alunas que participaram da vez passada, também divulgaram hoje com vocês e com o grupo de Petróleo e Gás e aí as pessoas que se dispuserem assinam esse termo de consentimento e quem topa produz esse texto escrito sobre a sua experiência. Porque a partir daí é que eu vou trabalhar.
- É de forma analítica, as opiniões que não precisam ser elogios não, podem ser também de críticas, de questões discordantes dos diálogos ... mais que falem do porquê, que falem do sentido da sociologia no ensino médio.
- E aí o que é que vocês acham dessa questão que eu tô trazendo pra cá?

LUANA:

- Eu achei legal, eu topo!

ANA PAULA:

- E aí gente, vocês podem a qualquer momento vocês podem, eu comecei a falar com alguns pelo Whatsapp, podem tirar dúvidas “professora eu tô com uma dúvida”, “o que é que a senhora acha disso?”
- Porque essas cartas, eu vou retirar o nome de vocês, porque a gente tem que prezar pelo sigilo, a gente não pode apresentar nomes das pessoas que emitem a opinião.
- Mas a ideia é que essas cartas sejam anexadas ao meu material de análise, então a pesquisa ela seria diálogos com vocês. O primeiro diálogo ele seria o de hoje e o segundo diálogo seria o diálogo onde a gente apresentaria o resultado da nossa produção textual. Mas como eu disse a vocês, é uma questão de livre consentimento. Vamos dizer, se eu participei do preenchimento do questionário, porque quando terminar aqui o nosso diálogo eu vou mandar pra vocês um questionário pra vocês dizendo o nome completo, acho que são seis questões, idade, ...
- Alguém aqui ainda é menor de 18 anos?
- Tem alguém que não completou 18 anos aqui?
- Porque se tiver algum menor aí eu tenho que pedir para o pai assinar o livre consentimento. Mas se não, é um questionário no Google forms, onde você vai dizer sua idade, seu nome completo. Vamos dizer, a cidade onde você nasceu, se é zona urbana ou se é zona rural. É um questionário super pequeno e o mais importante é vocês assinarem o termo de livre consentimento dizendo que você é voluntário, que você não foi obrigado a participar dessa pesquisa. E a última etapa era onde a gente ia trocar as experiências, porque aí vocês vão ter um tempo pra escolher um tema, pra escolher exemplo, questões como respeito, a criticidade, ou vocês podem colocar algo que chamou, um exemplo essa questão da globalização de Milton Santos, estou dando assim, um exemplo. Ou algo, ou qualquer aula ou qualquer tema ou qualquer ideia que tenha relação com as Ciências Humanas, com a Sociologia então vocês teriam esses dez dias, para gente, a gente marcaria, a gente combina de consenso com todos e todas vocês. Um exemplo não sei se seria bom pra vocês, mas no dia 31 já propondo uma data também, ouvindo vocês primeiro claro. Se seria na próxima terça-feira, seria um dia interessante para vocês?
- Porque aí vocês tem o final de semana também pra pensar um pouquinho.
- O que é que vocês acham aí dessa ideia?

LUANA:

- Aí, no caso, a gente iria escrever essa carta, aí no segundo encontro seria como um debate é?

ANA PAULA:

- É, a gente conclui. Mas cada um traria seu ponto de vista e eu, a partir desse segundo debate. Vocês apresentam as opiniões de vocês pra eu fazer a minha análise. Porque a

minha ideia desde o princípio foi também de fazer um processo de escuta com vocês para ampliar esse debate. Também porque muitas vezes até a gente ouve algumas críticas externas às disciplinas de ciências humanas dentro do currículo integrado, como se não fosse algo importante para a vivência formativa dos alunos.

- Então a ideia de trazer os alunos para esse debate é que cada um emita sua opinião, mas a opinião também dos contraditórios vale a pena. ‘Tem sentido ou não essa disciplina?’ Também pode ser da professora eu acho que olhe não era para ter nada disso no currículo assim é uma visão ampliada de cada um e de cada uma que a gente vai sistematizar depois.

LUANA:

- Legal

ANA PAULA:

- E aí gente! O que é que vocês estão achando?
- E também aqueles que não acharem, não quiserem fazer a escrita da carta, responde ao questionário e no questionário vai lá e diz que não, que não tem o desejo de fazer a escrita, certo?
- Pode participar desse grupo, preenche que participou do grupo de debate mas que não se sente à vontade para escrever, é como eu disse que é de livre consentimento.
- O que vocês me dizem aí as meninas, já algumas sinalizaram positivamente e os demais?

FÁBIO:

- Por mim ótimo também!

ANA PAULA:

- Tudo bem Fábio.
- Mateus dizendo Ok, no Chat.
- Como a gente teve um probleminha com a questão da comunicação com a sua turma, mas se você puder me ajudar se mais alguém topar eu posso fazer na quarta com eles, viu?
- Se tiver qualquer pessoa interessada não tem problema não, eu faço também um debate igualzinho.

FÁBIO:

- Eu entro em contato com eles e qualquer coisa eu lhe repasso pelo Whatsapp.

ANA PAULA:

- Então gente eu vou encaminhar para todos vocês, o que é que vou me comprometer com vocês agora certo?
- Eu vou mandar o termo de livre consentimento, a carta eu já mandei, a carta eu não vou chamar espelho, porque mas a carta é algo que ajuda vocês a começar a pensar a ideia mas é uma questão particular de vocês, então assim se tem algum tema da sociologia, do respeito, da diversidade se tem alguma questão que vocês trabalharam na área de Ciência Política na área de Antropologia, na área do Trabalho qualquer tema é vocês dá livre criatividade de vocês.
- E só para terminar, eu queria só também dizer a vocês que é muito interessante no IF a potencialidade que vocês têm.
- É muito rica essa diversidade de vocês virem de cidades, de lugares diferentes, de cidades diferentes, de vivências diferentes, e isso enriqueceu muito os debates.
- Quando eu converso com os alunos eu visualizo um potencial muito grande e vocês também tinham uma curiosidade muito grande de conhecer.
- Vocês trouxeram isso para a rotina do IF e isso também foi um dos pontos que mais me chamou atenção no aspecto de trazer essa contribuição de vocês.
- Porque ouvia o diálogo vivo, a curiosidade e a vontade de conhecer de vocês. Então isso é uma coisa muito bacana que a gente visualizava no IF ao longo da nossa rotina.
- Então fiquem à vontade.
- Eu vou mandar o termo de livre consentimento, e só para finalizar, é importante que vocês preencham assim a folhinha colocando a assinatura de vocês porque que a forma que a gente tem como comprovar que de fato que vocês participaram, porque o comitê de ética da universidade eles pedem isso da gente, que a gente comprove que o aluno voluntariamente participou, tá certo?
- Então eu vou mandar a cartinha eu já mandei eu vou mandar o termo de livre consentimento para vocês. E a minha proposta é que a gente se encontre no dia 31, tá certo?
- Pode ser dia 31?
- É tranquilo para vocês uma terça-feira ou é melhor a segunda ou terça para vocês?

LUANA:

- Acho que a terça para mim eu não sei as outras pessoas.

ANA PAULA:

- Pronto.
- O pessoal tá dizendo aqui terça, certo.
- Então a gente se encontraria no dia 31, e eu agradeço muito a vocês, minha gratidão a todos e a todas por terem estado comigo na tarde de hoje, certo?
- E a gente se encontra, a gente se encontra no dia 31 certo e qualquer dúvida podem me chamar, certo?

- Pelo Insta, quer dizer, podem me chamar pelo Whatsapp que eu tiro qualquer dúvida que vocês tenham certo?
- E a gente se encontra, e se tiver algum colega, divulga!
- Se alguém tiver ainda algum colega eu vou fazer esse debate extra, caso apareça algum interessado!
- Gente muito obrigada, gratidão a vocês pela presença.
- E qualquer dúvida, pode me chamar pelo Whatsapp, está certo?
- Muito obrigado mesmo.
- Alguém tem alguma dúvida?

LUANA:

- Por nada professora, sem problemas
- Não tenho dúvida não

ANA PAULA:

- Muito muito obrigada e até a próxima terça, dia 31!
- Obrigada.

APENDICE G – RODA DE DIÁLOGO D (ETAPA 2)**RODA DE DIÁLOGO: APRESENTAÇÃO DA PESQUISA E DIÁLOGOS SOBRE A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO.****DATA 31/08/2021****LOCAL: SALA DO GOOGLE MEET****ENDEREÇO: [HTTPS://MEET.GOOGLE.COM/LOOKUP/AVVQE3RMAP](https://meet.google.com/lookup/avvqe3rmap)****PARTICIPAÇÃO: ALUNOS.****PROFESSORA-PESQUISADORA: ANA PAULA**

- Quero saudar a todos vocês, a gente vai entrar no nosso final de pesquisa certo?

MARTA:

- Boa tarde, professora!

ANA PAULA:

- Quero agradecer a todos vocês que já enviaram ou que estão construindo suas cartas.
- E eu exercitei mais uma vez: pensar e escrever coisas para aguçar na tarde de hoje o nosso debate. E como é rico e como tem sido interessante para mim essa vivência de troca de experiência com vocês!
- Assim, cada carta que eu recebo traz pontos de vista, traz opiniões diferentes, que são bastante reflexivas para minha pesquisa. Então tem sido de um valor, assim, tem sido muito rica essa desconstrução de lugar da educação tradicional, já que a gente tá trabalhando aqui muito mais com diálogo, com pontos de vista, com as pessoas escrevendo, do que em si eu chegar aqui e fazer uma aula expositiva.
- Tem sido muito bacana essa experiência que a gente tá vivenciando nessas nossas rodas de diálogo, certo?
- Eu vou começar agora, nesse momento, colocando uma apresentaçõzinha para vocês.
- Entrou gente? Alguma coisa?
- Vocês estão vendo?

MATEUS:

- Aqui ainda não

LUIZA:

- Ainda não

ANA PAULA:

- Certo só um minutinho que vai dar certo!

- Vocês receberam uma cartinha ou um texto que eu enviei?

- E eu vou começar colocando um pouco para vocês e vou pedir pra a gente ler.
- E vou pedir pra gente começar com esse, com essa frase, com esse pensamento que eu retirei de um livro de sociologia de um autor polonês chamado Zygmunt Bauman.
- É um autor que se tornou bastante famoso, acho que alguns de vocês devem também já ter lido sobre ele. Mas é um autor que vai trabalhar com o conceito da modernidade líquida.
- Ele vai trabalhar todas as relações que nós vivemos hoje nesta sociedade global e ele vai dizer que tudo é muito fluido, nada é muito concreto, tudo é muito rápido.
- E aí ele começa - ele é filósofo e sociólogo - ele começa a observar como a sociedade se organiza e como a gente mudou os nossos hábitos, as nossas formas de ver, as nossas formas de se relacionar e de viver.
- Eu não vou poder dar uma aula, a gente não vai poder dialogar muito sobre esse autor...
- Mas ele também escreve um livro chamado “Aprendendo a pensar com a sociologia”, e aí esse livro é um livro também que vai fundamentar minha dissertação, ele vai trabalhar com a perspectiva do senso comum, certo?
- E aí eu queria que vocês, cada um dá sua tela, lesse (o texto que enviei anteriormente) porque foi truncado na cartinha que foi para vocês, no texto que foi para vocês ficou com erros de digitação.
- Então eu queria que cada um nesse momento lesse.
- Esse é para vocês, do seu espaço ler esse pensamento.

MARTA:

- Licença professora, a senhora vai gravar a reunião?

ANA PAULA:

- Eu não estou conseguindo gravar, eu estou gravando o áudio porque eu não consegui gravar a reunião
- Eu não sei o que aconteceu não tá me dando, a não tá me dando hoje a opção
- Aí eu já tô aqui fazendo só infelizmente a gravação do áudio hoje,
- Vou continuar tá certo?

MARTA:

- Ok

ANA PAULA:

- Então a gente começa, vou pedir a vocês certo que vocês dêem uma lida bem rapidinho nesse texto.
- O que é que vocês acham? Por que eu escolhi essa citação desse texto para trazer para o nosso debate de hoje?
- Alguém podia sugerir alguma questão sobre esse sentido dessa citação?
- O que é que vocês conseguiram aí dentro dessa linguagem entender?

- Todo mundo silencioso?

LUIZA:

- Acho que tem muito haver ver com a sociologia!
- As coisas, tipo, foi quando eu tava escrevendo a cartinha ontem, eu tava refletindo sobre isso, sobre a questão de as coisas do nosso cotidiano são muito frequentes.
- Aparece para a gente, aos nossos olhos, de uma forma muito escancarada, sendo que a gente não tem esse hábito de refletir sobre: o porque tá acontecendo, o que é que tá acontecendo, e a sociologia vem justamente pra isso que eu falei.
- Luana botou no chat também.

ANA PAULA:

- Quando eu convidei vocês pra fazerem esse exercício, eu convidei vocês para fazerem esse exercício e eu pedi a vocês para a gente pensar sobre esse cotidiano mesmo nosso.
- E aí, muitas vezes a gente não para - para pensar sobre o significado das nossas atividades.
- E quando eu pedi para a gente pensar na escrita da carta sobre o sentido da sociologia eu falava, eu tentava trabalhar com vocês alguns significados que chamam a atenção de vocês, mas muitas vezes a gente passa despercebido e isso é com muitas coisas, daquilo que a gente aprendeu ao longo da vida com os nossos pais, na escola, no ambiente com os nossos amigos, com a nossa família. Muitas vezes a gente vai naturalizando as relações cotidianas.
- E aí, o exercício até da nossa carta é para gente pensar um pouco nos significados da sociologia nesse espaço que a gente vive do nosso cotidiano, certo?
- E aí, a ideia, que, de forma remota, é que a gente pense um pouco dessas vivências da Sociologia a partir da carta de vocês, certo?
- Eu queria, na tarde de hoje, a gente vai trabalhar quase com nenhum slide, certo? No sentido de texto, de textão, de ideia.
- Mas eu queria refletir e principalmente ouvir vocês, certo?!
- Sobre as vivências, de como foi que vocês se sentiram ao ser atores do seu próprio texto, e da sua reflexão.
- O que é que vocês podem destacar inicialmente ou em um parágrafo, ou em uma frase...
- O que é que você achou em escrever essa carta, foi difícil para você se expressar?
- Como é essa experiência de escrever essa carta que fala de uma disciplina, mas também que fala do cotidiano de vocês na escola?
- Eu queria que a gente conversasse hoje, nós que estamos aqui, sobre essa experiência de ser ator, de ser autor mesmo, ativo desse processo de escrita, desse processo de vivência ...
- Hoje eu queria falar menos e dar essa voz direta a vocês, porque o convite inicial dos nossos encontros tinha como principal objetivo ouvi-los e ouvi-las sobre essa experiência ...
- E aí quem é que vai começar?
- Quem é que se dispõe a...
- Eu tô vendo o chat que eu não tinha visto.
- Tanta fala de, eu tô em dúvida é, Luana?
- Para eu não falar o seu nome de forma errada na pronúncia.

- É Luana que eu chamo para não chamar de forma errada?
 - Se você puder falar no microfone para eu não errar novamente
 - É Luana assim ou da forma anterior?
 - Certo.
 - Então, assim, vocês estão colocando algumas questões aqui no chat para mim, certo?
 - E a gente vai, vocês estão colocando que muitas vezes a gente pensa no automático, certo?
 - E Valéria tá colocando aqui que “no primeiro momento foi difícil para mim, mas depois eu peguei o embalo. Vejo que a dificuldade que eu tive é por causa do costume de só ouvir os professores falarem e não debater, não falar de volta... geralmente minha dificuldade em expressar é por isso”!
 - Certo, sem problema, não tem problema não, vamos trabalhar assim como der, certo, gente?
 - Algumas pessoas não tão podendo abrir o áudio, quem puder abrir o áudio tudo bem, mas a ideia é que vocês...
 - Não só aqui um minutinho só fechar aqui o celular que tá tocando.
 - A ideia é ouvi-los e ouvi-las quanto à questão da escrita. Quando Valéria coloca aqui, são duas coisas gente, duas coisas importantes para a gente pensar junto: primeiro, não é fácil escrever, eu também estou na empreitada da escrita da dissertação e para a escrita, a escrita é um desafio, acho que vocês que viveram o Enem, sabem que é um esforço.
 - E eu vejo também que muitas pessoas elas têm, ...
 - E Valéria tá colocando assim que “escrever o que pensa e sente é difícil demais”.
 - É difícil principalmente porque a gente é muito envolvido por questões externas, assim, a gente é muito do visual, muito da aceleração mental, a gente vive nessa sociedade cada vez mais acelerada. Tudo (muda) muito rápido, mas, às vezes a gente não consegue fazer essa conexão, com o que eu até coloquei na carta para vocês.
 - Como é que a gente trabalha nossa biografia? Eu, quando eu falo em biografia eu tô falando da história, como eu indivíduo, como eu aluno do IFPB, tô colocando aí vocês para apimentar o nosso diálogo, como é que eu me via...
-
- O Davi tá dizendo aqui que no início “ele achava tudo muito, achava muito profundo mas depois de um tempo, algumas reflexões, peguei o embalo para fazer e ficou mais fácil”.
 - Mas é essa questão, que quando eu pedi a vocês para vocês colocarem a experiência de vocês, a vivência, porque nós estamos trabalhando com as duas categorias, nós estamos trabalhando com a vivência e nós estamos trabalhando com a experiência
 - E essas questões elas vão trabalhar com o nosso lugar de estudante, que conheceu e que vamos dizer que aprendeu e desaprendeu coisas, ao longo desses três anos do ensino médio.
 - Porque vocês tiveram a oportunidade de aprender coisas novas e também de desaprender coisas que vocês traziam na bagagem de vocês.
 - E aí, uma coisa que eu pedi para vocês destacassem aqui, do cotidiano, é que, o que é que vocês têm em comum, mesmo sendo de turmas diferentes, de sala, de aulas diferentes, vocês têm algumas identidades comuns.
 - Que identidades comuns são essas, mesmo que nós todos sejamos tão diferentes?
 - Quem é que se arrisca aí a pensar algo sobre essa identidade?
 - Cadê o povo que gostou de escrever?
 - Valéria tá pedindo para eu repetir.

- O que é que vocês, dentro dessa biografia que cada um de nós tem, uma cidade, um lugar, uma família ...
- Eu não sou igual a vocês, nem vocês são iguais a mim, nem eu sou igual a Luiza, nem a Marta, nem a Valéria, nem a Davi, cada um de nós, a gente tem uma identidade dentro dessa diversidade, nós somos muito diferentes, mas temos questões também que são comuns.
- E quais são essas questões que são comuns aqui nessa tarde de hoje, inicialmente?
- Luiza tá dizendo “a gente estuda na mesma escola e compartilhamos o mesmo espaço”.
- Então, assim, ser estudante do IF é uma característica comum a todos vocês.
- Ser estudante do IF, é uma característica comum, é isso mesmo?
- Um exemplo, a maioria de vocês tem a mesma idade, em torno de 18 a 19 anos?
- Eu tô arriscando pelo, como eu conheço a maioria, que eu tô arriscando que sim.
- Então essas questões são questões de identidades que são comuns.
- Eu apontei duas e vocês também, uma é a questão da idade e outra é a questão da identidade.
- Uma questão que alguns de vocês apontaram nas cartas que aí eu vou começar a colocar, mas eu também quero que vocês coloquem, é que o IF, em algumas cartas, eu encontrei questões de dizer que o IF é um espaço plural, é uma escola que tem uma pluralidade.
- E outros também colocaram nas cartas que as ciências humanas no IF, de uma forma cada uma na sua, que a gente chama na sociologia de “disciplinaridade”. Cada uma tem uma contribuição que é específica, mas alguns de vocês, acho que em algumas cartas que eu já recebi colocava que tinha sido importante não só uma disciplina, de História ou de Geografia ou de Filosofia mas que era bastante interessante essa questão das quatro disciplinas que estavam presentes no currículo e essa questão também chamou bastante atenção e vai estar na minha pesquisa...
- Porque vocês vêm como algo positivo ter tido contato, pelo que vocês disseram, com as disciplinas, agora tem uma questão que eu queria perguntar dentro dessa questão das identidades, quando vocês escreveram a carta: O que é que mais chamou atenção de vocês ou um parágrafo ou um pensamento ou a questão que vocês destacaram como mais importante na escrita de vocês, o que é que vocês, quem escreveu, pode colocar assim, como aquilo que você achou mais importante para os outros colegas no debate, que é que eu queria que a gente, que alguém colocasse e aos poucos a gente fosse colocando o que foi mais importante..

LUIZA:

- Eu acho que sim, eu posso começar.
- Quando eu estava escrevendo ontem eu também comecei a achar difícil, eu fiz:
- “Meu deus será que eu vou saber resumir como foram os três anos de experiência com sociologia no IF?”
- E aí porque você tinha feito isso, às vezes a gente não sabe pôr em palavras. Eu compartilho o mesmo pensamento do pessoal daqui.
- Aí, mais uma coisa que eu percebo que, como a senhora falou, eu também acho o IF uma Instituição muito plural porque eu convivo com pessoas que são diferentes de mim e isso nos faz refletir que a gente é colocado (em) uma bolha, sabe, mas quando a gente vê, a gente estuda as disciplinas de humanas: história e sociologia, filosofia,

assim todo esse conjunto, é muito válido, principalmente porque a gente tem um ensino técnico e aí é muito focado pras área de exatas.

- E aí essas disciplinas fazem a gente voltar, assim, para a realidade e ver que a sociedade, uma hora ou outra, ela está inserido naquilo ali e ela precisa ser refletida.
- Então, meio que a gente se acha tanto protagonista, a gente acaba vendo que estamos dentro de uma bolha social e também; e a gente tá em outras também e é protagonista de outras e é importante você entender todas...
- Assim, as diversidades, as pluralidades dentro do nosso próprio IF e o IF acaba sendo um laboratório, assim, enorme, porque você compartilha de várias realidades.
- E aí que você percebe a sua importância no sentido do cidadão político, porque no fim quando a gente vai, por exemplo, eleger um representante e etc, ele precisa representar as diversas realidades do nosso próprio país e foi isso foi uma coisa que sempre vou levar comigo e que eu aprendi no IF com as disciplinas de humanas.

ANA PAULA:

- E aí alguém visualizou na escrita algo parecido com a escrita de Luiza?
- Essa questão do gosto pela discussão da formação cidadã, da política, porque às vezes a gente cresce com pensamento de que a política é algo ruim e não é algo ruim, a política é algo que faz parte da nossa vida, todos os dias a política está em tudo que a gente faz, em todas as coisas que a gente faz e muitas vezes a gente alimenta preconceitos que não são, de fato, a construção da boa política. Que aí é nisso que algumas pessoas, acabam tirando proveito, interesse da apatia da indiferença que algumas pessoas têm para com esse lugar.

LUIZA:

- Exatamente.

ANA PAULA:

- Quem mais quer falar da sua experiência aí de ser autor da sua escrita?
- Pode ser tanto no áudio como pode ser no chat, não tem problema.
- Tem alguma coisa na fala de Luiza, ou de algum outro colega que tem a ver com a sua escrita também, ou você queira apontar já outras questões?
- Davi tá falando aqui que na carta dele, ele destacou a manipulação das massas.
- Ainda sobre esse pensamento de Luiza, Luana tá colocando que concorda com Luiza “fomos instigados a pensar no coletivo, a respeitar a todos mesmo pensando diferente, mesmo pensando de forma diferente”
- E aí Davi tá colocando também já uma outra questão que é essa questão da manipulação das massas.
- Davi quando ele fala dessa questão das vivências.
- Marta levantou a mão aqui também pra falar.
- Quando a gente pensa nessa manipulação das massas, eu lembro de aulas muito ricas, eu lembro de aulas muito bacanas que a gente, pelo menos eu tive com um grupo lá de química de Davi, um dia a gente teve intensos debates sobre essa questão da manipulação das massas e a questão do consumo.
- A gente discutiu bastante e a turma era uma turma que gostava muito do debate sobre essa questão de visualizar as influências das massas do consumo, não sei se era isso que Davi estava colocando na escrita aqui dele, se ele puder falar mais alguma coisa...

DAVI:

- Eu vou falar um pouquinho sobre a minha experiência, o que eu coloquei na carta.
- Uma coisa eu destaquei muito foi essa manipulação em massas que me marcou bastante na disciplina de sociologia.
- E a senhora passou um trabalho que consistia fazer uma redação e para isso a senhora passou um filme chamado “A onda” e a gente tinha que citar esse filme na redação.
- Aí nesse filme um professor de autocracia faz um experimento com os alunos, com os alunos dele, após os alunos dele falarem que não acreditavam que uma ditadura poderia surgir na Alemanha moderna e esse professor confirmava que dava sim pra para fazer isso acontecer, ainda mais quando se usa da manipulação em massa.
- Aí, para fazer isso, eu pesquisei bastante sobre o assunto e tudo mais e, assim, foi um choque de realidade porque realmente a gente é muito manipulado e nem se quer percebe. Principalmente pela mídia e pelas redes sociais, que muitas vezes acaba influenciando a gente a comprar produtos, a compartilhar informações nossas e dos outros.

ANA PAULA:

- Marta tá escrita para falar
- E aí a gente conversa bastante Davi, foi uma experiência bacana demais com essa turma, a gente vê esse filme e vocês fizeram, muito bacana esse trabalho de redação sobre “A onda” e a gente vê essa questão da manipulação de massas como é um tema bastante atual, quem não assistiu esse filme, não sei se todo mundo assistiu mas vale a pena ver esse filme porque ele é mais atual do que nunca.

DAVI:

- Aí, continuando no meu pensamento, nessa carta e na redação eu destaquei a importância de matérias como sociologia, que estimulam a gente a ser mais críticas e mais reflexivas.
- Porque, assim, né? Na nossa vida, nas escolas mesmo, matérias de humanas como sociologia, filosofia e tudo mais são bem como posso dizer, subestimadas sabe?!
- Eu mesmo antes de eu começar a estudar eu ficava tipo “o que será que danado estuda em sociologia?”, “Será que isso serve para alguma coisa?” Aí quando eu comecei a estudar eu “nossa é uma coisa tão diferente do que eu achei que seria.”

ANA PAULA:

- Tem uma aluna tentando entrar aqui ela não está conseguindo, que aí eu já vou Davi dialogar com a sua fala
- Quando vocês entraram não pediu senha não?

MARTA:

- Não professora, eu acho que ela tá tentando entrar sem o e-mail acadêmico.

ANA PAULA:

- Pronto deu certo
- Bem-vinda Anita

ANITA:

- Obrigada professora.

ANA PAULA:

- Oi Davi pode continuar

DAVI:

- Eu acho que eu já terminei minha fala, não sei, mais enfim.
- Aí eu falei muito sobre a importância de um maior investimento em matérias como sociologia, em ambientes escolares, principalmente, já que os jovens são considerados o futuro da, do país e tudo mais.
- Ai destaquei isso, que era porque não tem investimento nisso, é uma matéria que é deixado de lado, as pessoas acham que não é muito relevante, mas não, realmente tem muito mais a oferecer.

ANA PAULA:

- Alguém concorda ou discorda?
- Davi colocou a experiência dele inicial, colocando também a marca da importância de assistir o filme “A onda”. É um filme muito atual, eu acho que eu também trabalhei se eu não estou enganada eu acho que eu trabalhei com a turma de também “A onda”
- mas uma coisa que uma das cartas assim, uma das coisas... Quem estava inscrita para falar era Marta mas eu acho que a internet dela, acho que a internet dela caiu.
- Alguém se inscreve para falar antes de Marta?

DAVI:

- Estou tentando juntar os assuntos de manipulação e sobre o fato de sociologia estimular as pessoas a terem senso crítico e seria (serem) mais reflexivas, poderia fazer com que menos pessoas fossem manipuladas, sabem?
- Com um número bem maior, digamos.

ANITA:

- Professora, eu posso falar?

ANA PAULA:

- Pode!

ANITA:

- É para falar sobre o que a gente fez na carta né?!

ANA PAULA:

- Isso

ANITA:

- Na minha eu foquei em um lado mais pessoal.
- Assim como é a disciplina de sociologia no IF, assim, mudou é a minha cabeça, a minha vida e o meu jeito de olhar, assim, para mim como pessoa e para o mundo como uma unidade, sem importar o que eu posso mudar, de alguma forma seja por minha influência, seja por minha opinião, enfim.
- E aí eu coloquei dois relatos, é, de aulas né, que me marcaram durante esse tempo que eu tive a disciplina com a senhora ou da disciplina de sociologia lá no IF.
- E aí eu coloquei sobre uma discussão que eu tive com outro amigo, um colega de turma de Meritocracia que surgiu em alguma aula. Eu não lembro exatamente qual era o assunto mas tipo assim, a senhora é, mediava.
- Mas tanto ao nos expressar, né, debater com respeito e isso foi muito importante, é a opinião do outro contrário a minha, não quer dizer que ela é errada.
- Então isso foi muito importante para mim, porque eu era uma pessoa que eu não, eu apenas ouvia, eu não ouvia, eu esperava minha vez de falar.
- E eu acho que nas suas aulas, a gente aprendeu a ouvir o outro e a tirar a experiência, e a tirar proveito da fala do outro, e isso foi muito importante!
- E eu também vi nas aulas ... e nas aulas de sociologia, enfim das ciências humanas, tanto História e Geografia no segundo ano também foi muito importante, ...
- A importância da minha fala e do meu saber como aluna, como pessoa, como adolescente, que a gente acha que é jovem ou que não estuda tanto ou que nossa opinião as vezes não tem importância no Brasil ou na sociedade,
- E aí, é, as ciências humanas, a sociologia dentro da educação dá pra ver isso, que a gente pode se articular, pode pesquisar, pode debater com outras pessoas e tem uma troca de ideias legais, e isso é o importante.
- E que a gente pode nos posicionarmos diante de coisas que estão acontecendo né?!
- E assim o segundo relato foi exatamente isso.
- A gente pegou um trabalho de terceirização, foi de terceirização do trabalho, fizemos entrevista com pessoas que se eu não me engano trabalhavam em telemarketing e...
- E aí, dentro disso, o cenário que estava no Brasil era a Reforma da Previdência e dentro dessa temática de terceirização do trabalho e desvalorização do trabalho da pessoa e, enfim, da mão de obra, a gente já fez uma, um pequeno “protesto” estava

acontecendo no Brasil dentro do nossos slide, sem sair da temática da terceirização e também teve um lado que a gente focava no que foi pedido e a gente trouxe a nossa voz, a importância que a gente tem, que a gente adquirir ali como pessoa.

- E a gente entendeu que a gente também é importante, que a gente pode dar opinião, então eu foquei mais nisso, eu achei muito importante, é muito importante passar isso (para) as pessoas jovens.
- Nós temos importância, nós temos voz, e com coerência, com pesquisa, com educação, com respeito ao outro nós podemos debater.

ANA PAULA:

- Essa questão que Anita traz também é uma reflexão que eu até aprofundei, e aprendi mais agora, a pensar no outro lugar, no mestrado que é essa questão da Cidadania e do Futuro.
- Muitas vezes, assim a própria Constituição, não a Constituição em si, mas algumas legislações colocam vocês como o futuro e a gente precisa ter muito cuidado porque nós já somos, vocês já são presente, e para a gente não ficar desperdiçando o tempo presente com esse lugar de que um dia vocês vão ter direito de exercer sua cidadania.
- Mas vocês, nos espaços de vivência de vocês, vocês já podem exercer essa cidadania hoje, então, assim a gente precisa parar pra pensar mais sobre esse ...
- Quando você coloca, Anita, esse lugar é que você tem, que você descobriu, da sua voz, do seu direito de fala, esse direito de fala ele, ele já existe para vocês hoje. Não é porque vocês terminaram o ensino médio não, ele já existe desde antes e é necessário que vocês estimulem mais que nunca esse processo de se descobrir como esse pertencimento, como um direito de vocês.
- Que aí a gente, a própria vivência das teorias sociológicas e outros autores, deixavam muito para pensar como se vocês só tivessem direito a esse exercício futuro e não ...
- A gente já deixa essa reflexão aqui para vocês hoje de que ela é presente, vocês já exercem esse direito, você já podem exercer esse direito participativo, que alguns de vocês também colocaram nas cartas sobre a questão da escolha da representação.
- Hoje mesmo, aí eu recebi duas justificativas, de duas pessoas que vão estar na reunião dos concluintes que estariam aqui conosco Fábio, e eu estou esquecendo do nome. Luiza, o nome da sua colega de informática.

LUIZA:

- É Suzy.
- Eu tô indo também professora, porque eu tô indo representar também.
- Mas só pra deixar a deixa, achei muito importante a fala de Anita porque é isso, às vezes...
- A gente tem essa noção de que o adolescente, o jovem não tem esse poder de fala, mas a gente vai construindo e vai também tendo essa noção do lugar do outro, de ouvir o lugar do outro e não só está esperando a nossa vez de falar isso é muito importante.
- Quando a gente aprende sobre isso, a gente aprendeu sobre a sociedade, e sobre esta futura geração que nós seremos, é justamente isso que a gente espera.

- Eu acho esse lugar muito importante, da senhora ouvir a gente para a sua pesquisa, eu acho ela muito importante, a sociologia é uma disciplina importantíssima e é um privilégio poder ter ela no ensino médio e espero que ela continue e a senhora continue sendo esse veículo importantíssimo, muito obrigado viu professora.

ANA PAULA:

- Ah, de nada.
- E gente, olhe esse espaço, assim, tem sido um espaço de, e eu tô vendo aí algumas pessoas ...
- Luiza muito obrigada pela sua escrita, você já trouxe, como Anita, como outras que estão aqui, como vários que já trouxeram essa escrita e é uma escrita que vai passar muito por esse lugar da participação e da valorização dessas disciplinas.
- E eu queria visualizar quem mais está por aqui, que eu queria falar, eu queria dar mais a voz, eu queria dar mais hoje a vocês do que está falando, porque Luiza vai para essa reunião mas a gente não acabou.
- Eu não sei se Mateus, que estava aqui, se ele saiu. Ele estava aqui conosco no início do diálogo, mas também, que foi uma outra pessoa que também estava aqui conosco. Escreveu a carta mas eu não sei se ele já saiu mais alguém.
- Pronto
- Valéria está colocando aqui que “esse espaço é muito importante para quem tem uma família que reprime esse espaço de fala, a disciplina realmente ajuda nos acostumarmos com a ideia que temos esse direito. Só mais uma reflexão sobre”
- Essa questão reflexiva também, cabe a gente,
- É gente, essa questão do lugar da fala assim, quando a gente tá em um espaço como esse, é importante vocês expressarem também não só alegrias, as dores também como vocês estão colocando aqui.
- É como Valéria coloca, como Davi coloca, que nem sempre a gente vive nesse espaço que é um espaço aberto que a gente pode se expressar, que a gente pode dialogar e até para que a gente consiga aos poucos, é, conseguir essa nossa autonomia porque eu acho que o IF para vocês é uma porta de entrada para vocês buscarem a autonomia de vocês
- A construção de vocês enquanto indivíduos, que pensam, que decidem e também isso passa também pela, a gente sabe que pela essa esse processo de decisão passa também pela construção de vocês enquanto pessoas
- E aí muitas vezes vocês estão em busca do trabalho, vocês estão em busca da autonomia financeira, vocês estão em busca de construir a vida de vocês porque nada na nossa vida é separado ...
- Anita está dizendo que “se sentiu muito mais independente”
- Que também foi outra fala que eu achei muito bacana de vocês, foi essa coisa do IF nos dá, dá a vocês a oportunidade.
- Acho que algumas pessoas colocaram que abriram uma conta bancária, que tinha o recebimento dos apoios da Assistência Estudantil, e vocês começam a visualizar essa possibilidade das escolhas
- O IF vai mostrando a vocês, pelas cartas de vocês essa construção
- Valéria tá colocando que “é um ciclo, a gente que lute para quebrar ele”, tem que ser uma luta mesmo Valéria para essa quebra, porque não é fácil a gente construir esse

pensamento e aí é muito desafiador, é muito desafiador por causa dos pensamentos diferentes

- E aí um exemplo: a minha geração é diferente da geração de vocês, e eu acho que cada geração ela vai quebrando formas de viver, formas de pensar, a gente debate muito isso na disciplina.
- E aí vocês, do espaço de vocês, vocês estão tendo a oportunidade de se construir enquanto pessoas, é muito profundo viu?
- A gente tá entrando num debate aqui muito rico, muito rico porque vocês estão falando de um espaço também que é da dor de vocês, de muitas vezes não poder se expressar, de não ser ouvido, e aqui a gente tá tendo essa oportunidade de mais uma vez de se escutar, de ouvir ...
- E uma coisa gente também que eu queria colocar enquanto professora de vocês mas no diálogo, é que assim tem coisas do cotidiano de vocês, tem coisas do debate com vocês que a gente talvez não teve oportunidade e aqui a gente conseguiu às vezes eu mando uma mensagem, eu faço uma pergunta e aí vocês acabam colocando externando alguns foram externando um pouco do cotidiano de vocês.
- Que talvez vocês na escola, vocês tivessem mais isso com os amigos de vocês e a gente acabou também construindo eu fui vendo mais a rotina.
- Às vezes eu mandava o Whatsapp com a carta com uma coisa e alguém comentava falava das rotinas e para mim também isso foi algo bastante interessante porque eu fui conhecendo mais de vocês, mas de vocês enquanto pessoas também que foi algo alguma, eita caiu alguma coisa aqui, acho que meu protetor solar
- E isso também me ajudou bastante aí compreendendo também mais de vocês certo
- Alguém quer falar mais alguma coisa ou Valéria e Davi?
- Luana está concordando em algumas questões
Valéria está colocando assim “é impossível falar de sociologia sem falar de cotidiano e sem falar das nossas vidas”
- Isso mesmo, para mim um grande exercício dessas nossas rodadas de diálogo foi que vocês externaram o cotidiano de vocês, a gente conseguiu trazer a sociologia para as vidas cotidianas e isso foi uma coisa bastante importante nesse processo de diálogo porque o pude, eu vou até dar mais um espaço

ANITA:

- Verdade professora, o bom da sociologia é que a gente pode pegar assuntos que estão na atualidade, ou assuntos que nós mesmos passamos, nossas vivências
- E é muito interessante isso, por isso os debates e as coisas são tão enriquecedoras para nós mesmos.

ANA PAULA:

- Pronto é que eu estava tentando aqui, só por segurança eu estou tirando foto também do chat.
- E Anita coloca essa coisa que as aulas elas trazem pautas tanto do geral mas também trazem essa questão do cotidiano e aí gente
- Está tão rico o debate que eu até me perdi dos slides.

- E aí gente, está tão rico o debate que eu me perdi até dos slides aqui
- Essa coisa que vocês foram colocando do cotidiano assim,
- Mas vamos voltar aqui para nossa discussão, eu queria que quem ainda não colocou que quer aprofundar, que quer falar mais alguma questão que pudesse também trazer para o espaço dessa roda
- Porque a ideia realmente é de dialogar, quem é que ainda não, quem é que ainda não externou, não apontou alguma questão
- A gente já trouxe várias questões aqui colocadas.
- Eu acho que Mateus foi pra reunião que ele estava aqui e saiu
- Tem alguém querendo falar e eu não sei,
- Eu ainda estou aprendendo, nesse sistema remoto...

MARTA:

- Professora, pode ser eu?

ANA PAULA:

- Pode Marta, agora mesmo.

MARTA:

- Eu precisei sair mas já tô de volta ...
- Eu acompanhei que vocês estavam conversando, imagino que tenha sido assim bem bacana, depois alguém me atualiza...
- Primeiro aquela, sobre aquela reflexão que a senhora colocou no início para a gente ler...
- Eu achei muito interessante porque atualmente a gente faz as coisas tão mecânicas, tão sem pensar, sabe?!
- A gente tá acostumado a vivenciar um contexto onde a gente não questiona as coisas, tipo se o pai falar “é assim, é dessa forma” a gente não tem essa autonomia, não tem essa liberdade de expressão de dizer “ah porque isso é assim?” ou “porquê que isso é dessa forma?”
- A gente aprende que tipo se o pai ou a mãe não sei, que é uma autoridade tá falando, a gente tem que aceitar calado e muita das vezes é assim. É assim que a gente se comporta socialmente, sabe?
- E se alguma pessoa, um professor, sei lá, se um padre ou se um pastor falar alguma coisa, a gente é ensinando a não questionar sobre.
- E o IF ele é um espaço que reflete totalmente o contrário, reflete para gente que a gente sim tem liberdade de expressão, e essa liberdade de expressão ela deve ser usada e da melhor forma possível
- A gente tem a liberdade de falar, de questionar, a gente ouve as pessoas e a gente é ouvido por elas que é uma coisa que é muito importante.

- Outra coisa que Luiza tava falando em relação à política, que eu lembrei logo, é que a gente fala assim “Ah, mas olha religião e política não se discutem” sabe quando na verdade é totalmente o contrário, a gente tem que se discutir sim!
 - Enquanto a gente não discute tem pessoas e na política por exemplo tem pessoas que estão no poder e que estão fazendo a gente de ”bolinha” entende?
 - Porque a gente não, não conhece as coisas, a gente não questiona as coisas, e para mim isso é uma coisa que é totalmente errada, a gente deve questionar sim, a gente deve buscar o conhecimento para questionar as coisas, pra exercer melhor a nossa cidadania né, a gente é cidadão, a gente tem que exercer isso.
 - Não é porque a pessoa x ou y está passando alguma coisa que a gente deve aceitar calado sabe, o que pega muito do que Davi falou da manipulação de massas
 - A gente é o tempo todo manipulado, a gente tem que fazer, tem que obedecer, tem que ficar calado...
 - E eu não sei se vocês conhecem mas tem, tem um clipe de uma música parece que é um rock e eu não lembro o nome da música mas é de Pink Floyd, é um clipe que me chama muita atenção, porque ele é um clipe que ele fala da escola sabe
 - E tem uns bonequinhos nesse clipe que vão caindo assim como se fossem
 - Sim de Pink Floyd
 - Não sei se é assim, mas é “Breaking in The Wall” alguma coisa assim..
 - Mas têm relação, fala da escola, e é como se os alunos eles fossem pedaços de tijolos numa parede
 - É como se a gente fosse moldado a ser igual sabe, como se todo mundo fosse igual e na verdade a gente não é ...
 - Se vocês lembrarem aí da música gente coloca aqui no chat, que eu não sou muito boa com essas coisas
 - Mas é como se fosse uma automatização, aí vai caindo os alunos que tipo os alunos são espremidos num negócio e é como se falasse assim “olha vocês são todos iguais vocês são só tijolos de uma parede” “vocês são todos iguais e vocês não podem assim, dar opinião, não podem falar” como se realmente a gente fosse um monte de bonequinho, como se a gente fosse um produto como Valéria tá colocando aqui no chat. Como se a gente fosse igual e a gente não é!
 - Uma coisa que eu questionava muito no IF com os meus amigos mais próximos era que uma coisa que me incomodava um pouco, era essa questão de fardamento, sabe?
 - Eu falava assim a gente veste um monte de farda, e a gente tá aqui todo mundo igual, todo mundo fardado e tal, e parece que as instituições pintam que a gente é igual, que a gente é igual a todo mundo, que a gente deve ser e deve seguir um padrão e na verdade a gente não precisa, entende?
 - Isso é uma coisa assim, eu entendo essa questão da Instituição, da organização enfim, mas só o fato de colocar como se todo mundo fosse igual e a gente devesse aceitar isso
-
- Outra coisa também, (meu deus, eu falo muito)
 - Outra coisa também gente que eu achei interessante de colocar na minha carta e eu até tinha falado no outro encontro, é que o IF ele é um espaço que desmistifica exatamente tudo isso sabe?
 - Que a gente não é igual, tem pessoas de todos os lugares, pessoas diferentes, pessoas de lugares diferentes, de religiões e costumes diferentes, então não é uma farda que vai definir a gente, não é uma Instituição, não é a manipulação, não é nada porque realmente a gente é diferente.

- Essa troca no IF ela se torna muito rica, a independência que o IF faz com que a gente tenha, faz com que a gente crie, faz da gente ser humanos e pessoas diferentes, sabe?
- Eu falo muito assim em casa que o IF é como se você entrasse, sei lá num ônibus ou num trem para uma jornada totalmente diferente de tudo que a gente já viveu na vida sabe.
- A gente, o IF ele tem um sistema que força a gente a ser independente, a se posicionar a ser realmente um cidadão sabe, que são coisas que a gente não tem costume de conversar, assim no dia a dia, pelo menos eu não aprendi em casa “ah isso aqui Marta é ser cidadão” sabe, essas coisas eu aprendi lá no IF, eu aprendi com a sociologia, eu aprendi com os meus amigos, com os colegas.
- E isso é muito importante para mim, Sociologia me ajudou a me desenvolver como pessoa, me desenvolvi muito, abriu muito minha mente para vários assuntos, para discutir, para opinar, para me colocar, para não aceitar tudo.
- E uma última coisa, gente, prometo que é a última coisa que eu vou falar.

ANA PAULA:

- Pode falar.

MARTA:

- E Davi tava falando da manipulação, e dessas coisas e uma coisa que eu me lembrei logo, é que hoje a gente vive muito nessa coisa da manipulação nas redes sociais, em todos os lugares.
- Uma coisa que me lembrei logo foi do Instagram que é uma rede social onde se criam influencers, ah fulano é influencers sei lá de marca tal, de moda tal e as pessoas elas ganham dinheiro com isso sabe?
- Ganham dinheiro com essa manipulação, porque sei lá vamos supor que seja figura tal sei lá qualquer famoso aí que esteja representando a marca.
- E as pessoas “ah eu vou fazer isso porque fulano de tal faz” sei lá, “ciclano veste marca tal então eu vou vestir também”, “Eu vou comprar esse produto”. Fulano é influenciador e eu sigo esse influenciador
- E as pessoas elas ganham dinheiro com isso, alimentam essa manipulação e muitas vezes não enxergam, que estão sendo manipulados ou enfim eu sou muito daquela coisa de que “o conhecimento ele liberta realmente o homem”
- E não só de coisas banais, de coisas comuns do dia a dia, mas que a gente abre mais a visão quando a gente tem acesso ao conhecimento, tem acesso a informação a gente se torna pessoas mais esclarecidas pra muita coisa na vida
- E eu acredito que o IF ele fez muito parte assim do meu crescimento pessoal em relação a muitas coisas, gente é isso
- Muito obrigado, tá?
- E desculpa por ter falado um montão.

ANA PAULA:

- É muito bom vocês falarem menina, que a gente tá aqui pra isso
- Eu vou passar a fala agora para Anita

ANITA:

- Acrescentando a fala de Marta que eu amei, achei muito assim enriquecedora
- É que eu costumava ver o IF assim depois de um tempo já lá dentro como uma pequena experiência da vida real, sabe?
- Nós termos independência ali de buscar nossos direitos, de buscar os auxílios, de protestar ali dentro, é teve aquele movimento tira a mão do meu IF, então era uma pequena construção, uma pequena cúpula da realidade que a gente vai ter agora pela frente na universidade, entendeu?
- A gente tinha uma pessoa segurando a nossa mão, assim a gente tem uma rodinha na bicicleta, vamos dizer assim né?
- E aí só que a gente também tinha aquela sensação de liberdade é muito interessante, a gente tinha a segurança de alguém nos apoiando mas nós também tínhamos a sensação de liberdade, a gente podia faltar às aulas? Podia, mas isso seria interessante? Não seria.
- Então a gente aprendeu a ter essa maturidade

ANA PAULA:

- Cortou?
- Anita sua fala cortou
- Anita?
- Vocês tão me ouvindo?
- Vocês tão me ouvindo gente?

DAVI:

- Estamos sim, eu tô

ANA PAULA:

- Será que foi Anita que cortou?

MARTA:

- Eu acho que sim, deve ter sido na internet ou outro problema com o áudio

ANA PAULA:

- Eu vou ver esse clipe e já enquanto Anita volta aí para fala dela
- Assim a gente...

ANITA:

- Porque muitos alunos têm essa individualidade

ANA PAULA:

- Anita sua fala cortou.

ANITA:

- Cortou?
- Eu tava falando que parte?

ANA PAULA:

- Você tava falando

MARTA:

- Tava falando da independência que é produzida através dos auxílios, da maturidade que a gente vai ganhando dentro do IF

ANA PAULA:

- Você ia começando falar da Universidade quando cortou

ANITA:

- Ah pronto
- Então o IF prepara a gente né pra essa vida real né, pra vida real realmente assim
- Agora na Universidade a gente vai ter mais autonomia ainda do que no IF, eu não sei se vocês ouviram mas eu falei assim que é como se a gente tivesse uma bicicleta de rodinhas, os nossos pais estão ali de lado nos monitorando mas nós temos a sensação de liberdade
- O IF era assim, segurava nossa mão mas ao mesmo tempo nos dava liberdade para até assim faltar aula, a gente tinha também essa liberdade mas a gente tinha a responsabilidade e o entendimento que a gente ia arcar com as consequências dos nossos atos, entendeu?
- Isso criou ao meu ver, é maturidade e responsabilidade ao meu ver
- Ana falou assim que o IF para ela foi como entrar em um ônibus um trem e mudava, que mudou a vida dela, assim que mudou tudo, e para mim também foi assim
- Mudou minha visão de praticamente tudo da minha vida, foi muito importante e as Ciências Sociais, e as Ciências Humanas ali dentro do IF, foram muito importantes para minha formação como pessoa também, acho que todo mundo aqui.

ANA PAULA:

- Tem uma coisa é que vocês colocam assim que tem que tem sido muito rica, é essa questão dessa escola, porque nada é perfeito
- Se a gente fosse pensar o fardamento e discutir, qual o papel do estado?
- Isso aí dava uma discussão profunda de “Pra quê que o estado nasceu?” e Pra quê essas instituições...
- Tem autores da Sociologia que trabalham muito essa questão tanto do processo de socialização como se vocês tivessem já sendo preparados para continuarem num determinado modelo, o estado.
- É uma discussão muito longa que a gente faria aqui
- Mas assim tem um aspecto muito positivo no IF que vocês colocam e que eu sinto é que aguçou muito a curiosidade de vocês, de buscar, de procurar, de entender, de apreender as coisas.
- E vocês colocam muito esse lugar do IF que fez vocês enxergarem mais longe, é como se você tivessem entrado nesse trem e fossem se formando enquanto pessoas, que eu concordo com Vitória que tem muito mais qualidades e como é que uma escola vai estar numa sociedade sem defeitos?
- É porque a gente é educado a achar que as Instituições elas não são feitas de pessoas, quantas vezes a gente ouve alguém dizer “Ah porque na igreja tal, fulano faz, na igreja tal e faz tal coisa que não deveria fazer”
- E aí a gente ouve isso da escola, “fulano tá em tal local” mas é como se nós não fossemos a escola, é como se nós não fossemos a sociedade, a gente é, a nossa casa e os conflitos da nossa casa refletem também esse mundo social que a gente vive
- E aí eu concordo também quando você diz que é no debate que a gente constrói a escola e é também na reivindicação, na reflexão que a gente muda as coisas
- É isso que a gente tem que ter muito cuidado pra não parecer que as coisas elas vão mudar sozinhas e não é assim que as coisas acontecem
- A gente começa a mudar as coisas no nosso íntimo e as coisas, a gente também tem que fazer a diferença, isso também agora. Assim eu tenho aprendido muito porque no início quando eu entrei no IF e aí eu vou fazer também a minha auto-reflexão, eu acredito, que eu era uma pessoa muito preocupada com conteúdo.
- Eu lembro que quando eu cheguei no primeiro ano quem, acho que a turma de Anita mesmo foi uma turma que eu dei aula logo no primeiro ano, foi uma turma de primeiro ano que eu dei aula no IF, e eu era muito preocupada assim em ver tudo que tinha no currículo do IF e eu às vezes parecia assim uma metralhadora, assim preocupada em oferecer tudo que eu podia oferecer mas
- E hoje eu vejo que do segundo ano, do terceiro ano que eu tava no Instituto que assim, que tinham questões muito mais importantes que a gente foi abrindo espaço para debate, para diálogo mas que se eu não tivesse oferecido x conteúdo ou y conteúdo, o mais importante era essa troca de reflexões, e que a gente tá muito ainda no tradicional e aí quando vocês colocam que o conhecimento liberta, que a informação, que o acesso a informação liberta mas liberta a partir do momento onde vocês são partícipes disso
- Vocês são, essa coisa da rodinha, da liberdade, da bicicleta, parte muito também do protagonismo e esse protagonismo que a gente tá falando não é um protagonismo tutelado não, é um protagonismo real, de você enfrentar a vida dentro das dificuldades mas também dentro do seu limite e sabendo que aquilo ali, que aquela escola pode ser esse lugar de novas oportunidades. Então assim a fala de vocês é uma fala importante

- E aí eu trouxe para vocês uma outra frase aqui que era, porque no final eu vou fazer só uma questão pra vocês é que assim Anita colocou que as Ciências Humanas ajudaram ela a visualizar dentro do IF a pensar coisas e a ver a vida de uma maneira distinta, e assim quando a gente que falar nas Ciências Humanas, quando a gente quer falar de Sociologia eu trouxe essa frase assim pra não deixar de coloca-la pra vocês é no sentido da gente ser tolerante, se alguém pudesse ler a frase eu agradeceria
- Se alguém pudesse abrir o microfone e ler
- E a gente pensar um pouquinho sobre isso também

MARTA:

- Qual frase professora?

ANA PAULA:

- Vocês estão vendo o slide?

MARTA:

- Não

ANA PAULA:

- Espere que eu ainda estou batendo cabeça aqui
- Só um minutinho
- Apareceu agora?

MARTA:

- Sim
- É pra ler essa frase?

ANA PAULA:

- Um minutinho
- Pronto, isso esse “Minuto reflexivo 2”

MARTA:

- OK

- “Pensar sociologicamente pode nos tornar mais sensíveis e tolerantes em relação à diversidade, daí decorre sentidos afiados e olhos abertos para novos horizontes e novas experiências imediatas, a fim de que possamos explorar condições humanas até então relativamente invisíveis.”

ANA PAULA:

- Eu vou colocar isso um pouco para o IF enquanto esse pensar que a disciplina quer trazer
- É que assim, não é viver, o mundo que a gente vive hoje não é fácil, mas assim vocês no IF encontraram alguns horizontes, encontraram algumas possibilidades e a sociologia dentro desse contexto ela convidou vocês a serem pessoas mais sensíveis, mais tolerantes
- E que também, que vocês observam os sentidos de vocês para esses horizontes e para essas experiências que acontecem todo dia, porque a gente tá falando em humanizar, é a gente tá falando no aspecto de que as falas todas de vocês...
- Um exemplo quando Davi e quando Valéria traz algumas questões, de não existir no seu espaço cotidiano espaço para o diálogo, para o acolhimento, essa dificuldade tem a ver com esse lugar do processo de relação com a diversidade, com respeito ao outro, com acolhimento...
- E que essa disciplina ela nos convida enquanto é garotos e garotas, e vocês, eu, todos nós em diálogo, a trabalhar esse sentido da humanização que pode parecer uma coisa é sonhadora e é mesmo, é utópico mas é um convite para que nós possamos ser assim exercer esse lugar, do diferente, do respeito
- Anita está colocando que é uma reflexão muito boa porque a gente precisa aprender e a ideia quando a gente trabalha com esse pensar sociológico, é que vocês também aprendam a exercitar esse olhar não só no IF mas que vocês consigam aprender a compreender as significações
- O que é significativo na vida de vocês e que vocês levem isso para sempre que essa coisa de estar atento até eu lembrar aquela música é preciso estar atento e forte mas no sentido realmente é de que a gente, é assim nesse lugar de ser um ser humano no humano mesmo
- Porque a gente muitas vezes acha e Chapolin já dizia isso, é um tempo atrás que a gente às vezes perdeu o nosso, a nossa sentimentalidade da humanidade
- O que é ser e é isso que a gente quando Anita coloca que João Ximenes, da voz são as pequenas coisas, a gente não vamos pensar que é só nas grandes coisas não
- Nas pequenas coisas a gente pode exercer esse pensar esse fazer se humano, é pensar sociologicamente e desnaturalizar porque no final das contas o que a gente convida vocês o tempo todo é o que é a desnaturalizar.
- Eu vejo algo que era natural que eu achava que era comum e hoje eu estava lendo o texto e me lembrando disso falas violentas, atitudes violentas isso tudo tem uma linguagem que as pessoas começaram a exercitar essa linguagem cada dia mais virou comum e parece que é normal mas não é normal, é uma atitude violenta para com o outro é uma atitude que é fere a gente
- E isso não é só na, isso está em todos os lugares e a gente encontra uma pessoa Enquanto vocês vão indo aí para novas empreitadas, a gente precisa é aguçar nos nossos lugares esse, essa continuidade desse exercício dos nossos que até Valéria colocou aqui reflexivamente dos nossos direitos, nós temos direito de expressão, do

nosso direito de fala e também de respeito ao outro, de respeitar na fala do outro e eu me senti tocada também quando vocês falaram essas questões.

- Alguém quer falar?
 - Quer colocar alguma coisa?
 - Tá todo mundo quietinho aí
 - Tem uma questão que eu coloquei aqui pra vocês, certo?
 - Que dentro do nosso, bem rapidinho aqui deixou eu ainda tô vou ter que ter umas aulinhas desse isso é de quem tá muito tempo distante do virtual
 - Vocês é que estão mais assim eu queria que a gente colocasse se possível certo, eu queria no final do nosso debate
 - Eu queria construir como se fosse um mural de palavras que eu vou colocar também na minha ser tá são
 - Marta está dizendo que isso fala muito sobre alteridade
 - Isso mesmo Marta, de você se colocar de respeitar o outro eu queria que a gente assim colocasse da nossa roda de diálogo se fosse para a gente colocar as palavras assim ou em uma frase como é que vocês viram esses dois encontros e os bate-papos também né que eu ficava sempre me comunicando com vocês como é que vocês não tão vendo slide, não é isso?
-
- Vocês estão vendo slide ou não?
 - Anita já respondeu aqui
 - Entrou agora será?

ANITA:

- Sim

ANA PAULA:

- Mas é bem rapidinho uma coisa bem simples agora vocês tão vendo?
- Vocês estão vendo aí eu não vender palavras tá aparecendo essa imagem aí a gente é bem simples
- A ideia era que a gente colocasse assim a partir de uma frase e tem uma palavra o que é que vocês visualizaram desse dessa nossa experiência é debate de diálogo porque na verdade é as aulas de sociologia durante os três anos do ensino médio você já tiveram a ideia não era de vocês terem novas aulas aí ...
- Luana já está aqui dizendo que vai ter que sair certo mas se você puder descer dizer uma palavra Luana do que significou para você os nossos encontros
- Ela tá dizendo que foi bom e foi construtivo então obrigada Luana muito obrigada aí
- Uma palavra “crescimento”
- Muito obrigada Luana pela presença

MARTA:

- Eu ia perguntar para a senhora, se a gente vai construir a tag juntos ou só precisa colocar a palavra aqui no chat
- É porque eu já participei de um voluntariado e nas nossas reuniões a pessoa mandava um link, e as outras entravam e digitavam lá as palavras

ANA PAULA:

- Quer dizer que eu posso fazer isso e mandar para vocês é isso?

MARTA:

- A senhora poderia mandar o link e a gente só ia lá e colocava a palavra
- E o site já formava a tag.

ANA PAULA:

- Então vamos começar a fazer e qualquer coisa eu mando para os demais
- Isso aí já é coisas que eu vou aprender agora nessa nova reflexão
- A gente pode ser auto-confiante juntos,
- O exercício e a ideia principal assim vou colocar duas questões que eram principais para mim era o exercício de diálogo a partir de tudo certo que a minha dissertação é a sociologia Como a arte do Diálogo vivo e aí eu vejo que assim para esse exercício não só pandêmico não só desse momento que a gente tá vivendo mas como um todo assim o diálogo é a grande pesquisa.
- Porque nem todo mundo Escreveu a carta ainda e a gente eu não vou fazer com quem já mandou e pronto deu certo foi maravilhoso muito obrigada vocês quiserem ainda colocar alguma questão fiquem à vontade

MARTA:

- Eu só queria agradecer a senhora por este espaço e convidar a gente para fazer dessa pesquisa e a gente ter esse espaço aberto para falar, pra discutir, para ouvir uns aos outros, uma coisa boa desse espaço é que eu nunca pude conversar tanto com pessoas de outras cursos para saber a experiência delas a respeito de uma disciplina que eu considero tão importante, então muito obrigado pelo espaço.

ANA PAULA:

- E é porque da agenda, porque nem todo mundo tá aqui, nem todos escreveu a carta ainda e a gente eu não vou fazer com quem já mandou e pronto.
- Deu certo e foi maravilhoso.

ANITA:

- Foi bom até para nós mesmos refletir sobre a importância IF assim e também as ciências humanas ali dentro.
- Obrigado pela oportunidade de participar e que isso foi muito enriquecedor não só para gente, como assim para a gente, para a senhora tá para tudo, então obrigado.

ANA PAULA:

- Não eu agradeço a todos vocês por essa roda de diálogo
- Valéria está dizendo que dá vontade de fazer Ciências Sociais.
- Antigamente podia fazer dois cursos agora não pode mais infelizmente a gente fica mais vamos aos poucos vendo e possibilidades aí quem sabe Valéria você não vai para nossa área, é uma área maravilhosa
- Mas vamos lá vamos conversando viu e a gente qualquer coisa eu dialogo com vocês e muito obrigada mesmo pela atenção está certo?
- Se cuidem e depois mandem as notícias de como estamos, os que forem começando às aulas digam como é que está vendo a universidade.
- Que vai dar tudo certo se Deus quiser para todos vocês viu!
- Fiquem bem ai e muito obrigada!

APENDICE E – QUESTIONÁRIO AOS PARTICIPANTES

Questionário - Quem é você?

Questionário da Pesquisa de Mestrado Profissional Sociologia - (UFCG)

O Sentido e Finalidade da Sociologia no Ensino Médio (Professora Ana Paula Almeida)

Seu nome:

Sua idade:

Documento de identidade:

No IFPB, você cursa/cursou:

- Informática
- Petróleo e Gás
- Química
- Edificações
- Mineração
- Outros

Turma:

- A
- B

Qual o seu gênero?

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não declarar
- Outro:

Qual o seu e-mail?

Qual o seu telefone?

Em que cidade você mora?

É em Zona Urbana ou Zona Rural:

Zona Urbana

Zona Rural

Participou do Grupo do Whatsapp voltado para pesquisa

Sim

Não

Participou da Roda de Diálogo com a Prof. Ana Paula e outros alunos e alunas? *

Sim

Não

Entregou a carta do relato de experiência da pesquisa? *

Sim

Não

Se não entregou a carta, qual o motivo?

Ainda estou redigindo a carta e irei entregar em breve.

Não quero participar desta etapa.

ANEXO

ANEXO A – CARTAS DOS ALUNOS

CARTA DE ANITA

Carta para a Professora Ana Paula,

A sociologia é parte importante do ensino médio e, na minha opinião, vai além dele. Tive uma experiência incrível enquanto aluna do IFPB, quando a professora Ana Paula ministrava as aulas disciplina. Os nosso encontros eram dinâmicos, as discursões sempre pertinentes e atuais, nos faziam pensar e debater com colegas que, às vezes, pensavam diferente. Era um ambiente saudável de aprendizado.

Nessa disciplina fomos moldados como cidadãos melhores, aprendemos a debater e aceitar “um meio termo” nas discursões, a ouvir a opinião do próximo e ao mesmo tempo expor as nossas de forma educada e coerente, a nos atentarmos ao que estava acontecendo no nosso país e de forma responsável pesquisarmos de fontes confiáveis para chegarmos a uma opinião sobre aquele assunto e ainda, aprendemos/sentimos que nossa opinião/participação como jovens era importante.

Na carta para os alunos é perguntado: “Os debates e temas retratados fizeram você pensar sobre essas relações e sobre sua percepção sobre seu lugar nesse mundo, a partir da realidade vivida e fatos estudados?” e minha resposta é sim, em uma aula estávamos discutindo sobre dado assunto e chegamos até a meritocracia... um colega tinha uma opinião diferente da minha. Tentando o convencer que estava errado, que meritocracia não existe, usei a mim e a uma outra colega de turma que enfrentava diversas dificuldades de locomoção da sua casa até o IFPB como exemplo. Nesse cenário, me comparando com ela, eu não enfrentava quase nenhuma dificuldade para chegar na escola o que facilitava minha vida e podia ser uma fator importante quando falamos em desistência de alguns alunos, onde a maioria são de cidades circunvizinhas e acabam desistindo do curso pela distância e cansaço. Foi um debate caloroso, mas me ajudou perceber meu lugar no mundo, meus privilégios e também a cruzar o que era estudado em sala de aula com a nossa vida cotidiana.

A sociologia nos ajuda a ser críticos, eu me tornei mais crítica e responsável ao dar minhas opiniões sobre dados assuntos e em um momento como esse que o Brasil está vivendo foi de suma importância ter a sociologia no meu ensino médio, para não propagar e nem acreditar em *Fake News*, ser crítica e responsável ao buscar informações em fontes seguras.

Estudando sociologia passei a respeitar mais a opinião do outro, ser mais paciente ao apresentar minhas opiniões, porque em sala precisávamos ser assim, a opinião de todos importa e deve ser ouvida em um diálogo.

Um trabalho que me marcou muito foi uma apresentação de seminário sobre “Terceirização do trabalho”, um trabalho dinâmico. Na época, em 2019 no país estavam havendo discursões sobre a reforma trabalhista. O slide do meu grupo, além de abordar o assunto que nos foi dado de forma mais imparcial no início e no final fizemos de uma forma sutil por meio de charges fez um pequeno “protesto” e crítica contra a terceirização e ao que as leis trabalhista estavam sofrendo naquele momento. Mais de 1 ano tendo aula com a professora aprendemos que tínhamos voz e que nossa opinião como cidadãos informados e influenciadores importava e importa.

Essa experiência da sociologia em minha vida foi e é importante, me sinto um ser cidadão melhor e mais corajoso ao me posicionar nos assuntos do nosso país e entre outros. Levo as experiências de debate na aula para a vida e acho que dentro e fora do campus a sociologia devia ser mais valorizada, pelos próprios alunos e por outros professores que são de fora da área das humanidades.

É bom ser ouvida e eu me sentia assim nas aulas, quando mesmo nas explicações de conteúdos poderíamos dar nossa opinião e construir um diálogo com a professora.

Com amor,

Anita.

CARTA DE CARLOS

Carta a professora de sociologia Ana Paula.

Após nove anos da minha vida estudando o ensino fundamenta apenas em uma escola, tive a decisão convicta de buscar algo a mais, adentrar em uma instituição federal, buscando profissionalização e um ensino de qualidade, que medisse a capacidades dos alunos ao interagir socialmente e a refletir sobre determinados estigmas presente na sociedade.

Durante esses últimos três anos, uma das principais disciplinas que preencher os buracos a respeito, de meus questionamentos sobre a sociedade, era a sociologia, através de estudos de filósofos e assuntos do nosso cotidiano utilizando inclusive filmes. Uma das aulas mais didáticas, onde expressávamos o que realmente estávamos pensando.

O diálogo era fundamental, tanto em aulas “normais” ou até mesmo em apresentações dos alunos, inclusive, era o que eu mais gostava, fazia a apresentação e em seguida discutia com a professora sobre o assunto abordado. Uma das aulas que ficou mais marcada foi a que discutimos a respeito do filme Cidade de Deus, um diálogo que durou mais de duas horas, abordando assuntos e comparando-os com a nossa sociedade.

A sociologia somou sim com minha vida! Positivamente, me fez refletir e de certa forma acabar com medos e vergonhas que tinha da sociedade, fez de mim uma pessoa mais didática, imperativa, alto comunicativa, e que não tem mais medo de expressar suas opiniões, claro que para isso ter acontecido foi necessários vários diálogos e apresentações.

Fica aqui meu respeito e admiração pela a senhora.

CARTA DE CAROL

No decorrer do meu ensino médio percebi o quão importante são as matérias ditas "humanas" não só pela formação didática, mas também, pela formação enquanto seres humanos e cidadãos. No caso da disciplina de sociologia percebi sua importância com o passar das aulas, através de assuntos que permitiam um pensamento mais crítico a cerca do que estávamos estudando (isso no contexto de aula presencial).

Durante a pandemia com o modelo de aulas online percebi que particularmente a disciplina de sociologia não era levada tão a sério quanto as outras como: matemática, física etc; principalmente se tratando da participação dos meninos que eram raras, na minha turma 3b de Edificações apesar disso os que estavam presente nas aulas sempre procuravam debater junto com o professor o que deixava o conteúdo muito mais prazeroso e não tão cansativo; sociologia era o nosso "descanso".

Vale salientar que apesar de tudo, o papel dos professores são fundamentais para a formação de nós alunos, visto que, são eles que nos incentivam a melhorar cada vez mais.

CARTA DE DAVI

Relato de Experiência com a Sociologia

A sociologia sem sobra de dúvidas pode nos ajudar a ser mais reflexivos e críticos, por ser uma disciplina que nos faz pensar, não só pensar em si mesmo como pensar na sociedade em geral, os debates e temas que são retratados nessa área de estudo são bem interessantes, por que nos faz pensar sobre diversos tipos de relações e questionar nossa percepção sobre nosso lugar no mundo, o que estamos fazendo, o que iremos fazer, que pode ou não afetar alguém, um grupo de pessoas ou a sociedade como todo, dentre outras coisas.

Como já foi dito, a sociologia estuda a sociedade, e é isso que eu gosto nessa matéria, e que faz parte da minha experiência com ela. Quando estudamos a sociedade percebemos como nós seres humanos podemos ser tão previsíveis como imprevisíveis. O que quero dizer com isso é que às vezes somos previsíveis quando apenas agimos e não refletimos bem sobre o que fazemos.

Eis uma das minhas maiores e melhores experiências com a disciplina: uma vez teve um trabalho, em que consistia fazer uma redação falando sobre manipulação de massas, para isso assistimos um filme chamado A Onda, e com isso, deveríamos citar ele na redação. No filme um professor de um curso de autocracia faz um experimento com seus alunos após eles falarem que não acreditavam que pudesse surgir uma ditadura na Alemanha moderna, e nesse experimento ele comprova sim que era possível, e como também era fácil quando se utiliza da manipulação em massa, o que nos traz para realidade, durante nossas vidas somos indiretamente (e até talvez diretamente) induzidos a fazer algo, e em uma sociedade, se um indivíduo quer que uma mudança ocorra, mais pessoas tem que pensar como ele e por em prática o objetivo, e aonde eu quero chegar com isso? Que na nossa vida, no lugar que moramos e etc, somos e podemos ser frequentemente manipulados a fazer algo, e sem percebermos, seja algo que favoreça alguém a ficar mais rico ou até que adquira mais poder, etc. Como por exemplo de algo usado para manipular, pode ser citado a mídia e as redes sociais, nelas as pessoas são muito influenciadas, e muitos acabam compartilhando informações sobre si ou sobre outros, consumindo certos produtos e etc. Com isso as pessoas podem agir conforme um conceito de

Immanuel Kant, a menoridade, que é tomar decisões relacionadas a si tomando como base a influência de outros.

Lembro que li muito sobre o assunto e fiz muitas pesquisas para essa redação, foram leituras e pesquisas muito interessantes, aprendi muita coisa. E fiquei surpreso em como tudo era real, realmente há manipulação o tempo todo e quase não percebemos. Tendo em vista tudo isso, acho bastante necessário um maior investimento em ambientes escolares em matérias que induzam o senso crítico das pessoas, como a sociologia, já que infelizmente as pessoas, principalmente jovens, ligam cada vez menos para estudos, ainda mais estudos políticos e críticos. Assim, com mais investimento e valorização de matérias que induzam o pensamento crítico, as pessoas poderiam ter uma maior capacidade lógica de tomar decisões sem levar em consideração a influência de outros, o que responde o que falo no início do texto quando digo que sim a sociologia pode nos ajudar a ser mais reflexivos e críticos.

Depois de estudar sociologia, percebi ainda mais que devemos sempre está com a mente aberta e ter um senso crítico bem aguçado, se antes pensava bastante em minhas decisões seguindo vários critérios, depois da sociologia, ao possuir mais conhecimento sobre outros assuntos, a forma de tomar algumas decisões ficou de forma mais consciente e criteriosa.

CARTA DE FÁBIO

Bom, para falar de tudo que vi e absorvi sobre o estudo da sociologia no IFPB, tenho que começar falando primeiro pela experiência que tive com os professores, todos muito bem qualificados e com um profissionalismo de altíssima competência.

De todo o que foi lecionado por eles, o que mais consigo destacar é sobre mudar minha visão de mundo para um mundo mais claro, crítico e bem analítico, conseguir ter o poder e a consciência de analisar fatos que acontecem na nossa sociedade, de pensar e elaborar um embasamento com base no que pude compreender em toda minha jornada dentro do IFPB, que ao meu ver, era como se fosse um laboratório da sociedade, ali pude compreender como viver e respeitar todas as diferentes visões, dando voz e lugar de fala, se posicionando e também sendo ouvido e compreendido na base do diálogo, pensamento e respeito.

Se tratando de conteúdo, o que mais me recordo é sobre o documentário sobre o intelectual brasileiro Milton Santos e sua visão da globalização no mundo, no qual o documentário foi assistido e depois debatido em sala, com alguns trabalhos envolvendo o documentário e seus pensamentos sobre a desigualdade social, seu posicionamento crítico ao capitalismo, que na sua visão era o maior causador de toda desigualdade do mundo. Defendia também uma nova geografia, embasada em pensamentos marxistas.

De toda forma, consegui absorver muito conteúdo e ser uma pessoa mais aberta a toda forma de pensamento e reflexão sobre nossa sociedade através de tudo o que vi e aprendi nessa jornada.

CARTA DE HELENA

Como o estudo da sociologia podemos compreender nosso lugar no mundo de forma mais clara, e diversas subáreas que abrangem o campo da vida. Com o estudo dessa disciplina, podemos ressaltar a importância de trabalhar com a inclusão social, se colocando no lugar do próximo. Logo quê, ao chegar no chegar no Instituto, nos deparamos com uma diversa pluralidade, e aprendemos a lidar com o próximo de forma mais sensível, podendo compreender melhor suas dificuldades.

E a partir desse estudo podemos perceber e conhecer melhor as instituições. Com ela, aprendemos também, a nos portar em sociedade e compreender seus aspectos. Aprendemos a debater e falar até de coisas que não gostamos muito. Com isso, podemos aprofundar nossos conhecimentos e nos tornamos mais críticos.

A sociologia nos faz refletir sobre os direitos humanos e suas funcionalidades e como não importa a classe social, raça, nacionalidade, gênero e orientação sexual, Pois todos seres são dignos dos direitos básicos da vida.

A sociologia nos proporciona uma visão mais ampla da sociedade e nos ajuda a compreender que o mundo social não é único. E que esse, na verdade é um universo social, edificado socialmente e por intermédio da sociologia. Essa ciência nos faz refletir sobre coisas cotidianas e como pensar de forma crítica envolvendo uma observação, ou seja, ações embasada na reflexão.

Como lidar com o racismo enraizado na sociedade, machismo, etnocentrismo, preconceito, desigualdade, equidade, intolerância religiosa, meio-ambiente diversidade de sexo, gênero e sexualidade... Debates sobre os assuntos mais “simples” até os mais complexos de forma clara, divertida, com filmes e músicas; onde os professores nos tiram de uma realidade repetitiva para uma aprendizagem leve e dinâmica.

Recordo-me de uma aula bastante interessante, onde, trabalhamos com a inclusão social. A professora nos deu vendas e nos colocou no lugar de uma pessoa portadora de deficiência visual para podermos compreender o que aquelas pessoas passam todos os dias e como há ausência de acessibilidade pelas ruas e escolas.

Esta aula nos trouxe grandes reflexões sobre as lutas diárias dessas pessoas, e como a falta de acessibilidade afeta diretamente a vida dessas. O que para nós, não há tanta importância, para elas são enormes obstáculos e que são vencidos todos os dias.

CARTA DE IARA

“QUAL O PAPEL DA SOCIOLOGIA NO IFPB?”

Bom, na primeira aula de Sociologia que tive eu imaginava que seria sempre como as pessoas costumavam falar quando a professora perguntava: “O que é Sociologia?” e todos os alunos sempre responderam da mesma forma e tiveram a mesma forma de expressar que “A sociologia estuda ou é o estudo da sociedade”. E com o passar dos anos no ensino médio no IFPB, pudemos observar que não, a sociologia não é apenas o estudo da sociedade, mas que a Sociologia está ligada a todas as áreas da vida, seja acadêmica, social, familiar, espiritual e etc e pudemos perceber isso com as experiências vivenciadas dentro do Instituto, que vou pontuar algumas delas abaixo:

1º) O Toyotismo, Taylorismo e Fordismo: Particularmente, esses três assuntos foram os que mais me chamaram atenção durante o estudo em sociologia nos 1º e 2º anos do ensino médio no Instituto.

Lembro-me que para entendermos melhor esses assuntos, a professora nos mostrou o filme “Tempos modernos” que foi idealizado por Charles Chaplin, onde o personagem mostra a mudança do trabalho no decorrer dos anos, a forma como a máquina e os processos de produção dominam o operário e impõem-se a ele. O que me chamou atenção também, no filme é que até os horários de alimentação dos operário eram conduzidos pelas máquinas que representava a lógica capitalista. Outro fato que podemos levar em consideração é a maneira de como tudo mudou com o decorrer dos anos, em relação as máquinas serem inseridas na vida das pessoas e nós não sabíamos como tudo isso havia acontecido, então o filme nos mostrou essas mudanças e nos ajudou a entender o conteúdo de uma maneira facilitadora, onde nós nunca imaginávamos que a sociologia estava e está inserida.

2º) A sociologia no cotidiano do IFPB

Falar da sociologia dentro do instituto é ótimo, porque em tudo que vivenciamos no cotidiano do IFPB a sociologia estava inserida. Uma das experiências adquiridas foi no projeto do Núcleo de Economia Solidária, que organizávamos feiras e vinham pessoas de diversos lugares e todos traziam uma cultura diferente, nas feiras existia uma comunicação entre os feirantes, os alunos do instituto e os docentes. Com certeza foram os momentos mais incríveis,

eu amava muito quando saia anunciado na feira o que tinha pra vender, os nomes dos grupos e os valores do que se tinha pra vender. Além de tudo isso, tinha um grupo dos feirantes que era de uma ONG de Campina grande, que se chamava “O resgate” eles cuidam de pessoas que precisam de reabilitação em relação as drogas e álcool e foram as pessoas que tive mais contato durante a feira, eles compartilhavam as histórias de vida deles, como tinham chegado na ONG e como a sua vida tinha mudado, e sempre colocavam Deus no centro de tudo, compartilhando também a fé que eles tinham, eu amava ficar ouvindo. Na feira tinha de tudo, a relação dos feirantes com os alunos era o que eu amava, porque eles tem uma forma diferente de tratar seus clientes, uma maneira tão carinhosa que ganhava nosso coração. E eu acredito que a sociologia é isso, são momentos, relações, pessoas, sociedade, lugares, tudo junto e misturado. E voltando a falar um pouco sobre Fé que os rapazes da ONG falavam muito, também tinha clubinho no Instituto que se chama

“Sala de Adoração Movimento”, era um momento que os alunos se reuniam pra falar um pouco do amor de Deus, cantar louvores e tudo mais, e o interessante de tudo é que ali não só tinha pessoas cristãs, mas pessoas de todas as maneiras e jeitos, então eu vejo a sociologia também nesse âmbito de relações, Fé, amor ao próximo, eu não acredito na frase que “Sociologia é o estudo da sociedade”, não é apenas isso, mas é bem além, é bem mais aprofundado. Eu tive experiências incríveis no IFPB, nossa vida naquele lugar era uma “Sociologia ambulante”(rsrs), teve outra experiência também que eu e meus dois colegas (Roberta e Davi) fomos finalistas na Olimpíada Nacional em História do Brasil, no ano de 2020, na final conquistamos a medalha de bronze e a partir dessa conquista muitas pessoas nos conheceram e começaram a compartilhar aquela conquista em suas redes sociais, fizemos uma entrevista com a TV Paraíba e pra uma rádio de João Pessoa, nossa foto rolava por Campina Grande e eu acredito que esse foi um momento que a sociologia estava muito presente na nossa vida acadêmica, mais uma vez no Instituto, porque tudo estava exposto à sociedade não só do nosso âmbito escolar, mas na sociedade como um todo.

Tudo que vivi no IFPB foi mágico e muito importante para mim, me tornei uma pessoa totalmente diferente da que ingressei no Instituto em 2018, o IF contribuiu para o crescimento em todas as áreas da minha vida, seja acadêmica, social, profissional ou espiritual. Eu amo aquele lugar e sinto saudades de tudo.

CARTA DE LUANA

Carta sobre minha experiência com a Sociologia durante o Ensino Médio Durante todo o ensino de Sociologia nos três anos de estudo no IFPB, eu fui instigada a pensar de uma nova maneira, onde houve um despertar acerca do mundo ao meu redor. Essa nova maneira, não se limitava apenas aos conceitos estudados de uma época passada, mas também aos do agora e aos do futuro. Aprendi a construir e desconstruir ideias em minha mente, aprendi como as revoluções surgem e também, como elas desaparecem, e tantas outras coisas a mais.

As dúvidas que me apareciam, eram sanadas, pois, muitas delas já foram pensadas por pessoas anteriores a mim que, inconformados com tais questões, dedicaram sua vida na busca pelo entendimento e resolução destas. Essas atitudes, me fizeram e fazem ainda hoje, buscar pelo entendimento de tantas outras dúvidas não sanadas ainda. Me impulsionam a questionar e observar o espaço em que eu vivo, e a torná-lo melhor. Recordo-me que durante todo o ensino, um dos temas que mais me chamou a atenção e despertou-me o interesse foi o movimento sufragista.

Estudamos e vimos em sala as aplicações deste movimento, que teve um grande impacto na sociedade, tornando-a melhor, os resquícios desse impacto, ainda ecoam em muitos manifestos nos dias de hoje -muitos os quais eu não concordo, pois, assim como fui instigada a pensar de maneiras diferentes, também aprendi a buscar e a questionar tudo ao meu redor, sendo mais ponderada nas atitudes que eu tomo e nas causas que eu defendo- graças a Sociologia.

Por fim, a Sociologia me colocou direta e indiretamente em contato com a sociedade, mostrando novas realidades, e as outras faces, que por tantas vezes são esquecidas, nos ensinando a sermos mais respeitosos com todos, mesmo que não concordemos com eles. Um exemplo disso, eram as próprias aulas, onde debatíamos sempre a respeito do que estava sendo estudado.

Víamos os diferentes -e às vezes não tão diferentes- pontos de vista, que surgiam de um mesmo ensino, essas diferenças, com suas particularidades complementavam as nossas ideias, nos ajudando a solidificá-las e a pensar de outras formas, mas sempre com muito respeito. E isso nos trouxe, involuntariamente, a liberdade e a importância de nos posicionarmos, bem como a responsabilidade e o peso que as nossas palavras e opiniões têm, frente a nossa sociedade.

CARTA DE LUIZA

Cara professora Ana Paula, Fico muito feliz de poder contribuir com seu mestrado, contando um pouco da minha experiência com a disciplina de Sociologia no meu Ensino Médio no IFPB - Campus Campina Grande. Particularmente, gosto muito das disciplinas de humanas e, principalmente, de sociologia, porque além de explicar sobre os fenômenos sociais que nos deparamos cotidianamente, também nos deparamos com a reflexão sobre eles. Como o IFPB é uma escola muito plural e muito diversa, a gente se depara com todas as possíveis realidades. Nesse sentido, com as aulas de sociologia, percebi o quanto somos plurais e precisamos aprender com as diferenças para um bem coletivo. Desse modo, é importante conhecer as diferentes realidades para poder ajudar e fortalecer toda uma comunidade. E isso é bem perceptível na escola, quando os projetos e atividades propunham atividades de reflexão sobre a realidade. Um coisa que me impressionou foi quando estávamos estudando Durkheim, no primeiro ano, e começamos a refletir sobre as instituições sociais que fazem parte da nossa socialização, como a escola, a família, a igreja e outros. Eu nunca tinha parado para pensar nisso, de modo que quando penso em mim e nas outras pessoas que formam um Brasil inteiro, então consigo compreender realmente o significado de multiplicidade. Nessa ótica, a sociologia faz muito daqueles que a estuda, como reflexivos e críticos, porque você conhece as diferentes realidades em um espaço pequeno, que é a escola, por isso que é tão importante, pois é capaz de fazer nós, alunos, refletir acerca da nossa própria sociedade, nossa cidade, nosso ser enquanto cidadão. Por exemplo, eu era muito desligada quanto a questões políticas, achava que era algo que nunca entenderia, que era complicado e que facilmente seria corrupto. Depois, compreendi que essa descrença política é, na verdade, compartilhada por muitos brasileiros e eu, como estava cercada de pessoas que pensavam daquela forma, também reproduzi esse pensamento. Até que, durante uma aula de sociologia, entendi que eu era, também, cidadã, portanto uma pessoa política que poderia lutar por meus direitos que são garantidos na própria Constituição, que eu também poderia fazer parte de produções científicas em prol da sociedade e o quanto nossa participação é importante para eleger futuros representantes políticos que atenda às necessidades de uma maioria e, não, apenas de um grupo minoritário. Foi nesse lugar de reflexão, que entendi a importância das cotas para passar em uma universidade, visto que ainda somos uma sociedade desigual na questão de oportunidades. Também, comecei a valorizar as instituições públicas de ensino, quando refleti em uma aula sobre as desigualdades sociais, e

pude perceber que na minha sala de aula continha alunos que acordava super cedo para pegar um lugar no ônibus que levaria os alunos de uma cidade para Campina Grande, só pela oportunidade de estudar em uma Instituição Federal. Essas pequenas coisas, que parecem bem óbvias porque convivemos cotidianamente, são reveladoras de grandes contrastes sociais e são mostradas de forma muito sutil pela sociologia. Outra coisa muito legal que pude refletir em uma aula de sociologia foi sobre a educação inclusiva e locais acessíveis para pessoas com deficiência, uma vez que o ensino deve criar meios para a construção do conhecimento, de modo que nós, cidadãos, somos importantes para transformar uma sociedade mais inclusiva. Desse modo, pude valorizar mais o que é público e a representatividade nos campos políticos para garantir esses direitos. Portanto, a Sociologia dentro do IFPB faz alunos, como eu, pensar fora da sua “bolha social” e se enxergar dentro de várias outras como protagonista delas também. Aliás, traz coisas muito importantes, como sua participação cidadã na sociedade e a importância da reflexão crítica sobre as coisas que acontecem, pois a sociedade está em constante mudança. E o IFPB acaba sendo um grande “laboratório” da sociedade, que serviu de explicação para coisas muito importantes que guiam toda a nossa vida. As únicas coisas diferentes que tive com a abordagem da sociologia dentro da escola foi a mudança de professores durante os três anos, mas ainda assim, foi muito bom, pois tivemos diversas metodologias e discussões sobre a sociedade, então foi muito importante e produtivo. Atenciosamente, Luiza.

CARTA DE MATEUS

Carta sobre “sociologia no IFPB-Campus Campina Grande”

A sociologia, enquanto ciência social, busca estudar as formações sociais e se faz necessária o estudo desta para desenvolver a criticidade (tanto quanto as demais matérias). O estudo da sociedade é indispensável no contexto em que vivemos hoje para o processo de educação, visto que desenvolvemos habilidades necessárias para construir uma sociedade crítica e participativa em relação ao posicionamento diante dos problemas sociais.

Atualmente, com a pandemia do Corona Vírus (Sars-CoV-2), vivemos um processo de transição de tudo que era presencial, para uma realidade que já existia, mas que nunca foi tão utilizada. Isso só foi possível por causa do avanço da tecnologia e da globalização (assunto visto no 2º ano do ensino médio na disciplina de sociologia). A parti disso podemos desenvolver um debate acerca da globalização e seus impactos, usando da criticidade adquirida com a sociologia, geografia e história, por exemplo, pontuando características negativas e positivas desse processo de expansão. Além disso, essas áreas também são importantes para nos desviar dos bombardeamentos de informação que estamos expostos todo dia na internet, sendo possível, muitas vezes, discernir uma notícia falsa (fake News) de uma verdadeira/confiável, a fim de construir uma base de argumentação baseada em notícias verídicas, evitando falácias nas discussões e, conseqüentemente, o não repasse de fake News.

Durante todo o ensino médio, a disciplina de sociologia nos mostrou desde o início do pensamento sociológico até mudanças sociais que enfrentamos ainda hoje, ampliando a visão do estudante em relação a sociedade que vive. Isso é muito importante, visto que nos ensina conteúdos necessários para nos tornar cidadãos mais críticos. Esse conhecimento repassado vai desde como se pensa o funcionamento (por exemplo: a origem do estado na visão naturalista e contratualista) á explicação de como acontece atualmente (por exemplo: regimes políticos, processos políticos no Brasil, entre outros). Essas análises fazem dos estudantes, seres conscientes e mais responsáveis quanto as suas decisões políticas (baseado nos assuntos estudados no 3º ano do ensino médio).

Assim, conseguimos concluir que a sociologia no ensino médio foi indispensável e me ajudou a olhar para problemas sociais que, de maneira geral, impossibilita alguns cortes sociais a viverem igualmente em sociedade. A partir disso conseguimos ter acesso a situações que uma parte da sociedade convive diariamente por alguma condição (seja raça, cor, gênero, etc) e, conseqüentemente, desenvolver a consciência de classe para lutar contra um sistema que oprime sistematicamente alguns cortes sociais. Isso só é possível a partir da criticidade desenvolvida no decorrer do processo educacional.

CARTA DE MARTA

Pensar sobre o papel da Sociologia dentro do IFPB, é uma atividade que deve ser levada em consideração múltiplas perspectivas, então ... Primeiramente é válido ressaltar que estudar e pensar sobre a sociologia dentro do IFPB é diferente, pois o IF é uma escola bastante singular, ela apresenta aos estudantes uma realidade totalmente diferente de tudo aquilo que já havíamos vivenciado, no instituto o corpo discente é distinto de escolas estaduais ou municipais, pois nessas escolas os alunos costumam ser os que moram no bairro onde a escola se localiza porém, no IF os discentes são de várias cidades do estado, o que nos proporciona uma maior troca de experiências, aprendizados, cultura e costumes diferentes, pois fazemos também parte de diversas realidades. Em relação aos vários conteúdos que estudei na disciplina de Sociologia, muitos me chamaram bastante atenção, me ensinaram além do proposto na disciplina e nas avaliações, mas gostaria de expor dois que mais me marcaram, um deles é o conceito de Fato Social de Durkheim, para mim esse conceito não se diz respeito a apenas a um fato ou evento que caracteriza-se por ser geral, coercitivo e exterior mas tal conceito explica muito bem o que vivemos todos os dias, a maneira que agimos socialmente em relação a determinadas coisas estão pré-determinadas, como um padrão e quando há uma quebra desse padrão é como se algo escandaloso estivesse acontecendo, o que faz com que existam e cresçam cada vez mais os chamados pré-conceitos, discutimos e vivemos isso em sala de aula, somos todos diferentes e devemos respeitar as diferenças alheias, um dos exemplos de fato social é o casamento, esse entre homem e mulher, o que for de alguma forma diferente é visto como uma quebra desse “padrão” o que gera muitas discussões, pré-conceitos, discursos de ódio Através desse assunto e refletindo sobre alteridade e empatia, aprendemos a se colocar no lugar do outro, a reconhecer, aceitar e respeitar o que é distinto, o que é do outro. Outro conteúdo, foi Terceirizações e trabalho, através desse conteúdo pude perceber ainda mais a importância que a sociologia tem não só para o currículo, mas para a vida, recordo-me que discutimos e construímos juntos alunos e a professora esse conteúdo, nada foi planejado o que foi muito bom para nós, fomos além do comum e das metodologias muitas vezes engessadas dos livros didáticos. Decidimos sair da sala de aula para conhecer na prática como que era a relação das pessoas com seu trabalho, seus direitos, deveres, e assim fomos entrevistar pessoas que trabalhavam terceirizadas, ficamos bastante surpresos com que ouvimos das pessoas, as condições de trabalham em que vivem não são boas, as empresas lucram bastante com o trabalho terceirizado pois tem menos custos com os funcionários, praticamente todas as pessoas

que entrevistei trabalhavam mais horas que o correto e não eram remunerados por isso, outra coisa bastante pertinente é que essas pessoas sequer tinham conhecimento sobre isso, e quando explicamos, a resposta que mais ouvimos é que eles não podiam fazer nada a respeito pois dependiam do trabalho para o sustento da família, e que mesmo sendo um direito, não podiam reivindicá-lo porque se uma pessoa não quer o emprego existem dezenas, centenas que querem, com isso entendemos que dessa forma boa parte da população principalmente as camadas menos favorecidas são silenciadas. Com tudo isso aprendemos e refletimos sobre ser cidadãos ativos, ter conhecimento de nossos direitos e de nossos deveres, e como a liberdade de expressão é importante. Uma das coisas pelas quais eu amo o IFPB é que o Instituto é um lugar onde somos ouvidos de verdade, temos oportunidades e lugar de fala, e somos sempre estimulados a expor nossas opiniões e questionamentos! Eu escreveria aqui mais umas milhares de palavras porque minha experiência foi muito boa, aprendi e cresci muito, a única crítica que tenho a fazer em relação a sociologia é que deveríamos ter tido muito mais aulas, muito mais momentos, no mais Sociologia foi uma disciplina extremamente importante, não só para cumprir obrigações do currículo escolar, ou porque está presente no ENEM, mas porque foi uma disciplina que me ajudou a me desenvolver como pessoa, eu passei a compreender a sociedade e analisar as coisas que acontecem ao meu redor sob outra ótica, me tornei uma pessoa mais crítica, as coisas que eu achava ou que parecia comum, passei a questionar. Estudar, refletir, discutir sociologia em seus diversos conteúdos, sociólogos, conceitos, livros fez com que eu entendesse que o conhecimento liberta de fato o homem e que a sociologia não é uma disciplina que está somente dentro da sala de aula, sociologia diz respeito a vida em sociedade, a nós seres sociais.

CARTA DE ROBERTA

A sociologia está presente em tudo no nosso cotidiano, desde entender o nosso meio até compreender as pessoas que fazem parte dele. Um marco bastante importante na minha vida foi quando a professora do primeiro ano do ensino médio passou o filme “As Sufragistas”, ali eu comecei a perceber como a luta pelos direitos, especialmente os das mulheres, são difíceis, logo comecei a me questionar sobre o porquê não fazemos um bom uso deles se estão ali para nós.

A forma como foi passada a disciplina usando filmes foi algo que me incentivou bastante a procurar mais sobre determinado assunto. O filme A Onda, de 2008, me motivou a fazer uma busca mais aprofundada sobre o meio político e influenciador do ser humano, um filme bastante interessante e que reflete bastante os dias atuais e passados também.

A partir do momento que precisei sair do meu “conforto” e ir atrás dos meus objetivos, e ao chegar lá encontrei tantas outras pessoas que fizeram o mesmo é ser um ser social, pois tivemos a mesma ação porém com objetivos diferentes e um universo próprio. Ao compreendermos isso estamos colocando a sociologia em ação também.

CARTA DE VALÉRIA

É sabido que a sociologia tem papel importante para o entendimento de nossa sociedade e as relações sociais que a constitui. Na escola o papel da sociologia não deixa de ser esse.

Quando entrei no IFPB em 2017, não tinha tido nenhum contato com a sociologia, então posso dizer que sou “cria” da instituição e, agora que concluí, uma jovem com um pensamento bem diferente sobre as coisas ao meu redor.

Confesso que após o primeiro ano no IF a repetição de conteúdos na disciplina causada pelas mudanças de professores me desanimou um pouco. Além de que, tinha observado em meus colegas (e até em minha pessoa mesmo) que o método de cobrança de conteúdo diminuiu o resultado com relação ao papel da sociologia. Às vezes me peguei decorando conceitos para obter apenas uma nota boa e passar por média, até porque, com 16 ou mais matérias é até compreensível para o aluno, mas não deveria ser assim, visto que o mais importante: o pensamento crítico sobre os assuntos, não está sendo exercitado em pequenas frases decoradas.

Em contrapartida, o contato com professores bem preparados na área me surpreendeu bastante. Especialmente nas discussões sobre as revoluções industriais no 2o ano e sobre os clássicos da sociologia no 3o ano, com destaque no último que com a apresentação dos pensamentos dos autores mais famosos, me fez ter algumas crises existências sobre meu papel na sociedade e que com certeza me deixaram mais consciente com relação a tudo.

Mas é exatamente isso. Para mim, diante das minhas experiências com a disciplina no IFPB, a Sociologia tem que causar esse desconforto para a saída da zona de conforto, porque é assim que nos tornamos mais conscientes e independentes. E um pensamento crítico independente e bem desenvolvido não só é bom para o indivíduo que a tem, mas para a sociedade, já que fazemos parte dela e contribuímos para o que ela é.

Por fim, não hesito em dizer que Sociologia foi minha matéria preferida do ensino médio por toda a bagagem que ela me forneceu que me faz ser quem eu sou hoje. E por mais que eu ainda não esteja satisfeita comigo mesmo (e talvez nunca esteja), sinto que sou melhor do que há quatro anos. E, foi por causa da sociologia que floresceu minha vontade pelas ciências humanas e pelo objetivo de, assim como meus professores, impactar positivamente a vida dos meus futuros alunos.

CARTA DE SARA

Carta sobre como foi minha experiência como aluna de sociologia no IFPB

Para mim o ensino das disciplinas como: história, sociologia, e filosofia no instituto federal da Paraíba foi muito satisfatório, o modo como o conhecimento nos foi fornecido foi interessante, nesse caso específico a disciplina de sociologia, acho que isso se deve ao fato de que os professores mesmo com metodologias diferentes sempre buscam inovar no modo de ensino, desde o incentivo à leitura e entendimento de forma crítica, até o grande encorajamento para que nós alunos sempre busquem se informar sobre os mais diversos assuntos, principalmente aqueles que em geral são considerados tabus, ou simplesmente assuntos que são ignorados por uma grande parte da população.

Minha experiência como estudante de sociologia me fez aprimorar meu senso crítico, tanto para assuntos que eu tinha uma mínima noção, quanto para os assuntos que eu não sabia muito, um desses assuntos que me marcou muito, e que eu era muito ignorante sobre, foi o movimento de luta pelos direitos das mulheres, foi no primeiro ano, essa pauta veio juntamente com a apresentação do filme “As sufragistas”, com isso não só foi mostrado a importância da luta diária das mulheres por seus direitos, como também a grande necessidade que esse assunto tem de ser debatido, já que por causa dessas mulheres, e de outras que hoje em dia temos tantos direitos adquiridos.

Outro aspecto importante sobre a metodologia de ensino é o fato que os professores buscavam estimular nos alunos a autonomia, nesse caso por meio de pesquisas, e trabalhos feitos pelos alunos com o intuito de que nós tentássemos tirar nossas próprias conclusões acerca do tema, e isso era melhorado quando tinha um debate ou apresentação sobre o assunto, ampliando assim a capacidade do aluno desenvolver tanto confiança para expressar sua opinião, quanto respeito pela opinião dos outros.

Finalizando, posso dizer por experiência própria que o ensino de sociologia é muito bom, pois ainda que os professores mudem ao longo dos anos, a dinamicidade das aulas, e metodologias sempre foram as melhores possíveis, e ainda posso dizer que a experiência como aluna de sociologia não só serviu para mim como algo acadêmico, como também para aspectos da vida real.

Cordialmente, Sara

CARTA DE SUZY

Olá Professora,

Inicialmente, quando veio ao meu conhecimento que a senhora estava realizando essa pesquisa sobre a sociologia no IFPB, eu simplesmente amei. Isso aconteceu, pois as matérias de humanas ministradas no instituto abriram minha mente de uma forma gigantesca, fazendo com que eu entendesse muitos processos sociais que antes passavam despercebidos. Dessa maneira, fico muito feliz de estar participando e, conseqüentemente, contribuindo de alguma forma, com o desenvolvimento do seu trabalho.

Então, quando entrei no campus, tinha apenas 14 anos, e apesar de já amar as matérias de humanas, eu apenas replicava o que me era falado. No entanto, no IFPB, todos os professores de humanas que eu pude ter aula, sem exceção, tinham como objetivo principal estimular os alunos a analisarem os fatos e tirarem suas próprias conclusões. Isso me deu uma enorme autonomia, pois descobri naquele momento que eu podia parar e observar o que estava acontecendo ao meu redor e construir uma opinião.

Nesse sentido, esse estímulo foi essencial para formação da pessoa que sou hoje, posso dizer com certeza que hoje em dia sou um ser social bem diferente do que era há 3 anos atrás. Antes, eu não refletia tanto no impacto que diversas situações podem causar na vida do outro e na minha própria vida. Situações essas geradas, por exemplo, pelo descaso do governo, ou até mesmo pelas nossas próprias ações.

Sob essa perspectiva, um dos assuntos que me causaram uma grande inquietação foi em relação a desigualdade social. Como estudava em uma escola particular, um discurso muito presente era acerca da meritocracia, e como vimos em sociologia mesmo, o meio influencia o homem, dessa maneira eu acreditava que tudo dependia apenas do seu esforço. Hoje em dia nem consigo acreditar que pensei nisso, como se o seu “mérito” fosse apenas causado pela sua determinação e que não houvessem diversos outros fatores que influenciam a sua trajetória.

Esse é apenas um dos pensamentos que hoje em dia me causam uma certa ânsia, como alguém não consegue enxergar a existência de todos esses fatores? Infelizmente eu tenho uma possível resposta, nem todos possuem acesso a um ensino que proporciona a reflexão dessas questões sociais, como eu também não tive até entrar no IF. É triste pensar sobre isso, saber que as pessoas não se importam em observar ao seu redor, meus familiares mesmo já me falaram várias vezes que não gostam de pensar.

Como que não se gosta de pensar? Descartes falou: “Penso, logo existo.”. Como as pessoas estão vivendo se não pensam? apenas replicam o que observam a maioria fazer. Nos últimos anos, isso tem ficado muito claro, a questão das Fakes News, por exemplo, mostra que ninguém está preocupado em pensar, estudar e analisar a veracidade das informações, apenas as repassam. Outro exemplo, é o apoio que o atual governo ainda vem recebendo, mesmo com tudo o que vem acontecendo.

Depois de estudar sociologia, eu me sinto como uma telespectadora, conseguindo assistir e observar o comportamento dos outros seres sociais. Me sinto um pouco feliz por estar fora dessa caixinha. No entanto, o que eu realmente queria era que essa caixinha não existisse e que todos pudessem enxergar e ter empatia para com a vida do outro.

Atenciosamente,

SUZY

CARTA DE SUZANA

Carta de uma estudante de sociologia do IFPB!

Todo jovem adolescente anseia muito pelo seu ensino médio, novas experiências, novos aprendizados, tudo novo, ou não, as vezes é só o modo o qual enxergamos. Minha experiência como aluna do IFPB foi algo sensacional, desafiador, pois conheci pessoas novas, fiz amigos, aprendi sobre culturas diferentes, valores diferentes, aprendi muita coisa importante, dentro e fora das salas de aula.

Todas as disciplinas foram essências para o meu crescimento, não só como aluna mas, também como pessoa é uma das disciplinas que mais contribuiu para que isso acontecesse foi a da sociologia.

Vivemos em uma sociedade cheia de diversidades, com muitas informações e muitas vezes é difícil compreender, mas a sociologia nos ensina exatamente com o lidar com isso. A socióloga nos ajuda a refletir mais sobre todas as questões que estão ao nosso redor, principalmente sobre aquilo que parece comum.

Uma das coisas que mais me marcou foi uma das aulas sobre desigualdade, a qual a professora nos mostrou uma imagem que ilustrava um bairro periférico e um bairro classe alta, separados apenas por um muro, de um lado pessoas implorando por alimento, do outro lado pessoas esbanjando dinheiro com seus luxos. Isso é algo que acontecem muito hoje em dia e é comum, e exatamente por ser algo comum, não damos tanta importância. E foi exatamente nessa aula que comecei a enxergar isso com outros olhos, pensar mais nas outras pessoas e me importar mais com elas.

O que mais me encanta na sociologia é que é uma disciplina que dá voz aos alunos, dá espaço para eles expressarem suas opiniões, serem ouvidos e também aprendem a ouvir, a fazer escolhas de forma mais consciente, pensar nas pessoas. Enfim é uma disciplina extremamente importante para o meu crescimento como pessoa e sou muito grata pela oportunidade de desfrutar desses aprendizados.